



MEDITAÇÕES MATUTINAS 2018

EDITADO POR 



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

MEDITAÇÕES MATUTINAS - 2018

No conjunto de textos publicados na internet no portal "*vatican/va*" em «Meditações Matutinas» do Papa Francisco, inserem-se homilias pronunciadas pelo Santo Padre em diversas missas matutinas celebradas em 2018 na Casa Santa Marta.

No presente *epub* recolhem-se essas homilias, com início em 8 de Janeiro até 20 de Dezembro de 2018, perfazendo 78 meditações.

Textos obtidos a partir de
<https://www.vatican.va>

Se ofendermos os débeis

Segunda-feira, 8 de janeiro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 02 de 11 de janeiro de 2018

Agredir e desprezar a pessoa mais débil, por ser estrangeira ou deficiente, é um «vestígio do pecado original» e da «obra de Satanás». É impressionante constatar que hoje graves episódios de bullying se verificam também nas escolas, e têm como protagonistas crianças e jovens. O Papa Francisco — na missa celebrada na segunda-feira, 8 de janeiro, em Santa Marta — pediu para não ceder à crueldade e à malvadez de implicar com os mais fracos, dos quais é necessário, ao contrário, estar próximos com compaixão autêntica. E quis inclusive compartilhar uma comovedora recordação pessoal de quando era criança em Buenos Aires.

Na «primeira leitura começa a história de Samuel — observou imediatamente Francisco na homilia, referindo-se ao trecho bíblico tirado precisamente do primeiro livro de Samuel (1, 1-8) — e há outra coisa que chama a atenção: este homem, que será o pai de Samuel — chama-se Elcana – tinha duas esposas. Uma tinha filhos e outra não. E aquela que tinha filhos — chamava-se Fenena; a outra, chamava-se Ana, que seria a mãe de Samuel — era estéril». Mas Fenena, explicou o Papa, «em vez de ajudar ou de a consolar, afligia-a duramente. Maltratava-a e humilhava-a: “És estéril”. Escarnecia».

«O mesmo acontece — realçou o Pontífice — com Agar e Sara, as esposas de Abraão, a escrava e a mulher. Agar tinha um filho, Sara era estéril e Agar insultava-a, maltratava-a, escarnecia-a. Porque não tinham uma riqueza, ou seja, um filho». E mais ainda: «Podemos pensar também, para não considerar somente os pecados das mulheres, como Golias, aquele soldado que tinha tudo, todas as chances para vencer, era o mais forte, quando viu David desprezou-o». Praticamente, Golias «ridicularizava o mais débil». Além disso, prosseguiu Francisco, «podemos também pensar

na esposa de Jó», em como «ao vê-lo doente, humilhado, o desprezou, o maltratou». O mesmo acontece com «a esposa de Tobias».

Diante destas realidades, disse o Papa, «pergunto-me: o que há dentro destas pessoas? O que há dentro de nós, que nos leva a desprezar, a maltratar, a escarnecer os mais débeis?». Com efeito, «no máximo, podemos compreender que se alguém implica com uma pessoa mais forte, pode ser devido à inveja, que o impele». Mas por que insurgir contra «os mais débeis? O que temos dentro que nos leva a comportar-nos deste modo?» Trata-se de «algo habitual, como se eu tivesse necessidade de desprezar o próximo para me sentir seguro. Como se fosse uma exigência».

A este propósito, Francisco quis compartilhar um episódio da sua vida. «Lembro-me — isto acontece também entre as crianças — quando eu era menino, tinha por volta de sete anos: naquele bairro havia uma mulher, sozinha, um pouco louca. Ela caminhava o dia inteiro pelo bairro, saudava, dizia parvoíces e ninguém a entendia, não fazia mal a ninguém. As mulheres do bairro davam-lhe de comer, algumas até de vestir. Vivia sozinha. Vagueava o dia inteiro e depois ia para o seu quarto, vivia num pequeno quarto pobre».

Aquela mulher, recordou ainda o Pontífice, «chamava-se Angiolina, e nós crianças ríamos dela. Uma das brincadeiras que fazíamos era: “vamos procurar Angiolinia para nos divertirmos um pouco”. Quando recordo isto, ainda penso: “Mas quanta malvadez também nas crianças! Implicar com o mais fraco!”. E hoje vêmo-lo constantemente, nas escolas, com o fenómeno do bullying: agredir o mais fraco, porque és gordo, porque és deste modo, és estrangeiro ou porque és negro, agredir, agredir. As crianças, os jovens». Portanto, não foram apenas Fenena, Agar ou as mulheres de Tobias e de Jó, a implicarem com os mais débeis; fazem-no «também as crianças».

«Isto significa que há algo dentro de nós que nos leva a isto, à agressão do débil» afirmou o Pontífice. E «acho que se trata de um dos vestígios do pecado original, porque esta — agredir o mais fraco — foi a tarefa de Satanás desde o início: fê-lo com Jesus e fá-lo connosco, com as nossas debilidades». Mas «nós fazemos o mesmo com os outros. Não há

compaixão em Satanás: não há espaço para a compaixão. E quando se agride o mais débil, falta a compaixão. Há sempre necessidade de sujar o outro, de agredir o outro, como fazia esta mulher» no trecho bíblico proposto pela liturgia.

«Trata-se de uma agressão que vem de dentro e que gostaria de aniquilar o próximo porque é débil» relançou o Papa. «Os psicólogos darão explicações boas, profundas — acrescentou — mas eu digo apenas» que o fazem «também as crianças»; e «este é um dos vestígios do pecado original, esta é obra de Satanás». Assim «como quando temos um desejo bom de fazer uma obra boa, uma obra de caridade, dizemos: “É o Espírito Santo que me inspira a fazer isto”. Quando nos damos conta que temos dentro de nós este desejo de agredir alguém porque é mais débil, não duvidemos: ali está o diabo. Porque esta é obra do diabo, agredir o mais débil».

Na conclusão, o Papa sugeriu que peçamos «ao Senhor que nos ajude a vencer esta crueldade», cientes de que «todos nós temos a possibilidade de a cometer: todos nós!». E fez votos a fim de que também o Senhor «nos dê a graça da compaixão, que é de Deus: Deus que tem compaixão de nós, padece connosco e nos ajuda a caminhar».

A autoridade nasce da proximidade

Terça-feira, 9 de janeiro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 02 de 11 de janeiro de 2018

«A vida dupla dos pastores é uma ferida na Igreja»: contudo, mesmo se perderem a autoridade, que vem unicamente da «proximidade de Deus e do povo», nunca devem perder a esperança de reencontrar «coerência» e capacidade de «se comover». O Papa Francisco alertou os pastores a «não celebrarem os sacramentos mecanicamente, como um papagaio» e a não abrir a porta às pessoas só em horários estabelecidos. Porque perderiam a autoridade e mesmo se pregassem a verdade não poderiam entender os problemas das pessoas e alcançar os seus corações.

«No excerto do Evangelho que ouvimos, aparece duas vezes a palavra “autoridade”», observou o Pontífice, referindo-se ao trecho do evangelista Marcos (1, 21-28) proposto pela liturgia. Na sinagoga de Cafarnaum, explicou retomando as palavras do Evangelho, «as pessoas ficaram admiradas “com o seu ensinamento: de facto ele ensinava-lhes como alguém que tem autoridade, e não como os escribas”».

.É evidente, prosseguiu Francisco, que estamos diante de «um ensinamento novo, ministrado com autoridade: “Manda até nos espíritos imundos e obedecem-lhe!”». E «a novidade de Jesus é esta autoridade» afirmou o Papa. Porque «as pessoas estavam acostumadas aos escribas, aos doutores da lei: enquanto eles falavam as pessoas pensavam noutras coisas, porque o que diziam não alcançava o coração». Deste modo, «falavam de ideias, de doutrinas, também da lei, e diziam a verdade: isto é verdade, a ponto que Jesus diz às pessoas: “escutai-os, fazei o que eles vos disserem”».

Portanto, os doutores da lei «diziam a verdade, mas não alcançava o coração: era tudo calmo, tranquilo» frisou o Papa, observando que «ao contrário, o ensinamento de Jesus provoca a admiração», o «movimento no coração: “Mas o que está a acontecer?”». Portanto, as pessoas «seguem-no,

vão atrás dele porque compreendem que quanto afirmado por aquele homem é dito com “autoridade”».

Contudo, a tal propósito Francisco convidou a refletir bem sobre o conceito de autoridade. De facto, explicou, «a autoridade não é: “eu mando, tu fazes”. Não, é outra coisa, é um dom, é uma coerência». «Jesus recebeu este dom da autoridade: digo dom, não sei se a palavra é correta, mas ele recebeu-o». Assim «quando, no final do Evangelho de Mateus, se lê o envio dos apóstolos a “missionar” o mundo, ele diz: foi-me dada toda a autoridade, no céu e na terra. Sou homem de autoridade. Ide, mas com esta autoridade». Como querendo dizer: ide «com esta coerência».

«É uma autoridade divina, que vem de Deus» afirmou o Papa. Portanto, «quando os discípulos o interrogam sobre a data do fim do mundo, ele responde: “Ninguém sabe, nem o Filho”. É um tempo que o Pai tem na sua autoridade». «É isto que Jesus tinha, como pastor, e o povo falava de um “ensinamento novo”, um modo novo de ensinar que surpreendia, chegava ao coração. Não como os escribas». Jesus, repetiu o Papa, «ensinava com autoridade: era um pastor que ensinava com autoridade».

«Mas o que faziam os escribas?» perguntou o Pontífice. «Eles — respondeu — ensinavam o que tinham aprendido: na escola rabínica, que era a universidade daquela época, lendo a Torá.

Ensinavam a verdade. Não ensinavam coisas más: absolutamente não! Ensinavam as verdades da lei»; mas não chegavam ao coração das pessoas «porque eles ensinavam precisamente da cátedra e não se interessavam pelo povo».

«Porque o que dá autoridade — uma das coisas que dá autoridade — é a proximidade e Jesus tinha autoridade pois se aproximava das pessoas», frisou Francisco. Deste modo «ele “entendia” os problemas das pessoas, as suas dores, os seus pecados». Por exemplo, explicou o Papa, Jesus «compreendeu bem que aquele parálítico no tanque de Betsaida era um pecador» e, «depois de o ter curado, o que lhe disse? “Não voltes a pecar”. Disse o mesmo à adúltera».

O Senhor dizia estas palavras, prosseguiu o Pontífice, «porque estava próximo, compreendia, acolhia, curava e ensinava com proximidade». Portanto, «o que dá autoridade a um pastor, ou desperta a autoridade que é conferida pelo Pai, é a proximidade: proximidade de Deus na oração — um pastor que não reza, que não procura Deus perdeu uma parte — e a proximidade do povo». É um facto, acrescentou, que «o pastor distante do povo não o alcança com a mensagem».

Por conseguinte, insistiu Francisco, é preciso «proximidade, esta dupla proximidade». E «esta é a “unção” do pastor que se comove diante do dom de Deus na oração, e pode comover-se diante dos pecados, dos problemas, das doenças do povo: deixa-se comover».

Ao contrário, «os escribas, aqueles que não se deixavam comover: tinham perdido esta capacidade porque não estavam próximos de Deus nem do povo» afirmou o Papa. E «quando se perde esta proximidade, onde acaba o pastor? Na incoerência de vida». Jesus, observou Francisco, «é claro sob este ponto de vista: “fazei o que disserem” — dizem a verdade — “mas não imiteis as suas ações”». É a questão da «vida dupla».

«É terrível ver pastores com vida dupla: é uma ferida na Igreja» disse o Papa. Não é bom ver «os pastores doentes, que perderam a autoridade e continuam nesta vida dupla». Mas, acrescentou, «há muitos modos de levar em frente a vida dupla e Jesus é muito duro com eles: não só diz ao povo para os ouvir, mas para não fazer o que fazem. E a eles o que diz? “Vós sois sepulcros caiados”: bonitos na doutrina, por fora; mas por dentro podridão». «Este é o destino do pastor que não tem proximidade com Deus na oração e com o povo na compaixão».

Talvez, afirmou o Papa, algum pastor poderia reconhecer que «perdeu a proximidade» dizendo a si mesmo: «não rezo; quando celebro os sacramentos faço-o mecanicamente, como um papagaio: as pessoas cansam-me; estou disponível para elas de tal a tal hora, coloco o aviso na porta; não estou próximo: perdi tudo, Padre?».

A este propósito, confidenciou Francisco, «vem-me ao coração uma figura bíblica de um sacerdote que me entenece: pecador, mas me entenece». É a história do «velho Elias», apresentada na leitura bíblica tirada do primeiro livro de Samuel (1, 9-20). Elias «era um débil, tinha perdido a proximidade com Deus e com o povo e deixava correr» explicou Francisco, frisando que «os filhos maltratavam as pessoas, eram sacerdotes, levavam em frente a situação e ele deixava mas estava ali sempre, não tinha abandonado o templo». Um certo dia Elias viu que Ana a rezar «e algo chamou a sua atenção naquela mulher, observou-a» pensando que estivesse «embriagada». Portanto, convidou-a a voltar para casa enquanto a embriaguez não passasse.

Mas Ana, lê-se no trecho do Antigo testamento, revelou a Elias que não estava embriagada mas «muito amargurada por várias razões». De facto, Ana responde: «Não consideres a tua escrava uma mulher perversa, porque até agora me fez falar o excesso da minha dor e da minha angústia». E «enquanto ela falava — observou o Pontífice — ele foi capaz de se aproximar daquele coração: o fogo sacerdotal elevou-se das cinzas de uma vida medíocre, má, de pastor». Então, eis que Elias responde à mulher: «Vai em paz e o Deus de Israel te conceda o que lhe pediste».

Portanto, Elias «que tinha perdido a proximidade com Deus e com o povo — prosseguiu o Papa — por curiosidade se aproximou de uma mulher, mas depois de a ouvir, deu-se conta de ter errado e do seu coração saíram a bênção e a profecia». Francisco quis repropor a atualidade da história de Elias: «Direi aos pastores que viveram separados de Deus e do povo, das pessoas: não percam a esperança, há sempre uma possibilidade». A Elias «foi suficiente olhar, aproximar-se de uma mulher, ouvi-la e despertar a autoridade para abençoar e profetizar: a profecia foi feita e o filho nasceu».

«A autoridade — concluiu o Papa — é dom de Deus, vem só dele e Jesus doa-a aos seus: autoridade no falar que vem da proximidade com Deus e com o povo, sempre os dois juntos; autoridade que é coerência, não vida dupla». E «se um pastor perder a autoridade pelo menos não perca a esperança, como Elias: há sempre tempo para se aproximar e despertar a autoridade e a profecia».

A coragem da oração

Sexta-feira, 12 de janeiro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 03 de 18 de janeiro de 2018

Para rezar de verdade, o cristão precisa de «coragem» porque, fortalecido na sua fé, deve chegar até a desafiar o Senhor, encontrando sempre o modo de superar as inevitáveis «dificuldades» sem duvidar. Foi uma verdadeira averiguação sobre o estilo de oração de cada um, que o Papa sugeriu na missa celebrada em Santa Marta. A inspiração para a homilia foi a atitude do leproso e do paralisado que pedem a Jesus para ser curados, como narra o Evangelho de Marcos.

«A liturgia de hoje faz ouvir este trecho do Evangelho, que é uma cura: Jesus cura», observou Francisco, referindo-se ao trecho (2, 1-12) onde se narra, precisamente, a cura do paralisado. Mas também a liturgia do dia precedente tinha proposto «outra cura»: a do leproso, citada sempre por Marcos (1, 40-45). São duas curas, acrescentou, «por solicitação da pessoa doente: ambos pediram ao Senhor para os curar».

«Isto faz-nos pensar — explicou o Papa — como é a oração para pedir algo ao Senhor no Evangelho, como rezam as pessoas que alcançaram o que pediram». No trecho proposto no dia 11 pela liturgia «foi muito simples: um leproso foi ter com Jesus, fitou-o e disse-lhe: “Se quiseres, podes purificar-me”». Em síntese, «desafiou-o: se quiseres, podes». E «a resposta de Jesus é imediata: “quero, sê purificado”».

Portanto, insistiu Francisco, «este homem mostra-nos que para pedir algo ao Senhor é preciso ter fé». E o leproso diante de Jesus «tinha fé, era corajoso, desafia-o: se quiseres, podes; se não me curares, é porque não o queres». Diz «tudo claramente, mas tinha fé, e a verdadeira oração nasce desta fé».

«Mas havia outro homem — afirmou o Papa, referindo-se sempre às narrações evangélicas — que pediu a Jesus para curar o filho possuído pelo

demónio, dizendo: “Se puderes, faz algo”». Diante destas palavras, Jesus respondeu: «Se tivésseis fé como um grão de mostarda». Perante aquele homem que duvidava, Jesus respondeu que «tudo é possível para quem crê». Mas eis que, respondendo, «aquele pobre homem cheio de angústia» disse: «Creio, Senhor, mas aumentai a minha fé frágil!».

É preciso ter «sempre a fé no início — explicou — mas ele tinha pouca fé», segundo a narração do Evangelho. Ao contrário, o «leproso tinha firmeza, desafiou» Jesus. E agindo assim ensina-nos, sugeriu o Papa, que «sempre, quando nos aproximamos do Senhor para pedir algo, devemos começar pela fé e fazê-lo na fé: tenho fé que me podes curar, creio que tu podes fazer isto». É preciso «ter a coragem de o desafiar, como o leproso de ontem, o paralítico de hoje».

Portanto, «a oração na fé». E a tal propósito, o Pontífice convidou a perguntar-se: «Como rezo eu? Quando preciso de algo, como o peço? Peço-o com fé ou como um papagaio?». Simplesmente repito: «Senhor, preciso disto!» ou «tenho verdadeiro interesse por aquilo que peço? Ou se vier, vem; caso contrário, é má sorte: não, isto não funciona assim».

Com efeito, insistiu Francisco, «a oração, quando peço algo, começa a partir da fé; mas se eu não tiver tanta fé», posso «dizer como aquele homem, o pai do menino: “Creio, Senhor, mas aumentai a minha fé que é pouca”». Por isso, sugeriu, devemos «começar a prece assim, e com aquela fé desafiar o Senhor».

Mas «muitas vezes — reconheceu — há dificuldades, não é como o caso do leproso: “Quero, sê curado”». Ao contrário, «como no trecho do Evangelho de hoje, chegam com o paralítico, com o leito, e havia uma multidão dentro e fora da casa, não conseguiam aproximar-se». Sem dúvida, «se tivesse sido uma pessoa poderia abrir caminho e ir, mas havia quatro pessoas com o leito: era impossível». Mas «eles queriam que o seu amigo fosse curado».

E «também aquele paralítico queria ser curado — prosseguiu o Papa — e foram atrás da casa, subiram no telhado, abriram uma fenda e fizeram

descer o leito com o paralítico diante de Jesus: que bonito presente!». E Jesus, enquanto «pregava, vê descer aquele homem, mas eles queriam que o seu amigo fosse curado, queriam isto: havia uma dificuldade e souberam ir além das dificuldades, procurar o modo de se aproximar de Jesus com a fé que pode curar». E «tiveram a coragem de procurar o modo».

«No Evangelho há muitas pessoas como esta», recordou o Pontífice. «Pensemos naquela velhinha que há dezoito anos sofria de hemorragias: Jesus estava distante, mas havia uma grande multidão, e diz: “Se eu conseguir tocar a orla do seu manto, serei salva”». E «com fé forte abriu caminho no meio da multidão: foi, foi e tocou». E «Jesus deu-se conta disto e ela ficou curada». Eis que é preciso ter «coragem para lutar e chegar ao Senhor, coragem para ter fé no início: “Se quiseres, podes curar-me, se quiseres, eu creio”». E também «coragem para me aproximar do Senhor, quando existem dificuldades». É preciso ter «aquela coragem: muitas vezes é preciso ter paciência e saber esperar os tempos, sem desistir, indo sempre em frente». Não teria sentido aproximar-me «ao Senhor com fé» e dizer: «Se quiseres, podes dar-me esta graça», e «então, visto que depois de três dias a graça não chega», pedir «outra coisa e esquecer». É preciso ter «coragem».

Nesta linha, afirmou o Papa, há também «muitos santos: pensemos em Santa Mónica que rezou, chorou muito pela conversão do seu filho Agostinho» e «conseguiu alcançá-la». Eis que é preciso ter «coragem para desafiar o Senhor, coragem para se pôr em jogo». Poder-se-ia dizer: e «se eu não for curado, se a graça não chegar?». Talvez seja «melhor não forçar muito». Não, replicou claramente o Papa: «Na oração insiste-se muito, e quando há dificuldades, elas devem ser superadas, como eles fizeram».

«A oração cristã — reiterou Francisco — nasce da fé em Jesus e com a fé vai sempre além das dificuldades». E «uma frase para a trazer hoje no nosso coração ajudar-nos-á; é do nosso pai Abraão, a quem foi prometida a herança, ou seja, que com cem anos teria um filho». Com efeito, «diz o apóstolo Paulo: “acreditou” e assim foi justificado». Teve «fé» e «“pôs-se a caminho”»: fé e fazer tudo para alcançar aquela graça que estou a pedir». Concluindo, recordou que «o Senhor nos disse: “Pedi e ser-vos-á dado”.

Tomemos também esta palavra e tenhamos confiança, mas sempre com fé e pondo-nos em jogo». Precisamente «esta é a coragem que tem a oração cristã: se uma oração não for corajosa não será cristã».

A Igreja mulher e mãe

Sexta-feira, 26 de janeiro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 05 de 01 de fevereiro de 2018

Para o Papa Francisco a pregação da «verdade», da «fé sincera», é sempre uma «loucura» que «esbofeteia», feita de «testemunho» concreto ainda antes do que de palavras, centrada na «paternidade» e na «maternidade, porque a Igreja é feminina e a Igreja gera como uma mãe». E na missa celebrada nesta sexta-feira o Papa recordou também o testemunho corajoso da irmã Maria Kaleta nos anos da perseguição na Albânia, pedindo que nos cursos de preparação para o matrimónio se ensine às futuras mães a «transmitir a fé».

A primeira leitura, observou imediatamente Francisco referindo-se à página da segunda carta de São Paulo a Timóteo (1, 1-8), «podemos dizer que é uma “joia” sobre o tema da transmissão da fé». A ponto que o Pontífice confessou: «quando a leio, releio-a, sinto-me confortado». Com efeito, «no centro está a “tua fé sincera”, diz Paulo ao discípulo Timóteo que ordenara bispo mediante a imposição das mãos».

Por isso, é importante perguntar-se «como foi transmitida esta fé a Timóteo: trata-se do tema da transmissão da fé». O Papa, baseando-se precisamente no texto paulino, sugeriu «três palavras que nos indicam o caminho, o modo como a fé deve ser transmitida: “filho”, diz Paulo a Timóteo; outra palavra é “mãe” e “avó”; e a terceira palavra é “testemunho”». Estas palavras indicam «a modalidade da transmissão da fé».

Por conseguinte, a primeira palavra é «filho»: Paulo gera Timóteo com a “loucura da pregação” e esta é a sua paternidade». Certamente, realçou o Papa, «há também as lágrimas, vê-se que Timóteo sofre neste processo de receber a fé». Mas eis «a loucura da pregação»; e sem dúvida «Paulo não suaviza a pregação com meias-verdades: “Esta é a verdade”». Trata-se de

«uma verdade corajosa e esta é a parrésia, a coragem que faz com que Paulo se torne pai de Timóteo: a paternidade na geração da fé».

«A pregação não pode ser tibia» reconheceu o Pontífice, porque «a pregação — permiti-me a palavra — “esbofeteia” sempre: é uma bofetada que te comove e te leva em frente». A ponto que «o próprio Paulo fala da “loucura da pregação”». E «é uma loucura», prosseguiu o Papa, porque se trata de «dizer que Deus se fez homem e depois foi crucificado e ressuscitou». De resto, «o que disseram a Paulo os habitantes de Atenas? “Mas, depois de amanhã te ouviremos”».

Portanto, observou Francisco, «na pregação da fé há sempre um “pouquinho de loucura” e a tentação é o falso bom senso, aquela mediocridade» que te leva a dizer: “mas, não, não brinquemos, não é importante”». É o risco da «fé tibia». Ao contrário, «isto faz paternidade: na transmissão da fé, a loucura da pregação faz com que quem prega seja pai do outro»: precisamente a «paternidade».

«A segunda palavra» proposta pelo Pontífice, a partir do texto de São Paulo, «é “testemunho”: a fé deve ser transmitida também com o testemunho e não só com a palavra», porque «a palavra sem testemunho não tem força». Não era por acaso, recordou o Papa, que alguns «cristãos de Antioquia e pagãos diziam: “vede como se amam!”».

Ao contrário, hoje, prosseguiu, «nalgumas paróquias — na vossa não, a vossa é uma paróquia santa, mas pensemos noutras — alguém vai, ouve o que fulano diz de sicrano e de beltrano». E assim «em vez de exclamar “como se amam”, dá vontade de dizer “como se esfolam!”». De resto, insistiu Francisco, «a língua é uma faca para esfolar o outro». Mas, questionou-se, «como podes tu transmitir a fé com um ar tão viciado por enredos, por calúnias?».

Serve precisamente o «testemunho» que nos faz reconhecer: “repare, este nunca fala mal de ninguém; aquele faz esta obra de caridade; aquele, quando alguém está doente vai visitá-lo, por que faz assim?». Em síntese, um estilo de vida cristã que suscite «a curiosidade: “por que vive esta

peessoa desta maneira?”. E com o testemunho surge a pergunta do porquê ali se transmite a fé: porque tem fé, porque segue as pegadas de Jesus».

«Por conseguinte — insistiu o Papa — a transmissão da fé faz-se pela “loucura” da pregação, pela paternidade; e faz-se pelo testemunho». E mais: «Pensemos que quando eu não dou testemunho ou dou contratestemunho ou mau testemunho tiro a fé: aquela fé sincera da qual fala Paulo aqui». E por conseguinte, «as pessoas desanimam e dizem: “mas, se é para viver assim é melhor divertir-se e ir a outro lado». Eis então a indicação concreta de Francisco: «Paternidade com a pregação; fraternidade com o testemunho».

«E a terceira palavra — acrescentou ainda o Papa — é “a tua mãe”, “a tua avó”: a maternidade». É uma realidade o facto de que «a fé se transmite num seio materno, o seio da Igreja, porque a Igreja é mãe, a Igreja é feminina, a Igreja gera como uma mãe». E «a maternidade da Igreja — afirmou o Pontífice — prolonga-se aqui na maternidade da mãe, da mulher, das mulheres da família».

«Lembro-me — confidenciou recordando a irmã Maria Kaleta, religiosa estigmatina — de quando fui à Albânia, conheci uma religiosa idosa. Esta religiosa estava presa na época da perseguição, mas deixavam-na sair um pouco algumas horas por dia. Era uma meia prisão, porque os perseguidores diziam: “mas o que pode fazer esta pobre mulher!”. Mas esta “pobre mulher” era astuta, sabia o que fazer e amava Cristo, era mãe, tinha coração de mãe». Com efeito, contou ainda Francisco, «as mulheres cristãs — dado que ali naquela época não havia uma igreja e se alguém batizava os filhos era condenado — sabiam quando a religiosa ia passear ao longo do rio, levavam-lhe as crianças e ela batizava-as na água do rio».

O que fazia a irmã Maria é um «bom exemplo: a Igreja mãe». E, prosseguiu o Papa, «eu pergunto: as mães, as avós, são como estas duas das quais fala Paulo, a “avó Loide” e a “mãe Eunice”, que transmitiram a fé, a fé sincera?». Ou talvez se prefira pensar que a criança «aprenderá quando frequentar o catecismo». Mas, afirmou Francisco, «eu vos digo: sinto tristeza quando vejo crianças que não sabem fazer o sinal da cruz e em vez de fazer bem o sinal da cruz, sabendo que têm que fazer alguma coisa

fazem um desenho aproximativo, porque falta a mãe e a avó para lho ensinarem».

«Quantas vezes — acrescentou o Papa — penso nas coisas que se ensinam na preparação para o matrimónio, à noiva, àquela que será mãe: será que lhe ensinam que deve transmitir a fé? Preparam-na para transmitir a fé? A mãe é figura da Igreja mãe, e também a avó. É a dimensão feminina da salvação. Maria, Igreja, mãe, avó, todas estas dimensões; e a fé deve ser transmitida ali».

Nesta perspetiva, o Pontífice sugeriu para refletir bem sobre a «pregação», um trabalho cristão que compete a todos, «sacerdotes, bispos e catequistas»; sobre o «testemunho», para «viver como cristãos»; e sobre a «“maternidade”, ou seja, o seio da Igreja na mãe, na avó que transmitem a fé». E concluiu: «peçamos ao Senhor que nos ensine — como testemunhas, como pregadores e também às mulheres como mães — a transmitir a fé».

Regra de ouro

Segunda-feira, 29 de janeiro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 06 de 8 de fevereiro de 2018

A “regra de ouro” consiste em saber viver as humilhações com uma atitude de esperança e confiança em Deus, sem recorrer a fingimento e justificações falsas *prêt-à-porter*. Mas o Papa Francisco, na missa de hoje, sugeriu ao cristão verdadeiramente humilde que agarre a coragem com ambas as mãos e, repondo os ensinamentos de santo Inácio, reze precisamente para ter as humilhações, para deste modo «se assemelhar mais ao Senhor».

«Na primeira leitura — observou o Papa referindo-se ao trecho do segundo livro de Samuel (15, 13-14.30; 16, 5-13) — ouvimos o sofrimento de David, a fuga de David, a derrota de David». E «David é grande: tinha vencido o filisteu e as mulheres louvavam-no; tinha consolidado o reino, estava a caminho» e «acabará por o reunificar». David, prosseguiu Francisco, «tinha uma alma nobre: por duas vezes podia ter matado Saul e não o fez». Portanto, tinha «aquela nobreza de alma: era grande, mas também pecador, um pecador que cometera pecados graves: o adultério, o assassinato de Urias, o do censo».

Em síntese, David tinha cometido «pecados graves». Contudo, «é santo: a Igreja — afirmou o Papa — venera-o como santo» não obstante «estes pecados, porque ele é santo, porque ele se deixou transformar pelo Senhor, se deixou perdoar pelo Senhor, ouviu a voz do Senhor, arrependeu-se, foi capaz de fazer penitência, de chorar». Tinha «aquela capacidade não muito fácil de reconhecer que era pecador: “Sou pecador”».

No trecho bíblico da liturgia, explicou o Pontífice, «vemos a humilhação de David: o filho faz uma revolução contra ele, o próprio filho, como ele afirma «que saiu das minhas vísceras”, o próprio filho; e dizem-lhe: “O coração dos israelitas está com Absalão: ele tem a maioria. Tu estás derrotado. Que fazemos?”». Nesta circunstância, afirmou o Papa, David

«não pensou na própria pessoa: pensou na cidade, no povo, no templo e na arca, para que não fossem destruídos».

E David «faz aquele gesto que parece covarde, mas é corajoso: foge, para salvar a cidade, o povo, o templo e a arca». Ele diz: «Levantai-vos, e fujamos da cidade, para que não se apresse Absalão e nos alcance, e lance sobre nós algum mal, e fira a cidade a fio de espada». Por conseguinte, David ordena aos seus companheiros para fugirem e deixarem a cidade. Eis, portanto, «aquela imagem de David» que, recordou Francisco, «subia o monte das Oliveiras — isto faz-nos pensar em algo — subia chorando e caminhava com a cabeça coberta e os pés descalços». O Antigo Testamento narra que David «chorava, descalço, com a cabeça coberta em sinal de penitência» e «toda a gente que estava com ele tinha a cabeça coberta e, subindo, chorava».

Este é «o pranto de David: um homem capaz de reconhecer os próprios pecados». E «o Senhor tinha-o preparado para este momento: humilhado. O grande David, humilhado, aquele que tinha vencido o filisteu, humilhado». E, reafirmou o Pontífice, tinha-o «humilhado com a derrota, a fuga e também com o insulto, porque este Simei não lhe dizia coisas agradáveis: «Vai-te embora, vai-te embora homem sanguinário e celerado! O Senhor fez cair sobre a tua cabeça todo o sangue da casa de Saul, no lugar de quem reinas; o Senhor entregou o reino nas mãos de Absalão, teu filho, e eis que agora estás arruinado, porque és um sanguinário».

Enquanto Simei «insultava» David, «os seus companheiros queriam defendê-lo». Mas ele impediu-lhes que o fizessem e diz claramente a Abisai que o deixem fazer, porque «é o Senhor que inspira os insultos. Vamos em frente, talvez o Senhor tenha piedade de mim e este insulto comova o coração do Senhor e me abençoe». E «com esperança» David continua o seu caminho.

«David humilde, David humilhado» insistiu o Papa, refletindo sobre aquela imagem quando ele «subia ao monte das Oliveiras». Mas também «David profeta, porque esta é precisamente a profecia de Jesus, subindo ao Calvário para dar a vida: insultado, deixado de lado, não ouvido». Portanto,

«David, profeta de Jesus; mas o cerne deste trecho é a humilhação, a humildade», reiterou Francisco. E assim «quando Paulo fala de Jesus diz: “humilhou-se, aniquilou-se”». E esta é a «profecia de Jesus: a humildade de Jesus».

«Por vezes — realçou o Papa — pensamos que a humildade significa caminhar tranquilos, andar talvez de cabeça baixa, olhando para o chão. Mas também os porcos caminham de cabeça baixa: esta não é humildade. Esta é aquela humildade fingida, prêt-à-porter, que não salva nem preserva o coração». E assim «é bom — acrescentou — que pensemos nisto: não há verdadeira humildade sem humilhação, e se não fores capaz de tolerar, de carregar aos ombros uma humilhação, não és humilde: finges, mas não és».

«David carrega às suas costas os próprios pecados, não pensa nas coisas boas que tem», explicou o Pontífice. E «também Jesus carrega sobre os ombros os próprios pecados: Paulo diz-nos que assumiu os nossos pecados e que se fez pecado». Portanto, disse o Papa, «David é santo; Jesus, com a santidade de Deus, é realmente santo. David é pecador, Jesus é pecador mas com os nossos pecados. Contudo, ambos humilhados».

«Há sempre — reconheceu Francisco — a tentação de lutar contra aquele que nos calunia, contra aquele que nos humilha, que nos faz envergonhar, como este Simeí» que no trecho bíblico insulta gravemente David. Mas «David diz “não”, o Senhor diz “não” aquele não é o caminho». Ao contrário, «o caminho é o de Jesus, profetizado por David: carregar as humilhações». E pensar que «talvez o Senhor olhe para a minha aflição e me confira o bem em troca da maldição de hoje». Em síntese, «carregar as humilhações na esperança». Porém, especificou o Papa, «se eu, diante de qualquer ofensa, de qualquer humilhação, me justifico imediatamente e procuro parecer bom ou fazer, como se diz, “caligrafia inglesa”, esta não é humildade». E assim, acrescentou, «pensemos nisto de forma correta: se não sabes viver uma humilhação, não és humilde e esta é a regra de ouro».

Na conclusão, o Pontífice convidou a pedir «ao Senhor a graça da humildade, mas com humilhação». E, recordou, «havia aquela religiosa que dizia: “sou humilde, sim, mas humilhada, nunca!”. Não, não! Não há

humildade sem humilhação». Portanto, afirmou ainda Francisco, «peçamos esta graça e também, se alguém for corajoso, pode pedir — como nos ensina Santo Inácio — que lhe envie humilhações, para se assemelhar mais ao Senhor».

Pastor entre o povo

Terça-feira, 30 de janeiro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 06 de 8 de fevereiro de 2018

«Proximidade e ternura» são as atitudes do verdadeiro pastor que está sempre no meio do povo, preocupando-se com os problemas concretos, deixando-se tocar e indo pessoalmente onde é chamado, até ao esgotamento físico se for necessário. E sem nunca se armar em profeta, consultante espiritual ou curador, com horários de visita e lista de preços. E foi precisamente a figura do pastor, modelado no testemunho de Jesus sempre a caminho entre o povo, que o Papa Francisco quis repropor na missa deste dia.

O Pontífice iniciou a sua reflexão partindo de um excerto do Evangelho que «é mais para contemplar do que para refletir», como observou referindo-se ao trecho de Marcos (5, 21-43). «Contemplar», portanto, «como era uma jornada na vida de Jesus: Deus prometera que acompanharia o seu povo, caminharia com ele, e Deus acompanhou o seu povo e enviou Jesus para levar este caminho à plenitude».

Jesus, explicou o Pontífice, acompanha «o povo como um pastor. Não abre um escritório de consultas espirituais com um cartaz: “o profeta recebe segundas-feiras, quartas e sextas das 3h00 às 6h00. A entrada custa X ou, se preferirdes, podeis dar uma oferta”». O Senhor «não faz assim», afirmou o Papa, «nem sequer abriu um consultório médico com o aviso: “os doentes vêm em tal dia e serão curados”». Nada de tudo isto. Aliás, «Jesus anda no meio do povo».

«Quase toda a vida de Jesus, a vida pública, foi a caminho com as pessoas — disse Francisco — e quando ensinava havia sempre aquela palavra que se repete: “havia uma grande multidão”, a multidão que o seguia». E «ele preocupava-se que as pessoas compreendessem bem, e também se preocupava se tinham fome: dar de comer». Jesus estava sempre «no meio do povo: é assim o pastor, é esta a figura de pastor que Jesus nos

dá e diz-nos a nós, pastores, como as pessoas devem ser acompanhadas: no meio do povo».

«Certa vez — confidenciou o Papa — um santo sacerdote, que acompanhava assim o seu povo, disse-me: “as pessoas são cansativas: chego ao fim do dia cansado”. E eu respondi-lhe: “Mas feliz?” — “Sim!”». E «aquele pastor não precisava de comprimidos para dormir: dormia muito bem, porque estava deveras cansado, mas com o cansaço real, não ideal; o cansaço de quem trabalha, daquela pessoa que trabalha e assim acompanha o povo».

No trecho do Evangelho, realçou Francisco, «lemos cinco vezes o verbo “tocar”». Jesus «é “tocado” pelo povo». Mas «também hoje vemos, quando o bispo, ou o pároco, vai em visita pastoral, as pessoas tocam para receber graças». Pois, acrescentou, «o povo é assim e se tu és pastor e estás no meio do povo, deves sentir isto». Na realidade, continuou o Pontífice, o Evangelho de hoje «diz mais: “Uma numerosa multidão o seguia e o apertava”». E quando a multidão «o aperta Jesus não diz: “não, estai ali”». Como se hoje disséssemos: «não toques no sacerdote, por favor, abri espaço que ele vem, quer seja o bispo ou o sacerdote». E assim, eis que Jesus «estava ali, no meio: era mais do que um sacerdote e do que um bispo, Jesus», e «deixava-se tocar, apertar: sentia todos».

No meio daquela multidão, narra Marcos no seu Evangelho, «inseriu-se este chefe da Sinagoga» de nome Jairo «e diz-lhe: “Mestre, a minha filha está a morrer». Como resposta «Jesus vai, caminha; não disse: “trazei-ma”», mas respondeu: «vou». Por conseguinte, «o pastor vai onde há problemas, vai onde estão as ovelhas, vai onde existem dificuldades». Responde sempre: «vou».

Ao prosseguir a releitura do excerto evangélico, Francisco indicou a figura «daquela velhota que, coitadinha, não sabia como se curar da doença: tinha fé, aquela mulher, e faz esta brincadeira “se eu tocar”» o manto de Jesus. Com efeito, pensava: «Se eu conseguir apenas tocar as suas vestes, serei salva». E Jesus «apercebe-se» daquele gesto da mulher, «porque Jesus estava atento aos gestos do povo». E «ao coração de Jesus nunca veio a

ideia: “estas pessoas ignorantes, que não sabem teologia, esta gente supersticiosa...”, nunca!». Eis, ao contrário, a sua pergunta de pastor: «Quem me tocou?». E imediatamente a garantia: «Não temas. Vai em paz. A tua fé te salvou». E «assim resolve os problemas».

Francisco sugeriu uma meditação também acerca do momento em que, na narração evangélica, «chega a notícia da morte da menina». Ao pai, Jesus recomenda: «Não temas, somente tem fé!». E vai a casa da menina. «Parece que a Jesus — explicou o Papa — agrade ir ao encontro das dificuldades, dos problemas, quando as pessoas pedem».

Quando chegou «àquela casa», Jesus «tem que pagar a entrada: a entrada da ironia, do escárnio, porque as pessoas estavam ali, estavam ali as carpideiras que choravam, gritavam, como se fazia no oriente nas vigílias noturnas, nos velórios». E pede para não chorar, porque a menina dorme, não está morta. Com estas palavras, prosseguiu o Papa, Jesus aceita a ironia, mas «em silêncio vai em frente, paga com o esforço, com o cansaço, até com a vergonha, paga para fazer o bem».

E «depois, no final, com aquele gesto — afirmou — restitui à vida a jovem e entrega-a aos pais. E não diz: “o Senhor vos abençoe”, não faz uma cerimónia». Diz simplesmente: «Dai-lhe de comer». De resto, explicou Francisco, «Jesus está atento às pequenas coisas: isto vem à minha mente quando ressuscita o filho da viúva em Naim». E a narração do «Evangelho acaba assim: “E restituiu-o à sua mãe”». Jesus «dá, também aquela filha, restitui-a».

Estes são para mim os vestígios do modo de agir de Jesus, de caminhar com o seu povo, no meio do seu povo: proximidade e ternura» reafirmou o Pontífice. «Deus — acrescentou — esteve sempre próximo do seu povo, caminhou com o seu povo; foi terníssimo, como uma mãe: ele mesmo o diz através dos profetas». E também «Jesus, Deus e homem, faz com que esta proximidade do Pai seja real e concreta, assim como esta ternura».

«O pastor é ungido com o óleo no dia da sua ordenação: sacerdotal e episcopal» afirmou o Papa. Mas «o verdadeiro óleo, o interior, é o óleo da

proximidade e da ternura». Ao contrário, ao «pastor que não sabe fazer-se próximo falta algo: talvez seja um dono do campo, mas não é um pastor». Porque «um pastor ao qual falta ternura será um homem rígido, que pune as ovelhas».

Por conseguinte, servem «proximidade e ternura; vemo-lo» na página do evangelho de Marcos proposta pela liturgia: «Jesus era assim e o pastor, como Jesus, termina o dia cansado, mas cansado por praticar este bem». Por isso «proximidade e ternura» são as «atitudes de um verdadeiro pastor».

«Hoje poderíamos rezar na missa pelos nossos pastores — sugeriu o Papa — para que o Senhor lhes conceda esta graça de caminhar com o povo, de estar presentes para o povo com muita ternura, com muita proximidade». E «quando o povo encontra o seu pastor, tem aquela sensação especial que se sente só na presença de Deus». Recorda isto precisamente a conclusão do excerto do Evangelho quando descreve os sentimentos dos presentes: «Eles ficaram estupefactos». É «a estupefação de sentir a proximidade e a ternura de Deus no pastor».

Não somos eternos nem efémeros

Quinta-feira, 1 de fevereiro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 06 de 8 de fevereiro de 2018

A morte é «um facto, uma herança e uma memória» e recorda-nos que não somos «donos do tempo», nem «efémeros», nem «eternos», salvando-nos do risco de permanecer «presos no labirinto egoísta do momento presente». Mas é precisamente o olhar sobre a morte que ajuda a viver bem: eis a mensagem que o Papa propôs na missa celebrada em Santa Marta.

«A primeira leitura fala-nos da morte: a morte do rei David», observou o Pontífice, referindo-se ao trecho tirado do primeiro livro dos Reis (2, 1-4.10-12). «Os dias de David aproximaram-se da morte» porque, afirmou Francisco, também «ele, o grande rei, o homem que tinha consolidado o reino, deve morrer, não é dono do tempo: o tempo prossegue e ele continua noutro estilo de tempo, mas continua. Está a caminho».

De resto, explicou o Papa, «não somos nem eternos nem efémeros: somos homens e mulheres a caminho no tempo, tempo que começa e tempo que termina». E «isto faz-nos pensar que é bom rezar e pedir a graça do sentido do tempo, para não nos tornarmos prisioneiros do momento que está sempre fechado em si mesmo». Assim, afirmou, «diante deste trecho do primeiro livro dos Reis», que narra «a morte de David, gostaria de propor três ideias: a morte é um facto, a morte é uma herança, a morte é uma memória».

Antes de tudo, explicou, «a morte é um facto: podemos pensar em muitas coisas, até imaginando que somos eternos, mas o facto acontece». Mais cedo ou mais tarde a morte chega e «é um facto que cabe a todos nós». Porque «estamos a caminho, não somos itinerantes, nem homens e mulheres num labirinto». Não, estamos «a caminho, devemos fazer assim». Mas, avisou o Papa, «há a tentação do momento que se apodera da vida e te leva a ir errando no momento, neste labirinto egoísta do momento sem

futuro, sempre ida e volta, ida e volta». E «o caminho acaba na morte, como todos sabemos».

Por este motivo, observou o Pontífice, «a Igreja procurou sempre fazer refletir sobre este nosso fim: a morte». A tal propósito, o Papa sugeriu uma sua recordação pessoal: «Quando estávamos no seminário, mandavam-nos fazer o exercício da boa morte: assustava um pouco, porque parecia um necrotério». Mas «há um exercício da boa morte que cada um pode fazer dentro de si mesmo: não sou o dono do tempo; há um facto: morrerei. Quando? Deus sabe». Mas certamente «morrerei».

«Repetir isto ajuda», disse o Papa, porque é um dado «puramente realista» que «nos salva da ilusão do momento, de levar a vida como uma corrente de momentos sem sentido». Ao contrário, a realidade é que «eu estou a caminho e devo olhar em frente».

Sempre dando espaço à confidência, Francisco compartilhou a «recordação» de quando, «ainda criança, aprendia a ler: eu tinha quatro anos. Uma das primeiras coisas que aprendi a ler, porque a avó me fez ler, foi um cartaz que ela conservava debaixo do cristal da mesa de cabeceira, e rezava assim: “Pensa que Deus te vê. Pensa que te vê. Pensa que morrerás e não sabes quando”». Aquela frase, revelou o Papa, «ainda hoje me recordo dela, e fez-me muito bem, nos momentos de suficiência, de fechamento, onde o momento era o rei». Portanto, «o tempo, o facto: todos nós morreremos». Quando a morte se aproxima, David diz ao seu filho: «Vou-me pelo caminho de cada homem sobre a terra». E assim aconteceu.

A segunda ideia é «a herança». Muitas vezes acontece que quando, ao morrer, alguém tem a ver com «uma herança, chegam imediatamente os netos, para saber quanto dinheiro o tio deixou para este e aquele». E «esta história é tanto antiga quanto a história do mundo». Na realidade, o que conta é «a herança do testemunho: que herança deixo eu?».

Voltando ao trecho bíblico de hoje, «que herança deixa David?». Francisco recordou que David foi «um grande pecador, cometeu tantos erros!». Mas foi também «um grande arrependido» até ser «um santo»,

apesar «dos grandes erros cometidos». E David é santo, explicou o Papa, «porque a herança é a atitude de se arrepender, de adorar a Deus antes de si mesmo, de voltar para Deus: a herança do testemunho». Eis que é sempre oportuno interrogar-se sobre «qual herança deixarei aos meus entes queridos?». Certamente, «a herança material, boa porque é o fruto do trabalho». Mas, insistiu o Papa, «que herança pessoal, de testemunho? Como a de David, ou vazia?». Por isso, à pergunta «o que deixou?» não se deve responder só indicando «as propriedades», mas antes de tudo «o testemunho de vida».

«É verdade que se vamos a um velório — prosseguiu o Pontífice — o morto era sempre santo», a ponto que «existem dois lugares onde canonizar as pessoas: a praça de São Pedro e os velórios, porque é sempre um santo e porque já não te ameaça».

Portanto, «a verdadeira herança» é o testemunho de vida. Assim, é oportuno «interrogar-nos que herança» deixaria «se Deus me chamasse hoje? Que herança deixarei como testemunho de vida?». Esta «é uma boa pergunta a fazer», afirmou o Papa, e assim «preparar-nos porque nenhum de nós ficará “como relíquia”: não, todos nós iremos por esse caminho». Com a questão fundamental: «Qual será a herança que deixarei como testemunho de vida?».

A terceira ideia — além do «facto» e da «herança» — que o Papa sugeriu a respeito da morte é a «memória» porque, explicou, «até o pensamento da morte é memória, mas memória antecipada, memória do passado». Portanto, «memória» e «também luz neste momento da vida». Mas a pergunta que devemos fazer é: «Quando eu morrer, o que gostaria de fazer hoje, nesta decisão que devo tomar hoje, no modo de viver hoje?». Esta «é uma memória antecipada que ilumina o momento de hoje». Substancialmente, trata-se de «iluminar com o facto da morte as decisões que devo tomar cada dia».

«É bonito este trecho do capítulo 2 do primeiro livro dos Reis», concluiu o Pontífice. «Se hoje tiverdes tempo, lede-o, é muito bonito, far-vos-á bem», sugeriu. E convidou «também a pensar: estou a caminho, é um

facto, “morrerei”; qual será a herança que deixarei e como me ajuda a luz, a memória antecipada da morte, sobre as decisões que devo tomar hoje». Uma meditação, garantiu, que «fará bem a todos nós».

Ensinar a adorar

Segunda-feira, 5 de fevereiro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 06 de 8 de fevereiro de 2018

Os cristãos devem aprender a «oração de adoração». E os pastores devem ter a peito a formação dos fiéis nesta fundamental forma de oração, frisou o Papa Francisco na missa celebrada nesta quinta-feira, na qual participou um grupo de párocos nomeados recentemente. Dirigindo-se diretamente a eles, o Pontífice exortou-os: «ensinai o povo a adorar em silêncio» porque «assim aprendem desde agora o que faremos todos lá, quando pela graça de Deus chegarmos ao céu».

A adoração como objetivo do «caminho» do crente esteve no centro da homilia de Francisco, que se inspirou na primeira leitura do dia (1 Rs 8, 1-7.9-13), na qual se narra do rei Salomão que «convoca o seu povo para subir aos montes do Senhor, rumo à cidade, ao templo», levando em procissão a arca da aliança ao Santo dos Santos.

Neste caminho que previa um percurso em subida, difícil — «o caminho fácil é na planície», observou o Papa — o povo levava consigo «a própria história, a memória da eleição, a memória da promessa e a memória da aliança». E com esta carga de memória aproximava-se do templo. Não só: o povo, acrescentou Francisco, levava também «a nudez da aliança», isto é, simplesmente as «duas tábulas de pedra, nua, assim como tinha sido de Deus» e não como a tinham aprendido «dos escribas, que a “barroquizaram” com tantas prescrições». Aquele era o seu tesouro: «a aliança nua: amo-te, amas-me. O primeiro mandamento, amar a Deus; segundo, amar o próximo. Nua».

Depois, continuou o Pontífice, «com aquela memória de eleição, da promessa e da aliança, o povo sobe e leva a aliança. Ao chegar em cima “quando eram todos idosos, levaram a arca, introduziram a arca no santuário e na arca nada havia exceto as duas tábulas de pedra”». Eis a «nudez da aliança». E no excerto bíblico lê-se que «quando os sacerdotes

saíram, a nuvem encheu o templo do Senhor». Era «a glória do Senhor» que fazia morada no templo. Naquele momento, explicou o Papa, o «povo entrou em adoração», passando «da memória para a adoração, caminhando em subida». Assim começou a adoração «em silêncio». Eis o percurso realizado pelos Israelitas: «dos sacrifícios que faziam no caminho em subida, ao silêncio, à humilhação da adoração».

Precisamente neste ponto o Pontífice relacionou a palavra de Deus com a realidade atual das comunidades cristãs: «Muitas vezes penso que nós não ensinamos o nosso povo a adorar. Sim, ensinamos-lhe a rezar, a cantar, a louvar a Deus, mas a adorar...». A oração de adoração, disse, «nos aniquila sem nos aniquilar: no aniquilamento da adoração dá-nos nobreza e grandeza».

E àquela experiência na qual se antecipa a vida no céu, acrescentou, só podemos chegar «com a memória de termos sido eleitos, de ter dentro do coração uma promessa que nos impele a ir, com a aliança na mão e no coração». Portanto «sempre a caminho: caminho difícil, em subida, mas rumo à adoração», rumo àquele momento em que «as palavras desaparecem diante da glória de Deus: não se pode falar, não se sabe o que dizer».

As únicas palavras que emergem deste trecho da Escritura serão evidenciadas na liturgia de 6 de fevereiro, na qual prosseguirá a leitura do excerto do livro dos Reis. Ao observar isto o Papa antecipou que o rei «Salomão ousa dizer só duas palavras, no meio da adoração: “Ouve e perdoa”, só isto. Não se pode dizer mais. Adorar em silêncio com toda a história que temos» e pedir a Deus: «Ouve e perdoa».

Concluindo a sua meditação, o Papa sugeriu: «Far-nos-á bem hoje dedicar um pouco de tempo à oração» e fazer «memória do nosso caminho, a memória das graças recebidas, a memória da eleição, da promessa, da aliança». Um percurso interior no qual «se procura subir, rumo à adoração, e no meio da adoração com tanta humildade recitar apenas esta pequena oração: “Ouve e perdoa”».

Duas histórias bíblicas

Quinta-feira, 8 de fevereiro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 07 de 15 de fevereiro de 2018

Atenção quando, convencido de viver tranquilamente sem cometer grandes pecados, o cristão «desliza lentamente», quase sem se dar conta, no «enfraquecimento do coração» e «corrompe-se». Eis a admoestação do Papa que comparou duas histórias bíblicas distintas: a de David, o rei «pecador» mas «santo», e a de Salomão, o rei sábio, mas cujo coração «se desviara do Senhor» e por isso ele foi «rejeitado» por Deus. Um ensinamento para cada homem porque, frisou o Pontífice, se é verdade que para o pecador capaz de se arrepender o caminho da santidade está sempre aberto, o corrupto ao contrário exclui-se sozinho da possibilidade de salvação.

A reflexão do Papa, inspirada na leitura do dia (1 Rs 11, 4-13), começou do destino inesperado que coube ao rei Salomão, que todos conhecem como grande e sábio. Com efeito, o coração do soberano «não permaneceu íntegro com o Senhor, seu Deus, como o coração de David, seu pai». Uma surpresa porque, disse Francisco, «não sabemos se Salomão cometeu pecados graves; mas David, sim. Sabemos que Salomão levou uma vida tranquila, governou», enquanto que «David teve uma vida um pouco difícil, caiu no pecado, fez a guerra». E no entanto «Salomão é rejeitado pelo Senhor, e David é santo. Como se explica isto?».

Mas existe uma atenuante: «Quando David se convenceu que pecou, pediu perdão, fez penitência», e embora não tenha pecado uma só vez, «teve sempre a humildade de pedir perdão». Diversa foi a situação de Salomão, que era sempre «equilibrado, não tinha cometido pecados graves»; mas no trecho bíblico lê-se que o seu coração «se “desviara” do Senhor», um pouco de cada vez, progressivamente. Ele cedeu às suas mulheres, que o haviam induzido à idolatria. Precisamente ele, «o grande Salomão que o próprio Senhor louvou no início, quando pediu prudência

para governar, e não riquezas nem fama: prudência para governar o povo», o grande Salomão de quem o mundo inteiro falava: tinha fama internacional». Por ele, para o conhecer, deslocou-se até a rainha de Sabá: «E o que disse ela? “Então era verdade o que, no meu país, ouvi dizer de ti e da tua sabedoria. Até chegar aqui e enquanto os meus olhos não viram, eu não acreditava no que se dizia. Pois bem, não me disseram nem sequer metade”». Portanto, o mundo inteiro falava da «grandeza de Salomão». Mas ele «não permaneceu íntegro diante do Senhor e foi por Ele rejeitado». O seu coração «desviou-se do Senhor. E parece que ele não se dava conta disto».

Aqui, explicou o Papa, estamos diante do «problema do enfraquecimento do coração». Poder-se-ia dizer de uma decadência sorrateira, porque «não é como uma situação de pecado: quando cometes um pecado, dás-te conta imediatamente». Ao contrário, «o enfraquecimento do coração é um caminho lento, que desliza pouco a pouco». Isto aconteceu com Salomão que, «adormecido na sua glória e fama, começou a seguir esta via» e o seu coração «debilitou-se». Paradoxalmente, «é melhor a clareza de um pecado, que o enfraquecimento do coração», ou seja, o pecado no qual «deslizas lentamente e não te dás conta. Lentamente, rumo à mundanidade», a uma vida que parece «digna», mas responde com «coração débil». Foi bem assim que «o grande rei Salomão, o grande prudente, o grande rei que tanto agradava a Deus, acabou por se corromper: corrompeu-se tranquilamente, porque o seu coração se debilitou».

A história de Salomão é muito atual: «Um homem e uma mulher com o coração fraco, ou debilitado, são uma mulher, um homem derrotados», admoestou Francisco, recordando que «este é o processo de muitos cristãos, muitos de nós». Diz-se: «Não, eu não cometo pecados graves»; mas seria preciso perguntar: «Como está o teu coração? É forte? Permanece fiel ao Senhor, ou tu deslizas lentamente?».

A tal propósito, o Papa recordou o episódio evangélico de Mateus (12, 43-45), onde se fala «do homem que fora libertado de um diabo, de um demónio» e «começou uma nova vida... tudo bem... mas o tempo passa e aquele demónio volta a ver como está a situação ali. E vê a casa bem

arrumada e bonita. E vai encontrar outros sete demónios piores do que ele; voltam e o fim daquele homem é pior» do que antes. É precisamente este, comentou Francisco, «o drama do enfraquecimento do coração. E na vida pode acontecer isto com todos nós». Por isso, é sempre bom perguntar: «Mas o meu coração é forte diante do Senhor? Ou, lentamente, deslizo, esmoreço? O que devo fazer?». É necessária vigilância, explicou: «Vigiar sobre o teu coração. Vigiar! Prestar atenção todos os dias ao que acontece no teu coração. Se permanece firme na fidelidade ao Senhor» ou se, dia após dia, lentamente, decai.

«David — concluiu o Papa — é santo». Era pecador, é verdade, mas «um pecador pode tornar-se santo». Ao contrário, «Salomão foi rejeitado porque era corrupto». E «um corrupto não pode tornar-se santo». De resto, à corrupção chega-se exatamente «por aquele caminho do enfraquecimento do coração». Portanto, é preciso «vigiar sobre o coração todos os dias», compreender que «relação» temos com o Senhor e «apreciar a beleza e a alegria da fidelidade».

A paciência é o contrário da resignação

Segunda-feira, 12 de fevereiro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 07 de 15 de fevereiro de 2018

«Os nossos irmãos perseguidos no Médio Oriente, expulsos por serem cristãos — e eles fazem questão de ser cristãos — “entraram em paciência” como o Senhor» no momento da paixão: com este pensamento dirigido a quantos estão a viver na própria pele o drama das perseguições, o Papa celebrou a missa em Santa Marta. Um pensamento acompanhado por um conselho espiritual muito prático: viver «a perfeita alegria». Porque quando cedemos à impaciência e levantamos a voz, é necessário recordar sobretudo a «paciência que Deus tem connosco»; ou pensar naqueles «pais que acolhem filhos deficientes ou doentes com uma paciência» que é exatamente o contrário da «resignação».

«O apóstolo Tiago diz-nos que é “perfeita alegria” quando sofremos qualquer tipo de provação», observou imediatamente Francisco referindo-se ao trecho da carta de Tiago (1, 1.11): «Sabendo que a prova da vossa fé produz a paciência. Mas é preciso que a paciência efetue a sua obra, a fim de serdes perfeitos e íntegros, sem fraqueza alguma. Se alguém de vós necessita de sabedoria — e obviamente também de paciência — peça-a a Deus».

Para Tiago, afirmou o Papa, «alegria perfeita» é «quando sofreis qualquer tipo de provação». E, relançou o Pontífice, «o apóstolo repete a última das Bem-aventuranças na lista de Mateus: “Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim”. Bem-aventurados. “Bem-aventurados vós”». Portanto, é «“perfeita alegria quando sofreis qualquer tipo de provação”, sabendo que aquela fé, na provação, produz paciência».

«Não é fácil compreender — reconheceu o Papa — o que é a paciência, que significa ser paciente na vida, que significa ser paciente diante das provações: podemos dizer que a paciência não é uma atitude dos

derrotados, a paciência cristã não anda pelo caminho da derrota, é outra coisa». Por conseguinte, explicou Francisco, «os que pensam que ter paciência significa carregar na vida uma derrota estão enganados e em vez de paciência têm resignação». E talvez digam: «na lotaria da vida aconteceu-me isto e levo-o em frente». Mas «esta não é paciência, esta é resignação», insistiu o Pontífice. E «o apóstolo não fala da resignação, mas da paciência».

«A paciência é uma virtude das pessoas que estão a caminho, não daquelas que estão fechadas, paradas» realçou o Papa. E «quando se está a caminho acontecem muitas coisas que nem sempre são boas: a mim diz muito sobre a paciência, como virtude que está a caminho, a atitude dos pais quando têm um filho doente ou com deficiência, nasceu assim», e eles dizem « “Mas graças a Deus que está vivo!”: eles são pacientes». E «acompanham a vida inteira daquele filho com amor, até ao fim: não é fácil viver por anos e anos com um filho com necessidades especiais, com um filho doente; mas a alegria de ter aquele filho dá-lhes a força de ir em frente. Trata-se de paciência, não de resignação: ou seja, é a virtude que surge quando uma pessoa está a caminho».

Na sua etimologia — explicou Francisco — a palavra significa “suportar”, “carregar às costas”. Uma atitude que «cansa, é verdade: mas o paciente aguenta, não deixa o problema, não deixa o limite, não deixa o sofrimento, carrega-o, com alegria, júbilo, “perfeita alegria” diz o apóstolo».

Portanto, paciência, «significa “suportar” e não confiar ao próximo para que carregue o problema, para que carregue a dificuldade: “Carrego-o eu, esta é a minha dificuldade, é o meu problema. Faz-me sofrer? Eh, certamente! Mas sou eu que o carrego”». Por conseguinte, paciência significa «suportar».

E «paciência — prosseguiu o Pontífice na sua meditação — é também a sabedoria de saber dialogar com o limite: há muitos limites na vida, mas o impaciente não os quer, ignora-os, porque não sabe dialogar com os limites». Talvez, «haja qualquer fantasia de onnipotência ou de preguiça,

não sabemos». Ao contrário, «o paciente sabe dialogar com os limites: a paciência é uma bem-aventurança, é a virtude daqueles que caminham, não dos parados ou dos fechados; significa suportar, carregar às costas as coisas desagradáveis da vida, também as provações; é a capacidade de dialogar com os limites».

«A paciência não é um conselho que o apóstolo dá a nós cristãos» disse ainda o Pontífice. «Se olharmos para a história da salvação — explicou — podemos ver a paciência de Deus, de Deus Pai, nosso Pai: quanta paciência com este povo teimoso, com este povo que não sabia reconhecer as coisas boas e que, quando se aborrecia, se esquecia de Deus, construía um ídolo e ia de um lado para o outro». Mas «o Senhor com paciência conduziu-o, levou-o em frente». E «podemos também fazer a comparação», relançou Francisco, com «a paciência que Deus tem comigo, com cada um de nós: a paciência de Deus em acompanhar, em esperar os tempos».

«Far-nos-á bem pensar que temos um Pai que é paciente conosco», sugeriu o Papa. E «depois este Deus, no final, envia seu Filho para “entrar em paciência”: Jesus “entra em paciência”, sobretudo na paixão». No seu Evangelho, «Lucas diz que o Senhor foi decididamente para Jerusalém: a decisão de assumir a missão, “entrou em paciência”: sofreu». Certamente, reconheceu Francisco, «não é fácil “entrar em paciência”. E aqui penso nos nossos irmãos perseguidos no Médio Oriente, expulsos por serem cristãos e eles fazem questão de ser cristãos: “entraram em paciência” como o Senhor “entrou em paciência”».

«Com estas ideias — concluiu o Pontífice — talvez possamos rezar hoje pelo nosso povo: “Senhor, dá ao teu povo paciência para suportar as provações”». E «também rezar por nós: tantas vezes somos impacientes, quando uma coisa não dá certo, reclamamos». Mas, eis a sugestão de Francisco: «Para um pouco, pensa na paciência de Deus Pai, “entra em paciência” como Jesus». Por isso, é necessário pedir ao Senhor a paciência que «é uma bela virtude».

O verdadeiro jejum

Sexta-feira, 16 de fevereiro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 08 de 22 de fevereiro de 2018

Quaresma: tempo privilegiado de penitência e de jejum. Mas que penitência e que jejum quer o Senhor do homem? Com efeito, o risco é «maquilhar» uma prática virtuosa, ser «incoerente». E não se trata apenas de “escolhas alimentares”, mas de estilos de vida em relação aos quais se deve ter a «humildade» e a «coerência» de reconhecer e corrigir os próprios pecados. Foi a reflexão que, no início do caminho quaresmal, o Pontífice propôs aos fiéis durante a missa.

Palavra-chave da meditação, sugerida pela liturgia do dia, foi “jejum”: «jejum diante de Deus, jejum que é adoração, jejum «a sério», porque «jejuar é uma das tarefas a fazer na Quaresma». Mas não no sentido de quem diz: «Como apenas os alimentos da Quaresma». Com efeito, comentou Francisco, «aqueles alimentos constituem um banquete! Não significa mudar a alimentação ou preparar o peixe de um modo ou de outro, mais saboroso». Caso contrário, só se «continua o carnaval».

A Palavra de Deus, frisou, admoesta que o «nosso jejum seja verdadeiro. Verdadeiro a sério». E, acrescentou, «se não podes fazer o jejum total, aquele que faz sentir a fome até aos ossos», pelo menos «faz o jejum humilde, mas verdadeiro».

Na primeira leitura (Isaías 58, 1-9), a este propósito, «o profeta ressalta muitas incoerências na prática da virtude». E precisamente «esta é uma das incoerências». O elenco de Isaías é pormenorizado: «Dizeis que me procurais, que falais de mim. Mas não é verdade», e «no dia do vosso jejum cuidais dos vossos negócios» (ou seja: «jejuar é um pouco despojar-se», preocupamo-nos por «ganhar dinheiro»). E ainda: «Recrutais todos os vossos operários», isto é, explicou o Papa, enquanto se diz: «Agradeço-te Senhor porque eu posso jejuar», desprezam-se os operários que além de tudo «devem jejuar porque não têm o que comer». A acusação do profeta é

direta: «Eis que para contendas e debates jejuais, e para ferirdes com punho iníquo».

É uma ambiguidade inadmissível, explicou o Pontífice: «Se quiseres fazer penitência, fá-la em paz. Mas, por um lado, não podes falar com Deus e, por outro, falar com o diabo, convidar ambos ao jejum; esta é incoerência». E, seguindo sempre as indicações da Escritura («Não jejuéis mais como fazeis hoje, de maneira o vosso barulho seja ouvido»), admoestou contra o exibicionismo incoerente. Trata-se da atitude de quem, por exemplo, recorda sempre «nós somos católicos, praticamos; eu pertença àquela associação, nós jejuamos sempre, fazemos penitência». A eles pediu idealmente: «Mas, jejuais com coerência ou fazeis a penitência incoerentemente como diz o Senhor, com barulho, para que todos o vejam e digam: “Mas que pessoa justa, que homem justo, que mulher justa”?». Com efeito, isso «seria uma maquilhagem; seria maquilhar a virtude. Camuflar o mandamento». E é, acrescentou, uma «tentação que algumas vezes todos temos, «de nos pintar em vez de levar a sério a virtude, aquilo que o Senhor nos pede».

Ao contrário, o Senhor «aconselho aos penitentes, àqueles que jejuam que se pintem, mas a sério: “Jejuai, mas mascarai-vos para que não vejam que estais a cumprir a penitência. Sorri, sê alegre». Diante de tantos que «têm fome e não podem sorrir», sugere ao crente: «Procura a fome para ajudar os outros, mas sempre com o sorriso, porque tu és um filho de Deus e o Senhor ama-te muito e revelou-te estas coisas. Mas sem incoerências».

A este ponto, a reflexão do Pontífice tornou-se ainda mais profunda para responder à pergunta “que jejum quer o Senhor?”. A resposta vem ainda da Escritura onde se lê antes de tudo: «Inclina a tua cabeça como um junco». Ou seja, humilhar-se. E a quem perguntar: «Como posso humilhar-me?», o Papa respondeu: «Pensa nos teus pecados. Todos têm tantos», e «envergonha-te», porque mesmo se o mundo não os conhece, Deus conhece-os bem.

Por conseguinte, «este é o jejum que o Senhor quer: a verdade, a coerência».

Há depois que acrescentar: «Quebrar as correntes iníquas», «Tirar o vínculo do jugo». O exame de consciência, neste caso tem como objetivo a relação com os outros.

Para melhor se fazer compreender, o Papa deu um exemplo muito prático: «Eu penso em tantas empregadas domésticas que ganham o pão com o seu trabalho» e que com frequência são «humilhadas, desprezadas». E acrescentou uma recordação pessoal: «Nunca poderei esquecer uma vez que fui a casa de um amigo, quando era criança. Vi a mãe dar uma bofetada na empregada, tinha 81 anos... Nunca me esqueci disso». As perguntas do Pontífice a quem tem empregados domésticos foram muito diretas: «Como os trata? Como pessoas ou como escravos? A paga é justa, dás-lhe férias, é uma pessoa ou é um animal que te ajuda em casa?». Um pedido de coerência que é válido também para os religiosos («nas nossas casas, nas nossas instituições»): «Como me comporto com a empregada que tenho em casa, com as empregadas que estão em minha casa?». E acrescentou outra experiência pessoal, recordando-se de um senhor «muito culto» mas que «explorava as empregadas», o qual, posto diante da consideração de que se tratava de «um pecado grave» contra pessoas que são «imagem de Deus», objetava: «Não, Padre, devemos distinguir: estas são pessoas inferiores».

Por isso é necessário: «Eliminar o vínculo do jugo, desatar as correntes iníquas, mandar em liberdade os cativos, pôr fim a qualquer jugo». E, comentando o profeta que admoesta: «dividir o pão com o faminto, receber em casa os miseráveis, os desabrigados», o Papa contextualizou: «Hoje discute-se se damos ou não um teto aos que o vêm pedir...».

E as indicações prosseguem: «Vestir alguém que vês nu», mas «sem descuidar os teus parentes».

É o jejum verdadeiro, aquele que engloba a vida de todos os dias. «Devemos fazer penitência, devemos sentir um pouco de fome, devemos rezar mais», disse Francisco, mas se «fizemos muita penitência» e não vivermos assim o jejum, «o rebento que nascer dali» será «a soberba», aquela de quem exhibe o próprio jejum. E isto, acrescentou, «é a

maquilhagem má», e não a que Jesus sugere «para não mostrar aos outros que jejuo» (cf. Mateus, 6, 16-18).

A pergunta a fazer, concluiu o Pontífice, é: «como me comporto com os outros? O meu jejum ajuda os outros?». Porque se assim não for, aquele jejum «é fingido, é incoerente e leva-te pelo caminho de uma vida dupla». Por isso, é preciso «pedir humildemente a graça da coerência».

A graça da vergonha

Segunda-feira, 26 de fevereiro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 09 de 1 de março de 2018

Dois conselhos espirituais do Papa para a Quaresma: «Não julgar o próximo» e «pedir a Deus a graça da vergonha pelos próprios pecados». O «juízo» e a «misericórdia», com a sugestão de um exame de consciência pessoal, foram o fulcro da meditação do Papa na missa de 26 de fevereiro, em Santa Marta. «A Quaresma é um caminho de purificação: a Igreja prepara-nos para a Páscoa, ensina-nos a renovar-nos, a converter-nos», disse Francisco. E «podemos dizer que a mensagem de hoje é o juízo, pois todos seremos submetidos ao juízo: todos». A ponto que «nenhum de nós poderá evitar o juízo de Deus: primeiro o juízo pessoal e depois o universal».

«Nesta ótica — afirmou — a Igreja leva-nos a refletir sobre duas atitudes: em relação ao próximo e a Deus». Em particular, em relação ao «próximo, diz-nos que não devemos julgar: “Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados. E mais: perdoai e sereis perdoados”». E «o Senhor é claro nisto» explicou, citando o trecho do Evangelho (Lc 6, 36-38) proposto pela liturgia do dia. Sem dúvida, prosseguiu, «cada um pode pensar: “Eu não julgo, não me arvorei em juiz”». Mas «se virmos na nossa vida, nas nossas atitudes, quantas vezes o tema das nossas conversas é o juízo dos outros!». Talvez até «um pouco naturalmente», dizemos:

«Isto não está bem». Mas, insistiu Francisco, «quem te nomeou juiz?». Na realidade, «este julgar o próximo é reprovável, porque o único juiz é o Senhor». De resto, «Jesus conhece a tendência que temos a julgar o próximo» e adverte-nos: «Presta atenção, pois com a medida com a qual julgares, serás julgado: se fores misericordioso, Deus será misericordioso contigo». Portanto, «não julgues!».

Quase em jeito de teste, o Papa propôs: «Podemos perguntar, nas reuniões que temos, num almoço, pensemos no arco de duas horas; daquelas duas horas, quantos minutos empreguei para julgar os outros?». E se «este é o “não”, qual será o “sim”? Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso. E mais: sede generosos, “dai e ser-vos-á dado”». Mas «o que me será dado? “Uma medida boa, amassada, cheia e transbordante”», recordou o Papa citando de novo Lucas. Ou seja, «a abundância da generosidade do Senhor, quando ficarmos repletos da abundância da nossa misericórdia por não julgarmos».

O Papa sugeriu que pensemos «um pouco nisto: julgo o próximo? Como o julgo? Assim serei julgado. Sou misericordioso com os outros? Assim o Senhor será misericordioso comigo». E «será bom — hoje, amanhã, depois de amanhã — dedicar alguns minutos para pensar nisto». «A segunda parte da mensagem de hoje — continuou — é a atitude em relação a Deus». E «é bonito o que o profeta Daniel nos diz, como deve ser a atitude em relação a Deus: humilde», explicou, referindo-se ao trecho de Daniel (9, 4-10). Portanto, «Tu és Deus, eu sou pecador: o diálogo com Deus começa sempre desta adoração penitencial: Tu és Deus, eu sou pecador». Assim escreve Daniel: «Pecamos e agimos como pessoas malvadas e ímpias, fomos rebeldes, afastando-nos dos teus mandamentos e das tuas leis!». Em síntese, «pecamos, Senhor!».

Eis «a humildade diante de Deus. Cada um de nós conhece os próprios pecados e pode confessá-los a Deus: Senhor, pequei, sou um pecador e “a ti convém a justiça”». Além disso, «sabemos que a justiça de Deus é misericórdia, mas é preciso dizer: “A ti convém a justiça; a nós, a vergonha”». E «quando a justiça de Deus se encontra com a nossa vergonha, ali há perdão».

A tal propósito, o Papa sugeriu as perguntas a fazer para um exame de consciência: «Creio que pequei contra o Senhor? Creio que o Senhor é justo? Creio que é misericordioso? Envergonho-me diante de Deus, por ser pecador?». Eis a resposta: é «tão simples, “a ti a justiça; a mim, a vergonha”». Portanto, devemos «pedir a graça da vergonha».

«Na minha língua mãe — revelou — a quem pratica o mal, dizemos “desavergonhado”, sem vergonha». Por isso, «por favor peçamos a graça de que nunca nos falte a vergonha diante de Deus: “A ti a justiça; a mim, a vergonha”». Pois «a vergonha é uma grande graça». Concluindo, o Pontífice convidou a examinar a nossa «atitude em relação ao próximo», recordando «que com a medida com a qual eu julgar, serei julgado». Assim, «não devo julgar». E «se eu disser algo contra o outro, que o faça de modo generoso, com muita misericórdia». Quanto à «atitude em relação a Deus», deve centrar-se «neste diálogo essencial: “A ti a justiça; a mim, a vergonha”».

Como um pai com o filho

Terça-feira, 27 de fevereiro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 09 de 1 de março de 2018

«Um café» com o Senhor e depois, com «o recibo do perdão» em frente «no caminho de conversão». Na certeza de que o Senhor nos chama de todos os modos para nos encontrarmos com Ele, o Papa Francisco indicou — na missa celebrada na terça-feira 27 de fevereiro em Santa Marta — a imagem do pai que tem que lidar com «as tolices do filho adolescente» mas dá-lhe «confiança» para que as não repita.

«O Senhor não se cansa de nos chamar à conversão, a mudar de vida». E «todos devemos mudar de vida: todos temos sempre necessidade de nos converter, de dar um passo em frente no caminho ao encontro de Jesus». A Quaresma «ajuda-nos a fazer isto, a converter-nos, a mudar de vida». Mas «esta — explicou Francisco — é uma graça que pedimos ao Senhor porque, como rezámos na oração da coleta, a Igreja não nos pode apoiar sem o Senhor; é Ele quem nos dá a graça».

«O Senhor reprova-nos muitas vezes, de diversas maneiras, admoesta-nos, assusta-nos, mostra-nos como é mau o pecado». Mas «o Senhor muda a maneira de nos mostrar a malícia do pecado e com isto ajuda-nos na conversão». Precisamente na liturgia do dia, afirmou o Papa referindo-se ao excerto do profeta Isaías (1, 10.16-20), «ouvimos na primeira leitura uma chamada à conversão, mas trata-se de uma chamada a um estilo especial: mas ali o Senhor não ameaça, chama com doçura, dando confiança».

«Depois de ter dito o que se devia ou não fazer o Senhor acrescenta: “Vem, vinde e discutamos, falemos um pouco”». Por conseguinte, o Senhor «não nos assusta, é como o pai do filho adolescente que fez uma tolice e tem que o repreender e sabe que se agir com o chicote a situação não correrá bem, tem que usar a confiança».

Por conseguinte, prosseguiu o Pontífice, «o neste trecho Senhor chamamos assim: “Vinde, tomemos um café juntos, falemos, discutamos, não tendes medo, não vos quero fustigar”». E «dado que o filho pensa: “eu fiz coisas...”, imediatamente acrescenta: «Mesmo se os teus pecados fossem da cor do sangue, tornar-se-ão brancos como a neve. Se fossem vermelhos púrpura tornar-se-ão como lã». Em síntese, «o Senhor dá confiança, como o pai a dá ao filho adolescente».

Francisco observou que «muitas vezes o Senhor nos chama assim». E referiu-se a um episódio evangélico, quando Jesus diz: «Zaqueu, desce, vem comigo que eu quero comer em tua casa!». E naquela ocasião «Zaqueu chama todos os seus amigos — que não eram exatamente da Ação católica! — mas chama todos e eles ouvem o Senhor». Precisamente «com aquele gesto de confiança o Senhor aproxima-os do perdão e muda o coração deles».

Jesus praticou o mesmo sistema com Mateus, dizendo-lhe: «Tenho que ir a tua casa». Eis que «o Senhor procura sempre a maneira»; ao contrário «outras vezes adverte: “não, malditos, vós não fizestes isto e aquilo...”». É uma advertência «forte, mas também na nossa vida o Senhor assume esta atitude de pai com o filho adolescente, procurando mostrar-lhe com a persuasão que tem que dar um passo em frente: dar um passo no caminho de conversão».

«Agradeçamos ao Senhor a sua bondade» disse Francisco, explicando que «ele não nos quer fustigar nem condenar: deu a sua vida por nós e esta é a sua bondade e procura sempre o modo para chegar ao coração». Por este motivo, afirmou, «quando nós sacerdotes, no lugar do Senhor, temos que ouvir as conversões, também nós devemos ter esta atitude de bondade, como diz o Senhor: “Vinde, falemos, não há problema, há perdão». E «não a ameaça, desde o início».

A este propósito o Papa confidenciou que se «comoveu há alguns dias quando um cardeal que confessa várias vezes por semana, à tarde em Santo Espírito in Sassia — faz duas horas de confissão, todos os dias — me contou qual é a sua atitude: “Quando me apercebo que uma pessoa tem

dificuldade de dizer alguma coisa, que se percebe que é muito grave, e eu entendo imediatamente qual é, digo: entendi, está bem, outra coisa?”». E esta atitude, fez presente Francisco, «abre o coração e a outra pessoa sente-se em paz e vai em frente e prossegue o diálogo».

E é também isto que o Senhor faz connosco: «Vinde, discutamos, falemos; tomai o recibo do perdão, há perdão; agora falemos um pouco para que não façais outra parvoíce». «A mim ajuda ver esta atitude do Senhor: o pai com o filho que pensa que é adulto, que pensa ser maduro mas ainda está a meio do caminho». E «o Senhor sabe que todos nós estamos a meio do caminho e muitas vezes precisamos disto, de ouvir esta palavra: “Vem, não te assustes, vem, há perdão”». E concluiu, isto «encoraja-nos: ir ter com o Senhor, de coração aberto, é o pai que nos aguarda».

Conversão do pensamento

Segunda-feira, 5 de março de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 11 de 15 de março de 2018

«Converter o pensamento», além das «obras e dos sentimentos», para «mudar o estilo de pensar» na convicção de que «a fé não é um espetáculo»: eis a sugestão proposta pelo Papa Francisco para a Quaresma. Porque, afirmou, «é importante não só o que penso mas como penso». «Neste tempo de Quaresma, tempo de conversão, hoje a Igreja faz-nos refletir sobre a conversão do pensamento» observou o Pontífice. Sim «também o pensamento deve converter-se: não só pelo que se pensa mas pelo modo como se pensa». E assim precisamente «também o estilo de pensamento deve converter-se».

De resto, afirmou Francisco, «a Igreja diz-nos que as nossas obras devem converter-se e fala-nos do jejum, da esmola, da penitência: é uma conversão das obras». Trata-se substancialmente, disse o Papa, de «praticar obras novas, com o estilo cristão, o estilo que vem das Bem-aventuranças» como são apresentadas por Mateus no capítulo 25 do seu Evangelho. Portanto, é preciso aplicar à nossa vida o estilo das bem-aventuranças.

Mas «a Igreja fala-nos também da conversão dos sentimentos» explicou Francisco, porque «também os sentimentos devem converter-se: pensemos por exemplo na parábola do bom samaritano» que nos chama a «converter-nos à compaixão».

Portanto, «sentimentos cristãos», afirmou o Papa, juntamente com a «conversão das obras, dos sentimentos mas, hoje» a Igreja «fala-nos da “conversão do pensamento”: não do que pensamos mas também do modo como pensamos, do estilo do pensamento». Desta forma convém questionar-se: «Penso com um estilo cristão ou com um estilo pagão?».

Precisamente «esta é a mensagem que hoje a Igreja nos transmite» observou o Pontífice, referindo-se às «duas histórias» propostas pela liturgia

que «nos ajudam a compreender. Antes de tudo, explicou refletindo sobre o trecho bíblico tirado do segundo livro dos Reis (5, 1-15), «Naaman, o sírio, que vai ter com Eliseu para ser curado», mas «quando ouve o que o profeta lhe diz para fazer, irrita-se, indigna-se e quer retirar-se sem o fazer» dizendo «é uma brincadeira, ele zomba de mim, nós temos rios mais bonitos do que este Jordão». E explicou Francisco, «serão os servos, que têm um sentido da realidade muitas vezes mais correto, que lhe disseram “experimenta”», a imergir-te sete vezes no rio Jordão para te curares da lepra.

A questão, afirmou o Papa, é que Naaman «esperava o espetáculo, pensava que Deus viesse só no espetáculo e, dentro do espetáculo» esperava também «a cura». Com efeito, lê-se no trecho bíblico que às palavras de Eliseu «Naaman despeitado retirou-se dizendo “pensava que ele viria receber-me e diante de mim invocaria o Senhor, seu Deus, colocaria a sua mão no lugar infetado pela lepra e curar-me-ia”».

Mas «o estilo de Deus é outro: cura de outro modo» advertiu o Pontífice. E «devemos aprender a pensar num novo estilo», «Devemos converter a maneira de pensar».

«O mesmo acontece com Jesus» explicou Francisco em relação ao trecho evangélico de Lucas (4, 24-30): «Jesus volta a Nazaré, vai à sinagoga e como era costume, oferecem-lhe o livro para o ler e ele lê aquele excerto de Isaías e por fim diz: “Hoje esta palavra foi realizada aqui, cumpriu-se”».

Em particular, afirmou o Papa, «o texto antes daquele de hoje, a primeira parte, diz que as pessoas olhavam para ele, estavam admiradas — «que bom, o que diz, que bom!» — estavam contentes». Mas, prosseguiu, «nunca falta um mexeriqueiro que começa a dizer “este é o filho do carpinteiro, o que nos ensina, em qual universidade estudou?” — «Sim, é o filho de José». E assim, disse Francisco, «começaram a trocar as opiniões e a atitude das pessoas muda: querem matá-lo». Passa-se «da admiração, do espanto, para a vontade de o matar».

O facto, prosseguiu o Papa, é que «também eles» que estavam na sinagoga de Nazaré «queriam o espetáculo» por parte de Jesus e com efeito diziam «que faça alguns milagres, como dizem que fez na Galileia, e nós acreditaremos». Eis, ao contrário, que Jesus explica como estão as coisas: «Em verdade vos digo: nenhum profeta é bem aceite na sua pátria».

Na realidade, observou o Papa, «nós não queremos dizer que algum de nós pode corrigir-nos: deve vir alguém com o espetáculo para nos corrigir». Mas «a religião não é um espetáculo, a fé não é um espetáculo: é a palavra de Deus e o Espírito Santo que age nos corações».

«A Igreja hoje convida-nos a mudar o modo de pensar, o estilo de pensar» insistiu o Pontífice. A ponto que «poderás recitar o Credo inteiro inclusive todos os dogmas da Igreja, mas se não o fizeres com o espírito cristão de nada serve». Porque «não só é importante o que penso mas o modo como penso». Então, sugeriu Francisco, perguntemo-nos «com qual espírito pensamos: com espírito cristão ou com espírito mundano?». E «o mesmo pensamento tem um valor muito diverso tanto de um lado como do outro».

Eis a importância da «conversão do pensamento», do «pensar como cristão». E «o Evangelho está cheio disto»: por exemplo «quando Jesus diz continuamente “foi-vos dito aquilo, mas eu digo-vos isto” muda o estilo do pensamento». Acontece o mesmo «quando diz ao povo, falando dos doutores da lei, “fazei o que vos dizem mas não o que fazem; acreditai em tudo o que vos ensinam mas não no seu modo de acreditar”». Precisamente esta é «a conversão do pensamento».

Na realidade, reconheceu Francisco, «não é habitual que nós pensemos deste modo» e por esta razão «também o modo de pensar, a maneira de acreditar deve ser convertida». Concretamente o Papa propôs algumas questões a si mesmo: «Com qual espírito eu penso? Com o espírito do Senhor ou com o espírito próprio, o espírito da comunidade, do grupinho, da classe social ou do partido político ao qual pertenço? Com qual espírito eu penso?». Desta forma, verificando «se penso deveras com o espírito de Deus, devo pedir a graça de discernir quando penso com o espírito do

mundo e quando penso com o espírito de Deus». E por isso, concluiu Francisco, é importante pedir a Deus também «a graça da conversão do pensamento».

Perdoar para ser perdoado

Terça-feira, 6 de março de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 11 de 15 de março de 2018

«Infelizmente» e «contanto que»: com estas duas expressões o Papa Francisco explicou o que significa e como se vive deveras e totalmente o perdão. O Pontífice sugeriu que não tenhamos vergonha de nos acusarmos de ser pecadores «infelizmente». E recordou que o Senhor está sempre pronto a perdoar-nos «contanto que» perdoemos os outros.

«Sempre neste caminho de conversão que é a Quaresma hoje a Igreja faz-nos refletir sobre o perdão» observou o Papa, perguntando-se: «O que é o perdão? De onde vem ele?». Para responder a estas questões Francisco inspirou-se nas «duas leituras de hoje» que, disse, «podemos explicar com duas palavras simples: infelizmente e contanto que». São precisamente estas «as duas palavras da mensagem hodierna».

Na primeira leitura tirada do livro de Daniel (3, 25.34-43) «Azarias, de pé, no meio das chamas, fez esta prece: “Por amor do vosso nome não nos abandoneis para sempre”». Azarias «estava no meio das chamas porque não quis adorar o ídolo: adorava apenas Deus». E, com efeito, «ele não repreende Deus, não diz: “Olhai, expus-me por vossa causa, e vós assim me pagais?”». Portanto Azarias «não diz isto; vai à raiz» e pergunta: «Por que acontece isto a mim e ao nosso povo? Porque pecámos. Vós sois grande, Senhor, sois grande. Salvastes-nos sempre mas, infelizmente, pecámos. Queríamos servir-vos mas, infelizmente, somos pecadores».

Precisamente «naquele momento — disse o Pontífice — Azarias confessa o próprio pecado: o pecado do povo. Acusa-se a si mesmo». E, de facto, «acusarmo-nos a nós mesmos é o primeiro passo para o perdão: “Senhor, não nos priveis da vossa misericórdia. Estamos reduzidos a nada. Apesar disso, que a contrição do nosso coração e a humilhação do nosso espírito nos façam bom acolhimento junto de vós, Senhor!”». Eis, portanto, a acusação a si mesmo: «Pecámos, vós sois grande, infelizmente pequei».

«Acusar-se a si mesmo faz parte da sabedoria cristã», insistiu o Papa. Certamente não é sabedoria cristã «acusar os outros». Ao contrário, é preciso acusar-se «a si mesmo» e afirmar: «pequei». E «quando nos aproximarmos do sacramento da penitência», sugeriu Francisco, é preciso «ter isto em mente: Deus é grande e concedeu-nos muitas graças mas infelizmente eu pequei, ofendi o Senhor e peço salvação». Mas «se vou ao sacramento da confissão, da penitência e começo a falar dos pecados dos outros, não sei o que procuro», afirmou o Papa: certamente «não busco o perdão». Aliás «procuro justificar-me e ninguém se pode justificar a si mesmo, só Deus nos justifica».

«Recordo — confidenciou Francisco — aquela anedota histórica de uma senhora que se aproximou do confessor e começou a falar da sogra: sobre o comportamento da sogra e como a fazia sofrer». «Passados quinze minutos o confessor disse-lhe: “Senhora, está bem, confessou os pecados da sua sogra, agora confesse os seus”».

«Muitas vezes vamos pedir perdão ao Senhor justificando-nos, vendo o que de mau fizeram os outros», afirmou o Pontífice. Mas a atitude correta é reconhecer que, «infelizmente, pequei». Resumindo, «acusar-se a si mesmo». Isto «agrada ao Senhor, porque o Senhor recebe o coração contrito». A tal propósito são claras as palavras de Azarias: «Não há desilusão para quantos confiam em vós». Porque «o coração contrito diz a verdade ao Senhor: “Senhor, cometi um pecado contra vós”». Mas «o Senhor tapa-lhe a boca, como o pai ao filho pródigo, não o deixa falar: o seu amor cobre-o, perdoa tudo».

Portanto, «acusar-nos a nós mesmos». «Quando vou confessar, o que faço? Justifico-me ou acuso-me?» foi a pergunta formulada por Francisco. Com a sugestão de «não sentir vergonha, ele justifica-nos: “Senhor, sois grande, concedestes-me tantas graças mas infelizmente, pequei”».

«O Senhor perdoa-nos, sempre e não uma só vez», afirmou o Pontífice. «A nós — acrescentou — diz para perdoar setenta vezes sete, sempre, porque ele perdoa sempre: “Perdoo-te, contanto que perdoes os outros”». Referindo-se ao trecho evangélico de Mateus (18, 21-35), o Papa observou

que «se tu fores pedir perdão ao Senhor como este empregado, o Senhor perdoa! Mas depois se o empregado não perdoar o seu colega...». Assim, acrescentou, «o perdão de Deus chega até nós com força, contanto que perdoemos os outros». Mas, advertiu Francisco, «isto não é fácil porque o rancor faz um ninho no nosso coração e permanece aquela amargura». De facto «muitas vezes trazemos em nós a lista do que nos fizeram: fez-me aquilo, fez-me isto». Sem perdoar.

«Um confessor — prosseguiu o Pontífice partilhando outra recordação — disse-me certa vez que se sentiu em dificuldade quando foi administrar os sacramentos a uma idosa que estava para morrer. Confessou os seus pecados e até contou histórias de família. E o sacerdote disse: “Mas a Senhora perdoa estes familiares?” — “Não, não perdo”». A mulher, afirmou o Papa, estava«apegada ao ódio, o diabo tinha-a acorrentado àquele ódio». E desta forma «aquela idosa — idosa! — que estava para morrer dizia: “não perdo”». O confessor, disse Francisco, procurou falar-lhe de Jesus, que era bom e ela respondia que sim, era bom e assim falando, falando, disse-lhe: “Mas a senhora acredita que Jesus é bom?” — “sim, sim”». E o confessor «concedeu a absolvição, mas o ódio escravizava-a».

«Perdoo-te, contanto que perdoes os outros: estas são as duas situações que nos ajudarão a compreender o caminho do perdão» concluiu o Pontífice. E depois devemos «glorificar Deus: “Sois grande, Senhor, concedestes-me muitas graças, mas infelizmente pequei. Perdoai-me” — “Sim, perdoo-te, setenta vezes sete, contanto que perdoes os outros”». Que «o Senhor — acrescentou — nos faça entender tudo isto».

Jesus repreende aqueles que param

Segunda-feira, 12 de março de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 12 de 22 de março de 2018

Saber «arriscar», não se contentar com as «entradas», mas superar as tibiezas a fim de «compreender os sinais e ir além» no próprio percurso de fé para não permanecer «parado», «estacionado» na «mediocridade»: eis o perfil do cristão traçado pelo Papa.

«Os galileus acolheram Jesus porque tinham ouvido falar sobre os numerosos milagres que ele tinha feito em outros lugares e pensaram: «ele vai fazer de igual modo connosco, far-nos-á bem: que venha, far-nos-á bem a todos»» afirmou Francisco referindo-se ao trecho do Evangelho de João (4, 43-54) proposto pela liturgia. Assim, observou o Papa, quando aquele funcionário do rei na Galileia «se aproximou pedindo ajuda para o filho doente, parece que Jesus perde a paciência», a ponto de lhe dizer: «Se não virdes milagres e prodígios, não credes». Em síntese, «ele repreende» o facto de que «o principal sinal é o prodígio» e que «com isto» todos estão «contentes» e só desta forma acreditam. Contudo, diz o Senhor, «não ides a outras partes, não caminheis para outros sítios: onde está a vossa fé?». Porque, explicou Francisco, «ver um milagre, um prodígio e dizer “tu tens o poder, tu és Deus” é sem dúvida um ato de fé, mas muito pequenino». Aliás, explicou o Papa, observando Jesus «é evidente que este homem tem um grande poder, mas ali começa a fé e depois deve ir em frente: onde está o teu desejo de Deus?». Porque «a fé é isto: ter o desejo de encontrar Deus, de o encontrar, de estar com ele, de ser feliz com ele».

A primeira leitura, afirmou o Pontífice referindo-se ao trecho do profeta Isaías (65, 17-21), «ajuda-nos a entender o que faz o Senhor, qual é o grande milagre do Senhor». Na realidade «o que Jesus fez é um início, é um sinal; mas qual é o milagre? Em que devemos acreditar, sem ver sinais?». É o Senhor que o explica: «Pois eu vou criar novos céus, e uma nova terra; (...) serão experimentadas a alegria e a felicidade eterna daquilo que vou

criar. Pois vou criar uma Jerusalém destinada à alegria, e o seu povo ao júbilo». Portanto, prosseguiu o Papa, «o Senhor estimula em nós este desejo de alegria, esta alegria de estarmos com ele». E «Jesus repreende aqueles que param — “sim, acredito” — e não vão em frente».

Assim «quando o Senhor passa na nossa vida e faz um milagre em cada um de nós, todos sabemos o que o Senhor fez na nossa vida, mas não é tudo: este é o convite a ir em frente, a continuar a caminhar, a “procurar o rosto de Deus” diz o salmo, a procurar esta alegria». O sinal é «o início e compreende-se que Jesus é um pouco impaciente — não quero dizer que se chateia, mas é impaciente — quando vê que as pessoas param ao primeiro passo».

«A mim — confidenciou Francisco — acontece refletir sobre o que pensa Jesus, o que sente Jesus em relação aos cristãos que não caminham, que não vão além, que param ao primeiro passo, à primeira graça recebida». Em síntese, o que pensa Jesus diante de um cristão que diz: «Sim, estou bem sucedido, levo em frente uma boa vida cristã, vou a missa aos domingos, confesso-me todos os meses, faço algumas obras de caridade, tudo bem e paro ali?». Porque, insistiu o Papa, «há muitos cristãos parados que não caminham, cristãos estagnados nas coisas do dia a dia — bons, bons! — mas não crescem, permanecem pequeninos». São «cristãos estacionados», que «se estacionam, cristãos engaiolados que não sabem voar sonhando a beleza para a qual o Senhor nos chama».

Eis que, sugeriu o Pontífice, «cada um de nós pode questionar-se: Como é o meu desejo? Sinto-me satisfeito no desejo com a vida que levo em diante ou procuro levar por diante, mesmo com dificuldade, com algumas provações, cada vez mais, mais, mais, porque o Senhor é este mais, mais, mais?».

E «é esta alegria, este gozar juntos e espera-nos com isto». Portanto, prosseguiu o Papa, é bom perguntar-se: «Procuro o Senhor deste modo ou tenho medo ou sou medíocre?». Há a tentação de responder: «estou satisfeito com isto...», precisamente «como aquele homem que vai ao banquete, que se sacia com as entradas e depois volta para casa: estulto, tu

não sabes que o melhor vem depois!». E não faz sentido dizer que «para mim as entradas são suficientes».

«Preservar o próprio desejo, despertá-lo: este é o título de uma bonita carta que há algumas semanas um bispo italiano escreveu aos seus sacerdotes». Este «preservar o próprio desejo», significa «não se instalar demasiado, ir um pouco em frente, arriscar».

Pois «o verdadeiro cristão arrisca, sai da segurança» recordou o Pontífice repetindo as palavras bíblicas: «Pois eu vou criar novos céus, e uma nova terra; (...) serão experimentadas a alegria e a felicidade eterna daquilo que vou criar. Pois vou criar uma Jerusalém destinada à alegria, e o seu povo ao júbilo». E se «é isto o que nos espera», então será oportuno perguntar se «caminho rumo a isto ou permaneço assim, túbio, sem força». E ainda, «qual é a medida do meu desejo: as entradas ou o banquete inteiro?».

Na conclusão, Francisco convidou a meditar sobre esta verdade. «E peçamos ao Senhor — exortou — a graça da magnanimidade, de arriscar, de ir em frente: que o Senhor nos dê esta graça».

Face a face com Deus

Quinta-feira, 15 de março de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 12 de 22 de março de 2018

Quantas vezes acontece que a um cristão seja perguntado: “Rezas por mim”? E quantas vezes nos empenhamos a fazê-lo, conscientes do que isto realmente significa? Com efeito, para se pôr diante de Deus, «face a face» com Ele, para «bater à porta do seu coração», são necessárias grande «coragem» e igual «paciência». E uma «liberdade» interior que não se pode dar por certa, frisou o Papa, inspirando-se na primeira leitura do dia (Êx 32, 7-14).

O Pontífice repercorreu com grande atenção, ponto por ponto, o trecho bíblico no qual é apresentado um «diálogo entre Deus e Moisés» que discutem sobre «um problema que Moisés devia resolver»: ou seja, que o povo de Israel tinha construído para si um bezerro de ouro para o adorar. O Papa realçou: «O Senhor estava um pouco impaciente: irou-se contra o seu povo e no fim disse: “Fica tranquilo, eu resolvo esta questão, porque o teu povo se perverteu. E este povo tem a cerviz dura”, diz o Senhor. “Pois bem, deixa que a minha ira se acenda contra eles e que os devore. De ti, ao contrário, farei uma grande nação”». Portanto, encontramos-nos diante de uma posição dura do Senhor que «quer resolver este problema da apostasia do povo».

Antes de tudo, Francisco observou que Moisés fica surpreendido com as «duas propostas» de Deus: «Destruirei o povo: mas tu fica tranquilo. De ti, ao contrário, farei uma grande nação». Uma situação absolutamente particular para ele. A este propósito, a fim de facilitar a compreensão, o Papa sugeriu um exemplo tirado da «vida quotidiana». Com efeito, pode acontecer que «a um dirigente, a uma pessoa que tem responsabilidade numa empresa, num governo, numa firma, face a uma situação negativa, se perspetive a punição para muitos, e que este dirigente imaginário aceite em troca de algo para si mesmo («Está bem: quanto me dás?»). É, explicou o

Papa, a «lógica do suborno», deixar fazer algo, contanto que se obtenha uma vantagem.

No diálogo com Moisés, o Senhor propõe-lhe uma alternativa: «Deixemos fazer isso, e a ti pago com isto: far-te-ei chefe de um grande povo!». Utilizando uma hipérbole, Francisco disse: «...quase um suborno!», para sublinhar a tomada de posição desnorteante para Moisés que, no entanto, tem uma reação iluminadora. Com efeito, este último «amava o Senhor: diz a Bíblia que falava cara a cara, como um homem com o seu amigo». E evidenciou como é «bom ouvir isto!», porque faz compreender que ele «tinha liberdade perante o Senhor». Uma liberdade que lhe permite «reagir»: com efeito, ele «suplicou» a Deus, ou seja, fez «uma prece de intercessão».

Precisamente sobre este tipo de oração meditou o Papa, consciente de que «não é fácil rezar pelos outros. E explicou que a quem pede: «Por favor, reza por mim, que tenho isto...», não se pode prometer oração e resolver tudo com «um Pai-Nosso e uma Ave-Maria» e depois esquecer-se. «Não: tu dizes que vai rezar pelo outro, a prece de intercessão empenha-te, como Moisés está comprometido com o seu povo». Moisés até com coragem — mas, disse Francisco, «é preciso ter coragem, não é? Mas a prece de intercessão exige coragem! Devemos dizer as coisas a Deus na cara...» — «refresca a memória a Deus» e objeta: «Senhor, ouve um pouco: a tua ira acender-se-á contra o teu povo... Tu, que o fizeste sair da terra do Egito com grande força e com mão poderosa»; e diz-lhe: «Tu fizeste tudo isto e agora destruirás tudo? Senhor, isto não é correto!».

Antes de tudo, é preciso observar que Moisés apresenta «argumentações». Francisco resumiu o discurso dirigido ao Senhor deste modo: «Pensa na má figura que farás, porque os egípcios dirão: “Fizeste-os sair com malícia, para os deixar morrer no meio das montanhas, levando-os a desaparecer da terra?”», e ainda: «Tu és o Deus da bondade e farás uma má figura diante dos egípcios... Não, Senhor, assim não pode ser!». E procura convencê-lo. Depois, insiste: «Desiste, Senhor, do ardor da tua ira; abandona este propósito de praticar o mal contra o teu povo». Ou seja: «Não faças esta má figura: recorda-te que Tu libertaste o povo». E, como se

tivesse «medo de que as argumentações não fossem suficientes», acrescenta: «Senhor, recorda-te também: recorda-te de Abraão, Isaac, Israel, teus servos, aos quais juraste por ti mesmo, dizendo: “Tornarei a vossa posteridade tão numerosa como as estrelas do céu e toda a terra da qual falei, dá-la-ei aos vossos descendentes, que a possuirão para sempre”. Recorda-te disto!».

Moisés, explicou o Pontífice, «apela-se à memória de Deus» e, é importante observar isto, «envolve-se». A ponto que — narra-se noutro trecho do Êxodo (32, 32) — diz: «E no final, Senhor, se quiseres eliminar este povo da terra, elimina também a mim».

Precisamente esta é a característica da «prece de intercessão: uma oração que argumenta», que tem a coragem de dizer as coisas «na cara do Senhor»; uma prece «paciente». Com efeito, acrescentou o Papa, «é preciso ter paciência: não podemos prometer a alguém que rezaremos por ele e depois limitar-nos a um Pai-Nosso e a uma Ave-Maria, e ir embora. Não! Se dizes que rezarás pelo outro, debes ir por este caminho. É preciso ter paciência». Trata-se da «mesma paciência da cananeia»: com efeito, a mulher pode até «sentir-se insultada por Jesus», mas «vai em frente, quer alcançar aquilo e prossegue». E é a mesma paciência insistente da mulher «que ia ter com o juiz iníquo, e um dia o juiz cansou-se e disse: “Não dou importância alguma a Deus, nem aos homens, mas para me livrar dela, farei o que me pede”, e a viúva venceu». É preciso, concluiu Francisco acrescentando outro exemplo, ter «constância, paciência de ir em frente. A paciência daquele cego à saída de Jericó: gritava tanto que o queriam silenciar... Mas clamava! E no fim, o Senhor ouviu-o e pediu que o trouxessem a Ele».

Portanto, resumindo, «para a prece de intercessão são necessárias duas coisas: coragem, ou seja, parrésia, coragem e paciência. Se eu quiser que o Senhor me ouça, devo insistir, bater à porta do coração de Deus», e fazê-lo «porque o meu coração está arrebatado por isto! Mas se o meu coração não se deixar interpelar por aquela necessidade, por aquela pessoa pela qual devo rezar, nem sequer será capaz de ter coragem e paciência».

Naturalmente, prosseguiu, é necessário ter uma «grande liberdade», como aquela que Moisés se permite. A ponto que se poderia pensar: «Mas Moisés foi mal-educado» ao rejeitar a proposta de Deus. Ao contrário, embora respeite a Deus, Moisés não falta ao «seu amor pelo povo. E isto agrada a Deus». Então, acontece que «quando Deus vê uma alma, uma pessoa que reza insistentemente por algo, Ele comove-se» e «concede a graça».

De tudo isto surge o conselho para cada cristão que se encontra numa situação semelhante. Seria bom interrogar-se: «Quando me pedem para ajudar com a oração a resolver um problema, uma situação difícil, uma dor na família, deixo-me envolver por isto?». Pois se não formos capazes disto, é melhor dizer «a verdade» e confessar: «Não posso rezar, direi apenas um Pai-Nosso». Se, ao contrário, nos comprometermos e dissermos: «Rezarei», sugeriu o Pontífice, o «caminho da prece de intercessão» é bem claro: «empenha-te, luta, vai em frente, jejua, pensa em David, quando o menino adoeceu: jejum, oração para alcançar a graça da cura da criança. Lutou com Deus. Não conseguiu vencer, mas o seu coração estava tranquilo: arriscou a própria vida pelo filho».

Por isso, concluiu o Papa, é preciso pedir ao Senhor «a graça de rezar diante de Deus com liberdade, como filhos; de orar com insistência, de rezar com paciência. Mas sobretudo, rezar consciente de que falo com o meu Pai, e que o meu Pai me ouvirá».

Para superar o deserto

Terça-feira, 20 de março de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 13 de 29 de março de 2018

«Que a palavra de Deus nos ensine hoje este caminho: olhar para o crucifixo. Sobretudo no momento em que, como o povo de Deus, nos cansamos da viagem da vida», desejou o Papa comentando a primeira leitura, tirada do livro dos Números (21, 4-9).

O trecho, disse Francisco, narra um «momento de desolação, até de depressão do povo de Deus»: um povo que «caminhava no deserto», submetido à «prova da fome». Então, o Senhor «respondeu com o maná», mas os membros do povo «queriam carne, e Deus respondeu enviando codornizes». E depois, prosseguiu o Pontífice reconstruindo a cena bíblica, «faltava água e Deus respondeu sempre com a água. Mas eles cansavam-se de caminhar, andar, e rezavam ao Senhor». Portanto, «não eram maus, mas havia o cansaço de uma viagem longa, sem ver o fim». E até quando «chegaram perto da terra da qual deviam tomar posse, e Moisés enviou exploradores para ver como era» o povo que a habitava, eles «voltaram admirados» descrevendo «um povo cheio de riquezas, frutas, animais».

Em síntese, eram «entusiastas» e como prova «trouxeram também um grande cacho de uvas». Mas dado que os habitantes da terra prometida eram «pessoas fortes e altas», alguns membros do povo de Moisés, «um pouco céticos, queriam equilibrar a situação», e sugeriam que estivessem atentos, porque, diziam: «Estão bem armados, são mais fortes do que nós». Em suma, expuseram «todas as razões do perigo de ir para lá». E ao fazê-lo, observou o Papa, «consideravam a própria força, esquecendo-se da força do Senhor que os tinha libertado da escravidão de quatrocentos anos». Na realidade, «esquecem-se dos favores do Senhor. E começam a dizer: “Não vamos, matar-nos-ão, comer-nos-ão crus”; depois, a queixa e esta frase: “O povo não suportou a viagem”».

Atualizando a reflexão, o Papa comparou tudo isto com o tempo da vida em que «dizemos: “Basta!”»: como as «pessoas que começam uma vida para seguir o Senhor, para estar perto do Senhor», mas num dado momento parecem deixar-se superar pelas provações e dizem: «Basta! Paro, volto atrás». A propósito, o Pontífice observou o papel desempenhado pelas ilusões — «pensai no Egito, quanta carne, quantas cebolas, quantas coisas boas comíamos; comidas saborosas... nada faltava!» — exortando a ver «a parcialidade desta memória doentia, desta nostalgia deturpada: “Comíeis tudo aquilo, mas à mesa da escravidão”: tinham esquecido isto».

De resto, frisou com ênfase Francisco, «são estas as ilusões que sugere o diabo: faz-te ver a beleza de algo que deixaste, da qual te converteste no momento da desolação do caminho, quando ainda não alcançaste a promessa do Senhor». E «é um pouco assim o caminho da Quaresma», observou, acrescentando: «podemos conceber a vida como uma Quaresma», pois «há sempre provações e consolações do Senhor, há o maná, a água, os pássaros que nos servem de alimento...»; e não obstante isto, «essa refeição» do passado «era melhor». Mas «não te esqueças que a comias à mesa da escravidão!».

Portanto, voltando ao trecho bíblico, o Papa recordou que o povo protestava contra Deus e Moisés: «Por que nos fizestes sair do Egito, para nos deixar morrer no deserto? Pois não há pão nem água e estamos enjoados desta comida tão ligeira!». Parece até, comentou, que queriam «um cozinheiro que lhes preparasse algo saboroso». E esta, admoestou Francisco, «não é uma ilusão: isto acontece com todos nós, quando queremos seguir o Senhor mas nos cansamos».

Em tudo isto, perguntou o Papa, «o que é pior? Que o povo falou mal de Deus», foi a resposta. Moisés «julgava que falassem mal só dele, mas Deus disse-lhes claramente: “Não erres: não é contra ti, mas contra mim!”». E aqui é introduzida «a figura das serpentes», porque «falar mal de Deus é envenenar a própria alma: “Este Deus deixou-me só”; talvez não o digamos, mas sentimos-lo: “não me ajuda... tantas provações... este caminho árido, tudo está errado...”». Assim chegam «a desilusão do Deus que nos prometeu tanto» e «a falta de perseverança no caminho: “Paro aqui” —

“Mas que farás aqui?” — “Não sei, se eu puder voltar, caso contrário, fico...”. O coração deprimido, envenenado». Com efeito, «as serpentes são» precisamente «o símbolo do envenenamento, da falta de constância no seguimento do caminho do Senhor».

Eis, então, que «Moisés intercede: “Senhor, que fazemos com este povo?”», pergunta-lhe, visto que o patriarca «falava assim com o Senhor. A Bíblia diz: “Como entre amigos, cara a cara”». A ponto que se poderia dizer: «Negociava com o Senhor. Era esperto, bom, santo. E o Senhor diz-lhe: “Faz uma serpente...”».

Dado que «esta serpente curava todos aqueles que tinham sido mordidos, atacados pelas serpentes, por ter falado mal de Deus», ele «era profético: era a figura de Cristo na cruz». O próprio Jesus diz isto no Evangelho do dia (Jo 8, 21-30): «Quando elevardes o Filho do Homem, sabereis quem sou». Portanto, o crucifixo erguido «com a serpente. Eis — resumiu o Pontífice — a chave da nossa salvação, a chave da nossa paciência no caminho da vida, a chave para superar os nossos desertos: olhar para o crucifixo. Fitar Cristo crucificado». A propósito, o celebrante imaginou um diálogo entre um crente e o seu diretor espiritual: «Que devo fazer, padre?» — «Olhai para ele. Fitai as chagas. Entrai nas feridas. Fomos curados por aquelas chagas. Sentes-te envenenado, triste, sentes que a tua vida não corre bem, está cheia de dificuldades e até de doenças? Olha ali. Em silêncio. Olha. Em tais momentos fita o crucifixo miserável, ou seja, real: pois os artistas fizeram crucifixos bonitos, criativos, alguns até de ouro, com pedras preciosas. Nem sempre é mundanidade: ele quer significar a glória da cruz, a glória da ressurreição. Mas quando te sentires assim, olha para isto: antes da glória».

E a tal propósito, o Papa confidenciou uma recordação pessoal: «Quando eu era criança — não sei se contei isto — certa vez, numa sexta-feira santa, fazia-se a procissão das velas na paróquia, e a avó acompanhava todos. E vinha o Cristo deitado, em dimensões naturais, de mármore». Quando a procissão passava «nós ficávamos sempre, todos os anos, na plataforma, porque naquela rua o elétrico ia em duas direções. E a avó pedia que nos ajoelhássemos: “Olha bem para Ele: amanhã ressuscitará!”». Com

efeito, naquela época, antes da reforma litúrgica de Pio XII, a ressurreição celebrava-se na manhã de sábado, não aos domingos. E depois a própria avó, na manhã de sábado, quando se ouviam os sinos da ressurreição», convidava-nos «a lavar os olhos com água, para ver a glória de Cristo. Fazia-nos ver ambos».

Eis a exortação conclusiva do Papa: «Ensinai os vossos filhos a ver» ambos, quer o crucifixo, quer a glória de Cristo. Com um esclarecimento: sobretudo «nos momentos duros, difíceis, um pouco envenenados por ter manifestado no nosso coração alguma desilusão contra Deus», é preciso fitar especialmente «as chagas, Cristo elevado como a serpente: porque Ele se fez serpente, aniquilando-se inteiramente para derrotar “a” serpente maligna».

Deus ama cada um como um pai e como uma mãe

Quinta-feira, 22 de março de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 13 de 29 de março de 2018

Deus ama cada um de nós «como um pai e como uma mãe»: para recordar isto, o Papa Francisco sugeriu a imagem daquela flor delicada, chamada precisamente «não-me-esqueças» que na Argentina se oferece às mães no dia da sua festa: «azul clara, se a mãe está viva; e roxa se a mãe já faleceu». Pois exatamente «como uma mãe», Deus, «fiel na esperança», nunca se esquece dos seus filhos, afirmou o Pontífice.

«Já próximos da semana santa — observou o Papa — a Igreja leva-nos a meditar sobre o Senhor que não se esquece, sobre o nosso Deus fiel». E com efeito, «repetimos no salmo (104): “O Senhor recorda-se sempre da sua aliança”». O Senhor, insistiu o Pontífice, «nunca se esquece, porque é fiel, não pode deixar de ser fiel: Ele é a fidelidade».

«A primeira leitura — explicou Francisco, referindo-se ao livro do Génesis (17, 3-9) — narra a mudança de nome de Abraão, quando o Senhor lhe diz: “Eis a aliança que faço contigo”». Portanto, Deus não fará uma aliança «com aqueles, não: contigo». Eis, então, que «o Senhor faz uma aliança com Abraão, uma aliança que se alargará, se prolongará; na história, tornar-se-á um povo: um povo que cometeu muitas faltas».

De resto, «conhecemos os pecados do povo», afirmou o Papa: «Muitas vezes, no deserto, após a libertação do Egito, a idolatria, as faltas cometidas pelo povo». Contudo, «o Senhor é fiel». E «esta é a imagem que a Igreja quer de nós no início da semana santa: iremos a caminho com o Senhor fiel, que nos escolheu, que me escolheu e não se esquece de mim, porque tem um amor visceral, que não deixa esquecer-se dele». Precisamente «esta é a fidelidade de Deus».

«Na minha terra — confidenciou Francisco — existe uma flor muito pequenina, que se oferece às mães no dia» da sua festa «e tem duas cores:

uma azul-clara para as mães vivas, e uma roxa para as mães defuntas». Sim, esta flor «tem duas cores e chama-se “no me olvides” – não-me-esqueças, não te esqueças de mim».

Precisamente «este é o amor de Deus, como o da mãe: Deus não se esquece de nós, nunca, não pode, é fiel à sua aliança». Sem dúvida, acrescentou, «isto dá-me segurança» a ponto que «de nós podemos dizer: “A minha vida é tão árdua, enfrento esta dificuldade, sou um pecador, uma pecadora”». Mas «Ele não se esquece de ti, porque tem um amor visceral, é pai e mãe: eis a questão». E é «com este amor que entramos na semana santa».

«Depois, esta fidelidade de Deus leva-nos à alegria», explicou o Pontífice, repropoendo o conteúdo do trecho evangélico de João (8, 51-59), sugerido hoje pela liturgia: foi exatamente «o que Jesus respondeu aos judeus: “Abraão viu o meu dia, exultou na esperança”». Portanto, «a nossa alegria é exultar na esperança». Talvez «por eu ser bom? Não, porque Ele é fiel».

«Exultar na esperança», insistiu o Papa, porque «cada um de nós sabe que não é fiel, nenhum de nós é fiel, mas Ele sim». Eis «a nossa esperança e alegria: a sua fidelidade que nos leva pela mão e não nos deixa, não te deixa». A tal propósito, Francisco sugeriu que pensemos «no bom ladrão: o Deus fiel não pode renegar-se a si mesmo, não nos pode renegar, não pode renegar o seu amor, o seu povo, não pode renegar porque nos ama». E «esta é a fidelidade de Deus».

Prosseguindo a sua meditação, o Papa explicou também a atitude correta que devemos ter «quando nos aproximamos do sacramento da penitência: por favor, não pensemos que vamos à lavandaria para eliminar a sujidade, não». Pelo contrário, «vamos receber o abraço de amor do Deus fiel, que nos espera sempre!». E «isto leva-nos à alegria, a exultar na esperança». Exatamente «com este sentimento devemos começar a semana santa: o sentimento de um Deus que não se esquece de nós, que é fiel na esperança».

«Há uma última coisa», afirmou ainda o Papa: «O Evangelho de hoje termina com um versículo interessante, diz que os doutores da lei “pegaram em pedras para as atirar contra Ele; mas Jesus escondeu-se e saiu do templo”». Portanto, pedras «para lapidar os pecadores». Ao contrário, «a fidelidade a Deus nunca lapida o pecador».

«Pedras para ofuscar a verdade da Ressurreição, diante do sepulcro, ali encerrada; pedras para matar», insistiu Francisco. «Mas se não reconhecermos a fidelidade de Deus, o próprio Senhor diz-nos: “Gritarão estas pedras, serão mais fortes do que nós”».

«Não quero acrescentar mais nada: isto é tão claro», concluiu o Papa, exortando: «Começamos a semana assim, Ele é fiel, Ele conhece-me, ama-me, nunca me deixará só, leva-me pela mão: que posso desejar, o que mais, o que devo fazer? Exulta na esperança, exulta na esperança, porque o Senhor te ama como pai e como mãe».

Tempo de alegria

Quinta-feira, 12 de abril de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 16 de 19 de abril de 2018

«Hoje os cristãos são perseguidos, degolados, enforcados na África e no Médio Oriente, ainda mais do que nos primeiros séculos», pois o seu «testemunho incomoda» um mundo que «resolve tudo com o dinheiro»: de resto, há dois mil anos «o suborno» chegou até «ao sepulcro» para corromper os guardas e assim negar a Ressurreição. O Papa relançou o encorajamento a não ter medo de «professar Jesus», sugerindo que se viva a mesma corajosa experiência dos Apóstolos, ou seja, «uma vida de obediência, testemunho e concretude», sem ceder a «compromissos mundanos» com uma «fé superficial».

«Este tempo pascal — afirmou o Papa — é tempo de alegria, a Igreja quer que seja assim: tempo de alegria, de alegria diante da vitória de Cristo ressuscitado». E para os próprios Apóstolos «foi um tempo de alegria», embora «a alegria que viveram nos primeiros 50 dias não fosse igual àquela que viveram depois da vinda do Espírito Santo».

Com efeito, explicou, «a alegria dos primeiros 50 dias era verdadeira, mas “duvidosa”, não a entendiam bem: sim, tinham visto o Senhor, estavam felizes, mas depois não conseguiam entender». E questionavam-se: «Como terminará esta história?». A ponto que, exatamente «no momento da Ascensão, perguntam ao Senhor: agora como será, como se fará a revolução?».

Em síntese, os Apóstolos «entendiam porque viam o Senhor, mas não compreendiam tudo: foi o Espírito Santo quem lhes fez entender tudo e lhes deu coragem, aquele modo de agir totalmente diverso». Assim, reiterou o Papa, «podemos dizer que a alegria dos primeiros 50 dias era receosa; mas após a vinda do Espírito Santo há a alegria corajosa, que é certa: certa pela graça do Espírito».

Precisamente «no âmbito desta alegria corajosa — afirmou, referindo-se à narração dos Atos dos Apóstolos — acontece o que ouvimos na primeira leitura: Pedro e João vão ao templo. Diante da porta chamada “Formosa” havia sempre um paralisado que pedia esmola, e Pedro e João curam o paralisado» que, «feliz, salta, dança, vai e dá testemunho». Mas, acrescentou Francisco, «os sacerdotes estão inquietos, chamam os Apóstolos e proibem-nos de anunciar Jesus. Depois, põem-nos na prisão. O anjo de Deus liberta-os» e eles, imediatamente, «voltam a ensinar no templo».

Retomando diretamente o trecho dos Atos proposto pela liturgia (5, 27-33), o Papa recordou que «o comandante e os assistentes vão onde os Apóstolos pregavam e levam-nos ao sinédrio». Depois, «o sumo sacerdote interrogou-os, dizendo: “Não vos tínhamos proibido expressamente de ensinar neste nome?”». Eis «a proibição: é proibido o nome de Jesus, é proibido anunciar o nome de Jesus». Mas perante o sumo sacerdote, «Pedro, que receoso tinha renegado o Senhor», tem a coragem de responder simplesmente: «É preciso obedecer a Deus e não aos homens. O Deus dos nossos pais ressuscitou Jesus, que vós matastes, crucificando-o. Deus elevou-o à sua direita como chefe e salvador, para dar a Israel a conversão e o perdão dos pecados. E destes acontecimentos somos testemunhas, nós e o Espírito Santo, que Deus infundiu em quantos lhe obedecem».

A primeira que sobressai é «a palavra “obediência”», disse o Pontífice, recordando que «também no Evangelho de hoje (*Jo* 3, 31-36) Jesus fala da obediência». Portanto, afirmou, «a vida destes cristãos, destes Apóstolos que receberam o Espírito Santo, é uma vida de obediência, de testemunho, de concretude».

Uma «vida de obediência», prosseguiu Francisco, «para que sigam o caminho de Jesus que obedeceu ao Pai até ao último momento: “Pai, se for possível — pensemos no horto das Oliveiras — que não se faça a minha vontade, mas a tua». Esta é a «obediência até ao fim» e «faz-nos recordar quando o Senhor rejeita Saul: “Não quero sacrifícios, nem holocaustos, mas obediência”».

«Obediência — insistiu Francisco — foi o que fez o Filho, o caminho que Ele nos abriu; obediência é apegar-se a Deus, cumprir a sua vontade e dizer: “Sou o teu filho, estou contigo, que és o meu pai, e farei tudo para seguir aquilo que quiseres”».

«É verdade, somos frágeis e caímos em pecados, nas nossas debilidades», reconheceu o Pontífice. Mas «a boa vontade, a graça de Deus, levanta-nos», e assim «vamos em frente: “Quero obedecer”». Por isso, a «primeira característica do comportamento, do modo de agir destes Apóstolos é a obediência». Conscientes de que, como declara Pedro, «é preciso obedecer primeiro a Deus e depois aos homens». Portanto, é necessária «uma atitude de obediência: o cristão é um servo, como Jesus, que obedece a Deus». E é também «verdade que a obediência é um modo um pouco diferente de resolver os problemas: diante da Ressurreição, os Apóstolos resolveram a questão com a graça do Espírito Santo, com a obediência».

Ao contrário, interrogou-se o Papa, «como resolveram tudo os sacerdotes que queriam comandar?». Fizeram-no «com uma gorjeta: o suborno chegou até ao sepulcro», pois «quando os soldados assustados foram ter com eles para lhes dizer a verdade, interrogaram-nos, dizendo: «Estai tranquilos”. Meteram as mãos no bolso e disseram-lhes: “Tomai, dizei que vos tínheis adormecido”». E é exatamente com este sistema que «o mundo resolve».

Então, é necessária a «obediência a Deus, não ao mundo, porque o mundo resolve os problemas com soluções mundanas; e a primeira solução mundana, que é própria do “senhor”, do diabo, é o dinheiro». É o «próprio Jesus quem lhe atribui a categoria de “senhor” quando diz: “Não podemos servir a dois senhores, Deus e o diabo».

A «segunda característica» dos primeiros cristãos é o «testemunho: dou testemunho de Jesus». E os Apóstolos realmente «dão testemunho porque não têm medo de anunciar Jesus no templo, mas também depois, quando saíram da prisão: são corajosos, mas com a coragem do Espírito». De resto, «o verdadeiro testemunho cristão é uma graça do Espírito, e isto incomoda.

O testemunho cristão incomoda, é mais fácil dizer: “Sim, Jesus ressuscitou, subiu ao Céu, enviou-nos o Espírito, creio em tudo isto”, mas procuramos uma vereda de compromisso com o mundo».

Aliás, «o testemunho cristão não conhece vias de compromisso», recordou Francisco. Ao contrário, «conhece a paciência de acompanhar as pessoas que não compartilham a nossa fé, o nosso modo de pensar, de tolerar, de acompanhar, mas de nunca vender a verdade».

Com a força da «obediência»: eis o «testemunho que incomoda tanto»: é suficiente pensar em «todas as perseguições que existem, a partir daquele momento até hoje: pensai — convidou o Pontífice — nos cristãos perseguidos na África, no Médio Oriente; hoje há mais do que nos primórdios, na prisão, degolados, enforcados, por professar Jesus». É o «testemunho até ao fim».

Finalmente, a terceira característica dos discípulos são as «concretudes». Os Apóstolos «incomodavam com o testemunho porque tinham a coragem de falar das realidades concretas, não contavam fábulas». Tinham a «concretude» que os levava a dizer: «Não podemos negar aquilo que vimos e tocamos». Eis «o concreto — esclareceu o Papa — e cada um de nós, irmãos e irmãs, viu e tocou Jesus na própria vida».

«Acontece muitas vezes que os pecados, os compromissos e o medo nos fazem esquecer este primeiro encontro, que mudou a nossa vida», explicou. Talvez permaneça «uma recordação diluída» que «nos faz ser cristãos, mas “inconsistentes”, indecisos, superficiais». Por este motivo, acrescentou, devemos «pedir sempre ao Espírito Santo a graça da concretude: Jesus passou pela minha vida, pelo meu coração, o Espírito entrou em mim e talvez depois eu o tenha esquecido»: eis a importância de ter «a graça da memória do primeiro encontro». E «por isso, o testemunho daquelas pessoas era concreto: “Não podemos negar aquilo que vimos e tocamos”».

«O tempo pascal é um tempo para pedir a alegria», concluiu o Pontífice, sugerindo que a peçamos «uns pelos outros: mas a alegria que vem do

Espírito Santo, que dá o Espírito Santo; a alegria da obediência pascal, do testemunho pascal, da realidade da Páscoa».

A verdadeira liberdade

Sexta-feira, 13 de abril de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 16 de 19 de abril de 2018

Num mundo «esquizofrénico», cada «vez mais escravo» de modas, ambições e dinheiro, eis a verdadeira liberdade proposta por Jesus e realizada, também nas provações, pelos apóstolos e pelos muitos cristãos que hoje são vítimas das perseguições, permanecendo contudo sempre livres. Trata-se de um verdadeiro hino à liberdade o que o Papa Francisco relançou na missa.

«Uma das palavras que se repete muito neste tempo pascal é “liberdade”, ser livre» observou imediatamente o Papa no início da homilia. E «Jesus, com a sua obra redentora, voltou a doar-nos a liberdade, a liberdade de filhos».

«Na linguagem diária — reconheceu Francisco — muitas vezes pensamos que ser livre significa fazer o que eu quero e com frequência»; mas quer dizer também «tornar-se escravo, porque se aquilo que eu quero é algo que mantém o meu coração oprimido, eu sou escravo disso, não livre».

«A liturgia de hoje faz-nos refletir sobre três pessoas que são livres», explicou o Pontífice referindo-se aos trechos dos Atos dos Apóstolos (5, 34-42) e do Evangelho de João (6, 1-15) proclamados durante as leituras. E «faz-nos bem refletir sobre cada um deles». Começando por Gamaliel que é apresentado «neste trecho, colocado no final daquela longa história da cura do paralítico, que lemos nestes dias, onde os doutores da lei, os sacerdotes, tinham a “batata quente” na mão e não sabiam como resolver esse problema». Mas já «tinham resolvido bem, no parecer deles, outro»: o «dos soldados diante do sepulcro: tinham pago com dinheiro». Mas, afirmou o Papa, «neste caso não se podia usar o mesmo sistema nem sequer resolvê-lo prendendo» os apóstolos, «porque viram que o anjo de Deus os libertou». Por conseguinte, o problema deles era o que fazer com os discípulos.

«Gamaliel, homem livre, pensa com calma, fá-los refletir e» olhando também para a «história recente», sugere: «Tende paciência, não vos apresseis, concedei algum tempo, pensai no que aconteceu com Teudas, com Judas o Galileu, que pareciam ser precisamente os salvadores e acabaram todos mal». Contudo, o conselho de Gamaliel é que «o tempo» faça «o seu trabalho: refletir».

«O homem livre não tem medo do tempo: deixa que Deus trabalhe» explicou Francisco. E, precisamente, «dá espaço para que Deus aja no tempo: o homem livre é paciente». Gamaliel «era um hebreu — não era um cristão, não tinha reconhecido Jesus salvador — mas era um homem livre: formula o seu pensamento, oferece-o aos demais e é aceite». De resto, «a liberdade não é impaciente» reconheceu o Papa. Aliás, «a verdadeira liberdade tem a paciência de saber esperar, de deixar que Deus aja».

É verdade, prosseguiu o Pontífice, «também Pilatos pensa com a cabeça fria», a ponto que se «apercebe que Jesus era inocente». Além disso «também a esposa» se saiu «com aquela história do pesadelo e aumentou o seu receio». Mas Pilatos «não conseguiu resolver o problema porque não era livre, estava apegado à promoção». O seu pensamento fixo era mais ou menos este: «Se me correr bem aqui na Judeia, depois chegará uma promoção para outro lugar mais importante». Em síntese, Pilatos não era um homem «livre: pensava bem, mas faltava-lhe a coragem da liberdade por ser escravo do carreirismo, da ambição, do seu sucesso».

Ao contrário «Gamaliel é um exemplo de homem livre, que hoje a Igreja nos oferece» insistiu Francisco. Indicando a seguir como «outro exemplo, Pedro e João que tinham curado o paralítico e agora estavam diante do sinédrio». No final, «o sinédrio libertou-os de novo, mas “mandaram que fossem flagelados” — eram inocentes — “e ordenaram-lhes que não falassem em nome de Jesus”». Por conseguinte, Pedro e João, mesmo «tendo sido flagelados injustamente, depois “foram-se embora do sinédrio felizes por terem sido julgados dignos de sofrer ultrajes em nome de Jesus”».

Eis «a alegria de imitar Jesus: é outra liberdade, maior, mais ampla, mais cristã». E Pedro teria podido dirigir-se «ao juiz e fazer causa contra o sinédrio — dizendo “fui flagelado injustamente” — e pedir uma indemnização». Mas «Pedro sentia-se feliz, João sentia-se feliz, por terem sofrido em nome de Jesus». E «talvez — acrescentou Francisco — na mente deles, pensassem naquelas palavras de Jesus: “Bem-aventurados vós, se fordes insultados, perseguidos, por causa do meu nome. Bem-aventurados”». É precisamente «esta a alegria que eles sentiam: eram livres — digamos assim — no sofrimento por seguir Jesus». É «aquela atitude cristã» que nos faz reconhecer: «Senhor, tu concedeste-me tanto, sofreste muito por mim. O que posso fazer por ti? Toma, Senhor, a minha vida, a minha mente, o meu coração, tudo é teu».

O Papa quis propor, de novo, a atitude dos discípulos, tal como está descrita nos Atos: «Retiraram-se, pois, da presença do conselho, regozijando-se por terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus». Uma atitude que revela, explicou, «outra liberdade». Com efeito, se «a primeira era a liberdade de um homem justo», que «refletia bem e procurava o bem, esta é a liberdade de um apaixonado de Jesus Cristo, selada pelo Espírito Santo, com a fé em Jesus Cristo: tu fizeste isto por mim, eu faço isto por ti». E não devemos esquecer, recordou Francisco, que «até hoje há tantos cristãos na prisão, torturados, que levam em frente esta liberdade de confessar Jesus Cristo». Portanto, insistiu, «eis o segundo exemplo de homens livres: o primeiro é Gamaliel, o segundo são apóstolos, mas com motivos diferentes».

«O terceiro exemplo é o próprio Jesus — que faz o milagre da multiplicação dos pães, e não usou a varinha mágica: foi feito precisamente mediante o poder de Deus que Jesus tinha em si, porque ele é Deus». E «o povo apercebeu-se disso» afirmou o Papa, repetindo as palavras do Evangelho: «Vendo os sinais que tinha realizado, o povo dizia: “Ele é deveras o profeta — é ele, afinal voltou, chegou — aquele que vem ao mundo!”».

Diante do povo «entusiasmado», Jesus «sabendo que o vinham buscar para o fazer rei — pois quando o povo se move deste modo, faz a

revolução, e fazem-no rei — retirou-se novamente no monte, sozinho». Em síntese «afastou-se do triunfalismo, não se deixou enganar por este triunfalismo: era livre».

Francisco sugeriu que pensemos na «primeira vez que Jesus sentiu esta liberdade, e no-la ensinou, no deserto quando foi tentado por Satanás» que lhe ofereceu riquezas, dizendo-lhe: «tu podes transformar as pedras em pão, e também as pedras em ouro, em prata». E a resposta de Jesus é «não». Mas eis que imediatamente Satanás insiste, dizendo ainda: «tu podes fazer este milagre, lançar-te do templo, e o povo acreditará». Mas a resposta de Jesus é sempre «não, porque era livre». E «a liberdade dele consistia em seguir a vontade do Pai». Portanto, quando Satanás propõe de novo «um intercâmbio: faz-me um ato de adoração, e eu dar-te-ei tudo», Jesus diz de novo «não: o Pai quer outro caminho de salvação». E «acabará na cruz: Jesus é o exemplo de maior liberdade».

«Pensemos hoje na minha liberdade, na nossa liberdade», convidou o Pontífice, repondo os três exemplos: «Gamaliel, Pedro e João e o próprio Jesus». E sugerindo algumas perguntas diretas: «a minha liberdade é cristã? Sou livre ou sou escravo das minhas paixões, das minhas ambições, de muitas coisas, das riquezas, da moda?». É verdade, observou o Papa, «parece uma brincadeira, mas quantas pessoas são escravas da moda!».

Portanto, Francisco continuou a propor perguntas para um exame de consciência: «sou livre e sei pensar com a cabeça fria, como Gamaliel, e dar espaço a Deus, na minha vida? Sou livre? E quando chega algum sofrimento, falo com Jesus, e digo “tu sofreste tanto por mim, para me restituíres a dignidade de filho, eu ofereço isto? Sou livre como Jesus, que seguiu a vontade do Pai para restabelecer a nossa filiação?».

«Pensemos na nossa liberdade — concluiu o Pontífice — neste mundo que é um pouco “esquizoide”, “esquizofrénico”, a tal ponto que «brada “liberdade, liberdade, liberdade!” mas é mais escravo, escravo, escravo: pensemos nesta liberdade que, em Jesus, Deus nos concede».

PAPA FRANCISCO

O conselho da memória

Segunda-feira, 16 de abril de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 17 de 26 de abril de 2018

«Como sigo Jesus?». É a simples pergunta que cada cristão deveria fazer para compreender se a sua fé é autêntica e sincera, ou de qualquer forma «interesseira». Com efeito, o risco consiste em enfraquecer a própria adesão a Cristo com os cálculos da conveniência, sublinhou o Papa Francisco nesta homilia. Comentando a liturgia da palavra, o Pontífice identificou dois possíveis caminhos que se abrem diante de qualquer batizado: a do protomártir Estêvão que, «cheio de graça e de Espírito Santo» agia «sem pesar as consequências» das suas escolhas, e a da multidão que se deixava conquistar pelos milagres. Portanto, explicou Francisco, há «diversos modos, formas de seguir Jesus». De facto, as pessoas descritas no Evangelho de João (6, 22-29), que tinham acabado de assistir ao milagre da multiplicação dos pães, seguiam Jesus não só «porque tinham fome da palavra de Deus e sentiam que Jesus chegava ao coração, aquecia o coração», mas também «porque Jesus fazia alguns milagres; seguiam-nos ainda para ser curados, para ter alguma visão nova da vida». A ponto que, recordou o Papa, noutro trecho do mesmo evangelista (4, 48) Jesus admoesta: «Se não virdes milagres e prodígios, não credes». Como a querer sublinhar que «o importante não são os milagres; mas a palavra de Deus, a fé». Por conseguinte, Jesus «louva as pessoas que se aproximam dele com fé». Com efeito, «àquele pai que pediu a cura do filho», disse: «Tudo é possível àquele que crê».

Por conseguinte, a multidão, que «seguia Jesus para o ouvir», depois da multiplicação dos pães, queria até «torná-lo rei». Mas, ele retirou-se «sozinho, para rezar». Resumindo a narração evangélica, o Papa descreveu o que acontece com as pessoas que procuram o Senhor e o encontram, no dia seguinte, na outra margem do lago. Qual é a razão desta busca insistente? Também para ouvir Jesus, mas sobretudo «por interesse». Com

efeito, o Senhor admoesta imediatamente: «Em verdade, em verdade vos digo: buscais-me, não porque vistes os milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados». Francisco entrou na psicologia da multidão: «gente boa», que quer «ouvir a palavra de Jesus, e sentir como aquela palavra chega ao coração», mas é também impelida pelo interesse. Portanto, a delas é uma fé que une «as duas coisas: uma fé, um desejo de amar Jesus, mas um pouco interesseira».

Eles são os únicos no Evangelho a ter esta atitude. O Pontífice recordou, por exemplo, o episódio do endemoninhado de Gerasa narrado por Lucas (8, 26-39), no qual os guardadores, quando viram que devido àquele milagre «tinham perdido os porcos», fizeram «o cálculo e disseram: “Sim, sim: este faz milagres, mas a nós não convém; perdemos dinheiro com ele”, e disseram-lhe gentilmente: “Vai-te embora, volta para a tua casa”». Ou podemos lembrar os dez leprosos sobre os quais fala também Lucas (17, 11-19), que «depois de serem curados se foram embora, mas só um deles regressou para agradecer: os outros tinham obtido a cura e assim esqueceram-se de Jesus».

Diante de uma fé condicionada pelo interesse, Jesus repreende e «diz: “Trabalhai, não pelo alimento que perece, mas pelo alimento que permanece até à vida eterna, e que o Filho do homem vos dará”. O alimento é a palavra de Deus e é o amor de Deus».

Ao contrário, aprofundou o Papa, a primeira leitura narra o exemplo de Estêvão, que também «seguia Jesus, mas de um modo firme, claro. Ele tinha decidido levar a própria vida seguindo o caminho de Jesus; estava cheio de graça e de Espírito Santo e fazia grandes prodígios e sinais entre o povo». Ele «no momento de defender Jesus, falava claro» e, lê-se nos Atos dos apóstolos (6, 8-15): «Não podia, porém, resistir à sabedoria e ao Espírito que o inspirava». Estêvão, explicou o Pontífice, «seguia Jesus sem considerar as consequências: isto convém-me, não me convém... não era um interesseiro. Amava. E seguia Jesus, confiante». Até à morte: «apresentaram falsos testemunhos contra ele, fizeram-no entrar ali e assim acabou por ser lapidado. Mas dando testemunho de Jesus».

Estêvão e a multidão, «dois modos de seguir Jesus. Ambos seguem Jesus; alguns não completamente, um pouco sim, um pouco não, com algum interesse pessoal; outros, como Estêvão, dando a vida para seguir Jesus».

Diante destes exemplos, eis o convite de Francisco: «Cada um pode questionar-se: mas eu como sigo Jesus? E como sou realmente, como posso saber se sigo bem Jesus ou se sou interesseiro?». Eis outro conselho: «o conselho da memória». Com efeito, o Pontífice sugeriu que o justo discernimento é possível «refrescando a memória». Ou seja, «podemos perguntar-nos: o que fez Jesus por mim?», pensando sobretudo e concretamente na nossa vida. Então «encontraremos muitas coisas grandes que Jesus nos ofereceu gratuitamente, porque nos ama: a cada um de nós».

Eis o passo sucessivo: «Ao ver o que Jesus fez por mim, dirijo a mim mesmo a segunda pergunta: e eu, o que devo fazer por Jesus? E assim, com estes dois interrogativos, talvez consigamos purificar-nos de qualquer tipo de fé interesseira». Com efeito, acrescentou o Papa, «quando vejo tudo o que Jesus me deu, a generosidade do coração leva-me a dizer: “Sim, Senhor, ofereço tudo! E não vou repetir estes erros, estes pecados». Será possível assim encetar «o caminho da conversão por amor: tu me deste tanto amor, também eu te retribuo este amor».

Graças a estas duas perguntas, concluiu o Pontífice, cada um poderá fazer «um bom teste sobre como se segue Jesus: somos interesseiros ou não?». E assim «seremos capazes de purificar a nossa fé de qualquer interesse».

A Igreja precisa de profetas

Terça-feira, 17 de abril de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 17 de 26 de abril de 2018

«A Igreja tem necessidade de que todos nós sejamos profetas», isto é, «homens de esperança», sempre «diretos» e nunca «tíbios», capazes de dizer ao povo «palavras fortes quando é preciso» e de chorar juntos se for necessário. Eis o perfil do profeta delineado pelo Papa. O Pontífice propôs um verdadeiro «teste» para reconhecer o profeta autêntico. Que, explicou, não é um anunciador de «desventuras» nem «um juiz crítico», nem sequer «um recriminador de profissão». Mas é um cristão que «repreende quando é necessário», sempre «abrindo as portas de par em par» e pondo em risco pessoalmente inclusive «a pele» pela «verdade» e para «restabelecer as raízes e a pertença ao povo de Deus».

«Na primeira leitura ouvimos a narração do martírio de Estêvão», disse o Papa referindo-se ao trecho dos Atos dos apóstolos (7, 51 – 8, 1). «É o final de uma longa história que ocupa dois capítulos do livro» e «acaba desta forma». Uma história, explicou Francisco, que «começa quando alguns da sinagoga dos libertos, vendo a realidade, os prodígios e a sabedoria com a qual Estêvão falava, foram ter com ele para dialogar; e ele debatia com eles». Mas eles «não estavam à altura da sabedoria e do espírito com o qual falava, e em vez de reconhecer as argumentações, inventaram algumas calúnias e levaram Estêvão a tribunal».

«No tribunal — prosseguiu — quando acabou de entrar, as pessoas presentes viam o seu rosto como o de um anjo: transparente, forte, luminoso». E assim «Estêvão começou a falar com eles, mas desde o início, e narrou toda a história do povo judeu: Estêvão não queria discutir somente sobre o hoje; queria restabelecer as raízes daquele povo que era fechado, que tinha esquecido a história».

Por esta razão, «dá uma longa explicação no capítulo sete de toda a história de Israel, mas no final dá-se conta de que aquelas pessoas eram

fechadas, não queriam ouvir». De facto, insistiu o Papa, «eram fechadas nos seus pensamentos e Estêvão repreende-as do modo como Jesus também repreendeu o povo e quase com as mesmas palavras: «teimosos e incircuncisos no coração — isto é, pagãos, porque esqueceste as raízes — e nos ouvidos, opondes sempre resistência ao Espírito Santo». Ou seja: «Vós não sois coerentes com a vida que provém das vossas raízes».

Estêvão «narra que também os profetas foram perseguidos pelos “vossos pais”, isto é, por aqueles que, como vós, tinham as raízes secas». O trecho dos Atos observa que «ao ouvir estas coisas, ficaram furiosos nos seus corações: enraivecera-se ao máximo e rangiam os dentes contra Estêvão». Esta atitude, afirmou Francisco, «faz ver a paixão desencadeada: quando o profeta chega à verdade e toca o coração, ele ou se abre ou se torna pedra e desencadeia-se a raiva, a perseguição, e aconteceu o mesmo depois da morte de Estêvão, contra toda a comunidade de Jerusalém».

Os Atos narram também a reação de Estêvão: «Cheio do Espírito Santo, olhando para o céu, viu a glória de Deus e Jesus que estava à direita de Deus e disse: “Contemplo os céus abertos e o Filho do homem que está à direita de Deus”». Desta maneira, explicou o Papa, «aquele rosto de anjo que tinha no início transforma-se em contemplação e vê Deus».

Mas os Atos testemunham que, ao ouvir as palavras de Estêvão, os seus interlocutores «com grande clamor, taparam os seus ouvidos». «Era um gesto para dizer: “não quero ouvir isto”. Um gesto muito significativo» para afirmar; «não quero escutar estas palavras que parecem uma blasfémia, porque o meu coração não deseja ouvir, está fechado à escuta da palavra». E não acaba aqui, referem os Atos, porque «se atiraram todos juntos contra ele, lançaram-no fora da cidade e começaram a apedrejá-lo: acaba assim a vida de um profeta». De resto, prosseguiu o Pontífice, «os profetas enfrentam sempre estes problemas de perseguição por dizer a verdade, a verdade incomoda, muitas vezes não é agradável». Com frequência «os profetas começaram a dizer a verdade com doçura, para convencer, como Estêvão, mas no final não sendo ouvidos falaram com dureza». E «também Jesus disse quase as mesmas palavras de Estêvão: “hipócritas”».

«Qual é, na minha opinião, a prova de que um profeta quando fala com vigor diz a verdade?» foi a questão formulada pelo Papa. «É quando este profeta é capaz não só de dizer, mas de chorar sobre o povo que abandonou a verdade». De facto «Jesus, por um lado, repreendeu com palavras duras — “geração perversa e adúltera” por exemplo — e por outro chorou por Jerusalém». Precisamente «esta é a prova: um verdadeiro profeta é aquele capaz de chorar pelo seu povo e também de dizer palavras fortes quando devem ser ditas. Não é túbio, é sempre direto».

Por isto, prosseguiu Francisco, «o verdadeiro profeta não é um “profeta de desventuras” como dizia São João XXIII», mas «um profeta de esperança: abre as portas, restabelece as raízes e a pertença ao povo de Deus para ir em frente». Portanto «não é um recriminador de profissão», aliás «é um homem de esperança: repreende quando é necessário e abre as portas de par em par olhando para o horizonte da esperança». Além disso, «o verdadeiro profeta, se desempenhar bem o seu ministério, arrisca a própria pele como Estêvão». Os Atos dos apóstolos narram que «no fim as testemunhas depuseram os seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo, que aprovava o assassinato de Estêvão». Na realidade «Saulo esqueceu o significado da própria raiz, conhecia bem a lei, mas aqui — disse o Papa batendo a mão no peito para indicar o coração — esquecera-a aqui».

E eis que «o Senhor toca o coração» de Saulo «e nós sabemos o que aconteceu depois». Uma história, repetiu o Pontífice, que «nos faz recordar uma bonita frase pronunciada por um dos primeiros padres da Igreja: “O sangue dos mártires é semente dos cristãos”». E «no final, Estêvão morre, apedrejado por ser coerente com a verdade e a pertença ao seu povo. E parece que passa a tocha» a Saulo, naquele momento «ainda inimigo, que estava presente mas ao qual o Senhor falará e fará ver a verdade». «Esta é a semente: a semente de Estêvão, a semente de um mártir, a semente dos novos cristãos».

«A Igreja precisa dos profetas» afirmou Francisco, acrescentando: «Direi mais, há necessidade de que todos nós sejamos profetas: não críticos, este é outro aspeto», porque não é correto um profeta que se elege sempre

«juiz crítico, que não gosta de nada: “Não, isto não está bem, não pode ser, não fica bem; não dá...”». Ao contrário, «profeta é aquele que reza, olha para Deus, para o seu povo, sente dor quando o povo erra, chora — é capaz de chorar pelo povo — mas também é capaz de fazer o possível para dizer a verdade».

«Peçamos ao Senhor — concluiu o Papa — que não falte à Igreja este serviço da profecia e que nos envie profetas como Estêvão que ajudem a revigorar as nossas raízes, a nossa pertença, para irmos sempre em frente».

A evangelização não se faz na poltrona

Quinta-feira, 19 de abril de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 18 de 03 de maio de 2018

«A evangelização não se faz na poltrona», baseando-se em «teorias», mas deixando agir o Espírito Santo. O estilo certo é ir ao encontro das pessoas e estar perto delas, começando sempre pelas «situações concretas»: quase «um corpo a corpo» que se faz com a vida e a palavra. O Papa propôs um «tratado» simples e direto sobre a evangelização.

«Após o martírio de Estêvão — observou Francisco, referindo-se expressamente às narrações dos Atos dos Apóstolos, propostas nestes dias pela liturgia — desencadeou-se uma grande perseguição em Jerusalém: os cristãos eram perseguidos, também por Paulo, e as suas casas ocupadas em toda a parte». Assim, afirmou, «os discípulos dispersaram-se um pouco por todas as regiões da Judeia, da Samaria».

Precisamente «aquele vento da perseguição» fez com «que os discípulos fossem mais além», confirmou o Pontífice insistindo sobre esta imagem eficaz: «Tal como faz o vento com as sementes das plantas, levando-as e semeando-as, o mesmo aconteceu aqui: eles foram além, com a semente da palavra, e semearam a palavra de Deus». Assim, «podemos dizer brincando um pouco, nasceu a Propaganda fide».

Foi «a partir de uma perseguição, de um vento» que «os discípulos promoveram a evangelização». Confirma-o, de resto, o «trecho que lemos hoje», dos Atos (8, 26-40). Um trecho que «é de grande beleza», observou o Papa, definindo-o «um verdadeiro tratado de evangelização: assim evangeliza o Senhor, assim anuncia o Senhor, assim o Senhor quer que evangelizemos».

Francisco indicou «três palavras-chave» para compreender até ao fundo o sentido e o modo da evangelização. Antes de tudo, «é o Espírito que

impele» e «diz a Filipe: “levanta-te”, primeira palavra; “aproxima-te”, segunda palavra; e “começa pela situação”, terceira palavra».

É exatamente «com estas três palavras que se estrutura toda a evangelização», afirmou o Papa. Com efeito, é o Espírito «que começa e sustém a evangelização». Porque «a evangelização não é um plano bem feito de proselitismo: “Vamos ali e façamos muitos prosélitos; lá, e muitos...”». Na realidade, esclareceu Francisco, «é o Espírito que nos diz onde devemos ir para levar a palavra de Deus, para anunciar o nome de Jesus». Por isso, «começa dizendo: “levanta-te e vai”» nessa direção. Consciente de que «não existe uma evangelização “de poltrona”». Portanto, «“levanta-te e vai”, sempre em saída, “vai” em movimento, vai ao lugar onde deves anunciar a palavra». O Papa quis recordar «muitos homens e mulheres que deixaram a pátria, a família, e partiram rumo a terras distantes, para levar a palavra de Deus». E muitos deles «tantas vezes» nem sequer estavam «preparados fisicamente, pois não tinham os anticorpos para resistir às doenças daquelas terras, e morriam jovens, com quarenta anos, ou eram martirizados».

A este propósito, Francisco compartilhou a narração de «um grande cardeal» — que «ainda vive, que é muito bom» — o qual tem o cargo de ir às terras de missão. Ele contou que «quando vai àqueles lugares, a primeira coisa que faz é visitar o cemitério e ver os nomes dos missionários e a data da morte: são todos jovens». Na opinião daquele cardeal, «todos eles devem ser canonizados: são mártires da evangelização».

Em síntese, insistiu o Pontífice, «vai, não te preocupes», tendo presente que a «primeira palavra de uma verdadeira evangelização é “levanta-te e vai”». Por isso, recomendou, «não leves contigo o vade-mécum da evangelização, porque não serve». Ao contrário, deve ser vivida a «segunda palavra: “aproxima-te”», que significa «proximidade». Portanto, «aproxima-te para ver o que acontece». Precisamente como «faz Filipe. Vê o carro que está a chegar e o Espírito diz-lhe: “Vai em frente e aproxima-te” para ver o que acontece ali dentro». Os Atos narram que «Filipe correu em frente. Pôs-se a correr «e ouviu aquele senhor que estava no carro, um ministro da economia que lia Isaías». Filipe «ouviu bem e intuiu, pela graça

do Espírito Santo, que aquele homem não entendia bem». E «ali Filipe sentiu que devia dar mais um passo, o Espírito diz: “vai mais além”». Assim «começa a falar e a pergunta é: “entendes o que estás a ler?”». Eis, o homem pede a «Filipe para entrar no carro» e diz-lhe que não conseguia entender, porque ninguém lho tinha explicado. E «Filipe, tomando a palavra a partir daquele trecho, “começa pela situação”»: eis a «terceira palavra».

Portanto, «“levanta-te”, “aproxima-te”, “começa pela situação”, não pela teoria», mas por «aquela pergunta que o Espírito suscita. Não se pode evangelizar com a teoria», pois «a evangelização é um pouco corpo a corpo, pessoa a pessoa: começa-se pela situação, não pelas teorias».

Com este estilo, Filipe «anuncia Jesus Cristo e a coragem do Espírito impele-o a batizar» o seu interlocutor: «Vai além, vai, até sentires que a tua obra se concluiu».

«É assim que se faz a evangelização», insistiu o Papa, voltando a propor as «três palavras» que «são chave para todos nós, cristãos», chamados a «evangelizar com a nossa vida, com o nosso exemplo e até com a nossa palavra».

Então, «levanta-te, aproxima-te, proximidade, e começa pela situação concreta: um método simples, mas é o método de Jesus» que «evangelizava assim, sempre a caminho, sempre pela estrada, sempre perto das pessoas, começando pelas situações concretas».

Portanto, recordou o Pontífice, «só se pode evangelizar com estas três atitudes, mas sob a força do Espírito: sem o Espírito, nem sequer estas atitudes servem; é o Espírito que nos impele a levantar-nos, a aproximar-nos e a começarmos pelas situações».

Concluindo, Francisco convidou a rezar «hoje por todos nós, cristãos, que temos a obrigação de evangelizar, a missão de evangelizar». Que o Senhor «nos conceda a graça de ser ouvintes do Espírito e de ter estas três atitudes, em saída: partir, estar próximos das pessoas e não começar pelas teorias, mas pelas situações concretas».

Como a bicicleta

Terça-feira, 24 de abril de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 18 de 03 de maio de 2018

O equilíbrio da Igreja recorda o da bicicleta que cai se estiver parada mas “vai bem” se estiver em movimento. E foi exatamente contra o imobilismo, a rigidez do «sempre foi feito assim» que nos torna «prisioneiros das ideias», contra as resistências ideológicas a qualquer mudança sugerida pelo Espírito, que o Papa advertiu durante esta missa.

«Quando por causa da perseguição desencadeada em Jerusalém os discípulos se espalharam e semearam a palavra de Deus — explicou o Pontífice — teve início o diálogo entre eles e as pessoas que não pertenciam ao seu povo, povos com outra cultura, outro pensamento, filosofia diversa, outra língua, mas eles foram em frente».

Em particular, alguns discípulos «começaram a pregar o Evangelho a estas pessoas que não eram judias, não eram do povo de Deus», prosseguiu. A pregação do Evangelho «aos pagãos era uma novidade: uma das primeiras novidades da Igreja», observou Francisco, frisando: «Sabemos que Deus é o Senhor das novidades e vem sempre ao nosso encontro com algo de novo, nunca se repete, é original em si mesmo».

«Face às novidades de Deus há diversas atitudes», reconheceu o Papa. «Nós, na liturgia de hoje vemos duas delas, ambas de resistência às novidades, às mudanças», explicou. E assim, disse referindo-se ao trecho dos Atos dos Apóstolos (11, 19-26), «na primeira leitura, pregar Jesus Cristo aos pagãos é uma novidade e isso não entrava na cabeça do povo de Deus». «Por isso, os habitantes de Jerusalém ficaram inquietos e enviaram Barnabé» a Antioquia «para observar». Então Barnabé «realizou ali uma visita canónica para ver em que situação se encontrava aquela Igreja».

«Esta resistência à novidade, isto é, pregar o Evangelho aos não-judeus, constata-se também no problema que Pedro enfrentou quando entrou na

casa de Cornélio», prosseguiu o Pontífice, citando outro episódio narrado nos Atos dos Apóstolos e evocando «o escândalo que depois lhe causaram os habitantes de Jerusalém: teve que ir lá e explicar o que tinha acontecido». Mas «após o diálogo sentiu que nisto havia algo de Deus; que era precisamente o Espírito que os impelia a esta novidade: “Primeira regra, se eles quiserem ser um de nós que façam os ritos de iniciação judaicos e assim serão um de nós e, depois, o Evangelho”».

Assim «rezaram, procuraram a luz do Senhor, souberam discernir os sinais dos tempos» explicou Francisco. E talvez «recordassem as palavras de Jesus: “O Espírito Santo ensinar-vos-á tudo e recordar-vos-á”». Portanto, prosseguiu o Papa, «era o Espírito Santo que lhes inspirava esta sabedoria nova e assim se abriram ao Espírito Santo e a Igreja foi em frente e os pagãos foram admitidos na Igreja sem passar pelos ritos de iniciação judaicos». E «esta foi a primeira grande novidade da Igreja e conseguiram fazer a mudança». Com «uma primeira resistência, mas aberta: isto é normal, é normal segundo Deus».

Na realidade «eles — afirmou o Pontífice — permaneceram dóceis ao Espírito Santo para realizar algo que era mais que uma revolução, uma grande mudança: no centro estava o Espírito Santo, não eles; o Espírito Santo, não a lei». «Era uma Igreja em movimento, uma Igreja que ia além de si mesma». «Não era um grupo fechado de eleitos mas uma Igreja missionária, aliás, o equilíbrio da Igreja, por assim dizer, consiste precisamente na mobilidade, na fidelidade ao Espírito Santo».

«Alguém disse que o equilíbrio da Igreja se assemelha ao da bicicleta: está firme e vai bem quando está em movimento; se a deixares parada, cai» disse o Papa, frisando que é «um bom exemplo» porque nos recorda que devemos «mover-nos segundo o Espírito Santo». «O Espírito» que é «o centro», torna-nos «livres, com a liberdade dos filhos de Deus: se aquela primeira resistência, que é humana, não malvada, mas contém esta novidade, deve ser esclarecida no discernimento, na oração e depois assumida e levada em frente». «Este é o primeiro comportamento face às resistências».

«Outro exemplo é a resistência dos doutores da lei, que se vê no início do Evangelho», disse Francisco referindo-se ao trecho de João (10, 22-30) proposto pela liturgia. «Já no final da vida, era inverno, Jesus caminhava no templo, diante do pórtico de Salomão», explicou o Papa. Então «os judeus circundaram-no e disseram-lhe: “Até quando nos manterás na incerteza? Se és Cristo, diz-nos abertamente”. E Jesus olhou para eles e respondeu: “Disse-vos, mas não me acreditais. As obras que realizo”».

Eles, prosseguiu o Papa «voltam a fazer a mesma pergunta, são incapazes de sair daquele mundo fechado, são prisioneiros das ideias. Receberam a lei que era vida mas “destilaram-na”, transformaram-na em ideologia e deste modo dão voltas, dão voltas e são incapazes de sair e qualquer novidade para eles é uma ameaça». E «por isso, acabaram por matar Jesus. São apegados à letra, àquele fechamento que causaram ideologizando a lei do Senhor».

«Desta resistência é tão difícil sarar, é necessária uma graça muito grande do Espírito Santo» afirmou o Pontífice. A ponto que «depois de três anos» passados a ouvir Jesus, a discutir com Jesus, a ver os milagres, perguntavam-lhe: «Mas então até quando nos manterás na incerteza?». Resumindo «não entenderam, não deixaram entrar Jesus: fechados». E «este fechamento torna-se rigidez e não colocam o Espírito Santo no centro. Não são filhos de Deus livres: no centro» põem-se «a si mesmos, fechados, rígidos», vivendo «com aquele modo de defender a revelação de Deus, que era ideológico, mas não aberto ao Espírito Santo que estava a fazer muitas mudanças». Eram «pessoas que sempre voltavam ao mesmo ponto e nada os fazia felizes».

A eles Jesus «com um pouco de ironia», disse: «Sois como aquelas crianças sentadas na praça que dizem aos outros: “tocamo-vos flauta, e não dançastes, cantamos lamentações e não pranteastes”. Nada vos agrada? Apenas a rigidez às ideias e o “sempre foi feito assim”».

«Esta é a ortodoxia destas pessoas que fecham o coração às novidades de Deus, ao Espírito Santo», insistiu o Papa. «Estas pessoas — acrescentou — não sabem discernir os sinais dos tempos. Querem uma Igreja, queriam

isto, uma sinagoga, uma Igreja fechada e rígida, não aberta às novidades de Deus». Ao contrário, «outro comportamento, o dos discípulos, dos apóstolos, é uma atitude de liberdade, a liberdade dos filhos de Deus».

Portanto, reconheceu o Pontífice, «fizeram resistências desde o início». Mas «isto não só é humano, mas é uma garantia de que não se deixam enganar por qualquer coisa e, depois, com a oração e o discernimento encontram o caminho». Pois «sempre haverá resistência ao Espírito Santo, sempre, até ao fim do mundo».

Concluindo, Francisco convidou a pedir ao Senhor «que nos conceda a graça de saber resistir ao que devemos resistir, ao que provém do maligno, ao que nos impede a liberdade». E «o Senhor nos dê a graça» de nos sabermos abrir «às novidades, mas apenas àquelas que provêm de Deus, com a força do Espírito Santo», e «nos conceda a graça de discernir os sinais dos tempos a fim de tomarmos as decisões certas naquele momento».

O cristão existe para servir

Quinta-feira, 26 de abril de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 18 de 03 de maio de 2018

Quanto poderia aprender cada cristão se, com «humildade», se deixasse ver por Jesus «com o mesmo olhar» com o qual o Mestre fitou os seus amigos durante a última Ceia. Poderia partilhar o privilégio que os apóstolos tiveram de receber e entender o que significa para a sua vida a «herança de Jesus», o «testamento» que Ele confiou com dois gestos: a instituição da Eucaristia e o lava-pés.

O Papa dedicou a meditação desta missa à hora suprema em que «Jesus se despede» dos apóstolos antes da paixão. Como de costume, Francisco inspirou-se num trecho do Evangelho do dia (Jo 16-20) em que «na alegria do tempo pascal» a Igreja faz meditar sobre «um momento triste, de angústia»: aquele no qual Jesus, que «sabe o que acontecerá», se despede «com o longo e bonito discurso contido nos capítulos de João», que precede as horas do Getsémani e da paixão. «Nesta despedida», frisou o Papa, o Senhor faz «dois gestos que são instituições: dois gestos para os discípulos e para toda a Igreja futura. Dois gestos que são, por assim dizer, o fundamento da sua doutrina»: a instituição da Eucaristia e o lava-pés. Destes gestos «nascem dois mandamentos: os dois mandamentos que levarão a Igreja a crescer, se formos fiéis».

Antes de tudo há o «primeiro mandamento» que é o «do amor». E é «novo» pois, explicou, «havia o mandamento do amor — amar o próximo como a si mesmo — mas este dá mais um passo: amar o próximo como Eu vos amei». Portanto: «amor ilimitado», sem o qual «a Igreja não progride nem respira. Sem o amor, ela não cresce, transforma-se numa instituição vazia, de aparências, de gestos infecundos». Com a Eucaristia, na qual Jesus «oferece como alimento o seu Corpo e como bebida o seu Sangue», Ele «diz como devemos amar, até ao fim».

Depois há outro gesto, o do lava-pés, em que «Jesus nos ensina o serviço, como caminho do cristão». Com efeito, «o cristão existe para servir, não para ser servido». E é uma regra válida para a vida inteira». Tudo está contido nela: «na história, muitos homens e mulheres» que a «levaram a sério» deixaram «vestígios de uma vida verdadeiramente cristã: de amor e de serviço». O Papa resumiu: «Eis a herança de Jesus: “Amai-vos como Eu amei” e “servi-vos uns aos outros”. Lavai os pés uns aos outros, como Eu os lavei a vós».

Portanto, na última Ceia o Senhor deixou os dois mandamentos do amor e do serviço, e depois «uma admoestação» que se lê no breve trecho evangélico proposto pela liturgia do dia: «Deveis amar-vos como servos, deveis servir porque sois servos». E a explicação destas palavras, observou o Papa, «é também uma regra de vida: “Em verdade, em verdade vos digo: o servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviou”». Isto é: «Podeis celebrar a Eucaristia, podeis servir, mas enviados por mim, mandados por mim. Não sois maiores do que Eu». Em síntese, trata-se da «atitude da humildade simples, não fingida»: da humildade que vem da «consciência de que Ele é maior do que todos nós, e nós somos servos, e não podemos ultrapassar Jesus, não o podemos usar. Ele é o Senhor, não nós. Ele é o Senhor».

Portanto, eis «o testamento do Senhor. Oferece-se como alimento e bebida e diz-nos: amai-vos assim. Lava os pés, dizendo-nos: servi-vos assim, mas prestai atenção, o servo nunca é maior do que aquele que o envia». O «fundamento da Igreja» está contido em poucas linhas, disse Francisco.

São «palavras e gestos contundentes», comentou. Mas «se avançarmos com estas três coisas, nunca erraremos. Nunca!». Radical, forte mas «simples». De resto, «os mártires foram em frente assim». E também «muitos santos anónimos, na vida da Igreja, fizeram assim — os santos escondidos — com esta consciência de ser servos».

Um programa de vida relativamente ao qual, disse o Papa continuando a releitura do Evangelho, «há uma admoestação: “Eu conheço aqueles que

escolhi”». Com efeito, o Senhor diz: “Sei que um de vós me trairá”». Que significa? Significa que «Jesus nos conhece. Jesus conhece-me». Por isso, o Pontífice sugeriu a cada cristão: «Acho que nos fará bem a todos, num momento de silêncio, deixar-nos olhar pelo Senhor e fitá-lo», reconhecer que Jesus nos «ensinou o amor com a Eucaristia» e «o serviço com o lava-pés», entender que «ninguém é maior do que aquele que o enviou», conscientes de estar diante de quem nos conhece. Nesse momento, acrescentou Francisco, é bom «deixar que o olhar de Jesus entre em nós. Sentiremos muitas coisas: sentiremos amor», ou talvez «fiquemos bloqueados, com vergonha». Contudo «deixemo-nos ver sempre pelo olhar de Jesus. O mesmo olhar com o qual, na última Ceia, Ele fitava os seus». É uma meditação em que o homem pode dizer humildemente: «Senhor, Tu conheces, Tu sabes tudo», como Pedro afirmou em Tiberíades: «Tu conheces, Tu sabes tudo. Tu sabes que te amo». Com efeito, o Senhor sabe o que existe no coração de cada um. Trata-se, concluiu o Pontífice, de uma «bonita prece», graças à qual «sentiremos muitas coisas».

O céu é um encontro

Sexta-feira, 27 de abril de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 19 de 10 de maio de 2018

Para os cristãos o céu não é «abstrato nem distante» mas é «o encontro pessoal com Jesus» o qual, enquanto «estamos a caminho», nos espera «e reza por cada um de nós».

Ao referir-se à pregação de Paulo na sinagoga de Antioquia de Pisídia, tal como é descrita no trecho evangélico dos Atos dos Apóstolos proposto pela liturgia (13, 26-33), o Pontífice citou a parte final: «E nós vos anunciamos que a promessa que foi feita aos pais, Deus a cumpriu a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus. Como também está escrito no segundo salmo: tu és meu Filho, hoje te gerei».

Trata-se «da promessa que Deus fizera» explicou o Papa. E «o povo pôs-se a caminho com esta promessa no coração». Por conseguinte, «o povo de Deus começou a caminhar com esta promessa no coração», «ciente de ser um povo eleito» que «sentia a eleição de Deus», como «uma certeza — porque «esta eleição dava uma certeza no selo da aliança que o povo de Deus fizera» — e também «com a esperança da promessa que Deus lhe dera».

Esta «promessa do povo de Deus a caminho desde o início, diz Paulo, concretizou-se porque Deus a realizou por nós, em Jesus Cristo» insistiu o Pontífice. E «o povo confiava na promessa — prosseguiu — porque sabia que Deus é fiel, tinha aquele conhecimento». De resto, «a infidelidade estava no povo; muitas, muitas infidelidades no caminho. Mas Deus permanecia sempre fiel e por isso» o povo «ia em frente, confiando na fidelidade de Deus».

«Também nós estamos a caminho» fez presente o Papa. «Estamos a caminho e quando» nos perguntamos: «mas a caminho» para onde, respondemos: «sim, para o céu». E «o que é o céu?». Eis que, afirmou

Francisco, «começamos a escorregar nas respostas, não sabemos bem como dizer “o que é o céu”». Talvez «muitas vezes pensemos num céu abstrato, num céu distante, num céu» que «sim, onde se está bem».

Ao contrário «caminhamos rumo a um encontro: o encontro definitivo com Jesus» recordou o Pontífice. E assim «o céu é o encontro com Jesus e nós preparamos este encontro com os outros encontros que fazemos no caminho da vida com o Senhor». Mas «o encontro definitivo, pleno, que nos fará gozar toda a vida — como rezámos na oração da coleta — será sempre com Jesus: em encontro pessoal». Porque «Jesus, Deus e homem, Jesus, em corpo e alma, nos espera».

Francisco sugeriu que «reflitamos sobre este pensamento: “Eu estou a caminho na vida para encontrar Jesus”». Um pensamento «tão simples». Com uma consciência: «Jesus, entretanto», não está «sentado ali à nossa espera, à minha espera: não, ele mesmo, no Evangelho, nos disse o que faz: “crede também em mim. Vou preparar-vos um lugar. E quando eu for, e vos preparar um lugar, virei outra vez, e vos trarei para mim mesmo”». São as palavras proclamadas no trecho de João (14, 1-6) proposto pela liturgia do dia.

«Jesus prepara-nos um lugar, Jesus trabalha, neste momento, para nós» insistiu o Papa. E «o trabalho de Jesus» é «a intercessão, a oração de intercessão». Assim «o seu sacerdócio que se consumou na paixão, continua no céu com a intercessão: Jesus reza por mim, por cada um de nós». Mas «devemos repetir isto para nos convenceremos: ele é fiel e reza por mim, neste momento». A ponto que «a imagem da intercessão — as mãos assim, para mostrar ao Pai as chagas da paixão — a levou consigo». Porque «Jesus reza por mim».

«Há um excerto do Evangelho, o da última Ceia, quando Jesus diz a Pedro: “e eu rezarei por ti”» recordou o Papa, frisando que «o que diz a Pedro o disse a todos nós: “Eu rezo por ti”». Por conseguinte «cada um de nós deve dizer: Jesus reza por mim, está a trabalhar, está a preparar-nos aquela morada». E «Ele é Jesus: faz isso porque o prometeu». Assim «o céu será este encontro com o Senhor que foi para preparar um lugar, o encontro

de cada um de nós». E «isto infunde-nos confiança, faz crescer a confiança».

«Eu rezo mas Ele reza por mim» é a verdade que o Pontífice quis acentuar. «Por isso — explicou — quando rezamos dizemos sempre ao Pai “por nosso Senhor Jesus Cristo”, porque as orações chegam sempre através dele que está a rezar por nós». Trata-se precisamente da «intercessão, Jesus é o sacerdote intercessor: primeiro era o sacerdote que deu a vida por nós; agora é o sacerdote intercessor, até ao fim do mundo». E «isto deve infundir-nos confiança, fazer crescer a confiança» de que no céu «estão à minha espera» e que Jesus «está a rezar por mim» e está a preparar «uma morada para mim».

Em conclusão, Francisco expressou os votos de «que o Senhor nos conceda a consciência de estar a caminho com esta promessa na mão, mas também no coração». E «cientes de sermos eleitos, porque o Senhor nos elegeu a todos e a cada um». Um caminho a percorrer «procurando fazer, renovar continuamente a aliança de fidelidade, para sermos mais fiéis porque Ele é fiel». E assim, «o Senhor nos conceda esta graça de olhar para o alto e pensar: “o Senhor está a rezar por mim”».

Contra as curiosidades negativas

Segunda-feira, 30 de abril de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 19 de 10 de maio de 2018

As crianças são particularmente curiosas e encontram nos telemóveis, assim como em todo o mundo virtual, também «muitas coisas negativas», correndo o risco de se tornarem «prisoneiras destas curiosidades negativas», admoestou o Papa Francisco pedindo que se ajudem os jovens a saber discernir entre as numerosas propostas do dia a dia, o Pontífice indicou no Espírito Santo «a grande certeza» que resolve todas «as nossas curiosidades»: e fá-lo como «companheiro de viagem, companheiro da memória e companheiro-mestre», não certamente apresentando-se a nós «com um pacote de respostas» já prontas.

Para a sua reflexão o Papa inspirou-se no Evangelho de João. «Neste longo discurso de despedida, à mesa com os discípulos, há trechos que podemos denominar “o diálogo entre as curiosidades e a certeza”» afirmou. «Os discípulos não se sentem seguros, não sabiam o que teria ocorrido e questionavam-se sobre o que ia acontecer com este, com aquele». E «Jesus explica», mas «eles sentem-se mais inseguros: “Não pode ser, vais-te embora, vais-nos deixar sozinhos e o que faremos?”». Assim «Jesus explica: “voltarei, vou preparar-vos um lugar, depois levar-vos-ei comigo”». Em síntese, «dá certezas às curiosidades dos discípulos».

Aliás, reconheceu o Pontífice, «a vida, a nossa vida está repleta de curiosidades». E deste modo «quando somos crianças, na idade dos porquê» perguntamos «pai, porquê? Mãe porquê, porquê, porquê?». Isto acontece precisamente «porque a criança cresce, dá-se conta de coisas que não compreende, e questiona-se: é curiosa, procura explicações». Mas «esta é uma curiosidade boa, porque é uma curiosidade que serve para crescer, para se desenvolver, para ter mais autonomia». E «é também uma curiosidade contemplativa, porque as crianças veem, contemplam, não entendem e perguntam».

«Há outras curiosidades que não são tão boas» advertiu contudo o Papa. «Por exemplo, a de “se intrometer” na vida de outras pessoas». Talvez «alguém diga “mas é coisa de mulheres”. Não, a bisbilhotice não é um património de mulheres e de homens». A ponto que «alguém afirma que os homens são mais bisbilhoteiros do que as mulheres: não sei, mas é um património de todos, é algo ruim porque significa fazer com que a curiosidade não chegue ao lugar certo de uma resposta verdadeira». Ao contrário, consiste «em procurar ir aos lugares que afinal de contas mancham as outras pessoas».

Portanto, «há curiosidades más», insistiu o Pontífice, ou curiosidades que, por fim, me fazem compreender algo que eu não tenho o direito de saber». O Papa sugeriu o «exemplo» de quanto aconteceu «em Tiberíades: Jesus já estava prestes a ir embora, depois da ressurreição, e pergunta três vezes a Pedro se o ama, e Pedro afirma que o ama; e Ele confere-lhe todo o poder, e Pedro, quando termina tudo isto, questiona “e o que acontecerá com ele?” perguntando por João». E «isto significa “intrometer-se”, meter-se na vida dos outros», explicou Francisco: «Esta não é uma curiosidade boa, mas acompanha-nos por toda a vida. É uma tentação que sempre teremos».

Na realidade, garantiu o Papa, «não vos assusteis, mas prestai atenção» dizendo a vós mesmos «não pergunto isto, não olho para isto, não quero isto». E depois há «muitas curiosidades, por exemplo, no mundo virtual, com os telemóveis e outros meios: as crianças vão ali e estão curiosas para ver o que há ali e encontram coisas ruins». Mas «não existe uma disciplina naquela curiosidade». Portanto, «devemos ajudar as crianças a viver neste mundo, para que o desejo de saber não seja a vontade de ser curiosos, acabando prisioneiros desta curiosidade».

«Mas voltemos a refletir sobre estas boas curiosidades dos Apóstolos», insistiu o Pontífice. Na realidade «querem saber acerca de Jesus, saber o que vai acontecer». E assim «inclusive no último momento, quando Jesus estava para subir ao céu, dizem “agora chega a revolução, agora construirá o reino”». É «a curiosidade de conhecer e a certeza: o diálogo entre curiosidades e certezas». Eis, com efeito, que «Jesus responde dando

certezas: “Não olheis, isto é assim, eu vou lá”». Há «muitas respostas neste longo discurso à mesa, e não é apenas um discurso: é uma conversa entre eles». Mas «Jesus responde sempre com certezas: nunca, nunca engana. Nunca!».

«Pequenas certezas, mas certezas», repetiu Francisco. E «a certeza é resumida no final do excerto do Evangelho que lemos e ouvimos» explicou o Papa, referindo-se ao trecho de João (14, 21-26), que Francisco definiu «a grande certeza». Com efeito, refere João, «Jesus diz: Disse-vos estas coisas enquanto estou convosco. Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito». E deste modo, explicou o Pontífice, «a certeza ser-nos-á conferida pelo Espírito Santo na vida».

Certamente, «o Espírito Santo não vem com um pacote de certezas» e diz «toma». Mas «nós sigamos em frente com a nossa vida e, abrindo o nosso coração, questionemos o Espírito Santo e ele nos dará a certeza para aquele momento, a resposta para aquele momento».

«O Espírito Santo — explicou o Papa — é o companheiro de viagem do cristão, é aquele que constantemente nos ensina “não, isto é assim”, aquele que sempre nos recorda “pensa no que disse o Senhor, que era assim”». E «recorda-nos as palavras do Senhor, iluminando-as». No nosso «caminho rumo ao encontro com Jesus é o Espírito quem nos acompanha», quem «confere certeza às nossas curiosidades».

«Assim, este diálogo entre curiosidades humanas e certezas — afirmou o Papa — conclui-se com esta frase de Jesus» a propósito do Paráclito: «Ele ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito».

O Paráclito é «o companheiro da memória, o companheiro-mestre», que «nos dá luz e nos conduz onde está a felicidade fixa, aquela que não se move, como rezamos na oração da coleta».

«Vamos aonde há alegria verdadeira, aquela que está enraizada precisamente em Deus, mas com o Espírito Santo para não errar» concluiu o Pontífice. E por esta razão «peçamos hoje ao Senhor duas coisas». Em

primeiro lugar, «que nos purifique ao aceitar as curiosidades — existem curiosidades boas e outras menos boas — e saber discernir» dizendo a nós mesmos «não, isto não o devo ver, isto não o devo perguntar». E a «segunda graça» que devemos pedir ao Senhor é a de saber «abrir o coração ao Espírito Santo, porque ele é a certeza: confere-nos a certeza, como companheiro de viagem, das coisas que Jesus nos ensinou, e recorda-nos tudo».

Como se transmite a fé

Quinta-feira, 3 de maio de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 19 de 10 de maio de 2018

Nas grandes cidades as empregadas domésticas estrangeiras são cada vez mais frequentemente segundas mães e, com a concretude do amor e do testemunho, transmitem a fé às crianças. E talvez os pais, ocupados com numerosos compromissos de trabalho, tenham que redescobrir a beleza do seu papel na transmissão da fé aos seus filhos, sem esperar o catecismo na paróquia ou alguma esporádica participação na missa.

O Papa convidou de novo a ser testemunhas do Evangelho para suscitar a curiosidade em quantos não creem, e assim começar a obra do Espírito Santo, dirigindo um pensamento e uma oração especiais por todos os pais. E a sugestão a não transmitir a fé fazendo proselitismo nem procurando apoio como para uma seleção de futebol.

«No trecho da carta de São Paulo aos Coríntios fala-se da transmissão da fé», observou Francisco referindo-se à primeira leitura (15, 1-8), repetindo as palavras escritas pelo apóstolo: «Eu transmiti a vós antes de tudo o que também recebi». E é precisamente assim, explicou o Papa, que «se deve transmitir a fé: ofereço o que recebi, e Paulo recita o que recebeu». Mas «a fé não é só a recitação do Credo: a fé exprime-se no Credo mas é algo mais». Pois se «tudo aquilo em que cremos está no Credo, a atitude de fé vai além, é outra coisa, maior».

De resto, insistiu o Pontífice, «transmitir a fé não significa dar informações, mas fundar um coração na fé em Jesus Cristo». Por isso, «transmitir a fé não se pode fazer mecanicamente», dizendo: «Toma este livrete, estuda-o e depois eu batizo-te». Não, insistiu, «é outro o caminho para transmitir a fé: é comunicar o que nós recebemos».

É precisamente «este o desafio do cristão: ser fecundo na transmissão da fé», afirmou. Mas é «também o desafio da Igreja: ser mãe fecunda, dar à luz

filhos na fé», acrescentou, explicando que «este não é um exagero: é o que dizemos na cerimónia do Batismo». Portanto, eis «a Igreja que “dá à luz”, que é “mãe”». E nesta perspetiva Francisco sugeriu «duas pistas da transmissão da fé».

«A Igreja é mãe se transmite a fé no amor, sempre com ar de amor», disse o Papa, recordando que «não se pode transmitir a fé sem esta característica materna». A ponto que «alguém escreveu elegantemente» que «a fé não é concedida, mas dada à luz». E é «a Igreja que dá à luz a fé dentro de nós: ou seja, a transmissão da fé caracteriza-se sempre com o amor da mãe Igreja, dá-se em casa».

O próprio São Paulo, prosseguiu o Papa, «lembra a Timóteo, num bonito trecho: “Recordo a fé da tua mãe e da tua avó”». Portanto, explicou Francisco, «é a fé que deve ser transmitida de geração em geração, como um dom». Mas sempre «no amor, no amor da família: é ali que se transmite a fé, não só com palavras, mas com amor, carícias e ternura».

A este propósito, o Pontífice voltou a propor também o episódio narrado no livro dos Macabeus, «quando aquela mulher encorajava os sete filhos face ao martírio: no texto diz-se que por duas vezes aquela mulher falou aos filhos na língua materna, dava-lhes força na fé, mas na língua materna». Pois «a verdadeira fé se transmite sempre em dialeto: o dialeto do amor, da família, da casa, aquele que se capta no ar». E «talvez a língua seja a mesma, mas ali há algo de dialeto, e ali a fé transmite-se “maternalmente”».

Em síntese, explicou o Papa, se a «primeira atitude para a transmissão da fé é o amor, outra atitude é o testemunho». Na realidade, afirmou, «transmitir a fé não significa fazer proselitismo: é outra coisa, é maior ainda». Sem dúvida, prosseguiu, «não significa procurar pessoas que ajudem esta seleção de futebol, este clube, este centro cultural: isto está bem, mas para a fé não serve o proselitismo». E «Bento XVI disse: “A Igreja cresce não por proselitismo mas por atração”». Com efeito, afirmou Francisco, «a fé transmite-se por atração, ou seja, por testemunho». E, acrescentou, «hoje celebramos a festa de dois apóstolos, Filipe e Tiago, que

deram a vida, transmitiram a fé mediante o testemunho». Portanto, devemos testemunhar a fé.

A este propósito, o Papa quis compartilhar uma sua recordação pessoal: «Certa vez numa das jornadas da juventude, acho que foi em Cracóvia, num almoço com os jovens, um deles perguntou-me: “Tenho um amigo que é ateu, mas é muito bom e eu gosto dele. O que devo dizer-lhe para que se converta?”». Eis a resposta franca do Papa: «É melhor que nada lhe digas, age. E que ele se questione: por que este homem se comporta assim? Por que este homem faz assim, quando é normal fazer o contrário? Dá testemunho!».

É um facto, explicou o Pontífice, que «o testemunho provoca a curiosidade no coração do outro, e o Espírito Santo pega nessa curiosidade» e começa a trabalhar «dentro». Assim, «a Igreja crê por atração, cresce por atração, e a transmissão da fé verifica-se com o testemunho, até ao martírio». Precisamente «quando se vê esta coerência de vida com o que nós dizemos, surge sempre a curiosidade: “Mas por que ele vive assim? Por que leva uma vida de serviço ao próximo?”». E «essa curiosidade é a semente que o Espírito Santo pega e leva em frente; e a transmissão da fé torna-nos justos, justifica-nos».

Portanto, afirmou o Papa, «a fé justifica-nos, e na sua transmissão nós fazemos verdadeira justiça aos outros». No fundo, «é simples» o que Paulo escreve aos Coríntios: «Eu transmiti a vós antes de tudo o que também recebi». As palavras do apóstolo são claras: «Eu transmiti o que recebi». Recordam «a transmissão da fé no amor, em casa». Mas, relevou Francisco, «muitas vezes em casa ouvimos dizer: “Quando frequentar o catecismo, aprenderá”». E «muitas vezes são as empregadas domésticas, mulheres de fé, que transmitem a fé às crianças: até as empregadas domésticas estrangeiras». Talvez os «pais trabalhem; talvez vão à missa uma, duas, três, quatro vezes por ano, talvez vão à missa de vez em quando, são católicos, mas não sabem transmitir a fé; são as empregadas domésticas que a transmitem».

E este, afirmou o Pontífice, «é um facto que se vê todos os dias nas grandes cidades e até aqui na Itália». A fé transmite-se «com o amor» e «a empregada doméstica é aquela que acaricia, que cuida, que faz crescer, que ajuda a mãe, é como uma segunda mãe». E «isto significa transmitir a fé no amor, no testemunho», porque não se trata de «transmitir uma filosofia», mas de «transmitir algo que te justifica, que te torna justo aos olhos de Deus».

Por fim, o Papa convidou a pedir «ao Senhor por tantos pais para que saibam cuidar disto, pois transmitir a fé é algo grandioso, muito bonito». E pedir «por tantos cristãos a fim de que o Senhor lhes conceda a todos a força de dar testemunho e, com o testemunho, semear curiosidade; e o Espírito Santo pega naquela curiosidade e abre o coração para receber a fé».

O povo sabe se o bispo é um pastor

Sexta-feira, 4 de maio de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 20 de 17 de maio de 2018

O bispo é um homem que «sabe vigiar com o seu povo» com «uma atitude de proximidade» e de envolvimento total. E «o povo sabe reconhecer se o bispo é um pastor», que constrói uma relação «pessoal» a ponto de «conhecer os nomes de todos» para se ocupar deles, ou se é «um empregado» homem de negócio «sempre com a mala na mão». A missão do bispo de «guardar e confirmar a fé» foi traçada e reafirmada pelo Papa.

«Ontem a liturgia fez-nos refletir sobre a transmissão da fé, sobre a maneira como se transmite a fé», observou imediatamente o Papa. E «hoje este trecho dos Atos dos Apóstolos — explicou referindo-se à primeira leitura (15, 22-31) — faz-nos meditar sobre o modo como preservar a fé e confirmar na fé», recordando-nos que «este preservar e confirmar na fé é o trabalho principal dos bispos».

«A situação é clara» prosseguiu o Pontífice, e «descrevem-na os apóstolos, os bispos» na carta aos cristãos de Antioquia que se encontra nos Atos: temos «conhecimento de que, sem autorização da nossa parte, alguns dos nossos vos foram inquietar, perturbando as vossas almas». Em síntese, «os bispos, os apóstolos, reagem juntamente com Pedro diante desta falta de paz: estavam perturbados — explicou Francisco — porque chegaram aqueles, que eram cristãos, mas pretendiam reinstaurar a iniciação judaica, os judaizantes, e diziam: «nós somos os detentores da verdadeira doutrina, não a que Paulo anuncia». Como se quisessem dizer: «Paulo não; nós. Estas são notícias más».

Mas «com este discurso — afirmou o Papa — aqueles infelizes sentiam-se desorientados: apresentaram-se estes “ortodoxos da verdadeira doutrina” para defender o povo, mas surtiram o efeito contrário». A ponto que «a comunidade ficou perturbada, desorientada». Por um lado, pensava o povo,

«Paulo diz-nos isto», mas «estes, que são doutores formados dizem-nos outra coisa». Afinal «qual é o caminho?».

Eis então que, «em Jerusalém, Pedro e o colégio dos bispos tomam conta da situação, rezam, refletem e respondem». São «precisamente os bispos que preservam a fé e, ainda mais, num momento em que o povo está desorientado, devido a estas pessoas que se intrometem com doutrinas que parecem mais ortodoxas mas, afinal, não têm raízes cristãs, são os bispos que confirmam na fé».

Assim, observou o Pontífice, «o povo, que estava perturbado, mudou o seu ânimo depois da carta» como refere a página dos Atos dos Apóstolos: «Depois de a lerem, todos ficaram satisfeitos com o encorajamento que lhes trazia». Eis que a situação «muda», porque «quando o bispo confirma na fé, chega a alegria, a alegria do coração».

Com efeito, prosseguiu, «o bispo é aquele que vigia». E «a palavra grega diz isto»: o bispo é aquele «que preserva». Em suma, o bispo «é também um pouco a sentinela, que sabe vigiar para defender o rebanho dos lobos que chegam: vigia, está acima da grei e com a grei; caminha com o seu rebanho; cuida dele».

A vida do bispo está associada à vida do rebanho» insistiu o Papa. Certamente «ele não é um empregado de uma multinacional, por exemplo, que vai inspecionar». Ao contrário «o bispo está associado ao rebanho, mas vigia». E «há um aspeto mais profundo na maneira de vigiar do bispo», porque «ele, como os pastores, vigia». E «vigiar — explicou Francisco — significa estar com o povo, até de noite: pensemos nos pastores de Belém» que «alternadamente vigiavam durante a noite».

«Vigiar», frisou o Pontífice, é «uma linda palavra para descrever a vocação do bispo: vigiar para proteger dos lobos, para confirmar a fé quando o rebanho está um pouco desorientado, para preservar a fé» De resto, acrescentou, «vigiar significa integrar-se na vida da grei. Jesus distingue bem o verdadeiro pastor do empregado, daquele que é

remunerado e não lhe interessa se o lobo chega e come» uma ovelha: «não lhe interessa».

Ao contrário, «o verdadeiro pastor que vigia, que está inserido na vida do rebanho, defende não só todas as ovelhas: defende cada uma, confirma todas e se uma se afastar ou se extraviar, ele vai procurá-la, reconduzindo-a ao redil». E «está tão envolvido que não deixa que nem sequer uma se perca». Mas esta é também «a prece de Jesus: na última ceia pede ao Pai a graça de que ninguém se perca: Jesus é bispo ali e como bispo cuida de todos».

«Vigiar significa tudo isto» afirmou o Papa, recordando que «o verdadeiro bispo não é apenas um vigiador que olha do alto para baixo, não é apenas a sentinela», mas «é aquele que vigia participando; que conhece o nome de cada uma das ovelhas e isto faz-nos compreender como Jesus concebeu o bispo: próximo».

«A capacidade de vigiar tem a ver com a “proximidade”» insistiu Francisco. Por isso o pastor conhece cada ovelha «pelo nome, diz Jesus». E «o Espírito Santo deu ao povo de Deus o instinto de compreender onde há um verdadeiro bispo em relação a um bispo desorientado». De resto, acrescentou, «quantas vezes ouvimos dizer: “Oh, este bispo, sim, é bom, mas não cuida muito de nós, está sempre atarefado”; ou então, “Este bispo intromete-se nos assuntos, é um pouco calculista e isto não está bem”; ou ainda: “Este bispo ocupa-se de coisas que não estão em sintonia com a sua missão”; ou: “Este bispo está sempre de mala na mão, viaja continuamente”, ou ainda “com a guitarra na mão”, cada qual pode pensar».

«O povo de Deus — repetiu o Pontífice — sabe quando o pastor é pastor, quando o pastor está próximo, quando sabe vigiar e dar a própria vida por ele». O ponto central é precisamente «a proximidade» e «a vida do bispo deve ser com o rebanho, com cada um». E «a alegria do bispo» é «que nenhuma ovelha se tresmalhe». E mais ainda, «a morte do bispo, do verdadeiro bispo» é sempre «no seu rebanho».

«Comove-me tanto pensar — confidenciou a propósito Francisco — na morte de São Turíbio de Mongrovejo: lá, numa pequena aldeia indígena, numa tenda, circundado pelos cristãos indígenas que tocavam para ele a chirimia para que morresse em paz». É a imagem do «povo que ama o bispo que cuidara dele».

«O bispo, com esta atitude de proximidade, de vigiar, de se envolver — também de oração, pois a primeira tarefa do bispo é rezar — tem aquela relação íntima que Jesus quis entre o bispo e o povo, e com esta atitude confirma na fé» afirmou o Papa. Por conseguinte, ele «preserva a fé do povo». E foi precisamente «isto que os apóstolos fizeram com Pedro em Jerusalém: viram estes inquietos que iam lá, pensando ser os verdadeiros teólogos do cristianismo, para oferecer a verdadeira doutrina», mas no final «perturbaram o povo, e os apóstolos decidiram intervir e confirmar aquele povo de Deus na fé». Na prática, «fizeram-se próximos».

Rezemos ao Senhor — concluiu o Pontífice — para que nos conceda sempre bons pastores» e «que nunca falte à Igreja pastores que vigiem: não podemos ir em frente sem eles: Que sejam homens trabalhadores, de oração, próximos do povo de Deus. Numa palavra: homens que saibam vigiar».

O grande mentiroso

Terça-feira, 8 de maio de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 20 de 17 de maio de 2018

Há um inimigo «sedutor» que explora «a nossa curiosidade e a nossa vaidade» prometendo «prendas bem embrulhadas» apresentadas num bonito «pacotinho, sem nos deixar ver o que há dentro»; é como se se tratasse de «um cão raivoso e acorrentado» do qual não nos devemos aproximar — porque, caso contrário, «te morde, te destrói» — e com o qual nunca podemos dialogar, mas, pelo contrário, contra o qual devemos combater com as armas da oração, da penitência e do jejum. Foi toda centrada sobre a luta espiritual contra o diabo a reflexão proposta pelo Papa Francisco.

Inspirando-se no trecho final do Evangelho do dia (Jo 16, 5-11), o Pontífice começou a homilia explicando que o Senhor diz «que será o Espírito Santo quem nos fará compreender que o príncipe deste mundo já está condenado». Por conseguinte, «devemos pedir ao Espírito Santo a graça de compreender bem isto», ou seja, que «o demónio é um derrotado». O Papa advertiu imediatamente que, sem dúvida, «não morreu, está vivo»; no máximo «podemos dizer que está moribundo», contudo é também «um derrotado». Por este motivo, «não pode prometer nada, não pode dar-nos a esperança de construir algo. Nada de tudo isto, é um derrotado».

Todavia, não obstante «saibamos que é um derrotado», advertiu Francisco, «na vida quotidiana não é fácil interiorizar este conceito, convencendo-nos». E a razão disto é fácil de compreender: «antes de tudo, porque o diabo é um sedutor e gostamos de ser seduzidos. Nós gostamos, sublinhou o Papa com ênfase. E ele sabe como se aproximar de nós; sabe quais palavras nos dirigir. Desperta a nossa curiosidade, pois somos todos curiosos, e a nossa vaidade: “Mas o que ele está a dizer?”». Em síntese, o que «aconteceu com a Eva, acontece connosco. Connosco: “Experimentai isto! Não é o que estais a pensar, não...”. É a sedução». Além disso, prosseguiu o Pontífice, «devido à nossa vaidade gostamos que pensem em

nós, que nos façam propostas... E ele tem esta capacidade; esta capacidade de seduzir». Por este motivo, «é tão difícil entender» que se trata de «um derrotado; porque ele se apresenta com grande poder: promete-te tantas coisas, oferece-te muitas prendas — bonitas, bem embrulhadas — “Oh, que bom!” — mas tu não sabes o que há dentro — “Mas, o embrulho é bonito”. Seduz-nos com o pacote sem nos fazer ver o que há dentro. Sabe apresentar as suas propostas à nossa vaidade, à nossa curiosidade». Com efeito, acrescentou o Papa com uma imagem evocativa, «está prestes a falecer, mas como o dragão, como o crocodilo — que quando está para morrer os caçadores alertam: «Não te aproximes do crocodilo, porque com um bater de cauda te pode mandar para o outro mundo — é muito perigoso». E «é um sedutor. Apresenta-se com todo o poder. E nós, estultos, acreditamos».

Insistindo sobre quanto é perigoso o diabo, Francisco frisou que ele «sabe falar bem. Fala muito bem». Não só: «sabe também tocar, cantar; a fim de enganar é capaz de cantar até o Aleluia pascal. É o grande mentiroso, o pai da mentira». Aliás, «as suas propostas são todas mentiras, todas». Contudo, infelizmente, «ele apresenta as mentiras e nós acreditamos. É um derrotado, mas move-se como um vencedor». A ponto que «é inclusive capaz de nos dar luz, ilumina! Mas a luz do diabo é fulgurante, como o fogo de artifício, e não é duradoura. Um instante, depois esmorece». Ao contrário, «a luz do Senhor é suave, mas permanente». Portanto, resumindo, Francisco recordou que o diabo «nos engana, nos seduz, sabe mexer com a nossa vaidade, a nossa curiosidade e nós compramos tudo, compramos tudo. E deste modo, caímos na tentação. Se fosse a tentação de um grande guerreiro, pelo menos lutou». Mas, disse o Papa sem meios-termos, «é a tentação apresentada por um covarde — porque é covarde — por um mentiroso, por um sedutor». Em síntese, é «um derrotado perigoso».

«Estai atentos» advertiu o Pontífice, reafirmando que «devemos estar atentos ao demónio. “O que devo fazer, padre?”. Esta pergunta surge sempre: “Padre, o que faço diante deste diabo derrotado, mas astuto, mentiroso, sedutor que quer apoderar-se de mim? Que devo fazer?”». Francisco respondeu recordando que «Jesus diz a nós, mas também aos apóstolos, o que se deve fazer: vigiar e rezar. “Vigiai e rezai”: primeira

coisa. E quando rezamos o Pai-Nosso peçamos a graça de não cair em tentação, peçamos que nos proteja para não deslizarmos na tentação». Por conseguinte, a primeira arma é a «oração». Mas, acrescentou, «quando a sedução é forte — damo-nos conta, mas ela procura iluminar-nos com a sua luz artificial — penitência, jejum». Portanto, eis as outras armas presentes no arsenal do cristão para esta luta; com efeito, «Jesus, nestes momentos mais fortes, falando sobre o diabo, afirma: “Podemos derrotá-lo com a oração e o jejum”». O Senhor é claro: «vigiai, rezai e depois, por outro lado, diz: oração e jejum. Somente com isto».

Aliás, é uma ulterior sugestão de Francisco, «outra coisa que devemos fazer é não nos aproximarmos. Um padre da Igreja diz que «o diabo é um cão raivoso — ou melhor furioso — e acorrentado”. Ele está acorrentado. Mas não o vais acariciar? Não deves acariciá-lo, porque te morde, te destrói. Ele lá, eu cá». Portanto, «não nos devemos aproximar», pois «se, espiritualmente, nos aproximarmos daquele pensamento, se nos aproximarmos daquele desejo, se formos por um lado ou por outro, estamos a aproximar do cão raivoso e acorrentado. Por favor, não faças isto», recomendou Francisco descrevendo as eventuais consequências num diálogo imaginário: «“Tenho uma grande ferida...” — “Quem ta procurou?” — “Um cão” — “Mas estava acorrentado?” — «Eh, sim, eu aproximei-me para o acariciar” — “Mas, a culpa é tua”. Precisamente «assim», observou Francisco: «nunca se aproximar» pensando que, não importa, «está acorrentado». Deixemo-lo ali acorrentado.

Por fim, a última admoestação do Papa: «Outra coisa que devemos fazer: estar atentos e não dialogar com o diabo. Eva caiu por ter dialogado. Ele veio: “Mas come, por qual razão...” — “Não, mas se o Senhor...”. Pobrezinha: pensou que era uma grande teóloga e caiu». Ao contrário, «não devemos dialogar», dado que «Jesus nos dá o exemplo. No deserto, quando foi tentado pelo demónio — as três tentações — como responde Jesus»? questionou-se o Papa. «Com as palavras de Deus — foi a resposta firme — com a palavra da Bíblia. Nunca com uma palavra sua; não dialoga com ele. Jesus expulsa os demónios, afasta-os ou responde com a palavra de Deus. Por vezes, pergunta o nome. Não estabelece um diálogo com eles». Em síntese, «com o diabo não se dialoga, porque ele nos vence, é mais

inteligente do que nós. É um anjo; é um anjo de luz. E muitas vezes aproxima-se de nós deixando-nos ver esta luz, mas perdeu a luz, e disfarça-se de anjo de luz, mas é um anjo da escuridão, um anjo da morte».

Daqui o convite conclusivo a refletir sobre a hodierna «Palavra de Jesus» citada pelo evangelista João: «O príncipe deste mundo já está condenado». De facto, o demónio «é um condenado, um derrotado, um acorrentado que está prestes a morrer»; mas, denunciou o Pontífice, «é capaz de fazer massacres. E nós devemos rezar, fazer penitência, não nos aproximarmos, não dialogar com ele. E por fim, ir ter com a mãe, como fazem as crianças», dado que «quando elas têm medo, vão ter com a mãe: «Mãe, mãe... tenho medo!», quando sonham... procuram a mãe». E para o cristão a mãe é «Nossa Senhora; ela ampara-nos». Por este motivo «os padres da Igreja, sobretudo os místicos russos, dizem — rezou Francisco — “na época das perturbações espirituais, há que se refugiar sob o manto da grande Mãe de Deus”. Ir ter com a Mãe».

Amigo até ao fim

Segunda-feira, 14 de maio de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 20 de 17 de maio de 2018

Todos os cristãos receberam em dom a amizade de Jesus: «o nosso destino é sermos seus amigos» e ele permanece «fiel a este dom» mesmo quando «nos afastamos dele por causa da nossa debilidade». Eis o ensinamento que o Papa Francisco tirou das leituras litúrgicas do dia durante a missa celebrada na manhã de segunda-feira, 14 de maio, festa do apóstolo São Matias.

«Na liturgia de hoje — afirmou o Pontífice — há uma palavra que se repete muitas vezes»: é «a palavra “sorte”». Mas, advertiu imediatamente, «não devemos considerá-la como um sinónimo de “caso”. Não é “por acaso”, por ventura»; ao contrário «aqui é sinónimo de destino». Com efeito, observou, «na oração da coleta rezamos deste modo: “Ó Senhor, a nós que tivemos a sorte de receber o dom da tua amizade concede-nos que progredamos neste amor, que sejamos eleitos, que permaneçamos fiéis na eleição”».

O Santo Padre inspirou-se neste trecho para refletir sobre o tema da amizade de cada cristão com Jesus. «Nós — explicou — recebemos este dom como sorte: a amizade do Senhor. Esta é a nossa vocação: viver como amigos do Senhor, amigos do Senhor», repetiu duas vezes. E o mesmo dom, observou, foi recebido pelos apóstolos: «ainda mais forte, mas o mesmo».

Portanto, atualizando o conceito, Francisco sublinhou que «todos nós cristãos recebemos este dom: a abertura, o acesso ao coração de Jesus, a amizade de Jesus. Recebemos por sina o dom da tua amizade. O nosso destino é ser teus amigos».

Analisando depois as características deste dom, o Papa evidenciou que, em primeiro lugar, se trata de «um dom que o Senhor conserva sempre» e que «ele é fiel a este dom». Ao contrário, «muitas vezes nós não somos fiéis

e afastamo-nos, com os nossos pecados, com os nossos caprichos e muitas outras coisas». Ao passo que «ele é fiel à amizade, porque nos chamou para que a vivêssemos. Elegeu-nos por esta razão, para sermos seus amigos: «Já não vos chamo servos — diz no Evangelho (Jo 15, 9-17) — mas chamei-vos amigos”. Ele conserva esta palavra até ao fim».

A este propósito, o Pontífice pediu para que se pense com atenção em «qual é a última palavra» que Jesus «dirige a Judas, precisamente no momento da traição». E a resposta é surpreendente: «“Judas, amigo”. Quando Judas estava para o entregar, ele chama-lhe “amigo”, recorda-lhe isto. Porque ele é fiel». O Senhor «não diz: “Vai-te embora, porque te afastaste de mim. Vai-te embora”. Não! Ele é fiel até ao fim a este dom que ofereceu a todos: o dom da amizade».

Por conseguinte, continuou o Papa no seu raciocínio «Jesus é nosso amigo. E Judas, como afirma aqui, foi rumo à sua nova sorte, rumo ao seu destino que ele escolheu livremente, afastou-se de Jesus». E este «afastar-se de Jesus», esclareceu Francisco, chama-se «apostasia. Um amigo que se torna inimigo ou indiferente ou traidor». Ao contrário, «o Senhor não renega, até ao fim ele está ali: “Judas, amigo”. Até ao fim». E isto, é o conselho de Francisco, «deve-nos fazer refletir».

Aliás, também a primeira leitura, tirada dos Atos dos apóstolos (1, 15-17.20-26), evidencia que «Matias foi eleito no lugar de Judas por ser testemunha da Ressurreição, testemunha deste dom de amor, de amizade, mais do que amor trata-se de amizade, que significa familiaridade no amor. Porque o próprio Jesus diz: “Vós sois meus amigos. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Mas chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai”».

Com efeito, «o amigo é aquele que partilha os segredos com o outro». E dado que «recebemos como sorte, ou seja, como destino, o dom da amizade de Jesus, como o tinha recebido Judas, como o tinha recebido Matias», o Papa convidou a pensar «nisto»: ou seja, no facto de que Cristo «não renega este dom, não nos renega, espera por nós até ao final. E quando, devido à nossa debilidade, nos afastamos dele, ele espera, espera, Ele continua a

dizer: «Amigo, espero por ti. Amigo o que queres? Amigo, por que me atraíças com um beijo?»». Porque, concluiu o Pontífice, Jesus «é fiel na amizade». E «nós devemos pedir-lhe esta graça de permanecer no seu amor, de permanecer na sua amizade, aquela amizade que recebemos como sorte, como dom dele».

Pelo rebanho não pela carreira

Terça-feira, 15 de maio de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 21 de 24 de maio de 2018

Somos bispos pelo rebanho e não pela carreira: o último conselho presbiteral de São Paulo, uma verdadeira «despedida», é o melhor «testamento» possível pois no centro de tudo está Jesus Cristo. As palavras do apóstolo foram recordadas pelo Papa durante a missa.

«Na primeira leitura tirada do livro dos Atos dos Apóstolos — afirmou o Pontífice referindo-se ao trecho litúrgico (20, 17-27) — ouvimos a despedida de Paulo, a despedida de um apóstolo, do bispo: é um excerto vigoroso, que comove o coração». Mas «é também um trecho que nos mostra o caminho de cada bispo na hora da despedida». E deste discurso «metade é lida hoje e metade amanhã», observou o Papa, acrescentando: «Farei mais um comentário que uma homilia, comentarei este trecho». Porque «o excerto fala por si».

«Paulo faz vir os presbíteros de Mileto a Éfeso», explicou Francisco. Praticamente «realiza uma reunião do conselho presbiteral com os presbíteros para se despedir deles: tem que ir embora». E «quando estão reunidos — “quando chegaram, e estando todos reunidos, disse-lhes”, lê-se no livro — começa primeiro com um exame de consciência: “Vós sabeis de que modo sempre me tenho comportado para convosco, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia”». Paulo «diz o que pensa que fizera, aquilo que fez, e submete-o ao juízo de todos», como «uma espécie de exame de consciência do bispo diante do seu presbitério».

«Lendo isto com a nossa mentalidade — afirmou o Pontífice — pode parecer que Paulo é um pouco orgulhoso, que se vangloria demais». Mas «Paulo é objetivo, diz o que realizou» e «só se vangloria de dois aspetos: dos próprios pecados e da cruz de Jesus que o salvou». Noutro trecho, «observando-se a si mesmo, diz: “Mas sou um pecador, persegui os cristãos, matei. Sou como o fruto de um aborto” — faz uma descrição

chocante de si mesmo — “vanglorio-me de tudo isto” e “olho para o Senhor mas também me vanglorio de Jesus que me salvou, me chamou, me escolheu”».

Quando Paulo «profere essas palavras — explicou o Papa — é objetivo: diz o que fez, mas o seu espírito está distante de qualquer vaidade humana. É real». Portanto, o apóstolo, «depois deste exame de consciência tão claro que ouvimos, noutra trecho afirma: “Constrangido pelo Espírito, vou a Jerusalém”». Por conseguinte, Paulo vive «esta experiência de bispo: o bispo que sabe discernir o Espírito, sabe discernir quando é o Espírito de Deus que fala e sabe defender-se quando fala o espírito do mundo».

Assim «constrangido pelo Espírito, sem saber o que lhe acontecerá», Paulo «vai em frente; sabia na escuridão, mas sabia, porque um profeta lhe revelara isto». E depois o apóstolo «explica porque sabia: “Só sei que, de cidade em cidade, o Espírito Santo me assegura que me esperam em Jerusalém cadeias e perseguições”». Conscientemente Paulo «vai rumo à tribulação, à cruz e isto faz-nos pensar na entrada de Jesus em Jerusalém: ele entra para sofrer e Paulo vai rumo à paixão», dizendo praticamente: «não me importa a minha vida, contanto que o Senhor conduza até ao fim a minha corrida e o serviço que me foi confiado».

Com este espírito Paulo «dá o serviço, oferece a vida; vê-se o rebento do martírio, o mártir. Oferece-se ao Senhor, obediente». Eis o sentido de “constrangido pelo Espírito”; o bispo que vai sempre em frente, mas segundo o Espírito Santo». «Este é Paulo», afirmou o Pontífice.

Aquele mesmo Paulo que depois dá o «terceiro passo: após ter feito o exame de consciência, dito onde iria e o que o espera, ele dá o terceiro passo: “Sei agora que não tornareis a ver a minha face, todos vós, por entre os quais andei pregando o Reino de Deus”». Deste modo Paulo «despede-se». Esta expressão «não tornareis a ver a minha face» que o apóstolo escreve, afirmou o Papa «é como se fosse a morte, com aquela ternura».

E, acrescentou o Pontífice, «o texto continua e será lido amanhã». Assim «depois de ter dito “não nos voltaremos a ver”, começa a dar

conselhos». E «neste testamento Paulo não aconselha: “os objetos que deixo dai-os a alguém...”». Não é «o testamento mundano», porque «o seu amor grande é Jesus Cristo» e «o segundo amor, o rebanho». E afirma: «Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho».

Portanto, exorta Paulo, «vigiai o rebanho; sois bispos para o rebanho, para cuidar do rebanho, não para vos agarrar a uma carreira eclesiástica». Eis a sua «despedida»: “Como eu fiz, fazei vós: cuidai de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastorear a Igreja de Deus”».

Mas Paulo «explica» também «por que aconselha a vigiar: “Sei que depois da minha partida se introduzirão entre vós lobos cruéis, que não pouparão o rebanho. Mesmo dentre vós surgirão homens que hão de proferir doutrinas perversas, com o intento de arrebatarem após si os discípulos. Vigiai! Lembrai-vos, portanto, de que por três anos não cessei, noite e dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós». E assim Paulo, explicou o Papa, «volta ao exame de consciência: lembrai o que fiz e vigiai no futuro».

O apóstolo «termina com o coração grande, o coração humilde do homem que sabe que nada pode fazer: “Agora eu vos encomendo a Deus e à palavra da sua graça”». Pretendendo dizer: «Deus preservar-vos-á, ajudar-vos-á, dar-vos-á a força: ele tem o poder de edificar e concede a herança a todos que por ele são santificados». Depois o apóstolo «volta mais uma vez ao exame de consciência: “Prestai atenção, de ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes”». Paulo é «pobre». E, referem os Atos, «depois de ter dito isto, ajoelhou-se com todos eles e rezou».

Deste modo, afirmou o Papa, «acaba essa sessão do conselho presbiteral — a última em Éfeso — com a oração». Lê-se também nos Atos: «Derramaram-se em lágrimas e lançaram-se ao pescoço de Paulo para abraçá-lo, aflitos, sobretudo pela palavra que tinha dito: Já não vereis a minha face. Em seguida, acompanharam-no até ao navio». Nestas palavras, sugeriu Francisco, há «o amor, a ternura dos presbíteros para com o seu bispo: o beijo, o abraço, o pranto».

«O testamento de Paulo é um testemunho e também um anúncio» e «inclusive um desafio: “Eu percorri o meu caminho. Continuai vós”». Mas, observou o Papa, «como é distante este legado dos testamentos mundanos: “Isto deixo a fulano, a sicrano...”». Com «tantos bens» para distribuir.

«Paulo — insistiu o Pontífice — nada possuía, só a graça de Deus, a coragem apostólica, a revelação de Jesus Cristo e a salvação que o Senhor lhe concedeu». E, confidenciou o Papa, «quando leio isto, penso em mim. Porque sou bispo e devo despedir-me. Peço ao Senhor a graça de poder despedir-me deste modo. E no exame de consciência não sairei vencedor como Paulo, mas o Senhor é bom, é misericordioso». E, acrescentou Francisco, «penso nos bispos, em todos os bispos: que o Senhor conceda a graça a todos nós de poder despedir-nos assim, com este espírito, com este vigor, com este amor por Jesus Cristo, com esta confiança no Espírito Santo». E, concluiu, «rezemos por todos os bispos, a fim de que caminhem pela via de Paulo para poder, no final, deixar um testamento como este».

Contra o veneno da maledicência

Quinta-feira, 17 de maio de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 21 de 24 de maio de 2018

Com a técnica da «unidade fingida» engana-se desde sempre o povo para fazer, ainda hoje, golpes de Estado, condenar os justos — a começar por Jesus — mas também para destruir a vida nas comunidades cristãs, eliminando as pessoas com bisbilhotices. Eis a «atitude assassina» contra a qual o Papa alertou durante a missa, voltando a propor a essência da verdadeira unidade testemunhada por Cristo na sua oração ao Pai: «para que todos sejam um».

E precisamente «na liturgia de hoje — observou o Pontífice — podemos ver dois caminhos, dois pesos, duas medidas para chegar à unidade». Trata-se de «dois tipos de unidade». E «a primeira», explicou referindo-se ao trecho do Evangelho (Jo 17, 20-26), é aquela pela qual «Jesus reza ao Pai por nós, “para que todos sejam um”, um, “como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti, para que o mundo creia”».

Em síntese, é «a unidade à qual nos leva Jesus», afirmou o Papa, «a unidade no Pai, como Ele está com o Pai». E é «uma unidade construtiva, uma unidade que cresce sempre; uma unidade entusiasmante, que une a Igreja». E «o Espírito Santo — insistiu o Papa — leva-nos sempre para esta unidade: uma unidade de salvação, pois Jesus quer salvar todos e nos leva rumo a esta unidade».

Ela é também «uma unidade que não acaba: vai até à eternidade, ou seja, tem amplos horizontes». E «assim cresce a unidade, e quando nós, na vida, na Igreja ou na sociedade civil, trabalhamos pela unidade, percorremos esta senda». Conscientes de que «quem trabalha pela unidade está no caminho traçado por Jesus». Precisamente «esta é a grande unidade, que o Pai nos revela e que nos faz ver o próprio núcleo da revelação que Jesus nos trouxe».

«Mas há outro tipo de unidade que chamaria “fingida” ou conjuntural: a dos acusadores de Paulo na primeira leitura», afirmou o Pontífice, referindo-se ao trecho dos Atos dos Apóstolos (22, 30; 23, 6-11). Com efeito, estes acusadores, explicou o Papa, «apresentam-se em grupo para acusar Paulo: “Vai contra a lei, vai contra isto, é blasfemo”». Por sua vez, «o procurador romano vê essa gente e diz: “mas todo o povo está unido”». Contudo «Paulo, que era esperto — porque o Espírito Santo também nos permite ser humanamente espertos, pede-nos isto — e sabia que aquela unidade era fingida, era só conjuntural, lança a pedra de divisão». Com efeito, na página dos Atos lê-se: «Consciente de que uma parte do sinédrio era de saduceus e a outra de fariseus, Paulo disse em voz alta” — lança a pedra — “irmãos, sou fariseu, filho de fariseus; sou julgado por causa da minha esperança na ressurreição dos mortos”». Eis «a pedra que Paulo lança contra a unidade falsa que o acusa».

A tal ponto que, «continua o texto: “Assim que pronunciou estas palavras, começou uma discussão entre fariseus e saduceus”. Dissolve-se a unidade, discutem entre si. Antes discutiam contra Paulo para o acusar e condenar à morte; mas com esta frase Paulo destrói aquela unidade porque era falsa, inconsistente. “Começou uma discussão entre fariseus e saduceus e a assembleia dividiu-se. Pois os saduceus afirmam que não existe ressurreição, nem anjos, nem espíritos, mas os fariseus professam tudo isto”». Em síntese, «com a sabedoria humana que tinha e com a sabedoria do Espírito Santo, Paulo conseguiu destruir este bloco de unidade».

De resto, «vimos a mesma coisa nas perseguições de Paulo, por exemplo em Jerusalém». Com efeito, «o texto dos Atos diz que todos os que estavam ali reunidos gritavam contra Paulo, mas ninguém conhecia nem ouvia o outro, não sabia o que gritavam: foram convocados para fazer barulho, fazer uma unidade que era barulho». E «o mesmo, por exemplo», aconteceu «com os agentes da imagem da Ártemis dos efésios, em Éfeso, quando ninguém sabia o motivo pelo qual gritava», como narra o capítulo 19 dos Atos. Na realidade, explicou o Papa, assim «o povo torna-se massa, anónimo: faz uma unidade anónima e os dirigentes dizem: “Deves gritar contra ele” e gritam». Embora «não saibam por que gritam, o que querem».

«Esta instrumentalização do povo é também um desprezo pelo povo, porque o transforma de povo em massa», disse Francisco, observando que «é um elemento que se repete frequentemente, desde os primeiros tempos até hoje. Pensemos nisto: no Domingo de Ramos todos aclamam: “Bendito és Tu, que vens em nome do Senhor”» mas na «sexta-feira seguinte a mesma gente grita: “Crucifica-o”». A resposta é que o cérebro foi lavado e assim a situação mudou: na realidade, «transformaram o povo em massa destruidora». Mais ainda, «pensemos em Estêvão: procuram imediatamente duas testemunhas falsas e assim o povo vai apedrejar Estêvão». E «no Antigo Testamento pensemos na mesma técnica» atuada «pela rainha Jezabel com Nabot», segundo quanto cita o livro dos Reis. É sempre «o mesmo: criam-se condições obscuras, “nebulosas”, para condenar uma pessoa». Sim, «depois aquela unidade» construída acaba por se dissolver; entretanto «a pessoa é condenada».

«Até hoje este método é muito usado», alertou o Papa. «Por exemplo, na vida civil e política, quando se quer fazer um golpe de Estado, os mass media começam a falar mal das pessoas, dos dirigentes e, com a calúnia e a difamação, mancham-nos. Depois chega a justiça, condena-os e no fim faz-se o golpe de Estado. É um dos sistemas mais vergonhosos». Mas precisamente «com este método perseguiram Paulo, Jesus, Estêvão e depois todos os mártires». Sem dúvida, acrescentou o Pontífice, no final é «o povo que vai ao circo e grita para ver como se trava a luta entre os mártires e as feras ou os gladiadores, mas sempre, o elo da cadeia para chegar à condenação, ou a outro interesse após a condenação é este ambiente de unidade fingida, falsa».

Mas o Papa recordou que «de modo mais restrito», tudo isto «acontece nas nossas comunidades paroquiais, por exemplo quando dois ou três começam a criticar o outro, a falar mal dele, e fazem uma unidade fingida para o condenar». Juntos, disse Francisco, «sentem-se seguros e condenam-no: condenam-no mentalmente, como atitude; depois separam-se e falam uns contra os outros, porque estão divididos». E por isso, frisou, «a tagarelice é uma atitude assassina porque mata, elimina as pessoas, anula a sua “fama”». E «a bisbilhotice foi também o que fizeram com Paulo, com Jesus: desacreditá-lo» e «uma vez desacreditado, eliminam-no». «Pensemos

na grande vocação para a qual fomos chamados: a unidade com Jesus, o Pai», exortou o Pontífice. E «por este caminho devemos prosseguir, homens e mulheres que se unam e sempre procurem ir em frente na senda da unidade». Mas «não unidas falsas, inconsistentes, que só servem para dar um passo além e condenar as pessoas, levando em frente interesses que não são nossos: interesses do príncipe deste mundo, que é a destruição». O Papa concluiu a homilia, desejando «que o Senhor nos conceda a graça de percorrer sempre o caminho da verdadeira unidade».

A bússola do pastor

Sexta-feira, 18 de maio de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 21 de 24 de maio de 2018

Há um excerto do Evangelho de João (21, 15-19) no qual cada cristão, mas sobretudo os pastores da Igreja, olhando para Pedro podem compreender muito da própria identidade. É a «bússola de cada pastor». É um trecho íntimo, profundo, no qual através de um jogo de olhares e de palavras entre Jesus e o apóstolo, e graças ao precioso auxílio da «memória», se chega a traçar com clareza o sentido de uma vida e de uma missão. É o trecho — comentado pelo Papa Francisco durante a missa — no qual «os discípulos estavam na água» e João reconheceu Jesus à beira-mar: Pedro, «que era muito “emotivo” cingiu-se com a túnica (porque estava nu) e lançou-se ao mar, com aquele seu típico caráter impetuoso, para ir ao encontro do Senhor».

O trecho está no final do evangelho de João, onde é narrado o «último diálogo de Pedro com o Senhor». Um diálogo intenso, durante o qual, disse o Pontífice, «Pedro volta com a memória aos diálogos que tivera com o Senhor. Este é o momento da memória de Pedro».

O Papa imaginou o fluxo de memória que naqueles momentos agitou o coração do apóstolo, como uma série de instantâneos que rapidamente fizeram Pedro reviver os anos passados ao lado de Jesus. Recordou certamente «a primeira vez, quando o Senhor lhe muda o nome», e quando «André lhe foi dizer entusiasmado: “Encontramos o Messias”, e Jesus fita-nos olhos e responde: “Doravante chamar-te-ás Pedro”». Em seguida, «quando foi a sua casa e curou a sogra. E ainda, quando ele teve a coragem de dizer o que sentia no coração: “Tu és o Cristo, o Deus...”».

Ainda recordações: quando a debilidade de Pedro «queria poupar o Senhor, a dor da paciência...». E Jesus repreende-o: «Afasta-te de mim, Satanás», corrigindo-o porque «este pensamento não é de Deus». Momentos bons como o da transfiguração, «quando queria permanecer ali

com o Senhor, armar três tendas, aquele diálogo...»; e momentos dolorosos, como quando Jesus lhe disse: «Mas antes que o galo cante tu me renegarás». Depois «o galo cantou» e «aquele diálogo silencioso, o olhar de Jesus, terno, sofredor». Quando ele «chorou».

Todas estas coisas, disse Francisco, «vinham à mente de Pedro naquele momento do diálogo com o Senhor». A ponto que o Senhor o chama «Simão, filho de João», usando o seu primeiro nome. É, explicou Francisco, «o momento desta memória de Pedro condensada diante do Senhor». Um momento que tem algo para ensinar a cada cristão: «O Senhor quer que todos nós recordemos o nosso caminho com ele. Talvez este seja o dia para o fazer».

Neste momento tão decisivo, «o que diz o Senhor a Pedro? Três coisas: “Ama-me, apascenta e prepara-te”».

Antes de mais, frisou o Papa, Jesus pergunta a Pedro: «Tu amas-me mais do que a estes? Ama-me como podes, mas ama-me». E é «o que o Senhor pede aos pastores e também a todos nós. “Ama-me!”». Pois, o primeiro passo no diálogo com o Senhor é o amor. Ele amou-nos primeiro mas nós devemos amá-lo: “Ama-me”».

Por conseguinte, ele pergunta a cada pastor: «Amas-me?». E depois: «“apascenta”. Tu és pastor, apascenta. Não uses o tempo noutras coisas. “Apascenta”. Tu és chamado a apascentar, a tua identidade é ser pastor. A identidade de um bispo, de um sacerdote, é ser pastor. “Apascenta com amor, não faças outra coisa, ama e apascenta”».

Seguindo o diálogo do Senhor com Pedro, o Papa acrescentou a terceira indicação. Com efeito, poder-se-ia dizer: «E depois, Senhor, dar-me-ás o prémio? — Sim, prepara-te, porque te levaremos onde tu não queres ir. Prepara-te para as provações, prepara-te para deixar tudo a fim de que venha outro e faça coisas diferentes. Prepara-te para esta aniquilação na vida. E levar-te-ão pela vereda das humilhações, talvez pelo caminho do martírio». As palavras de Jesus ao apóstolo parecem ser repetidas também hoje: «Aqueles que quando eras pastor te louvavam e falavam bem de ti,

agora falam mal porque o outro que vem parece ser melhor. Prepara-te. Prepara-te para a cruz quando te levarem onde tu não queres ir».

Três conceitos simples: «Ama-me, apascenta, prepara-te». É este, afirmou o Pontífice, «o mapa de um pastor, a bússola para não se perder»: amar e deixar-se amar pelo Senhor, vigiar sobre o rebanho «dia e noite», preparar-se pois «a cruz chegará também para ti; não sabemos se interior ou exterior mas chegará, como chegou para o Senhor».

Um ensinamento claro e simples, ao qual Francisco, prosseguindo a análise do Evangelho, fez um acréscimo: parece, disse, «que se um pastor fizer tudo isto, tudo corre bem. Não, há ainda outra coisa». Com efeito, o diálogo entre Jesus e Pedro acaba com alguns versículos (21, 20-23) que são propostos pela liturgia de sábado, 19 de maio. João escreve que «Pedro sente o olhar de Jesus, está contente, sente-se forte». Virando-se vê atrás de si João e diz a Jesus: «Senhor, tu disseste-me o que acontecerá comigo. E com ele, o que vai acontecer?» Ou seja, Pedro, explicou o Pontífice, «cai noutra tentação: olhar para a vida alheia, meter o nariz na vida dos outros. E Jesus repreende-o com força», não tão severamente como quando lhe disse: «Afasta-te de mim, Satanás», mas responde-lhe: «Se eu quiser que ele permaneça até eu voltar, a ti que importa?». Explicou o Papa: «O pastor ama, apascenta, prepara-se para a cruz, para o despojamento e não mete o nariz na vida alheia, não perde tempo em grupinhos, em grupos eclesiais. Ama, apascenta e prepara-se, e não cai em tentação».

Permanecem, concluiu Francisco, os três ensinamentos fundamentais: «amar, apascentar e preparar-se para a cruz». Estes três aspetos «são o “segue-me”; Jesus quer que os pastores o sigam assim: amando, apascentando e preparando-se para a cruz».

A Igreja é mulher e mãe

Segunda-feira, 21 de maio de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 22 de 31 de maio de 2018

O Papa Francisco celebrou pela primeira vez a missa na memória da bem-aventurada Virgem Maria mãe da Igreja: com efeito, a partir deste ano a festa comemora-se, no calendário romano geral, na segunda-feira depois do Pentecostes, como estabelecido pelo Pontífice com o decreto *Ecclesia mater* da Congregação para o culto divino e a disciplina dos sacramentos (11 de fevereiro de 2018), precisamente para «favorecer o crescimento do sentido materno da Igreja nos Pastores, nos religiosos e nos fiéis, como, também, da genuína piedade mariana».

«Nos Evangelhos todas as vezes que se menciona Maria fala-se da “mãe de Jesus”» observou imediatamente Francisco na homilia, referindo-se ao trecho evangélico de João (19, 25-34). Embora «na Anunciação não se profira a palavra “mãe”, o contexto é de maternidade: a mãe de Jesus» afirmou o Papa, sublinhando que «esta atitude de mãe acompanha a sua ação durante toda a vida de Jesus: é mãe». A ponto que, prosseguiu, «no final Jesus a oferece como mãe aos seus, na pessoa de João: “Eu vou-me embora, mas eis aí a tua mãe”». Eis, portanto, «a maternidade de Maria».

«As palavras de Nossa Senhora são palavras de mãe» explicou o Papa. E «todas o são: após as, inicialmente, de disponibilidade à vontade de Deus e de louvor a Deus no Magnificat, todas as palavras de Nossa Senhora são palavras de mãe». Ela está sempre «com o Filho, também nas atitudes: acompanha o Filho, segue o Filho». E muito «antes, em Nazaré, fá-lo crescer, cria-o, educa-o, mas depois o segue: “A tua mãe está ali”». Maria «é mãe desde o início, a partir do momento em que aparece nos Evangelhos, do momento da Anunciação até ao fim, ela é mãe». Referindo-se a ela «não se diz “a senhora” ou “a viúva de José”» — e na realidade «poderiam chamá-la assim» — mas Maria é sempre «mãe».

«Os padres da Igreja compreenderam bem isto — afirmou o Pontífice — e entenderam também que a maternalidade de Maria não termina com ela; vai além». Os padres «afirmam sempre que Maria é mãe, a Igreja é mãe e a sua alma é mãe: há algo de feminino na Igreja, que é «maternal». Por conseguinte, explicou Francisco, «a Igreja é feminina porque é “igreja”, “esposa”: é feminina e é mãe, dá à luz». Portanto, é «esposa e mãe», mas «os padres vão além e dizem: “Inclusive a sua alma é esposa de Cristo e mãe”».

«Nesta atitude que vem de Maria que é mãe da Igreja — evidenciou o Papa — podemos compreender esta dimensão feminina da Igreja: quando esta vem a faltar, a Igreja perde a verdadeira identidade e torna-se uma associação de beneficência ou uma equipe de futebol ou qualquer coisa, mas não Igreja».

«A Igreja é “mulher” — relançou o Papa — e quando pensamos no papel da mulher na Igreja devemos remontar a esta fonte: Maria, mãe». E «a Igreja é “mulher” porque é mãe, pois é capaz de “dar à luz filhos”: a sua alma é feminina porque é mãe, é capaz de gerar atitudes de fecundidade».

«A maternidade de Maria é algo grande» insistiu o Pontífice. De facto, Deus «quis nascer de uma mulher para nos ensinar este caminho». Mais ainda, «Deus apaixonou-se pelo seu povo como um esposo pela sua esposa: afirma-se isto no Antigo Testamento. E é «um grande mistério». Como consequência, prosseguiu Francisco, «podemos pensar» que «se a Igreja é mãe, as mulheres deverão ter cargos na Igreja: sim, é verdade, deverão desempenhar funções, tantos cargos e graças a Deus são cada vez mais as funções que as mulheres ocupam na Igreja».

Mas «este não é o aspeto mais significativo» advertiu o Papa, porque «é importante que a Igreja seja mulher, que tenha esta atitude de esposa e de mãe». Cientes de que «quando nos esquecemos disto, sem esta dimensão torna-se uma Igreja masculina, torna-se tristemente uma Igreja de solteirões, que vivem neste isolamento, incapazes de amar, incapazes de fecundidade». Portanto, afirmou o Pontífice, «sem a mulher a Igreja não vai

em frente, porque ela é mulher, e esta atitude de mulher provém de Maria, porque Jesus quis assim».

A este propósito, Francisco quis indicar também «o gesto, diria a atitude, que distingue principalmente a Igreja como mulher, a virtude que mais a caracteriza como mulher». E sugeriu que a reconheçamos no «gesto de Maria no momento do nascimento de Jesus: “Deu à luz o seu filho primogénito, envolveu-o em faixas e colocou-o numa manjedoura”». Uma imagem em que se releva «precisamente a ternura de qualquer mãe com o seu filho: cuidar dele com ternura, para que não se fira, para que esteja bem coberto». E, por conseguinte, «a ternura» é também «a atitude da Igreja que se sente mulher e se sente mãe».

«São Paulo — ouvimo-lo ontem, rezamo-lo também no breviário — recorda-nos as virtudes do Espírito e fala-nos da mansidão, da humildade, destas virtudes chamadas “passivas”», afirmou o Papa, frisando que, ao contrário, «são as virtudes fortes, as virtudes das mães». Eis que, acrescentou, «uma Igreja que é mãe anda pelo caminho da ternura; conhece a linguagem da grande sabedoria das carícias, do silêncio, do olhar de compaixão, de silêncio». E «também uma alma, uma pessoa que vive esta pertença à Igreja, sabendo também que é mãe deve percorrer o mesmo caminho: uma pessoa meiga, terna, sorridente, cheia de amor».

«Maria, mãe; a Igreja, mãe; a nossa alma, mãe» repetiu Francisco, convidando a pensar «nesta grande riqueza da Igreja e nossa; e deixemos que o Espírito Santo nos fecunde, a nós e à Igreja, a fim de que nos tornemos também mães dos outros, com atitudes de ternura, de mansidão, de humildade. Certos de que este é o caminho de Maria». E, na conclusão, o Papa observou também como é «curiosa a linguagem de Maria nos Evangelhos: quando fala ao Filho, é para lhe indicar as coisas das quais os outros precisam; e quando fala aos outros, é para lhes dizer: “fazei tudo o que Ele vos disser”».

O dom das lágrimas

Sexta-feira, 25 de maio de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 22 de 31 de maio de 2018

«Trouxeram de Siracusa a relíquia das lágrimas de Nossa Senhora. Hoje estão aqui, e rezemos a Nossa Senhora para que nos conceda a nós e também à humanidade, que dele precisa, o dom das lágrimas para que possamos chorar: pelos nossos pecados e pelas tantas calamidades que fazem sofrer o povo de Deus e os filhos de Deus». Foi com estas palavras que o Papa Francisco iniciou a celebração. O relicário, que Francisco quis que fosse colocado ao lado do altar da capela, trouxeram-lho na tarde de quinta-feira da paróquia romana de Santa Maria das Graças «al Trionfale» onde, nestes dias, esteve no centro das iniciativas para a festa patronal.

Depois da celebração em Santa Marta, o relicário de Nossa Senhora das lágrimas, confiado ao reitor do santuário, prosseguirá a peregrinação nas cidades italianas: a próxima etapa é Livorno.

Depois, na homilia, o Papa sugeriu uma «notícia aos jornais e telejornais»: a esposa e o marido que vivem muitos anos juntos são à imagem e semelhança de Deus» e, por isso, deveriam ser dignos de mais notícia do que divórcios, separações e escândalos. Portanto, foi um convite a ver em positivo e a redescobrir «a beleza do matrimônio» a essência da reflexão do Pontífice, que partiu do trecho evangélico de Marcos (10, 1-12). «Jesus ensina à multidão» afirmou o Papa, fazendo notar que «o povo simples ouve o Senhor porque tem vontade, tem sede, sede de doutrina, sede de verdade; tem uma fé que procura crescer». E as pessoas simples também «intuem que o Senhor é um profeta, um mestre e seguem-no. Simplesmente ouvem».

Ao contrário, prosseguiu Francisco relendo o trecho do Evangelho, «estes fariseus, ou também doutores da lei, aproximaram-se e para o pôr à prova fizeram-lhe uma pergunta casuística, aquelas perguntas da fé “pode-se ou não se pode”, onde a fé é reduzida a um “sim” ou a um “não”». Mas

«não o grande “sim” nem o grande “não” dos quais ouvimos falar, que é Deus», fez presente o Pontífice referindo-se ao trecho da carta do apóstolo São Tiago (5, 9-12). Não, insistiu, para os fariseus a questão é «pode-se ou não se pode». E «a vida cristã, a vida segundo Deus, segundo estas pessoas, consiste sempre no “pode-se” ou “não se pode”, para o pôr à prova».

Mas «quando ouve estas coisas, o Coração de Jesus sofre e vai além» explicou o Papa. «A pergunta é sobre o divórcio, sobre o matrimónio: parece que para eles, o matrimónio era “pode-se ou não se pode”; até que ponto devo ir em frente, até que ponto não». Ao contrário, observou Francisco, «Jesus vai além e chega à criação e fala do matrimónio que talvez seja a coisa mais bonita que o Senhor fez naqueles sete dias, são sete as etapas». Com efeito, lê-se no trecho de Marcos que «Jesus lhes disse: “desde o princípio da criação, Deus os fez varão e mulher. Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e unir-se-á à sua mulher, e serão os dois uma só carne; e assim já não serão dois, mas uma só carne”».

«É forte o que o Senhor diz», evidenciou o Pontífice. «Deus criou-os assim desde o início e não diz “são um só espírito, um só amor”, não: “uma carne”, não se pode dividir!». Mas, acrescentou, «deixa o problema da separação e vai à beleza do matrimónio, à beleza do casal que deve ser unido». E assim, afirmou o Papa, «o homem e a mulher deixam as suas famílias para empreenderem um novo caminho, um novo percurso». Por isso 'há uma rutura no homem e na mulher para iniciar o caminho: a rutura com o que era antes, com a família precedente: “deixa para devir” e depois toda a vida este caminho de ir em frente, não dois, mas um». Por conseguinte, «prosseguir assim na vida, um, e aquilo que é um deve permanecer um: eis o que diz o Senhor».

«Não devemos parar, como estes doutores, neste “pode-se ou não se pode” dividir um matrimónio» observou o Papa. «Às vezes, por desgraça, não funciona — explicou — e é melhor separar-se para evitar uma guerra mundial, mas esta é uma desgraça». Consideremos «antes o positivo». E nesta perspetiva, acrescentou, «apraz-me falar hoje disto, porque entre vós se encontram sete casais que celebram as bodas de ouro ou de prata». São casais, afirmou Francisco, que «vêm celebrar, isto é, rejubilar diante do

Senhor por estes cinquenta anos, por estes vinte e cinco anos de caminho juntos».

«Cada um, quando chega a este ponto, reflete sobre o caminho percorrido e agradece ao Senhor» prosseguiu o Pontífice. «Recordo-me — confidenciou — de uma vez numa audiência geral, ao saudar as pessoas parei diante de um casal: eram jovens, nunca teria pensado que celebravam sessenta anos de casamento! Mas não pareciam tão idosos!». O facto é que «naquela época — acrescentou o Papa — casavam-se jovens; hoje, para que o filho case, a mãe tem que deixar de lhe passar a ferro as camisas, porque não quer ir embora de casa».

Recordando aquele casal, Francisco confidenciou ainda: «Eu olhei para eles e disse: “sois felizes?”. E eles, que olhavam para mim, fitaram-se nos olhos e depois, quando olharam de novo para mim, tinham os olhos húmidos, e ambos responderam: “estamos apaixonados”. Depois de sessenta anos o amor era forte como o vinho bom: o tempo enobrece o vinho bom e quando envelhece torna-se ainda melhor».

«É verdade que há dificuldades, há problemas com os filhos ou até no próprio matrimónio, discussões, litígios» reconheceu o Pontífice. Mas «o importante é que a carne permaneça uma e tudo se supera, supera-se, supera-se». Pois, explicou, «este não é só um sacramento para eles», para os esposos, «mas também para a Igreja, como se fosse um sacramento que chama a atenção: “vede, o amor é possível!”». E «o amor é capaz de fazer viver apaixonados a vida inteira — recordou Francisco — na alegria e no sofrimento, com o problema dos filhos e o problema deles». Mas o importante, disse ainda, é «ir sempre em frente, na saúde e na doença, mas ir sempre em frente. É esta a beleza».

E «é tão bonito — explicou ainda o Papa — porque na Bíblia, no momento da criação, o Senhor os criou varão e mulher, à sua imagem os criou». Portanto, no «matrimónio o homem e a mulher são à imagem e semelhança de Deus». A ponto que a quem pergunta: «como é Deus?», pode-se sugerir que olhe «para aquele matrimónio que há tantos anos vai em frente, luta e faz filhos e vai em frente: repara, Deus é assim!».

Precisamente aqueles dois esposos «são à imagem e semelhança de Deus». Deveras «o matrimónio é uma pregação silenciosa aos demais, uma pregação de todos os dias». E «é doloroso» constatar que um casal que vive há «muitos anos juntos não é notícia» nos jornais e telejornais». Ao contrário, a «notícia é o escândalo, o divórcio ou aqueles que se separaram: por vezes têm que se separar, como disse, para evitar um mal maior». Mas «a imagem de Deus não é notícia» insistiu Francisco, recordando ainda que «esta é a beleza do matrimónio»: os esposos «são à imagem e semelhança de Deus e esta é a nossa notícia, a notícia cristã».

«Devemos pensar mais nisto» sugeriu o Papa. «Não é fácil levar por diante a vida matrimonial, a vida de família, pois há tantos problemas — reconheceu — mas quando se consegue ir em frente e não se cai na falência, quanta beleza!». E, fez presente o Pontífice referindo-se à carta de Tiago, precisamente «para ir em frente, a primeira leitura falava-nos da paciência: talvez a virtude mais importante no casal — quer do homem quer da mulher — seja a paciência». E acrescentou: «Monsenhor Assunto Scotti, que trabalha aqui comigo, diz-me muitas vezes: “é preciso paciência”. Repete isto com muita frequência. Sim, para levar por diante um matrimónio é preciso paciência. É necessária paciência. Mas é a paciência que leva em frente esta imagem e semelhança de Deus».

Ao concluir, o Papa convidou a rezar «ao Senhor para que conceda à Igreja e à sociedade uma consciência mais profunda, mais bonita do matrimónio», de modo «que todos nós consigamos compreender e contemplar que no matrimónio há a imagem e a semelhança de Deus».

Alegria cristã

Segunda-feira, 28 de maio de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 23 de 7 de junho de 2018

O que interrompe as risadas forçadas de «uma cultura não jubilosa que inventa tudo e mais alguma coisa para se divertir», oferecendo «por todos os lados pedacinhos de vida boa», é a verdadeira alegria do cristão. Que «não se compra no mercado», mas é «um dom do Espírito», preservado pela fé e sempre «em tensão entre memória da salvação e esperança». A homilia pronunciada pelo Papa foi centrada inteiramente na alegria como autêntico «respiro do cristão».

Inspirando-se no trecho evangélico de Marcos (10, 17-27), o Pontífice realçou que «o jovem que queria avançar na vida ao serviço de Deus, que sempre vivera segundo os mandamentos e que foi capaz inclusive de atrair a si o amor de Jesus, quando ouviu a condição que Jesus lhe propunha “entristeceu-se e foi-se embora pesaroso”». Praticamente, «brotou do coração a atitude, as raízes da sua personalidade». Como se dissesse: “Sim, quero seguir o Senhor, ir junto com o Senhor, mas não quero renunciar às riquezas». Porque, insistiu o Papa, aquele jovem «era prisioneiro das suas riquezas, não era livre e, por esta razão, foi-se embora entristecido».

«Ao contrário na primeira leitura São Pedro fala-nos da alegria, não da tristeza, mas da alegria cristã» continuou o Pontífice, recordando o trecho tirado da primeira leitura do apóstolo (1, 3-9). «Este jovem foi-se todo abatido, porque não era livre, era escravo» explicou. E «São Pedro diz-nos: “sede repletos de alegria”, exultai de alegria». É «forte» a expressão de Pedro: «cheios de alegria, exultai de alegria».

Mas «o que é a alegria?» questionou-se Francisco, referindo-se àquela alegria «que Pedro pede que tenhamos e que o jovem não podia ter porque era prisioneiro de outros interesses». O Papa definiu «a alegria cristã» como «o respiro do cristão». Porque «um cristão que não é alegre no coração — afirmou — não é um bom cristão».

Portanto, a alegria, afirmou o Pontífice, «é o respiro, o modo de se expressar do cristão». Aliás, observou, a alegria «não é algo que se compra ou que se obtém com esforço: não, é um fruto do Espírito Santo». Porque, recordou, o que faz sentir «a alegria no coração é o Espírito Santo». Há «alegria cristã se estivermos em tensão entre a recordação — a memória de sermos regenerados, como afirma São Pedro, que fomos salvos por Jesus — e a esperança daquilo que nos aguarda». E «quando alguém está nesta tensão, é alegre».

Mas, advertiu o Papa, «se esquecermos o que o Senhor fez por nós, ou seja, que nos ofereceu a sua vida, nos regenerou — é forte a palavra, “regenerar”, uma nova criação como afirma a liturgia — e se não olharmos para aquilo que nos espera, isto é, o encontro com Jesus Cristo, se não tivermos memória, não teremos esperança, não poderemos sentir alegria». Talvez «tenhamos sorrisos, isto sim, mas não alegria».

Além disso, reafirmou Francisco, «não se pode viver de modo cristão sem alegria, pelo menos no seu primeiro grau que é a paz». Com efeito, «o primeiro grau da alegria é a paz: sim, quando chegam as provações, como diz São Pedro, sofremos; mas descemos e encontramos a paz e aquela paz ninguém a pode tirar». Eis por que «o cristão é um homem, uma mulher de alegria, um homem, uma mulher de consolação: sabe viver em consolação, a consolação da memória de ser regenerado e a consolação da esperança que nos aguarda». Precisamente «estes dois constituem aquela alegria cristã e a atitude».

«Alegria não significa viver de risada em risada, não, não é isso» admoestou o Pontífice. A «alegria — acrescentou — não é ser engraçado, não, não é isto, é outra coisa». Porque «a alegria cristã é a paz, a paz que se encontra nas raízes, a paz do coração, a paz que somente Deus nos pode dar: esta é a alegria cristã». O Papa sublinhou que «não é fácil preservar esta alegria». E «o apóstolo Pedro diz que é a fé que a preserva: eu penso que Deus me regenerou, penso que me dará aquele prémio». Precisamente «esta é a fé e com esta fé preserva-se a alegria, preserva-se a consolação». Por conseguinte, «somente a fé preserva a alegria e a consolação».

«Nós — reconheceu o Papa — vivemos numa cultura não jubilosa, uma cultura em que se inventam muitas coisas para que nos divirtamos, para que estejamos despreocupados; oferecem-nos em toda a parte pedacinhos de vida boa». Mas «esta não é alegria — explicou — porque alegria não é algo que se compra no mercado: é um dom do Espírito».

Nesta perspetiva, Francisco sugeriu que olhemos para dentro de nós, questionando-nos: «Como está o meu coração? Pacífico, alegre, confortado?»». Mais ainda, reafirmou o Pontífice, «também no momento de aflição, no momento da provação, o meu coração não está inquieto de maneira positiva, com aquela inquietação que não é boa: há uma inquietação positiva, mas há outra negativa que leva a procurar as seguranças em toda a parte, a procurar prazer por todos os lados». Como «o jovem do Evangelho: ele tinha medo que se deixasse as suas riquezas não seria feliz».

Portanto, «a alegria, a consolação» são «o nosso respiro de cristãos». E portanto, sugeriu Francisco, «peçamos ao Espírito Santo que nos dê sempre esta paz interior, aquela alegria que nasce da recordação da nossa salvação, da nossa regeneração e da esperança naquilo que o futuro reserva»». Certamente, «não era cristão: queria estar próximo de Jesus, mas escolheu a própria segurança, não a que Jesus oferecia».

Por este motivo, concluiu o Papa, «peçamos ao Espírito Santo que nos dê a alegria, que nos dê a consolação, pelo menos no primeiro grau: a paz». Cientes de que «ser homens e mulheres de alegria significa ser homens e mulheres de paz, quer dizer homens e mulheres de consolação: que o Espírito Santos nos doe isto».

Santidade é liberdade

Terça-feira, 29 de maio de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 23 de 7 de junho de 2018

Santidade é liberdade e ruptura dos esquemas mundanos que nos mantêm prisioneiros num bem estar aparente: eis o caminho cristão de esperança sugerido pelo Papa Francisco.

Inspirando-se na primeira leitura, tirada da primeira carta de Pedro (1, 10-16), o Pontífice observou que «o apóstolo nos recorda o mandamento, digamos assim, que o próprio Deus e os profetas sempre nos confiaram: o mandamento de ir, de caminhar rumo à santidade». De facto, Pedro escreve: «Sede também vós santos em todas as vossas ações, pois está escrito: “Sede santos, porque eu sou santo”».

«O modelo de santidade é simples mas não é fácil ser santo como o nosso Pai do céu», observou Francisco, recordando que «a chamada à santidade, que é normal, é a chamada a viver como cristão, isto é, viver como cristão é o mesmo que dizer “viver como santo”».

«Muitas vezes pensamos na santidade como algo extraordinário, como ter visões ou recitar orações elevadíssimas» afirmou o Papa. «Alguns até pensam que ser santo signifique ter uma cara de santinho». Ao contrário, explicou o Pontífice, «ser santo é outra coisa: consiste em caminhar baseados no que o Senhor nos diz sobre a santidade». Pedro explica claramente o que significa «caminhar na santidade: “colocai toda vossa esperança na graça que vos será dada no dia em que Jesus Cristo aparecer”».

Portanto, afirmou Francisco, «caminhar para a santidade é ir rumo à luz, aquela graça que vem ao nosso encontro». E «é curioso», observou, que «quando caminhamos rumo à luz muitas vezes não vemos bem o percurso, porque a luz nos ofusca». Mas depois «não erramos porque vemos a luz e conhecemos a estrada».

Mas, ao caminhar com a luz atrás de nós vê-se bem a estrada, «contudo na nossa frente não há luz: só sombra» disse o Papa. Portanto «caminhar rumo à luz é ir rumo à santidade». Embora «nem sempre se distingue bem a estrada, mas é caminhar em direção da luz, rumo à esperança». Por isso, «caminhar rumo à santidade é estar em tensão para o encontro com Jesus Cristo».

«Mas há outra situação que não é fácil — advertiu o Pontífice — dado que para caminhar deste modo é necessário que sejamos livres e nos sintamos livres, e existem muitas coisas que nos escravizam». A este propósito «Pedro oferece-nos um conselho: “À maneira de filhos obedientes, já não vos amoldeis aos desejos que tínheis antes, no tempo da vossa ignorância”». A sugestão é que não vos deixeis levar «por aqueles desejos que conduzem por outro caminho: vivíeis na ignorância e sentíeis desejos» que não eram «os desejos de Deus».

Na primeira carta aos Romanos, Paulo «usa a mesma expressão como um conselho». Ele diz: «não entreis — ali a tradução é “não vos conformeis, não entreis nos esquemas”»: esta é a tradução correta deste conselho — nos esquemas do mundo, não entreis nos esquemas, no modo de pensar mundano, na maneira de pensar e de julgar que o mundo te oferece, porque isto te tira a liberdade».

«Para caminhar na santidade é preciso ser livre: a liberdade de prosseguir olhando para a luz, de ir em frente» afirmou Francisco. E «quando voltamos, como diz aqui, para o modo de viver que tínhamos antes do encontro com Jesus Cristo ou quando voltamos para os esquemas do mundo, perdemos a liberdade».

«Isto não é uma novidade», explicou o Pontífice, observando: «Se lermos o livro do Êxodo notamos certamente muitas vezes que o povo de Deus não quis olhar para a frente, rumo à salvação, mas voltar para trás; diz que se lamentava porque tinha esquecido que Deus o levava para frente, para a terra que tinha prometido». E «imaginava a vida boa que levava no Egito: lá comia cebolas, carne», enquanto «no deserto» sofria «a fome». Acontece que «nos momentos de dificuldade o povo volta atrás, não

suporta, perde a liberdade». «É verdade que no Egito nutria-se de iguarias mas pergunto-me: em qual refeitório as comia? No refeitório da escravidão».

«No momento da provação — continuou Francisco — sentimos sempre a tentação de olhar para trás, de olhar para os esquemas do mundo, para os esquemas que tínhamos antes de dar início ao caminho da salvação: sem liberdade». «Sem liberdade não podemos ser santos: a liberdade é a condição para poder caminhar olhando para a luz em frente».

Eis a sugestão do Papa a «não entrar nos esquemas da mundanidade», mas a «caminhar para a frente, olhando para a luz que é a promessa, com esperança». É a mesma «promessa» do «povo de Deus no deserto: quando olhava para a frente ia bem; quando sentia nostalgia porque não podia comer as comidas boas que lhe davam no Egito, errava e esquecia que lá não tinha liberdade».

«O Senhor chama-nos à santidade, santidade de todos os dias», insistiu o Pontífice. E para compreender se «estou a caminho rumo à santidade há duas medidas de comparação». A primeira é verificar «se olhas sempre para a frente rumo ao Senhor, para a luz do Senhor na esperança de o encontrar». A pergunta que devemos formular a nós mesmos é: «Tens vontade de te encontrar com o Senhor?». E se respondermos: «Mas não entendo o que é isto», então significa que «algo não corre bem». Por conseguinte, «a primeira pedra de comparação é: tens esperança, caminhando rumo à luz do encontro com o Senhor?».

«O segundo parâmetro — prosseguiu Francisco — é o que fazes quando chegam as provações: continuas a olhar para a frente ou perdes a liberdade, refugiando-te nos esquemas mundanos que te prometem tudo e nada te dão?».

«“Sede santos, porque eu sou santo” é o mandamento do Senhor», repetiu o Papa. Acrescentando, na conclusão: «Peçamos a graça de entender bem qual é o caminho da santidade, esta senda da liberdade mas em tensão de esperança rumo ao encontro com Jesus». E também «entender bem o que

significa voltar aos esquemas mundanos que tínhamos, todos nós, antes do encontro com Jesus Cristo».

Neste mundo de escravos

Sexta-feira, 1 de junho de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 23 de 7 de junho de 2018

Vivemos num «mundo de escravos», de «mulheres e homens perseguidos» através das colonizações culturais, das guerras e da fome, que destroem fisicamente e na dignidade: para explicar estas enormes injustiças é preciso entender que por detrás de tudo está o diabo. O Papa Francisco relançou um forte convite a «restabelecer a imagem de Deus que existe em nós».

«O apóstolo Pedro chama a atenção dos fiéis para a perseguição», disse o Pontífice, citando as primeiras palavras do trecho tirado da primeira carta de São Pedro (4, 7-13), proposto pela liturgia: «Caríssimos, não vos admireis com o fogo da perseguição, como se vos acontecesse algo de extraordinário», porque «a perseguição não é algo de extraordinário, como diz Pedro: não vos preocupeis, não é algo de extraordinário».

«A perseguição — afirmou Francisco — faz parte da vida cristã; aliás, ser perseguido é uma bem-aventurança: “Bem-aventurados quando fordes insultados e perseguidos por causa do meu nome, bem-aventurados”». E «até Jesus foi perseguido e morto na perseguição». A ponto que, observou o Papa referindo-se ao trecho do Evangelho de Marcos (11, 11-25), «quando vai ao templo para o purificar, os sumos sacerdotes — as máximas autoridades — ouviram-no e os escribas procuravam o modo de o matar». Portanto, «Jesus foi perseguido por causa da sua fidelidade ao Pai». De resto, explicou o Pontífice, «desde o primeiro momento, depois do martírio de Estêvão, começou uma grande perseguição contra toda a Igreja: desde o início».

«A perseguição é um pouco “o ar” do qual vive o cristão até hoje — afirmou o Papa — pois ainda hoje há muitos mártires e perseguidos por amor a Cristo». Hoje, insistiu, «em muitos países os cristãos não têm direitos: se trouxeres ao peito um crucifixo vais para a prisão, e há pessoas

no cárcere por isto; hoje há pessoas condenadas a morrer por serem cristãs». Francisco recordou que «muitos são assassinados e o seu número é mais alto que o dos mártires dos primeiros tempos. Mais alto!».

No entanto, insistiu, «isto não é notícia, e portanto os telejornais e jornais não publicam estas notícias». Mas «os cristãos são perseguidos — afirmou o Papa — e também isto nos deve fazer refletir sobre a nossa condição de cristãos». A questão é que no fim «sou um cristão tranquilo, levo a minha vida sem me dar conta destes irmãos e irmãs perseguidos».

Exatamente «por isso a palavra de Pedro nos ajuda a repensar, a meditar sobre a condição cristã: “Caríssimos, não vos admireis com o fogo — o fogo — da perseguição, como se vos acontecesse algo de extraordinário”». A perseguição «é algo diário também hoje, e hoje mais que nos primeiros tempos», repetiu o Pontífice. E «esta perseguição contra os cristãos é uma bem-aventurança».

«Mas hoje — alertou Francisco — há outra perseguição no mundo: outra perseguição, não contra os cristãos por serem cristãos, mas contra cada homem e mulher por serem imagem viva de Deus». Pois «por detrás de cada perseguição, quer cristãos quer seres humanos, está o diabo, o demónio que procura destruir a confissão de Cristo nos cristãos e a imagem de Deus no homem e na mulher».

De resto o diabo, explicou o Papa, «desde o início procurou — podemos lê-lo no livro do Génesis — destruir a harmonia entre homem e mulher que o Senhor criou, a harmonia que deriva do ser imagem e semelhança de Deus». E «conseguiu fazê-lo com o engano, a sedução, as armas que usa: faz sempre assim». Mas «até hoje há uma força, diria um furor oposto ao homem e à mulher, caso contrário não se explicaria esta onda crescente de destruições contra o homem, a mulher, o ser humano».

«Pensem no fenómeno da fome», propôs o Pontífice. A fome «destrói o homem e a mulher que não têm o que comer». Contudo «há muita comida no mundo, mas tantas pessoas não têm o que comer». Segundo o Papa «esta injustiça explica-se porque há alguém que os leva a não terem o que

comer». E sugeriu: «Pensai na exploração humana, nas várias formas de escravidão de hoje: o homem e a mulher são escravos dos outros, para serem destruídos». E «é elevado o número de escravos no mundo!».

Nesta perspetiva, Francisco fez uma revelação: «Recentemente pude ver um filme feito às escondidas sobre uma prisão que recebe migrantes que fugiram e foram encontrados no mar: as torturas e a destruição para escravizar aquela gente hoje, 70 anos depois da declaração dos direitos humanos! Hoje!». Está em ato, acrescentou o Papa, «uma perseguição contra o homem e a mulher para os destruir». Depois, prosseguiu, «pensemos nas colonizações culturais, quando os impérios fazem aceitar disposições da sua cultura contra a independência, contra a cultura do povo, impondo situações que não são humanas, para destruir: impõem a morte, a destruição».

«O Senhor entendeu bem este caminho: o que o demónio quer é a destruição da dignidade e por isso persegue», explicou o Papa. «O Senhor — frisou — entendeu bem quando o diabo o levou ao pináculo do templo e lhe mostrou todos os reinos da terra: “Isto será teu se me adorares, se renegares que és imagem de Deus”».

«E no final — afirmou ainda Francisco — podemos pensar nas guerras como instrumento de destruição do povo, da imagem de Deus». Mas «também nas pessoas que fazem e planificam as guerras para ter poder sobre os outros: há pessoas que gerem muitas indústrias de armas para destruir a humanidade, a imagem do homem e da mulher, física, moral e culturalmente». E, reiterou o Papa, hoje são perseguidos não só por serem cristãos, mas também por serem «imagem de Deus, e por isso o demónio persegue e os impérios continuam a perseguir hoje».

«Não podemos ser ingénuos», admoestou o Papa. «Hoje no mundo não só os cristãos são perseguidos: os seres humanos, homem e mulher, pois o pai de toda a perseguição não tolera que eles sejam imagem e semelhança de Deus. Ele ataca e destrói esta imagem». Francisco reconheceu que «não é fácil entender isto, é preciso rezar muito para o compreender». Então, o Pontífice desejou «que hoje o Senhor nos faça entender isto, esta grande

perseguição cultural mediante as colonizações culturais, a guerra, a fome, a escravidão. Que o Senhor nos faça entender: este é um mundo de escravos; hoje não é fácil ser livre».

Eis a prece do Papa: «Que o Senhor nos conceda a graça de lutar contra isto e restabelecer com a força de Jesus Cristo — pois Ele veio para isto, para restabelecer — a imagem de Deus que todos nós temos».

Memória e esperança

Quinta-feira, 7 de junho de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 24 de 14 de junho de 2018

É entre «memória e esperança» que podemos «encontrar Jesus». E o Papa Francisco sugeriu três conselhos práticos para não sermos «cristãos desmemoriados» e portanto incapazes de dar «sal à vida»: recordar-nos dos primeiros encontros com o Senhor, de quantos nos transmitiram a fé — a começar pelos pais e avós — e da lei de Deus. Foi nestas indicações a «voltar atrás para ir em frente» que o Pontífice centrou a missa, propondo também um exame de consciência.

Francisco observou que «na primeira Leitura Paulo chama a atenção de Timóteo para a memória: “Meu filho, recorda-te de Jesus Cristo”». E, referindo-se ainda à segunda Carta paulina a Timóteo (2, 8-15), o Papa recordou também que, «mais adiante», o apóstolo insiste escrevendo: «Lembra-te disto».

Em síntese, Paulo «exorta» Timóteo «a recuar no tempo para encontrar Jesus; e a memória, como é apresentada na Bíblia, não é um pensamento, diríamos, um pouco romântico, como se disséssemos que “os tempos passados eram melhores”». Não, explicou o Papa, «a memória é um voltar atrás para encontrar forças e poder caminhar para a frente». Mais ainda, «a memória cristã é sempre um encontro com Jesus Cristo». Por isso, Paulo escreve a Timóteo: «Recorda-te de Jesus Cristo, lembra-te disto».

«A memória cristã é como o sal da vida: sem memória não podemos ir em frente», afirmou o Papa. A ponto que «quando encontramos cristãos “desmemoriados”, vemos imediatamente que perderam o sabor da vida cristã e acabaram» por ser «pessoas que cumprem os mandamentos, mas sem mística, sem encontrar Jesus». Ao contrário, «devemos encontrar Cristo na vida».

«Vieram-me à mente três situações em que podemos encontrar Jesus», disse o Papa, indicando-as: «Nos primeiros momentos, assim os chamo; nos nossos pais, nos nossos antepassados; e na lei».

Portanto, «Recorda-te de Jesus Cristo nos primeiros momentos» é a primeira indicação. E «a Carta aos Hebreus é clara sobre isto: “Lembrai-vos dos primeiros tempos, depois da vossa conversão”», um momento em que «éreis tão fervorosos», ardentes.

De resto, disse o Pontífice, «cada um de nós tem momentos de encontro com Jesus». E «na nossa vida existe um, dois, três momentos em que Jesus se aproximou, se manifestou». E é importante, observou, «não esquecermos estes momentos: temos que voltar atrás e retomá-los, pois são momentos de inspiração, onde encontramos Jesus Cristo». Nesta ótica, Francisco referiu-se novamente à Carta aos Hebreus: «Fixai os olhos, o olhar, em Jesus Cristo, que é o Criador, o consumidor da fé; lembrai-vos daquele que sofreu tanta hostilidade». Portanto, eis o convite do Papa, «pensai sempre em Jesus Cristo, mas nos momentos cada um de nós tem momentos como estes, quando encontrou Jesus Cristo, quando mudou de vida, quando o Senhor lhe mostrou a própria vocação, quando o Senhor o visitou numa hora difícil».

E «no coração temos estes momentos: procuremo-los, contemplemos tais momentos», afirmou o Pontífice, renovando a exortação a «lembrar-me dos momentos em que encontrei Jesus Cristo, dos momentos em que Jesus Cristo me encontrou», pois aqueles momentos, explicou, «são a fonte do caminho cristão, a nascente que me fortalecerá». Por isso é importante «voltar sempre àqueles momentos para retomar as forças e poder ir em frente».

Nesta altura, insistiu o Papa, «cada um pode interrogar-se: lembro-me dos momentos de encontro com Jesus, quando mudou a minha vida, quando me prometeu algo?». E «se não nos lembramos deles, procuremo-los: cada um de nós os tem, busquemo-los».

A segunda situação para o «encontro com Jesus» é a memória dos nossos antepassados», afirmou Francisco. E «a Carta aos Hebreus é clara também sobre isto: “Recorda-te dos teus pais, de quantos te ensinaram a fé”, dos que te transmitiram a fé». Além disso, na mesma Carta proposta pela liturgia, «um pouco mais adiante Paulo volta a falar sobre isto e diz a Timóteo: “Recorda-te da tua mãe e da tua avó, que te transmitiram a fé”».

Concretamente, o apóstolo indica «o exemplo dos nossos pais, das nossas raízes, de quantos nos transmitiram a fé», porque «não recebemos a fé pelo correio». Foram «homens e mulheres que no-la transmitiram. A ponto que se lê ainda na Carta aos Hebreus: «Olhai para eles, que são uma multidão de testemunhas, e hauri força daqueles que padeceram o martírio e outros sofrimentos».

Sem dúvida, acrescentou Francisco, podemos receber a fé também daqueles «que estão mais próximos de nós, como diz Paulo a Timóteo: da tua mãe, da tua avó, de quantos nos transmitiram a fé». Com a consciência de que «sempre que a água da vida se torna um pouco turva é importante ir à fonte e nela encontrar a força para ir em frente».

Nesta direção, propôs o Pontífice, «podemos questionar-nos: recordo-me dos meus pais, dos meus antepassados, sou um homem, uma mulher com raízes ou tornei-me desenraizado, desenraizada, vivo só no presente?». E se for assim, é oportuno «pedir imediatamente a graça de voltar às raízes, às pessoas que nos transmitiram a fé: “Lembra-vos dos vossos antepassados”».

«O terceiro ponto para trazer à memória é a lei», disse o Papa. E citando o trecho do Evangelho de Marcos (12, 28-34), explicou que «Jesus nos faz recordar da lei», repetindo claramente que «o primeiro mandamento é: “Escuta, Israel, o Senhor nosso Deus». Sim, «escuta Israel!» é uma «palavra que se repete muitas vezes no Antigo Testamento, no Deuteronómio, quando há muito o povo tinha perdido a memória, o Senhor» diz: «Escuta, Israel, não te esqueças, Israel!». A ponto que esta expressão «se tornou uma prece para os judeus: “Escuta, Israel!”». Portanto, «repetem as palavras do Senhor: a memória da lei». E «a lei é um gesto de amor do Senhor para

conosco, porque nos indicou o caminho, dizendo: “Por esta senda não errarás”».

Eis a importância de «recordar a lei: mas não a lei fria, que parece simplesmente jurídica». Ao contrário, «a lei de amor, a lei que o Senhor inseriu no nosso coração». Neste sentido, o Papa sugeriu que nos perguntemos se «somos fiéis à lei, se recordamos e respeitamos a lei?». Pois «às vezes nós cristãos, até consagrados, temos dificuldade em repetir de cor os mandamentos: “Sim, recordo-me deles”, mas depois num certo ponto erro, não me lembro». Por isso, a «memória da lei, lei de amor, mas concreta».

«Recorda-te de Jesus Cristo», reiterou o Papa, convidando a manter «o olhar fixo no Senhor nos momentos da minha vida em que encontrei o Senhor, horas difíceis, de provação; nos meus antepassados e na lei». Certos de que «a memória não é só um voltar atrás», mas «é um voltar atrás para ir em frente».

Com efeito, observou Francisco, «memória e esperança caminham juntas: a memória cristã vai à esperança, e a esperança à memória». Assim «são complementares, completam-se». Com esta consciência, o Papa renovou o convite a recordar-se «de Jesus Cristo, o Senhor que veio, que me resgatou e que há de vir, o Senhor da memória, o Senhor da esperança».

O Pontífice concluiu com uma proposta: «Hoje, cada um de nós pode refletir por alguns minutos para se questionar como está a própria memória, a memória dos momentos em que encontrou o Senhor, a memória dos seus antepassados, a memória da lei». E interrogar-se também «como está a própria esperança, no que espera». Desejando «que o Senhor nos ajude neste trabalho de memória e de esperança».

Como a flor da amendoeira

Sexta-feira, 8 de junho de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 24 de 14 de junho de 2018

Para compreender e viver o amor não servem lindos discursos, mas simples obras de misericórdia — dar de comer a quem tem fome, visitar os doentes e presos — que não devem ser confundidas com a beneficência leiga, mesmo se meritória. Pois ao amor de Deus, que é ilimitado e se manifesta na pequenez e na ternura, responde-se mais com obras do que com palavras. Eis a mensagem que o Papa Francisco relançou durante missa de 8 de junho, solenidade do Sagrado Coração de Jesus.

«Podemos dizer que hoje a Igreja celebra a solenidade litúrgica do amor de Deus: hoje é a festa do amor» afirmou o Pontífice no início da homilia. «O apóstolo João — acrescentou — diz-nos “o que é o amor: não porque nós amámos a Deus mas porque Ele nos amou primeiro. Ele esperava-nos com amor. Ele é o primeiro a amar”». E, acrescentou Francisco, «os profetas compreendiam isto e usaram o símbolo da flor de amendoeira: é a que floresce primeiro, na primavera». Também Deus «é assim: é sempre o primeiro: é o primeiro a esperar-nos, a amar-nos, a ajudar-nos». E «o amor é isto, é o amor de Deus».

A este propósito o Papa fez presente também que «é difícil compreender o amor de Deus: Paulo, no trecho da carta proposta hoje pela liturgia» (Ef 3, 8-12.14-19), fala de «anunciar às nações as riquezas impenetráveis de Cristo». Em suma, «fala do mistério escondido desde há séculos em Deus: aquelas “riquezas impenetráveis” de Deus». Mas reconheceu o Pontífice, «não é fácil compreender isto: é uma coisa distante, misteriosa».

Depois Paulo «reza a fim de que os cristãos sejam capazes de compreender qual é, e a este ponto cancela todos os limites, a amplitude, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Deus». Em síntese, o apóstolo «fala de Deus cancelando o limite: vai sempre além». Estamos diante de «um amor que não se pode compreender» reafirmou Francisco.

Porque o «amor de Cristo supera qualquer conhecimento, supera tudo: como é grande o amor de Deus». A ponto que, afirmou, «um poeta dizia que era como o “mar, sem margens, sem fundo”, um mar sem limites».

É precisamente este o amor que nós devemos compreender, o amor que nós recebemos», explicou o Papa. E é «esta a graça que Paulo pede: compreender e “anunciar às nações as impenetráveis riquezas de Cristo”».

Por conseguinte, a questão de fundo, sugeriu o Pontífice, consiste em «como se pode compreender o amor» e também «como o Senhor nos revelou este amor». Olhando para «a história da salvação, o Senhor foi um grande pedagogo, com a pedagogia do amor». Referindo-se em particular ao excerto do profeta Oseias (11, 1.3-4.8-9) proposto pela liturgia, o Papa observou que «o Senhor explica como manifestou o seu amor: não com o poder, com o fazer sentir tudo». Aliás, com a atitude contrária. «Ouçamos» as palavras do profeta, sugeriu Francisco: «Eu, entretanto, ensivava Efraim a andar, tomava-o nos meus braços, mas não compreenderam que eu cuidava deles». Por conseguinte, Deus tomava o seu povo pela mão, próximo, como um pai». Ou melhor, continua o texto de Deus: «Atraí-os com cordas humanas, com laços de amor, e fui para eles como os que tiram o jugo de sobre as suas queixadas, e lhes dei mantimento — quanta ternura. O meu coração revolve-se dentro de mim, eu me comovo de dó e compaixão».

O trecho de Oseias testemunha, afirmou o Pontífice, que Deus não «manifesta o amor com coisas grandiosas: torna-se pequeno, pequenino, com estes gestos de ternura, de bondade». É um Deus que «se faz pequenino, que se aproxima, e com esta proximidade, com esta pequenez, faz-nos compreender a grandeza do amor».

«O que é grande deve ser compreendido através do pequeno» insistiu o Papa, recordando também que Deus «vai além, envia o seu Filho, mas não o envia em majestade, em força, envia-o em carne pecadora: “o Filho humilhou-se a si mesmo, assumiu a forma de servo até à morte, à morte de cruz”». Por isso, reafirmou Francisco, «a grandeza maior tem que ser expressada na menor e mais dramática pequenez: este é o mistério do amor

de Deus, deste amor que o Senhor nos ensina a demonstrar mais com as obras do que com as palavras».

É «um amor total» afirmou Francisco. E «o símbolo é o coração trespassado: assim podemos compreender também o percurso cristão». Com efeito, explicou, «quando Jesus nos quer ensinar qual deve ser a atitude cristã diz-nos poucas coisas, mostra-nos aquele famoso protocolo sobre o qual todos nós seremos julgados: Mateus 25».

E aquele protocolo evangélico, observou o Pontífice, «não diz “eu penso que Deus seja assim, entendi o amor de Deus”». O excerto do Evangelho de Mateus, ao contrário, afirma: «Dentro das minhas possibilidades, pus em prática o amor de Deus: dei de comer ao faminto, dei de beber ao sedento, visitei o doente, o preso». Porque, explicou o Papa, «são precisamente as obras de misericórdia o caminho de amor que Jesus nos ensina em continuidade com este amor de Deus, grande». E foi «com este amor sem limites que ele se aniquilou, se humilhou em Jesus Cristo, e nós devemos exprimi-lo assim». Por conseguinte, prosseguiu, «o Senhor não nos pede grandes discursos sobre o amor; pede-nos que sejamos homens e mulheres com um amor grande ou pequeno, o mesmo, mas que saibamos fazer estas pequenas coisas por Jesus, pelo Pai».

Nesta perspetiva, acrescentou o Pontífice, «compreende-se a diferença entre uma obra de beneficência merecedora, leiga, e as obras de misericórdia que são a continuidade deste amor, que se faz pequeno, chega até nós, e nós o levamos por diante».

«Hoje é a solenidade do amor de Deus — concluiu Francisco — e o amor de Deus, se o quisermos compreender, temos que o transmitir nas obras, nas pequenas obras de misericórdia: transmiti-lo assim, com simplicidade». E «este será o anúncio daquele amor que não tem limites e por isso foi capaz de se expressar nas pequenas coisas». Com os votos de «que o Senhor nos faça entrar neste mistério do amor de Deus».

O verdadeiro protagonista

Segunda-feira, 11 de junho de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 25 de 21 de junho de 2018

O mandamento de Jesus é claro: «Ide, pregai, fazei discípulos». Mas o que significa deveras «evangelizar»? Explicam-no as duas leituras da liturgia do dia sobre as quais meditou o Papa Francisco. Dos trechos dos Atos dos Apóstolos (11, 21-26; 13, 1-3) e do Evangelho de Mateus (10, 7-13), sublinhou o Pontífice, «podemos haurir três dimensões da evangelização» que, em síntese, «é anúncio, serviço e gratuidade».

Em primeiro lugar, devemos compreender que a evangelização «não é uma simples pregação, é um anúncio, é muito mais»: com efeito, o anúncio «mexe connosco, entra, muda os corações». E o motivo, disse Francisco, é simples: «porque dentro há o Espírito Santo. Sem o Espírito Santo não há evangelização». E «ele é o protagonista da evangelização, nós somos os servos. Mas é ele que nos leva em frente». Portanto, «quando não há o Espírito existem apenas as nossas capacidades», pode haver «também a nossa fé, mas sem o Espírito não vamos em frente; os nossos corações não mudam».

Usando um neologismo singular e eficaz, o Papa explicou que o anúncio «bofeteia», ou seja, atinge de maneira direta, «avança, muda as coisas». E de facto, acrescentou, «muitas vezes, vimos planos pastorais bem concebidos, perfeitos, como devem ser feitas as coisas, passo a passo, mas que não constituíam um instrumento para a evangelização, eram um fim em si mesmos. E estes planos pastorais falharam». Porquê? «Porque não foram capazes de mudar os corações» respondeu o Pontífice, frisando que Jesus não exige «uma atitude empresarial», mas a docilidade ao Espírito. «A verdadeira coragem da evangelização — disse — não é uma teimosia humana», mas encontra-se no Espírito Santo. Em síntese: anúncio significa ir em frente», fazendo «coisas bem concebidas, bem rezadas», mas sempre «com o Espírito como protagonista».

Além disso, há o segundo elemento: «o serviço». Inclusive sob este ponto de vista «Jesus é claro» e aos discípulos ordena: «Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demónios». Ou seja, a evangelização «com o anúncio traz também o serviço». Se faltar esta dimensão, pode parecer um anúncio «mas não o é». A presença do Espírito é fundamental, e «o Espírito não só te leva em frente para proclamar a verdade do Senhor e a vida do Senhor, mas acompanha-te também ter com os irmãos, com as irmãs, para os servir», até «nas pequenas coisas». A este respeito, o Papa constatou outro aspeto negativo na vida da Igreja: «Não é bom — disse — quando se encontram evangelizadores que se fazem servir e vivem para serem servidos. É horrível». É a triste realidade de quantos se consideram «príncipes da evangelização» e pensam «eu vou ali, em vez de anunciar, com o Espírito e com o serviço, deixo-me servir pelos outros porque subi os degraus da Igreja, da sociedade, agora dei mais um passo em frente...». Comentou Francisco: «Fazer carreirismo na Igreja é sinal que não se sabe o que significa a evangelização. É um sinal. As pessoas que usam os outros para serem servidos. Não: tu deves servir! Quem manda deve ser como aquele que serve, diz o Senhor».

Terceiro elemento é «a gratuidade». O Senhor afirma: «Recebestes de graça, de graça dai!». Um princípio, explicou o Pontífice, para o qual não há exceções, a não ser que alguém possa afirmar: «Não, eu salvei-me graças aos meus méritos». Mas, acrescentou imediatamente: «Penso que entre nós não há ninguém cujos méritos sejam suficientes para a salvação: todos nós fomos salvos gratuitamente por Jesus Cristo e, por conseguinte, devemos dar gratuitamente». É uma lição para todos «os agentes pastorais», os quais «devem aprender o seguinte»: que «a sua vida deve ser gratuita, dedicada ao serviço, ao anúncio, que o Espírito trouxe».

A santidade de todos os dias

Terça-feira, 12 de junho de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 25 de 21 de junho de 2018

O testemunho do cristão é de “24 horas”, porque «começa de manhã quando me levanto e continua até à noite quando vou dormir». É um testemunho simples, anónimo, humilde, que não pretende reconhecimentos nem méritos. O Papa Francisco mencionou de novo a eficaz imagem evangélica que exorta a ser sal e luz para os outros e propôs «apenas uma reflexão sobre o nosso testemunho que pode fazer-nos bem», como sugeriu no início da homilia, referindo-se ao trecho do Evangelho de Mateus (5, 13-16). «O maior testemunho do cristão — afirmou — é dar a vida como Jesus fez, tornar-se um mártir, mártir e testemunha». Mas, acrescentou, «há também outro testemunho: o diário, testemunho que começa de manhã, quando acordo, até à noite quando vou para a cama; o testemunho quotidiano, o simples testemunho habitual».

«O Senhor diz que este testemunho é ser como o sal e a luz, aliás, tornarmo-nos sal e luz», explicou Francisco. Na realidade «parece pouco, porque o Senhor com as nossas poucas coisas faz milagres, faz maravilhas».

Eis porque, insistiu o Papa, «o cristão deve ter esta atitude de humildade: procurar ser apenas sal e luz». Portanto, ser «sal para os outros, luz para os outros, porque o sal não dá sabor a si mesmo» mas está «sempre ao serviço». E assim também «a luz não ilumina a si mesma» pois está «sempre ao serviço».

Por conseguinte, «sal para os outros» é a missão do cristão: «Pequeno sal que ajuda nas refeições, mas pequeno». De resto, «no supermercado o sal não é vendido à tonelada» mas «em pequenos saquinhos: é suficiente». E depois, prosseguiu, «o sal não se vangloria, porque não serve a si mesmo: está sempre ali para ajudar os outros, ajudar a conservar os alimentos, a dar sabor». Um «testemunho simples».

Portanto, «o cristão» deve ser «sal» e também «luz», insistiu Francisco. E «a luz não ilumina a si mesma: ela ilumina os outros, existe para os outros, para as pessoas, para nos ajudar nas horas da noite, na escuridão». É precisamente este o estilo de «ser cristão diariamente». Eis então que «o Senhor nos diz: “És sal, és luz” — “Ah, verdade! Senhor é assim, atrairei muitas pessoas à igreja e farei...” — “Não, farás com que os outros vejam e glorifiquem o Pai. A ti não será atribuído mérito algum”».

De facto, explicou o Papa, «quando comemos não comentamos: “como é bom o sal!”»; dizemos se for o caso: «boa a massa, gostosa a carne!». Mas «não dizemos: “sal gostoso!”». E «à noite quando voltamos para casa não dizemos: “boa a luz!”. Ignoramos a luz, mas vivemos com ela, que ilumina».

«Esta é uma dimensão que faz com que nós cristãos sejamos anónimos na vida», reiterou o Pontífice. De facto «não somos protagonistas dos nossos méritos, como aquele fariseu: “Dou-te graças Senhor porque sou um santo”». Francisco repropôs «a simplicidade do testemunho cristão», sugerindo que «uma boa oração para todos nós, no final do dia, seria questionar-se: hoje fui sal? Fui luz?». Precisamente «esta é a santidade de todos os dias» concluiu o Papa, desejando «que o Senhor nos ajude a compreender isto».

O insulto pode matar

Quinta-feira, 14 de junho

«Do insulto à reconciliação, da inveja à amizade: eis o percurso que Jesus nos oferece hoje» e que o Papa relançou, insistindo sobre a gravidade da atitude de quem recorre ao insulto: um verdadeiro “homicídio” com que procuramos dominar e cancelar a voz e a dignidade dos outros, talvez até durante o trânsito da hora de ponta. E convidou a prestar atenção especial às pessoas portadoras de deficiência, alertando contra o uso da palavra “deficiente” como ofensa.

Para a sua reflexão, o Papa inspirou-se no trecho evangélico de Mateus (5, 20-26), proposto pela liturgia. «Para nos explicar bem o ensinamento sobre a relação de amor e caridade com os nossos irmãos — observou — o Senhor usa um exemplo muito claro, diário: “Põe-te sem demora de acordo com o teu adversário, enquanto estiveres a caminho com ele, para que não suceda que te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao seu ministro e sejas posto na prisão”».

Trata-se de um «princípio» de «sabedoria humana: é sempre melhor um mau acordo do que uma boa demanda», recordou Francisco, reiterando que «chegar ao processo é o último» passo, porque «é algo do qual não se volta atrás; é tornar definitiva uma atitude de inimizade, até de guerra». E é «por isso que os políticos sábios aconselham sempre: “Cheguemos a uma solução negociada deste problema político, desta questão tão tensa, para evitar uma guerra”».

Portanto, «com este exemplo que todos entendiam, pois era um exemplo de todos os dias — afirmou o Papa — Jesus vai além e explica o problema dos insultos». A ponto que «se lermos isto um pouco superficialmente, nos faz rir, pois estes insultos são antiquados, hoje não se usam». Sem dúvida, observou Francisco, «temos uma lista de insultos mais espirituosos, mais folclóricos, mais coloridos, não é?».

«Mas o Senhor vai em frente — prossegui o Pontífice — e é severo porque diz: “Ouvistes o que foi dito aos antigos: não matarás”». Portanto, Jesus «parte disto, do matar», e afirma: «Mas Eu vos digo, todo aquele que se irar contra o seu irmão será castigado pelos juízes. Aquele que disser ao seu irmão: “tolo”» e também «“louco”» será condenado.

Em síntese, explicou o Papa, «o Senhor diz: o insulto tem consequências; o insulto é uma porta que se abre, significa começar um caminho que acabará — eu disse no início: “Não matarás” — por matar, pois o insulto é o início do matar, é um desqualificar o outro, tirar-lhe o direito de ser respeitado, significa pô-lo de lado, eliminá-lo da sociedade».

«Estamos habituados a respirar o ar dos insultos», reconheceu Francisco. De resto, «é suficiente conduzir o carro na hora de ponta: ali há um carnaval de insultos, as pessoas são criativas quando insultam». Mas «o insulto separa, fragmenta a comunidade e mata o outro, começa por privar a pessoa da sua boa fama, e depois vai além, além, além».

Até «os pequenos insultos — digamos pequenos — que por acaso se dizem na hora de ponta, quando guiamos o carro, depois se tornam grandes». E «insultos não só de boca: de coração».

Precisamente «isto mata: o insulto». E «o insulto cancela o direito da pessoa: “Não, não o ouças, ele é assim e assim...”». Mas com estas palavras «apedreja-se aquela pessoa, ela já não tem direito de falar, já não terá direito à palavra: a sua voz foi anulada».

Nesta perspetiva, «podemos perguntar por que o insulto é tão perigoso e por que tem a força de matar e de desqualificar o outro, de o pôr de lado».

A questão, explicou, é que «muitas vezes o insulto nasce da inveja». Por exemplo, não insultamos uma pessoa com «“deficiência” mental ou temperamental», pois esta «deficiência não me ameaça». A ponto que, quando nos encontramos perante «uma criança deficiente, uma pessoa inválida, de cadeira de rodas, não temos vontade de as insultar». Mas «quando alguém faz algo que não me agrada, insulto-o, fazendo-o passar por “deficiente”: mental, social, familiar, sem capacidade de integração».

«Por isso», insistiu, o insulto «mata: mata o futuro de uma pessoa, mata o percurso de uma pessoa». Mas «é a inveja que abre a porta, pois quando alguém me ameaça de algum modo, a inveja leva-me a insultá-lo: ali há quase sempre a inveja».

«O livro da Sabedoria — observou o Pontífice — diz-nos que entrou a morte no mundo devido à inveja do diabo: é a inveja que traz a morte». Quanto a nós, «podemos dizer: “a inveja é um pecado estranho, não tenho inveja de ninguém”». Na realidade, sugeriu o Papa, pensemos bem na «inveja escondida, que se não for ocultada é forte, é capaz de te tornar amarelo, verde, como o líquido biliar quando estás doente: pessoas com a alma amarela, com a alma verde por causa da inveja que as leva a insultar, a destruir o próximo».

Além disso, Francisco observou que «Jesus impede este percurso — “Não, isto não se faz” — a ponto que se rezares, fores à missa e te aperceberes que um dos teus irmãos tem algo contra ti, primeiro reconcilia-te com ele». O Senhor «é deveras radical», recordando que «a reconciliação não é uma atitude de boas maneiras: é uma atitude radical, uma atitude que procura respeitar a dignidade do outro, e também a minha». Em síntese, «do insulto à reconciliação, da inveja à amizade: eis o percurso que Jesus nos oferece hoje».

Nesta linha, o Papa propôs também um exame de consciência: «Farnos-á bem pensar: como insulto eu?». Isto não significa fazer «a lista de todos os palavrões que sei contra os outros; não, isto não». Mas é bom perguntar: «Como insulto eu? Quando insulto eu? Quando separo o outro do meu coração com um insulto?». E «ver se nele há a raiz amarga da inveja, que me leva a desejar destruir o outro para o dominar na concorrência». Embora «isto não seja fácil», Francisco concluiu convidando a pensar como seria «bom nunca insultar: bom, porque assim permitimos que os outros cresçam». E «que o Senhor nos conceda esta graça!».

O homem sem a mulher não é à imagem de Deus

Sexta-feira, 15 de junho de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 27 de 05 de julho de 2018

Mulheres vítimas da «filosofia “usa e deita fora”», forçadas a «vender a dignidade por um lugar de trabalho», obrigadas a prostituir-se na estrada, propostas como «objeto do desejo» nos jornais, na tv e até nos supermercados para lançar um produto. O sistema de «espezinhar a mulher por ela ser mulher» e de não a considerar uma pessoa está sob o olhar de todos; e ensinaria muito uma «peregrinação noturna» pelas ruas da cidade onde às moças se pergunta unicamente: «quanto custas?». Com esta forte denúncia o Papa Francisco insistiu sobre o ensinamento de Jesus que mudou a história e restituiu à mulher plena dignidade, elevando todas as que eram «desprezadas, marginalizadas, descartadas».

Partindo do trecho evangélico de Mateus (5, 27-32) proposto pela liturgia, o Pontífice fez a sua reflexão: «O Senhor parece forte, até radical, quando diz: “todo aquele que olhar para uma mulher, desejando-a, já cometeu adultério com ela no seu coração” e depois “aquele que rejeitar a sua mulher, deixa-a sozinha, lança-a no mercado do adultério”».

Estas palavras, fez presente Francisco, foram «ditas no âmbito de uma cultura na qual a mulher era de “segunda classe” — usando um eufemismo — nem sequer de segunda, era escrava, não gozava da plena liberdade». As de Jesus «são palavras fortes, palavras que mudam a história». Deveras, insistiu o Papa, «a doutrina de Jesus sobre a mulher muda a história». E assim «uma coisa é a mulher antes de Jesus, outra é a mulher depois de Jesus». Em síntese, observou o Pontífice, «Jesus “dignifica” a mulher e coloca-a no mesmo nível do homem, pois toma em consideração aquela primeira palavra do Criador: ambos são “à imagem e semelhança de Deus”, ambos; não primeiro o homem e depois, um pouquinho mais abaixo, a mulher; não, ambos». A ponto que, insistiu Francisco, «o homem sozinho,

sem a mulher ao lado — quer como mãe, esposa, colega de trabalho, amiga — não é à imagem de Deus».

E ainda, confidenciou o Papa, no trecho evangélico de Mateus há «uma palavra» que «comoveu o meu coração: quem quer que olhe para uma mulher para a “desejar”» já cometeu adultério com ela no próprio coração. «Esta palavra é muito atual» reconheceu o Pontífice. Porque «nos programas televisivos, nas revistas, nos jornais, as mulheres são mostradas como um objeto de desejo, de uso, como um produto de supermercado: isto pode-se comprar, isto pode-se usar».

Deste modo, acrescentou, as mulheres «são objeto e, talvez, para vender um género especial de tomate» é usada «uma mulher, ali, como objeto de desejo: humilhada, sem roupa, porque a mulher se tornou, hoje também, um objeto de uso». E «aquele ensinamento de Jesus, que “dignificou” a mulher e nos fez recordar que juntamente com o homem eram à imagem e semelhança de Deus, com o tempo decaí outra vez».

Francisco não deixou de fazer presente que «há cidades, culturas, países onde as mulheres ainda são escravas, não podem fazer isto e aquilo». Mas recordou que não é preciso ir «muito longe: fiquemos por aqui, onde vivemos, vejamos a tv, e as mulheres ainda são objeto de uso; pior, são objeto daquela filosofia “usa e deita fora”. Parece que não somos pessoas».

«Repudiar a mulher é um pecado contra Deus criador — insistiu o Papa — pois sem ela nós, homens, não podemos ser à imagem e semelhança de Deus». Hoje, afirmou, «há uma perseguição contra a mulher, uma obstinação má, até latente». E acrescentou sem meios-termos: «Mas quantas vezes as moças, para obterem um posto de trabalho, se têm que vender como objeto descartável? Quantas vezes?». E isto acontece «aqui em Roma, não é necessário ir longe. Nos escritórios, nas empresas». Eis que, prosseguiu Francisco, «repudiar a mulher faz parte desta cultura do descarte e a mulher torna-se material de descarte: usa-se e deita-se fora».

E mais: «O que veríamos se fizéssemos uma “peregrinação noturna” por determinados lugares da cidade?» questionou-se o Pontífice. E respondeu:

«Tantas mulheres, tantos migrantes, tantos não migrantes, explorados, como num mercado. Aproximam-se destas mulheres e homens não para dizer “boa noite”» mas para perguntar: «”quanto custas?”», esta é a pergunta». E «nós lavamos a nossa consciência diante disto» dizendo que «são prostitutas». Mas «fostes tu que a fizeste prostituta, como diz Jesus: todo aquele que a repudiar expõe-na ao adultério, pois tu não trataas bem a mulher» e «a mulher acaba assim, até explorada, e muitas vezes escrava».

Dirigindo-se aos presentes Francisco prosseguiu: «Estão aqui duas mulheres: mas, vós, mulheres que estais aqui, pensai, pensai nestas vossas irmãs, são mulheres como vós, repudiadas, como se fossem imundície, mas primeiro usadas». E portanto, frisou o Papa, aquela «“peregrinação noturna” nos ensinaria a olhar e depois a dizer: “eu sou livre, eu, mulher, sou livre e estas são escravas, escravas deste pensamento do descarté”». Mas, perguntou, «quantas de vós rezam pelas mulheres descartadas, pelas mulheres usadas, pelas jovens que têm que vender a própria dignidade para terem um posto de trabalho?».

«Tudo isto acontece aqui, em Roma, acontece em todas as cidades» repetiu Francisco, recordando «as mulheres anónimas, as mulheres que podemos classificar “sem olhar”, pois a vergonha encobre o olhar; as mulheres que não sabem rir e muitas delas não sabem, não conhecem a alegria de amamentar e de se ouvirem chamar “mãe”». Mas, fez presente, há «também na vida diária, sem ir àqueles lugares, este pensamento mau de repudiar a mulher» como se fosse «um objeto de “segunda classe”». E por isso, sugeriu, «deveríamos refletir melhor» porque «fazendo isto ou dizendo aquilo, entrando neste pensamento, desprezamos a imagem de Deus, que fez ambos, homem e mulher, à sua imagem e semelhança».

«Este trecho do Evangelho ajuda-nos a pensar no mercado das mulheres, no mercado, sim: o tráfico, a exploração, que se vê» afirmou o Pontífice. E convidou a pensar «também no mercado que não se vê, aquele que se faz mas que não se vê». Porque, reafirmou, «espezinha-se a mulher por ela ser mulher».

«Jesus teve uma mãe — concluiu o Papa — e teve muitas amigas que o seguiam para o ajudar no seu ministério, para o amparar». Além disso, «Jesus encontrou tantas mulheres desprezadas, marginalizadas, descartadas: e com quanta ternura, com quanto amor as elevou, lhes restituiu a dignidade». Com este espírito, acrescentou, «rezemos» por todas as mulheres desprezadas, marginalizadas, descartadas «e façamos também nós como Jesus: tratemos as mulheres como aquilo que falta a todos os homens para serem à imagem e semelhança de Deus».

As ditaduras começam manipulando a comunicação

Segunda-feira, 18 de junho de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 28 de 12 de julho de 2018

O primeiro passo de cada ditadura é a manipulação sem escrúpulos da comunicação livre, através da sedução dos escândalos e das calúnias, para enfraquecer a vida democrática e condenar pessoas e instituições. Um sistema que foi aplicado também pelas ditaduras do século passado, como confirma o horror da perseguição contra os judeus. Mas que encontramos também hoje em muitos países, assim como no dia a dia.

Para a sua reflexão Francisco inspirou-se na primeira leitura, tirada do primeiro Livro dos Reis (21, 1-16), constatando a sua atualidade e convidando todos a lê-la novamente a fim de a fazer própria: «A história de Nabot é comovedora: é a história de um mártir, mártir da fidelidade à herança que tinha recebido dos seus pais». E «a herança não se vende: esta era a convicção de Nabot». Porque, explicou o Pontífice, «a herança ia além da vinha», era «uma herança do coração: isto não se vende».

«Eu preservo a herança» insistiu o Papa. Mas o trecho bíblico, prosseguiu, narra-nos «o desejo, digamos assim, deste rei — pobrezinho, não sabia o que queria, não sabia governar — que, como uma criança, se torna caprichosa: “Eu quero isto, eu sou o rei”». E «dado que não sabe como agir, faz como as crianças quando não conseguem ter o que desejam: choram, tornam-se tristes». Mas eis que «a esposa — uma mulher decidida, cruel, que acabará por ser comida pelos cães — o repreende: “Levanta-te, ensinar-te-ei como se governa”». E «deste modo nasce esta história» apresentada pela liturgia.

«A história de Nabot é paradigmática de tantos mártires da história», afirmou Francisco: «É paradigmática do martírio de Jesus; é paradigmática do martírio de Estêvão; é paradigmática também do Antigo Testamento, de Susana; é paradigmática de numerosos mártires que são condenados por causa de uma encenação caluniosa». Mas «esta história — explicou ainda o

Pontífice — é também paradigmática da maneira de proceder na sociedade de tanta gente, de muitos chefes de Estado ou de governo: comunicam uma mentira, uma calúnia e, depois de ter destruído quer uma pessoa quer uma situação com esta calúnia, julgam aquela destruição e condenam».

«Ainda hoje, em numerosos países — observou o Papa — usa-se este método: destruir a comunicação livre». E continuou: «Por exemplo, pensemos, às vezes há uma lei da mídia, da comunicação, e cancela-se aquela lei; entrega-se todo o conjunto da comunicação a uma empresa, a uma sociedade que calunia, diz falsidades, enfraquece a vida democrática». Depois «chegam os juízes para julgar estas instituições enfraquecidas, estas pessoas destruídas, condenam, e a ditadura avança deste modo». Aliás, acrescentou Francisco, «as ditaduras, todas, começaram assim, deturpando a comunicação, para a colocar nas mãos de uma pessoa sem escrúpulos, de um governo sem escrúpulos».

Mas «também na vida diária é assim» realçou o Papa. A ponto que «se eu quiser destruir uma pessoa, começo com a comunicação: mexericar, caluniar, anunciar escândalos». Além disso, acrescentou, «anunciar escândalos é um facto que exerce uma sedução enorme, uma grande sedução». Com efeito, «seduz-se com escândalos, as boas notícias não são sedutoras: “Sim, mas que coisa boa que ele fez!”». E a notícia «passa» imediatamente. Ao contrário, diante de «um escândalo», a reação é: «Mas, já viste! Deste-te conta! Viste aquele outro o que fez? Esta situação não está bem, não é possível continuar assim!».

Deste modo, prosseguiu o Pontífice, «a comunicação cresce e aquela pessoa, aquela instituição, aquele país acaba na ruína». Agindo desta maneira, «não se julgam afinal as pessoas, julgam-se as desgraças das pessoas ou das instituições, porque não podem defender-se». Nesta perspetiva, Francisco sugeriu que pensemos «em Susana, por exemplo, quando diz: «mas estou num canto, se eu ceder à sedução e pecar, serei condenada pelo Senhor; se permanecer na minha fé, serei condenada pelo povo»».

«A sedução do escândalo na comunicação — insistiu o Papa — leva precisamente à margem, destrói». E foi isto «o que aconteceu com Acab, na história de Acab. Aconteceu com Nabot, o justo, que queria apenas uma coisa: ser fiel à herança dos seus antepassados, não vender o legado, não vender a história, não vender a verdade».

«Comove-me muito — confidenciou o Pontífice — ver como Estêvão profere aquele longo discurso a quantos o acusam: não escutavam e, paralelamente, escolhiam as pedras para o lapidar». Com efeito, para eles «era mais importante apedrejar Estêvão do que ouvir a verdade». Precisamente «este é o drama da avidez humana: que inclusive a avidez é débil, porque este rei deseja tantas coisas, mas é um débil, e quando vê que não consegue vai para cama». Mas eis que «há a crueldade» de «quem lhe fala ao ouvido, dizendo-lhe o que deve fazer: destruir».

E «assim vimos tantas pessoas destruídas por uma comunicação malvada como esta que fez a rainha Jezabel» reconheceu Francisco, sublinhando: «Muitas pessoas, numerosos países destruídos por ditaduras malvadas e caluniosas: pensemos, por exemplo, nas ditaduras do século passado». Em particular, disse o Papa, «pensemos na perseguição dos judeus: bastava uma comunicação caluniosa contra os judeus e acabavam em Auschwitz porque não mereciam viver». E isto «é um horror, mas um horror que se verifica ainda hoje: nas pequenas sociedades, contra as pessoas e em vários países». O primeiro passo, reafirmou o Pontífice, consiste «em apropriar-se da comunicação e, depois chegam a destruição, o julgamento e a morte». Por conseguinte, «não era uma ideia peregrina a do apóstolo Tiago, quando falou da língua e da capacidade destruidora da comunicação malvada: ele sabia do que estava a falar».

Na conclusão, Francisco convidou a encontrar «um pouco de tempo, pois todos vós sois também pessoas atarefadas», para pegar «no primeiro Livro dos Reis, capítulo 21, e reler esta história de Nabot». E pensar «nas numerosas pessoas destruídas, nos muitos países destruídos, nas tantas ditaduras de «luvas brancas» que aniquilaram vários países». E «isto devido à força da comunicação caluniosa que encoraja esta destruição». Portanto, repetiu o Papa, «retomemos hoje o primeiro Livro dos Reis, capítulo vinte e

um — não vos esqueçais — e leiamos esta injustiça que acontece ainda hoje entre nós».

Orações em Auschwitz

Terça-feira, 19 de junho de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 28 de 12 de julho de 2018

Quantos cristãos, no século passado, levados para os gulags russos ou para os campos de concentração nazistas, rezaram por quem os queria matar? «Muitos fizeram isto». Trata-se de exemplos nobres que tocam a consciência de cada um, porque chegar a «amar» os próprios inimigos, quem deseja destruir-te, de facto é «deveras difícil de entender»: só «a palavra de Jesus» pode explicar isto.

Foi o tema sugerido pela liturgia do dia, com o Evangelho de Mateus (5, 43-48) sobre o qual o Papa Francisco refletiu nesta missa. Uma página que interpela, a ponto que o Pontífice revelou:

«Quando, esta manhã, meditava sobre este texto, não encontrava o caminho para fazer a pregação, e pensei: “Mas Jesus tem ideias que não podemos entender nem receber”».

Então o Papa procurou entrar no raciocínio que, humanamente, seria espontâneo e imediato levar em frente: «É verdade, devemos perdoar os inimigos: entendemos isto, o perdão, porque o repetimos diariamente no Pai-Nosso; pedimos perdão como nós perdoamos; é uma condição... Perdoamos também para sermos perdoados». É uma condição «não fácil» mas mesmo se «com um pouco de dificuldade» é viável: «engolimos o sapo e vamos em frente».

Uma dificuldade, acrescentou Francisco, que julgamos poder enfrentar inclusive considerando o passo sucessivo: «Rezar pelos outros: por quantos nos causam dificuldades, que têm um modo de ser agressivo em família. E rezar por quantos nos põem à prova: também isto é difícil, mas fazemo-lo. Ou pelo menos, muitas vezes conseguimos fazê-lo». Mas é a fase seguinte que parece incompreensível: «Rezar por quantos desejam destruir-nos, os inimigos, para que Deus os abençoe: isto é deveras difícil de compreender».

Difícil, mas não impossível. E a este ponto o Pontífice evocou as páginas mais obscuras do século XX: «Pensemos no século passado, os pobres cristãos russos que só pelo facto de serem cristãos foram mandados para a Sibéria para morrer de frio: e eles deviam rezar pelo governante carrasco que os enviava para lá? Como é possível? E muitos o fizeram: rezaram». E ainda: «Pensemos em Auschwitz e nos demais campos de concentração: eles deviam rezar pelo ditador que queria a raça pura e matava sem escrúpulos, e rezar para que Deus os abençoasse, a todos eles! E muitos o fizeram». Eis a exortação que abala as consciências: «Rezar por aquele que está para te matar, que procura matar-te, destruir-te...».

Uma ajuda chega da própria Escritura, na qual, explicou o Papa, «há duas orações que nos fazem entrar nesta lógica difícil de Jesus: a prece de Jesus por quantos o matavam — “perdoa-lhes, Pai” — e até os justifica: “Não sabem o que fazem”. Perdão: pede perdão por eles». Depois, também Estêvão (At 7, 60) que «faz o mesmo no momento do martírio: “Perdoa-lhes”». Dois exemplos nobres diante dos quais Francisco comentou: «Quanta distância, uma distância infinita entre nós, que muitas vezes não perdoamos pequenas coisas», enquanto o Senhor «nos pede» aquilo «do que nos deu exemplo: perdoar quem procura destruir-nos».

O Pontífice prosseguiu neste confronto entre o pedido de Jesus e a fragilidade humana, mencionando concretamente alguns aspetos da vida diária: «Nas famílias é tão difícil, às vezes, perdoar-se». Por exemplo, acontece aos «cônjuges depois de alguma discussão», ou ao filho «pedir perdão ao pai»; e é difícil até «perdoar a sogra». Todos os dias experimentamos a dificuldade de perdoar até as pessoas que mais amamos. Imaginemos «perdoar quantos te estão a matar, que querem eliminar-te... Não só perdoar: mas rezar por eles, para que Deus os preserve! Ainda mais: amá-los». Parece difícil. O Papa comentou: «Só a palavra de Jesus pode explicar isto. Não consigo ir além».

Por isso Francisco sugeriu reler o trecho evangélico do dia no qual Jesus diz: «“Tendes ouvido o que foi dito: amarás o teu próximo e poderás odiar teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos [maltratam e] perseguem. Deste modo

sereis os filhos de vosso Pai do céu”, que é universal, pois ele faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons». Um trecho, observou, que culmina no convite: «Portanto, sede perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celeste». Acrescentando: «Peçamos ao Senhor que nos faça entender algo deste mistério cristão e para que nos dê a graça de sermos perfeitos, como o Pai que concede todos os bens aos bons e aos maus».

Depois, outro conselho: «Far-nos-á bem, hoje, pensar num inimigo — creio que todos nós temos algum — alguém que nos fez sofrer, que quer ou nos procura fazer algum mal». Depois, «rezemos por ele. Peçamos que o Senhor nos conceda a graça de o amar». Porque se «a oração “mafiosa” é: “vais pagar”», a prece cristã é «Senhor, concede-lhe a tua bênção e ensina-me a amá-lo».

A verdade está no silêncio

Segunda-feira, 3 de setembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 36 de 06 de setembro de 2018

Silêncio e oração «com as pessoas que não têm boa vontade, com as pessoas que procuram somente o escândalo, que procuram apenas a divisão, que procuram só a destruição, inclusive nas famílias». Foi a sugestão proposta pelo Papa Francisco na missa celebrada no dia 3 de setembro — a primeira depois da pausa de verão — comentando o episódio evangélico de Jesus expulso da sinagoga em Nazaré. O Pontífice convidou a pedir ao Senhor «a graça de discernir quando devemos falar e quando devemos ficar em silêncio. E isto em todas as circunstâncias: no trabalho, em casa, na sociedade, ao longo da vida inteira. Deste modo, seremos ainda mais imitadores de Jesus».

«Este trecho do Evangelho — observou imediatamente Francisco referindo-se ao excerto de Lucas (4, 16-30) — faz-nos refletir sobre o modo de agir na vida diária, quando há desentendimentos, discussões». Mas «faz-nos também compreender que o pai da mentira, o acusador, o diabo, age para destruir a unidade de uma família, de um povo».

Retomando os conteúdos do trecho evangélico proposto hoje pela liturgia, o Papa recordou que «Jesus se dirigiu a Nazaré, onde cresceu». Obviamente, acrescentou, «tinha ido embora, começara a pregação», contudo «as vozes chegaram: “Mas olha, aquele que saiu daqui faz milagres!”». Eis que em Nazaré «o povo esperava vê-lo e quando chegou olhavam para ele: todos sabemos o que acontece numa aldeia quando regressa alguém que se tinha ido embora para estudar e volta com a licenciatura, ou que se tinha ido embora em busca de fortuna e volta com dinheiro, rico, e a aldeia comove-se: “É um dos nossos que regressa”. Todos conhecemos estas situações». E naquele dia em Nazaré «aconteceu isto».

Portanto, prosseguiu o Pontífice, «o povo recebeu-o bem e, quando foi à sinagoga, ouviram-no». Mas «Jesus não fala diretamente de si mesmo: usa a

palavra de Deus. Quando quer dizer algo importante usa sempre a palavra de Deus; mesmo quando quer vencer o diabo — pensemos nas tentações no deserto — usa a palavra de Deus». O Evangelho, afirmou, narra-nos que Jesus «lê este trecho do profeta Isaías onde se prenuncia o tempo do Messias». Por conseguinte, «enrolando o livro, deu-o ao ministro e sentou-se», como revela o Evangelho. E toda «a sinagoga estava cheia de alegria, surpreendida», explicou Francisco. A ponto que, escreve Lucas, «todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele». E, provavelmente, acrescentou, o seu povo dizia: «Mas, olha, este é um dos nossos, mas que bom. Deus falar-nos-á!».

Escreve ainda Lucas na página do seu Evangelho: «Ele começou a dizer-lhes: “Hoje se cumpriu este oráculo que vós acabais de ouvir”». Com efeito, Jesus «não faz outra pregação: sempre a palavra de Deus — disse o Santo Padre — e todos lhe davam testemunho e se admiravam das palavras de graça, que procediam da sua boca». Todavia «a este ponto — realçou — a primeira palavra-ponte, digamos, da alegria para outra coisa, da paz para a guerra: Mas “Não é este o filho de José?”». E Jesus «aceita o desafio e responde: «Sem dúvida me citareis este provérbio: “médico, cura-te a ti mesmo. Fazei assim”». Em síntese, as pessoas pedem a Jesus: «Todas as maravilhas que fizeste em Cafarnaum, segundo ouvimos dizer, faze-o também aqui na tua pátria, e acreditaremos».

Mas «Jesus explica-lhes: “Em verdade vos digo: nenhum profeta é bem aceite na sua pátria”. E recorda os profetas de Israel que foram fazer alguns milagres fora da pátria, porque a pátria estava fechada à fé». E «quando acabou de explicar isto, sobre a viúva de Sarepta, sobre o leproso de Sidónia, acerca do leproso que tinha sido curado por Eliseu, todos — os mesmos que estavam surpreendidos, encantados — encheram-se de cólera na sinagoga: da admiração à indignação». Assim «mudaram: aquela semente lançada pelo diabo começou a crescer. Levantaram-se e afastaram-no para fora da cidade, adotaram uma atitude de matilha: não eram pessoas, eram uma matilha de cães selvagens que o conduziram para fora da cidade. Não raciocinavam».

Contudo, diante desta atitude «Jesus estava em silêncio. Conduziram-no até ao alto do monte e queriam precipitá-lo dali abaixo». E, acrescentou, «este trecho do Evangelho acaba assim: “Ele, porém, passou por entre eles, pôs-se a caminho”. A dignidade de Jesus: com o seu silêncio vence aquela matilha selvagem e retira-se. Porque ainda não tinha chegado a sua hora». E, afirmou Francisco, «o mesmo acontecerá na Sexta-feira Santa: a multidão que no Domingo de Ramos tinha aclamado Jesus, dizendo “Hosana ao Filho de David! ”, pedia “crucificai-o”: mudou». Assim, «o diabo semeara a mentira no coração, e Jesus permanecia em silêncio».

«Isto ensina-nos que quando nos deparamos com este modo de agir, de não querer ver a verdade, devemos ficar em silêncio» reafirmou o Papa, explicando: «O silêncio que vence, mas através da cruz. O silêncio de Jesus. Mas quantas vezes nas famílias começam as discussões sobre a política, o desporto, o dinheiro e, uma após outra, aquelas famílias acabam destruídas. Nestas discussões vê-se que o diabo quer destruir». Silêncio, é a sugestão de Francisco: «Manifestar a própria opinião e depois calar-se. Porque a verdade é mansa, a verdade é silenciosa, a verdade não é barulhenta. O que fez Jesus não é fácil; mas há a dignidade do cristão que está ancorada na força de Deus».

«Com as pessoas — reafirmou o Papa — que não têm boa vontade, com as pessoas que procuram apenas o escândalo, que procuram a divisão, que procuram somente a destruição, inclusive nas famílias: silêncio. E oração». E «será o Senhor, depois, quem vencerá, seja, como neste caso, com a dignidade de Jesus que fortalece e liberta daquela vontade de o fazer precipitar, seja com a dignidade da vitória da ressurreição, após a cruz».

Na conclusão, o Papa pediu ao Senhor «a graça de discernir quando devemos falar e quando devemos ficar em silêncio. E isto ao longo da vida: no trabalho, em casa, na sociedade, em todas as circunstâncias. Deste modo, seremos ainda mais imitadores de Jesus».

Exame de consciência

Terça-feira, 4 de setembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 36 de 06 de setembro de 2018

Fazer todas as noites o «exame de consciência» como uma oração, para averiguar se o que nos moveu durante o dia foi «o espírito de Deus ou o espírito do mundo», é um exercício decisivo na nossa «luta espiritual» que nos leva «a compreender o coração» e «o sentido de Cristo», sugeriu o Papa, recordando que «o coração do homem é como um campo de batalha» no qual se enfrentam continuamente «o espírito de Deus, que nos leva às obras boas, à caridade, à fraternidade», e «o espírito do mundo» que, ao contrário, «nos leva à vaidade, ao orgulho, à suficiência, ao mexerico».

«Na primeira leitura — observou imediatamente, referindo-se ao trecho da primeira carta aos coríntios (2, 10-16) — o apóstolo Paulo ensina aos coríntios o caminho para ter o pensamento de Cristo, o sentimento de Cristo, a fim de manter a atitude que Cristo tinha». E «o caminho é deixar agir em nós o Espírito Santo que recebemos». De facto, São Paulo escreve que «todos vós, todos nós recebemos o Espírito de Deus».

«É o Espírito Santo que nos leva em frente na vida — explicou Francisco — e nos leva àquela finalidade de conhecer Jesus, de ter os mesmos sentimentos de Jesus». Na realidade, afirmou, «podemos estudar muito, estudar a Bíblia, a história, a teologia, mas este não é o caminho para ter os sentimentos de Jesus: ajuda muito mas a verdadeira via é deixar-nos levar em frente pelo Espírito Santo». É precisamente o Espírito Santo — acrescentou o Pontífice — quem nos leva em frente até ao coração de Jesus, a entender quem é Jesus, como Jesus age, o que Jesus quer, qual é a vontade de Jesus. Leva-nos a compreender o coração de Jesus».

A questão é «de que modo podemos avançar?». São Paulo afirma que «o homem entregue às suas forças não compreende as coisas do Espírito». Portanto, explicou Francisco, «temos necessidade do Espírito Santo para este caminho, para este caminho cristão». Também na carta aos coríntios, o

apóstolo explica que «nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito de Deus».

Sim, repetiu o Papa «há dois espíritos, duas modalidades de pensar, de sentir, de agir: uma que me leva ao Espírito de Deus e outra que me conduz ao espírito do mundo». «Isto acontece na nossa vida: todos temos estes dois “espíritos”, digamos». «O espírito de Deus que nos leva às obras boas, à caridade, à fraternidade, a adorar a Deus, a conhecer Jesus, a praticar muitas obras de caridade, a orar». Mas também há «o espírito do mundo, que nos impele à vaidade, ao orgulho, à suficiência, ao mexerico: uma estrada totalmente diferente».

Dizia um santo que «o nosso coração é como um “campo de batalha, um campo de guerra no qual estes dois espíritos lutam” e definia isto “luta espiritual”», afirmou o Pontífice. «Na vida cristã devemos combater para deixar espaço ao espírito de Deus e expulsar o espírito do mundo — como Jesus expulsou o demónio», explicou, referindo-se ao excerto evangélico de Lucas (4, 31-37) proposto hoje pela liturgia.

A tal propósito, Francisco sugeriu «uma boa prece que podemos fazer todas as noites, antes de ir para a cama, ou seja, examinarmos um pouco como foi o dia» e questionar-nos: «qual espírito segui hoje? O espírito de Deus ou o espírito do mundo?». O Papa observou que «isto se chama exame de consciência: sentir no coração o que aconteceu nesta guerra interior, e como me defendi do espírito do mundo que me conduz à vaidade, às coisas reles, aos vícios, à soberba, a tudo isto». Por conseguinte, «como me defendi das tentações concretas?». Devemos «identificar as tentações». «Temos que fazer isto como oração, antes de ir para a cama hoje: quais sentimentos tive. Identificar qual é o espírito que me impele àquele sentimento, que me inspirou àquele sentimento: é o espírito do mundo ou o espírito de Deus?».

Ao fazer este exame de consciência, esta prece noturna, afirmou o Pontífice «muitas vezes, se formos honestos, descobriremos que “hoje fui invejoso, cobicei, cometi isto”». «Este é o espírito do mundo». Mas, insistiu Francisco, é oportuno «identificar» estes sentimentos «porque é verdade:

todos trazemos dentro de nós esta luta, mas se não compreendermos como funcionam estes dois espíritos, como agem, não conseguiremos ir em frente com o espírito de Deus que nos leva a conhecer o pensamento de Cristo, o sentido de Cristo».

Na realidade, observou o Papa «é muito simples: temos este grande dom, que é o espírito de Deus, mas somos frágeis, pecadores e sentimos também a tentação do espírito do mundo». Nesta «luta espiritual, nesta guerra do espírito, é necessário que sejamos vencedores como Jesus, mas precisamos saber qual caminho percorrer». Precisamente «por isso é tão útil o exame de consciência. À noite revermos o dia e dissermos “sim, hoje fui tentado neste ponto, venci aqui, o Espírito Santo concedeu-me esta inspiração”». Por fim, trata-se de «conhecer o que acontece no coração». Mas, advertiu o Pontífice, «se não fizermos isto, se não soubermos o que acontece no nosso coração — e não digo eu mas a Bíblia — seremos como os “animais que nada compreendem”, vão em frente com o instinto».

Contudo «não somos animais, somos filhos de Deus, batizados com o dom do Espírito Santo». «Por isso — concluiu Francisco — é importante entender o que aconteceu hoje no meu coração. O Senhor nos ensine a fazer sempre, todos dias, o exame de consciência».

E Simão tornou-se Pedro

Quinta-feira, 6 de setembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 13 de setembro de 2018

«O primeiro passo da conversão e da penitência» é a atitude «de se acusar a si mesmo», nunca «os outros», falando mal deles: «não é suficiente reconhecer-se pecador», recorrendo a um pouco de «cosmética» espiritual ou confissões «blá-blá-blá», de papagaio, mas deve-se experimentar concretamente «o sentimento da vergonha» e «a admiração de se sentir salvo», frisou o Papa, inspirando-se na experiência do apóstolo Pedro.

Comentando o excerto evangélico de Lucas (5, 11) proposto pela liturgia, o Pontífice explicou que «lançar as redes e fazer uma pesca milagrosa», narrado no trecho de hoje, «nos recorda a outra, em Tiberíades, no final, depois da ressurreição». Sem dúvida, «são dois momentos fortes onde Pedro lança a rede e faz uma pesca milagrosa». O Papa recordou que «neste caso» o apóstolo já seguia «Jesus há tempos: admirava o Mestre, concluía o trabalho, lavava as redes». Enquanto que «no outro caso, no fim, estava a pescar».

Nesta primeira circunstância, «Jesus disse-lhe: “Por favor, deixa-me subir ao teu barco, afastar-me um pouco da margem para poder pregar tranquilo à multidão. No outro caso, no fim, da margem grita-lhe: “Jovens, tendes algo para comer?”. E eles, zangados porque não tinham pescado nada: “Não”, dizem, e cortam a conversa». Contudo, em ambos os momentos «no início da vida apostólica de Pedro e no fim, há uma unção de Pedro. Neste caso, nesse momento diz-lhe: “Serás pescador”. No fim diz-lhe: “Vai e apascenta as minhas ovelhas”. Fá-lo pastor». Depois de ter reiterado que «Pedro seguia Jesus há tempos», o Papa observou que «tinha levado a Jesus o seu irmão André. Jesus viu-o e mudou-lhe imediatamente o nome: “Chamar-te-ás Pedro”; chamava-se Simão. Pedro não entendeu. Mas, dado que era um bom israelita, sabia que a mudança de nome tinha um significado, o significado de missão». Assim, «nesse momento seguia Jesus.

Labutava, seguia Jesus, cuidava da família, fazia um pouco de tudo». Agora, «com esta pesca milagrosa Pedro dá mais um passo na vida. E a vida de Pedro é sempre passo a passo, mais um passo».

O apóstolo, explicou Francisco, «gabava-se de seguir Jesus: “É o profeta, vou atrás dele, sou um dos seguidores do profeta”, e sentia-se orgulhoso porque realmente amava Jesus». Mas «após este milagre, Pedro sentiu algo; sentia uma forte admiração e quando o Senhor lhe diz para se fazer ao largo», ele responde: «Senhor, trabalhamos a noite inteira e nada apanhamos, mas por causa da tua palavra, lançarei as redes». Em síntese, «tinha confiança em Jesus». E «depois, quando viu aquele milagre tão grande que as redes quase se rompiam com tantos peixes, sentiu algo dentro».

Também «na pesca final, no milagre conclusivo, o Evangelho diz que ele se lançou na água para ir imediatamente ao encontro de Jesus. Ele esperou. Pediu ajuda para levar os peixes e quando se aproximou de Jesus, ajoelhou-se dizendo: “Senhor, afasta-te de mim, pois sou um pecador”».

Portanto, precisamente «este é o primeiro passo decisivo de Pedro no caminho do discipulado, de discípulo de Jesus, acusar-se a si mesmo: “Sou um pecador”. O primeiro passo de Pedro é este — acrescentou o Papa — e também o primeiro passo de cada um de nós, se quisermos progredir na vida espiritual, na vida de Jesus, servir Jesus, seguir Jesus, deve ser este, acusar-nos a nós mesmos: sem não nos acusarmos não podemos caminhar na vida cristã». Poder-se-ia objetar, sugeriu Francisco: «Mas, padre, eu sempre o faço no início da missa, rezo, confesso. Mas sentes aquilo que... sentes Jesus?». E no entanto, o Evangelho diz que «o enlevo tinha invadido» Pedro diante daquela pesca milagrosa. Por conseguinte, para o Papa surgiu uma pergunta: «Quando te acusas a ti mesmo, ages com este ar de enlevo? Ou, sim, sou pecador, vamos em frente...». Com efeito, prosseguiu, «estamos muito habituados a dizer: “Sou um pecador”. É verdade, se agora eu dissesse: “Quem de vós não é pecador?”», certamente ninguém levantará a mão. Pois todos sabemos que somos pecadores. Mas não é fácil confessar, acusar-se a si mesmo de pecado, de ser um pecador concreto, com enlevo». A tal ponto que «dizemos: “Sim, sou pecador”, do

mesmo como afirmamos: “Sou humano”, “Sou cidadão italiano”, “Sou isto”».

Ao contrário, «é outra coisa: acusar-me a mim mesmo é o sentimento da minha miséria, de me sentir miserável, mísero face ao Senhor. O sentimento da vergonha». Com efeito, «acusar-se a si mesmo» não se pode fazer com palavras, é preciso sentir no coração: «É sempre uma experiência concreta».

De resto, «quando Pedro disse: “Afasta-te de mim, pois sou um pecador”, tinha no coração todos os seus pecados e via-os, sentia-se deveras pecador. E depois sentiu-se salvo. A salvação que nos leva a Jesus precisa desta confissão de pecadores». Mas «esta confissão que nasce do coração, que é sincera, porque a salvação que nos traz Jesus é sincera», provém do coração. Com efeito, «a salvação de Jesus não um cosmético, que te muda um pouco, com duas pinceladas mudam-te o rosto. É algo que entra no coração e transforma». Todavia, para «a fazer entrar» deve-se abrir «espaço com a confissão dos pecados, com a confissão sincera a Ele: “Senhor, afasta-te de mim, pois sou um pecador”». Caso contrário, não se pode experimentar «o enlevo de Pedro».

«Estamos tão habituados a dizer: “Somos pecadores, sim, somos assim», insistiu Francisco. «É verdade, mas não basta. O que conta é que cada um de nós viva diante do Senhor a vergonha e depois o enlevo de se sentir salvo. Devemos converter-nos. Devemos fazer penitência». E «o primeiro passo da conversão, da penitência, é esta atitude de se acusar a si mesmo».

A tal propósito, auspiciou o Papa, «far-nos-á bem pensar: “Acuso-me a mim mesmo ou acuso os outros?”. Há pessoas que vivem falando mal do próximo, acusando os outros, e nunca pensam em si mesmas, e quando vou ao confessor, como me confesso, como os papagaio? “blá-blá-blá, fiz isto e aquilo”». Mas «sentes no coração o que fizeste? Muitas vezes, não. Vais ali para fazer cosmética, para te pintares um pouco e para saíres bonito. Mas isto não entrou completamente no teu coração, porque não abriste espaço, porque não foste capaz de te acusares a ti mesmo».

«O primeiro passo é este, é uma graça, ninguém o pode fazer com as próprias forças», advertiu o Pontífice. Por isso é preciso «pedir esta graça: “Senhor, que eu aprenda a acusar-me a mim mesmo, que aprenda a dar este primeiro passo”». E «um sinal que uma pessoa, um cristão não sabe acusar-se a si mesmo é quando se acostuma a acusar o próximo, a falar mal dos outros, a meter o bedelho na vida alheia. É um mau sinal. Faço isto? É uma boa pergunta para chegar ao coração».

Francisco concluiu, exortando a pedirmos «hoje ao Senhor a graça de nos colocarmos diante dele com este enlevo que provém da sua presença e a graça de nos sentirmos pecadores concretos, dizendo como Pedro: “Afastate de mim, pois sou um pecador”. E assim a vida de Pedro foi em frente, até à outra pesca no final, quando Jesus o faz pastor da grei». Sim, «peçamos hoje esta graça uns para os outros: “Senhor, que aprendamos a acusar-nos a nós mesmos”, não os outros, o próximo. Cada um se acuse a si mesmo!».

A grande novidade

Segunda-feira, 10 de setembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 13 de setembro de 2018

«A grande novidade» de Cristo é absoluta e deve ser considerada na sua totalidade, e não pela metade como se fosse «uma ideologia», porque «não se fazem negociações» mundanas com a verdade e não se «dilui o anúncio do Evangelho». Para a sua meditação, o Papa Francisco inspirou-se numa «contrariedade» de Paulo devido à «vida dupla» dos cristãos de Corinto e observou que acabamos por ser «hipócritas» se não percebermos a diferença «entre “a novidade” de Jesus Cristo e “as novidades” que o mundo nos propõe».

«O apóstolo Paulo está um pouco contrariado com os cristãos de Corinto», observou o Papa referindo-se ao trecho da primeira carta aos Coríntios (5, 1-8) proposto hoje pela liturgia como primeira leitura. Aliás, acrescentou Francisco, Paulo não está «um pouco», mas «muito zangado» com aqueles cristãos e «repreende-os porque viviam “uma vida dupla”, digamos assim». De facto, escreve o apóstolo na sua carta: «Irmãos, ouve-se dizer constantemente que se comete, no vosso meio, a luxúria, e uma luxúria tão grave que não se costuma encontrar nem mesmo entre os pagãos». Como se quisesse dizer: mas vós sois cristãos e viveis desta maneira? Há alguma incoerência.

«Paulo repreende» explicou o Pontífice, mas «explica, a ponto que diz algo desagradável. Algo forte e até desagradável: as pessoas que fazem isto sejam entregues a satanás, porque a nossa vida segue outro caminho».

«Esta é a realidade que Paulo vê» insistiu o Papa. E «relativamente a esta realidade não só condena, mas explica inclusive o princípio. Esta gente gabava-se por ser assim, digamos “cristãos abertos”, onde a confissão de Jesus Cristo caminhava de mãos dadas com uma imoralidade tolerada entre eles. E “não é bom que vos vanglorieis deste modo”» escreve claramente Paulo.

Mas depois o apóstolo «explica o princípio: “Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? Purificai-vos do velho fermento, para que sejais massa nova”». Portanto, é preciso tirar o «fermento velho, para que haja outro fermento, ou nenhum fermento, para que a massa seja boa». Paulo «usa aquele símbolo dos ázimos, a massa pura, a massa boa». E «isto recorda-nos» a expressão «de Jesus “vinho novo em odres novos”». Com efeito, explicou o Papa, «a novidade do Evangelho, a novidade de Cristo não consiste somente em transformar a nossa alma; mas em transformar todos nós: alma, espírito e corpo, todos, tudo, ou seja, transformar o vinho — o fermento — em odres novos, tudo». Porque, acrescentou, «a novidade do Evangelho é absoluta, total; abrange todos, porque nos transforma a partir de dentro: o espírito, o corpo e a vida quotidiana».

«Mas esta gente era assim, não tinha compreendido isto» prosseguiu o Pontífice fazendo sempre referência à carta aos Coríntios, sublinhando: «Tinham talvez considerado a novidade do Evangelho como uma ideologia, um modo de viver bem, social: “Sim, sim Jesus, sim”, mas depois viviam seguindo costumes pagãos». Mas «a novidade do Evangelho é muito clara. O próprio Paulo explica-a claramente no final do trecho hodierno da sua carta: «E, de facto, Cristo, nossa Páscoa, foi imolado! Celebremos, pois, a festa, não com o fermento velho nem com o fermento da malícia e da corrupção, mas com os pães não fermentados de pureza e de verdade”».

«A grande novidade do Evangelho — afirmou Francisco — é que Cristo está vivo, Cristo ressuscitou, Cristo pagou pelos nossos pecados, Cristo — a ressurreição de Cristo — transformou-nos e enviou o Espírito para que nos acompanhe na vida. Precisamente «esta é a novidade do Evangelho! Eis o convite de Jesus a viver esta novidade. Nós cristãos somos homens e mulheres de novidade, da grande novidade».

Os cristãos de Corinto, «que queriam ambas as coisas, viviam “de novidades”, não “da novidade”». E «tanta gente procura viver o cristianismo “de novidades”» dizendo «mas hoje pode-se fazer assim; hoje pode-se fazer assim». Mas «esta gente que vive de novidades que lhe são propostas pelo mundo é mundana, não aceita toda a novidade». E, deste

modo, «há um confronto entre “a novidade” de Jesus Cristo e “as novidades” que o mundo nos propõe para viver».

«Por esta razão — explicou o Papa — Paulo condena as pessoas que vivem assim: é gente tibia, imoral, é gente que simula, é gente formal, hipócrita». Com efeito, «quando não consideramos a totalidade do anúncio de Jesus Cristo e aceitamos viver com “as novidades”, conviver com ambas as coisas, acabamos por ser hipócritas».

«A chamada de Jesus é para a novidade» reafirmou o Pontífice. Certamente, «alguém podem dizer “padre, nós somos débeis, somos pecadores”». Mas «esta é outra coisa: se aceites ser pecador e débil, Ele perdoa-te, porque um aspeto da novidade do Evangelho consiste em confessar que Jesus Cristo veio para o perdão dos pecados. Mas se tu, que afirmas ser cristão, convives com estas novidades mundanas, não, esta é uma hipocrisia. Esta é a diferença». O próprio Jesus, observou o Papa, «tinha-nos dito no Evangelho: «Estai atentos quando vos disserem: Cristo está aqui, ali, lá. As novidades são estas: não, a salvação é com isso, com isto”». Porque «Cristo é um só. E a mensagem de Cristo é clara».

A este ponto, sugeriu o Pontífice, «talvez possa surgir a pergunta — porque a liturgia de hoje nos indica isto — mas como é o caminho de quantos vivem “a novidade” e não querem viver “as novidades”?». A resposta encontra-se no «trecho do Evangelho de hoje» (Lc 6, 6-11): «Mas eles — os escribas, os doutores da lei — fora de si pela raiva — porque não tinham podido apanhar Jesus em flagrante a cometer um erro — começaram a discutir entre si sobre o que teriam podido fazer a Jesus». Basicamente, acrescentou o Papa, «como o apanhar, como o matar», como «o eliminar».

«O caminho de quantos aceitam a novidade de Jesus Cristo — recordou Francisco — é o mesmo de Jesus: o caminho rumo ao martírio; quer o martírio cruento, quer o martírio de todos os dias». É «o testemunho do martírio; aquele é o caminho, não há outros. Aquela é a estrada, “porque os inimigos — como explica o Evangelho — observavam Jesus, para ver se curava no dia de sábado a fim de encontrar um pretexto para o acusar”». E «atrás deles estava o grande acusador: satanás». Também «nós estamos a

caminho e somos observados pelo grande acusador que incita os acusadores de hoje para nos apanhar em contradição».

«O convite da Igreja hoje — concluiu o Papa — é considerar “a grande novidade”, toda, e não fazer negociações com “as novidades”». Em síntese, «não diluir o anúncio do Evangelho».

A força do bispo

Terça-feira, 11 de setembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 37 de 13 de setembro de 2018

«Ultimamente parece que o Grande Acusador acordou, irritado com os bispos», procurando «revelar os pecados, para que sejam vistos, a fim de escandalizar o povo». Mas «a força do bispo — “homem de oração, no meio do povo e que se sente escolhido por Deus” — contra o Grande Acusador é a prece, a de Jesus por ele e a própria». Foi uma oração «pelos nossos bispos: por mim, por estes que estão aqui na frente e por todos os bispos do mundo» que o Papa pediu celebrando a missa. E aos bispos pediu que permaneçam sempre «próximos do povo de Deus, longe de uma vida aristocrática» que afasta a sua «unção» sem serem «arrivistas» ou «procurando refúgio nos poderosos e na elite».

«Comovem o coração a simplicidade e a transparência, com a qual Lucas nos narra a eleição dos apóstolos, dos primeiros bispos» observou o Papa, referindo-se ao excerto evangélico proposto hoje pela liturgia (Lc 6, 12-19), comparando-o com a atualidade, recordando que neste período «aqui em Roma estão a decorrer — um deles já terminou — três cursos para os bispos». Promoveram, comentou, um curso «de atualização para os bispos que completaram dez anos de episcopado» que «se concluiu recentemente». No entanto, explicou, «neste momento estão a decorrer dois cursos: um para setenta e quatro bispos que pertencem às dioceses que dependem da Congregação de Propaganda Fide». E outro no qual participam «cento e trinta, cento e quarenta» prelados «que pertencem à Congregação para os bispos». Portanto, todos «os novos bispos, mais de duzentos», participam «nesses dois cursos». E desta forma, confidenciou, «pensei que neste momento, quando no Vaticano se realiza esta atividade com os novos bispos, talvez fosse bom meditar um pouco sobre a eleição dos bispos: como Jesus a realizou a primeira vez, o que nos ensina».

«São três aspetos — afirmou Francisco referindo-se ao trecho de Lucas — que causam admiração da atitude de Jesus». Antes de mais «que Jesus reza». O evangelista escreve: «Jesus foi para o monte a fim de fazer oração, e passou a noite a orar a Deus». A «segunda» atitude é que «Jesus escolhe: Ele escolhe os bispos». E a «terceira, Jesus desce com eles para um sítio plano onde encontra uma grande multidão: no meio do povo». Precisamente estas são as «três dimensões do ministério episcopal: rezar, ser eleito e estar com o povo». «Jesus ora, reza pelos bispos» prosseguiu o Papa. «É a grande consolação que um bispo sente nos momentos difíceis: Jesus reza por mim». De resto, «disse-o explicitamente a Pedro: “Rezarei por ti, para que a tua fé não esmoreça”». Sim, insistiu Francisco, Jesus «reza por todos os bispos. Neste momento, diante do Pai, Jesus ora. O Bispo encontra consolação e força na consciência de que Jesus ora por ele, está a rezar por ele». E «isto leva a rezar». Pois «o bispo é um homem de oração».

«Pedro tinha esta convicção — observou o Pontífice — quando anunciava ao povo a tarefa dos bispos: “A nós a oração e o anúncio da palavra”. Não disse: “A nós a organização dos planos pastorais”». Portanto, espaço à «oração e ao anúncio da palavra». Deste modo «o bispo sabe que é protegido pela oração de Jesus, e isto leva-o a rezar». E orar «é o primeiro dever do bispo. Rezar pelo povo de Deus, por si mesmo, pelo povo de Deus. O bispo é homem de oração».

«A segunda dimensão que vemos aqui é que Jesus “escolhe” os doze: não são eles que escolhem». E «isto também nos discípulos: o endemoninhado gadareno que queria seguir Jesus», depois de ter sido libertado dos demónios. Mas, resumindo, Jesus respondeu-lhe «não, não te escolhi, tu permaneces aqui e praticas o bem aqui». Porque «o bispo fiel sabe que não escolheu; o bispo que ama Jesus não é um arrivista que vai em frente com a sua vocação como se fosse uma função, talvez olhando para outra possibilidade de ir em frente e subir na vida». Na realidade «o bispo sente-se escolhido. E tem a certeza de ter sido escolhido. Isto leva-o ao diálogo com o Senhor: “Tu escolheste-me, que sou pouca coisa, que sou pecador”. Tem a humildade. Porque ele, quando se sente escolhido, percebe o olhar de Jesus sobre a própria existência e isto dá-lhe a força».

Resumindo, o bispo é «homem de oração, homem que se sente escolhido por Jesus». E depois, acrescentou Francisco, é «homem que não tem medo de descer a um sítio plano e permanecer próximo do povo: é precisamente o bispo que não se afasta do povo: aliás, sabe que no povo há uma unção para o seu ministério e encontra no povo a realidade de ser apóstolo de Jesus». Eis «o bispo que permanece distante do povo — afirmou o Pontífice — que não tem atitudes que o afastam do povo; o bispo toca o povo e deixa-se tocar pelo povo. Não vai procurar refúgio nos poderosos, nas elites, não. Serão as elites a criticar o bispo; o povo tem esta atitude de amor em relação ao bispo, e tem aquela a que chamamos unção especial: confirma o bispo na vocação».

«Homem no meio do povo, homem que se sente escolhido por Deus e homem de oração: esta é a força do bispo» repetiu o Papa, sugerindo que «é bom recordar, nestes tempos em que parece que o Grande Acusador acordou, irritado com os bispos. É verdade, todos somos pecadores, nós bispos». O Grande Acusador, afirmou, «procura revelar os pecados, para que se vejam, para escandalizar o povo. O Grande Acusador que, como ele mesmo diz a Deus no capítulo 1 do Livro de Job, “dá voltas pelo mundo procurando o modo para acusar”. A força do bispo contra o Grande Acusador é a oração, a de Jesus, por ele e a própria; e a humildade de se sentir escolhido e permanecer próximo do povo de Deus, longe de uma vida aristocrática que o priva desta unção».

Na conclusão Francisco exortou a rezar «hoje pelos nossos bispos: por mim, por estes que estão aqui na frente e por todos os bispos no mundo».

O estilo do cristão

Quinta-feira, 13 de setembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 40 de 4 de outubro de 2018

Segundo a lógica do mundo, «amar os inimigos» é uma «loucura». Mas é precisamente a «loucura da Cruz» que deve orientar o comportamento de cada cristão, porque se quisermos viver «como filhos» temos que ser «misericordiosos como o Pai» e não nos deixar guiar pela «lógica de Satanás», o grande acusador que procura sempre «fazer o mal ao próximo».

Foi o «estilo do cristão» que esteve no centro da meditação do Papa. Um tema, recordou na homilia, que aparece «várias vezes no Evangelho», em muitos trechos nos quais o Senhor «nos diz como deve ser a vida do discípulo, do cristão. Dá-nos sinais para progredir no caminho». Acontece, por exemplo, no sermão das bem-aventuranças, do qual sobressai «algo revolucionário, porque parece a lógica do contrário»: é «a lógica do contrário em relação ao espírito do mundo». Nessa ocasião, «o Senhor ensina-nos como deve ser o cristão». E no capítulo 25 de Mateus, onde se fala das obras de misericórdia, «o Senhor ensina-nos o que uma pessoa deve fazer para ser cristã». Descreve-se um «estilo», diante do qual, frisou Francisco, «dizemos: “Não é fácil ser cristão”. Não! Mas torna-nos felizes. É o caminho da felicidade, da paz interior».

Também a liturgia do dia se inspirou num trecho evangélico (Lc 6, 27-38) dedicado a este tema. Trata-se de um trecho no qual «o Senhor entra em detalhes, propondo-nos quatro deles para levar uma vida cristã». As palavras de Jesus são claras: «Digo-vos, a vós que me ouvis: amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam, abençoai os que vos maldizem e orai pelos que vos injuriam». São, disse o Pontífice, «quatro “mandamentos”» diante dos quais o homem normalmente fica perplexo: «Como posso amar quem me faz mal? Não me vingar, pelo menos defendendo-me». A resposta é: «Amai os vossos inimigos». Poderíamos contestar: «Mas não os posso odiar? Tenho o direito de os odiar, porque eles

me odeiam, e eu devo odiá-los...». E a resposta é sempre clara: «Não. Amai os inimigos, aqueles que vos querem destruir: amai. “Fazei o bem aos que vos odeiam”».

Há um contraste entre o que parece «normal» — «Se eu souber que alguém me odeia, digo a todos os amigos: “Ele odeia-me. Ele quer destruir-me”. Entro na bisbilhotice...» — e o que é pedido ao cristão: «Não. “Fazei o bem”. Se souberes que alguém te odeia e está em necessidade ou passa por uma situação difícil, pratica o bem».

A terceira indicação de Jesus é: «Abençoai os que vos maldizem». Aqui entramos na «lógica da resposta. Alguém te amaldiçoa e tu reages a alto nível; o outro faz aumentar o grau da maldição e o ódio cresce e acaba em guerra. É a lógica dos insultos. Insultando-se, acaba-se em guerra. Ao contrário, o Senhor diz: «Não! Espera, “abençoa”. Amaldiçoou-te? Abençoa-o».

Depois, «a mais difícil é a que vem agora: “Orai pelos que vos injuriam”». A tal propósito, Francisco pediu: «Quanto tempo de oração dedico a pedir ao Senhor pelas pessoas molestas, por quantos me incomodam ou até me tratam mal?». É bom fazer «um exame de consciência».

Tudo isto, resumiu o Papa, «é o estilo cristão, o modo de viver cristão». Poder-se-ia perguntar: «Mas se eu não praticar estas quatro ações — amar os inimigos, fazer o bem aos que me odeiam, abençoar os que me maldizem e rezar por quantos me injuriam — não sou cristão?». Até neste caso a resposta é clara: «Sim, és cristão porque recebeste o Batismo, mas não vives como cristão. Vives como pagão, com o espírito da mundanidade». E, acrescentou, «não se trata de imagens poéticas: é isto que o Senhor quer que façamos. Assim, direto». São indicações concretas, pois «é muito fácil reunir-nos para falar mal dos inimigos ou dos que pertencem a um partido diferente, ou ainda daqueles que não gozam da nossa simpatia. Mas a lógica cristã é o contrário».

E não há exceções: «“Mas padre, é preciso seguir sempre isto?”. Sim. “Mas é uma loucura” Sim. Paulo di-lo claramente: “A loucura da Cruz”. Se, como cristão, não te apaixonares por esta “loucura da Cruz”, não entendeste o que significa ser cristão».

Para confirmar o que disse, o Papa retomou o texto evangélico para frisar a diferença que o próprio Jesus faz entre cristãos e pagãos: «Usa a palavra “pecadores”. “pagãos”, “pecadores”, “mundanos”». A síntese deste raciocínio é oferecida pela própria Escritura, onde o Senhor, como que num «resumo», explica o motivo de certas indicações: «Amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai sem nada esperar, e sereis filhos do Altíssimo, porque ele é benévolo para com os ingratos e os malvados. Sede misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso». Portanto, o fim de tudo, explicou Francisco, é «chegar a comportar-nos como filhos, filhos do nosso Pai, que sempre pratica o bem, que é “misericordioso”: esta é a palavra-chave».

Por isso, «lendo, ouvindo estas indicações de Jesus, podemos perguntar-nos: sou misericordioso?». Podemos «entrar no mistério da misericórdia» e questionar-nos: «O Senhor foi misericordioso para comigo? Senti a misericórdia do Senhor? Se sou misericordioso, sou filho do Pai». E assim como às vezes se diz de uma criança: «Como se parece com o pai!», de igual modo «somente os misericordiosos se assemelham a Deus Pai», porque este «é o estilo do Pai».

Mas este caminho, avisou o Papa, é contracorrente, «não acusa o próximo» e «vai contra o espírito do mundo». Com efeito, «no meio de nós está o grande acusador, que sempre nos acusa diante de Deus para nos destruir. Satanás: ele é o grande acusador. E quando entro nesta lógica de acusar, amaldiçoar, procurar fazer o mal ao outro, entro na lógica do grande acusador, que é destruidor, que não conhece a palavra “misericórdia”, não a conhece porque nunca a viveu».

Portanto, disse Francisco, o caminho do cristão está sempre perante uma encruzilhada: por um lado «o convite do Senhor» a «ser misericordioso, um convite que é uma graça, uma graça de filiação, para se assemelhar ao Pai».

Por outro, «o grande acusador, Satanás, que nos impele a acusar os outros para os destruir». Não se pode, concluiu o Pontífice, «entrar na lógica do acusador»; aliás, «a única acusação que, a nós cristãos, é lícito fazer é acusar-nos a nós mesmos. Para os outros, unicamente a misericórdia, porque somos filhos do Pai, que é misericordioso».

Como foi derrotado o diabo

Sexta-feira, 14 de setembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 40 de 4 de outubro de 2018

«Hoje seria bom se em casa, tranquilos, dedicássemos cinco, dez, quinze minutos a estar diante do crucifixo, ou daquilo que temos em casa ou do rosário», a fim de «olhar para ele e recordar que «é o nosso sinal de derrota que causa as perseguições, que nos destroem», mas «é também o nosso sinal de vitória, porque Deus venceu assim». Eis a proposta espiritual concreta que o Papa Francisco quis sugerir durante a missa na festa da exaltação da santa cruz. E mais uma vez admoestou contra o aproximar-se do grande Acusador que, como «um cão enraivecido», está pronto para morder.

«Hoje a Igreja convida-nos a contemplar a cruz do Senhor, a santa cruz, que é o sinal do cristão» recordou imediatamente o Pontífice. A cruz «é aquele sinal que quando éramos crianças, talvez tenha sido o primeiro que aprendemos a fazer no peito e nos ombros, a santa cruz de Deus». E «contemplar a cruz, para nós cristãos, significa contemplar um sinal de derrota e um sinal de vitória, ambos».

«A pregação de Jesus, o milagre de Jesus, tudo o que Jesus fez na vida, acabou numa “falência”, faliu na cruz» explicou o Papa. «Todas as esperanças que os discípulos depunham nele — acrescentou — foram desatendidas: nós esperávamos que ele fosse o Messias, mas foi crucificado». E «a cruz é aquele patíbulo, aquele instrumento cruel de tortura. Ali acabou toda a esperança das pessoas que seguiam Jesus. Uma verdadeira derrota».

«Não tenhamos medo de contemplar a cruz como um momento de derrota, de falência», prosseguiu Francisco, referindo-se à carta de São Paulo aos Filipenses (2, 6-11) proposta como segunda leitura. «Paulo quando faz a reflexão sobre o mistério de Jesus Cristo — afirmou — diz-nos coisas fortes, diz-nos que Jesus se esvaziou, se aniquilou, assumiu todos

os nossos pecados, todos os pecados do mundo: era um “trapo”, um condenado». Por conseguinte, afirmou o Papa, «Paulo não tinha medo de mostrar esta derrota e também isto pode iluminar um pouco os nossos momentos maus, os nossos momentos de derrota».

Mas a cruz é também «um sinal de vitória para nós cristãos». A ponto que «na tradição havia aquela aparição: “com este sinal tu vencerás”, sinal de vitória para nós». E «a leitura de hoje — disse Francisco citando o excerto do livro dos Números (21, 4-9) reproposto também pelo trecho evangélico de João (3, 13-17) — fala do momento em que o povo devido aos murmúrios foi punido pelas serpentes; fala das serpentes como instrumento de morte». E «por detrás está a memória de Israel, a serpente antiga, a do paraíso terrestre. Satanás, o grande Acusador. Era profético pois o Senhor disse a Moisés para erguer uma serpente, erguer. Mas o que te dava a morte, o que era pecado, tudo será elevado e isto dará a saúde. Esta é uma profecia».

«Jesus feito pecado venceu o autor do pecado, venceu a serpente» reafirmou o Pontífice. Com efeito, Satanás «era feliz na sexta-feira santa, sentia-se feliz; sentia-se tão feliz que não se apercebeu que havia a grande cilada da história na qual teria caído. Viu Jesus tão arrasado, rebaixado e, como o peixe faminto que cai na isca amarrada ao anzol, ele foi lá e engoliu Jesus. Dizem isto os padres da Igreja».

«A sua vitória — afirmou ainda o Papa — cegou-o, engoliu este “trapo”, este Jesus destruído. Sentia-se feliz mas naquele momento engoliu também a divindade, porque era a isca amarrada ao anzol com o peixe. Naquele momento satanás foi destruído para sempre. Não teve força. A cruz, naquele momento, tornou-se sinal de vitória».

«A nossa vitória — acrescentou Francisco — é a cruz de Jesus, a derrota daquele que tinha carregado sobre si todos os nossos pecados, estava quase destruído, todas as nossas culpas; e a vitória diante do nosso inimigo, da grande serpente antiga, do grande Acusador». Por isso «a cruz é sinal de vitória para nós, na cruz fomos salvos, naquele percurso que Jesus quis fazer até ao mais baixo, ao mais baixo, mas com a força da divindade».

A este propósito, o Pontífice recordou as palavras de Jesus: «“Quando for elevado, atrairei todos a mim”. Jesus elevado e satanás destruído. A cruz de Jesus deve ser para nós a atração: olhar para ela, porque é a força para ir em frente». E «a serpente antiga destruída ainda late, ainda ameaça, mas, como diziam os padres da Igreja, é um cão acorrentado: se não te aproximares não te morderá; mas se a fores acariciar, porque o fascínio te atrai como se fosse um cãozinho, prepara-te, destruir-te-á». E «assim, com esta vitória da cruz, com Cristo ressuscitado, que nos envia o Espírito Santo, vamos em frente, em frente, sempre; e aquele cão acorrentado, ali, ao qual não me devo aproximar senão ele morde-me, a nossa vida vai em frente».

«A cruz ensina-nos isto, que na vida há a falência e a vitória» insistiu Francisco na conclusão. «Devemos — exortou — ser capazes de tolerar as derrotas, de as carregar com paciência; as derrotas, também dos nossos pecados porque ele pagou por nós. Tolerá-las nele, pedir perdão nele mas nunca se deixar seduzir por este cão acorrentado».

Com mansidão e ternura

Terça-feira, 18 de setembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 40 de 4 de outubro de 2018

A capacidade de Jesus de estar «próximo do povo», de sentir «compaixão» dele com «ternura», de fundar a sua «autoridade» na «mansidão», é a mesma que cada pastor na Igreja deveria ter. O Papa voltou a refletir sobre o papel e a identidade do bispo graças a uma meditação sobre o Evangelho do dia (Lucas 7, 11-17) que lhe permitiu «contemplar» Jesus, o seu estilo, para o apresentar como modelo.

De facto, o Senhor, evidenciou imediatamente o Pontífice, «Tinha autoridade, era competente». Uma característica que emerge das narrações evangélicas nas quais se lê que «o povo o seguia porque falava “com autoridade”, mas não com a autoridade com a qual falam os doutores da lei: eles não tinham autoridade diante do povo. Jesus, ao contrário, sim». Eis então a pergunta que orientou toda a meditação: «O que conferia autoridade a Jesus?». O que o punha sob uma luz diversa aos olhos do povo, dado que, no fundo, «a doutrina que pregava era quase a mesma dos outros»?

A resposta encontra-se noutra trecho do Evangelho no qual o próprio Jesus diz: «Aprendeí comigo que sou humilde e manso de coração». Segundo o Papa, esta é a chave para compreender: «naquela humildade de Jesus encerra-se a explicação da sua autoridade». Com efeito, qual era o estilo de Jesus? «Ele não gritava, não dizia “sou o messias” nem “sou o profeta”; não tocava a trombeta quando curava alguém ou pregava ao povo, quando realizava um milagre como a multiplicação dos pães. Não. Ele era humilde. Agia».

Esta humildade, acrescentou o Pontífice, «via-se num comportamento muito especial: Jesus estava próximo das pessoas». Distingua-se nisto: «os doutores da lei afastavam-se do povo, ensinavam da cátedra: “Vós deveis fazer isto e aquilo...”. A eles as pessoas não interessavam. Ao contrário, a eles interessava impor às pessoas mandamentos que se multiplicavam, se

multiplicavam até mais de 300... Mas não estavam próximos do povo». Jesus, contudo, «vivia no meio do povo, próximo das pessoas». E, lê-se no Evangelho, quando não estava no meio do povo «estava com o Pai, a orar».

Jesus obteve a «autoridade» que todos reconheciam deste comportamento, dedicando a maior parte do tempo da sua vida pública «nas ruas, com o povo»; foram a sua «proximidade», a sua «humildade». O Senhor, continuou o Papa, «tocava as pessoas, abraçava-as, fitava-as nos olhos, ouvia-as.

Estes traços emergem claramente no excerto evangélico proposto pela liturgia de hoje, no qual se narra o episódio da viúva de Nain. Francisco repercorreu-o: «Aparece uma palavra aqui, neste trecho, quando vê o féretro, a mãe viúva, sozinha, o jovem morto... “Vendo-a — a mãe — o Senhor foi tomado por grande compaixão”». A nota do evangelista é fundamental para compreender: «Jesus teve compaixão», «a capacidade de “sentir com”». Não era teórico, não. Pode-se dizer — exagerando um pouco, mas pode-se dizer — pensava com o coração, não separava a cabeça do coração, não, estava tudo unido». Humilde, próximo das pessoas, com compaixão: tudo isto «lhe conferia autoridade, autoridade de pastor».

Refletindo sobre este aspeto, o Pontífice quis evidenciar «duas características desta compaixão»: a «mansidão» e a «ternura». De resto, o próprio Jesus diz: «Aprendei comigo que sou humilde e manso de coração». O Senhor, explicou Francisco, «era manso, não bradava. Não punia as pessoas. Era manso. Sempre com mansidão». Não significa que não se zangasse: pensemos, acrescentou Francisco, em quando viu o templo, a casa do seu Pai que se tinha tornado lugar de «shopping, para vender mercadorias», com quantos trocavam moedas e tudo o mais: «lá zangou-se, pegou o chicote e mandou todos embora. Mas porque amava o Pai, porque era humilde diante do Pai, teve aquela força. E as pessoas aplaudiram». Mas, fundamentalmente, Jesus caracterizava-se pela «mansidão: aquela humildade que não é agressiva, mas mansa».

Depois, há outra característica, a ternura. Emerge claramente da narração evangélica. Quando Jesus viu a viúva, aproximou-se dela e disse: «Não

chores». O Papa tentou imaginar a cena supondo que o Senhor não tenha tido um simples comportamento de circunstância: «Não. Ele aproximou-se, talvez tenha-lhe tocado os ombros, ou feito uma carícia. “Não chores”. Este é Jesus». E ele, acrescentou, «faz o mesmo connosco, porque está próximo, está no meio do povo, é pastor».

Também a cena sucessiva é significativa: «Depois, aproximou-se e tocou o féretro. Os portadores pararam. Em seguida disse: “Jovem, digo a ti: levanta-te!”. O morto sentou-se e começou a falar. Realizou o milagre». Também aqui sobressai a proximidade: Jesus não diz simplesmente «Festejai, adeus». Não, acompanhou o jovem «restituindo-o à sua mãe”. Um gesto de ternura». A mesma ternura que se encontra no episódio de Jairo: depois de ter ressuscitado a jovem, Jesus preocupou-se «Dai-lhe de comer, tem fome». Sobressai claramente «a ternura de saber as coisas da vida».

Este era Jesus: «humilde e manso de coração, próximo do povo, com capacidade de sentir pena, com compaixão e com estas duas características: mansidão e ternura». E sobretudo, frisou Francisco, o que Jesus «fez com aquele jovem, com a mãe viúva, faz também com todos nós, com cada um de nós quando se aproxima».

Assim, na vida diária de Jesus, está desenhado o verdadeiro «ícone do pastor». Disse o Pontífice: «Nós, pastores devemos aprender isto: próximos do povo, abaixo os grupinhos dos poderosos, dos ideólogos... Estes envenenam-nos a alma de pastor, não nos fazem bem! O pastor deve ter o poder e a autoridade que Jesus tinha, a da humildade, da mansidão, da proximidade, da capacidade de compaixão, da ternura». Atitudes que são válidas até nos momentos de dificuldade. De facto, questionou-se Francisco, «quando nem tudo corria bem com Jesus o que ele fazia? O mesmo. Quando as pessoas insultavam-no, naquela Sexta-Feira Santa, e gritavam “crucificai-o”, permanecia calado porque sentia compaixão daquelas pessoas enganadas pelos poderosos do dinheiro, da força... Permanecia calado. Rezava». Do mesmo modo, explicou o Papa, «o pastor, nos momentos difíceis, nos quais o diabo se desencadeia, quando o pastor é acusado, mas acusado pelo Grande acusador através de muitas pessoas,

muitos poderosos, sofre, oferece a vida e reza». Com efeito, Jesus rezou: «A oração levou-o até à cruz, com fortaleza; e também lá teve a capacidade de se aproximar e curar a alma do ladrão arrependido».

Na conclusão da homilia, Francisco exortou a rezar pelos bispos depois de ter relido o trecho de Lucas: «Pregar o Evangelho e ler, e ver Jesus, onde está a autoridade de Jesus. E pedir a graça para que todos os pastores tenham esta autoridade: uma autoridade que é uma graça do Espírito Santo».

O escândalo dos hipócritas

Quinta-feira, 20 de setembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 40 de 4 de outubro de 2018

«Quando caminha na história, a Igreja é perseguida pelos hipócritas: hipócritas dentro e fora» e «o diabo que é impotente com os pecadores arrependidos», é forte precisamente com os hipócritas: «Usa-os para destruir as pessoas, a sociedade, a Igreja». O Santo Padre convidou a confiar cada vez mais na misericórdia e no perdão de Deus, permanecendo à distância do «escândalo dos hipócritas».

«Nas leituras de hoje há três grupos de pessoas: Jesus e os seus discípulos; a mulher e Paulo; e os doutores da lei». Referindo-se ao trecho evangélico de Lucas (7, 36-50), «Jesus é convidado mas recebido sem muita amabilidade — a cortesia habitual da sua época — mas ele finge que não vê e vai em frente. E aparece uma mulher. O Evangelho fala de uma “pecadora” — assim a qualificavam — uma daquelas cujo destino era ser visitada às escondidas, até pelos fariseus, ou ser lapidada». Mas «esta mulher — disse o Pontífice — mostra-se com amor, com muito amor a Jesus, e não esconde que é pecadora, porque todos a conheciam, até muitos ali à mesa a tinham visitado».

Depois, referindo-se ao trecho da primeira carta aos Coríntios (15, 1-11), o Papa observou que «Paulo primeiro fala de muitas coisas, até dos carismas, da Igreja, e em seguida vai ao cerne da salvação: “Com efeito, a vós transmiti antes de tudo o que também eu recebi, ou seja, que Cristo morreu pelos nossos pecados [...] “Eu sou o menor dos apóstolos, e não sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus”».

Portanto, insistiu Francisco, «ambos procuravam Deus com amor, mas amor “pela metade”». Paulo, «porque pensava que o amor era uma lei e tinha o coração fechado à revelação de Jesus Cristo: perseguia os cristãos, mas pelo zelo da lei, por este amor imaturo». E «esta mulher procurava o amor, como a samaritana: pobrezinha, tinha muitos maridos mas não

encontrava o amor que procurava. O pequeno amor. E Jesus diz: “Foi-lhe perdoado muito, porque amou muito”».

«Mas como amar? Elas não sabem amar. Procuram o amor», afirmou o Papa. E «Jesus, falando delas, diz — certa vez — que estarão à nossa frente no reino dos céus. “Mas que escândalo...” — os fariseus — “mas esta gente!”». Contudo, «Jesus observa o pequeno gesto de amor, de boa vontade; depois, toma-o e leva-o em frente. Esta é a misericórdia de Jesus: Ele perdoa sempre, recebe sempre».

«Outro grupo», explicou Francisco referindo-se ao trecho hodierno do Evangelho, é formado por «doutores da lei que observavam Jesus para ver se o podiam apanhar em flagrante, armando-lhe uma cilada». Estas pessoas «têm uma atitude que muitas vezes é própria dos hipócritas: escandalizam-se. “Mas olha, que escândalo! Não se pode viver assim! Perdemos os valores... Agora todos têm o direito de entrar na igreja, até os divorciados. Onde estamos?”». Eis «o escândalo dos hipócritas».

«Este é o diálogo entre o grande amor de Jesus que tudo perdoa, o amor “pela metade”, de Paulo, desta senhora e também nosso, um amor incompleto porque nenhum de nós é santo canonizado. Digamos a verdade». E «a hipocrisia: a hipocrisia dos “justos”, dos “puros”, dos que se julgam salvos pelos próprios méritos externos». Mas «Jesus diz aos hipócritas “sepulcros caiados”. Cemitérios lindos mas dentro putrefação e podridão». «A alma dos hipócritas» é mesmo assim.

«A Igreja, quando caminha na história, é perseguida pelos hipócritas: hipócritas dentro e fora», afirmou o Papa. «O diabo nada pode fazer com os pecadores arrependidos, porque olham para Deus e dizem: “Senhor, sou pecador, ajudai-me!”». E se «o diabo é impotente» com os pecadores arrependidos, «é forte com os hipócritas. É forte e usa-os para destruir, destruir as pessoas, a sociedade, a Igreja». E «o cavalo de batalha do diabo é a hipocrisia, porque ele é um mentiroso: mostra-se como príncipe poderoso, muito bonito, mas por trás é um assassino».

Portanto, a liturgia de hoje propõe estes «três grupos de pessoas», afirmou Francisco: «Jesus que perdoa, recebe, é misericordioso, palavra muitas vezes esquecida quando falamos mal dos outros. Pensai nisto: devemos ser misericordiosos, como Jesus, e não condenar os outros. Jesus no centro». Depois, «Paulo, pecador, perseguidor, mas com um amor “pela metade”» e «esta senhora pecadora, também ela com um amor “incompleto”». Mas «Jesus perdoa ambos. E eles encontram o amor verdadeiro: Jesus». Por fim, «os hipócritas, incapazes de encontrar o amor porque têm o coração fechado nas próprias ideias e doutrinas, na própria legalidade».

«Peçamos a Jesus — convidou Francisco concluindo a homilia — que proteja sempre a nossa Igreja que, como mãe, é santa mas cheia de filhos pecadores como nós. E que proteja cada um de nós com a sua misericórdia e o seu perdão».

Escolhidos entre os piores

Sexta-feira, 21 de setembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 40 de 4 de outubro de 2018

Com a sua misericórdia Jesus escolhe os apóstolos também «entre os piores», entre os pecadores e os corruptos. Mas compete a eles conservar «a memória desta misericórdia», recordando «de onde foram escolhidos», sem se envaidecer ou pensar em fazer carreira como funcionários, organizadores de planos pastorais e negociantes. O Papa propôs o testemunho concreto da conversão de Mateus, celebrando a missa no dia da festa do apóstolo e evangelista.

«Na oração da coleta rezámos ao Senhor e lemos que no seu desígnio de misericórdia escolheu Mateus, o publicano, para o constituir apóstolo» recordou imediatamente o Pontífice, indicando como chave de leitura «três palavras: desígnio de misericórdia, escolhido — escolher, constituir».

Quando se foi embora — explicou Francisco referindo-se precisamente ao excerto evangélico de Mateus (9, 9-13) — Jesus viu um homem chamado Mateus sentado no banco dos impostos, e disse-lhe: “Segue-me”. E ele levantou-se e seguiu-o. Era um publicano, ou seja, um corrupto, porque pelo dinheiro atraía a pátria. Um traidor do seu povo: o pior».

Na realidade, frisou o Papa, alguém poderia objetar que «Jesus não tem bom senso ao escolher as pessoas»: «por que escolheu entre tantos outros» esta pessoa «de entre os piores, precisamente do nada, do lugar mais desprezado»? De resto, explicou o Pontífice, do mesmo modo o Senhor «escolheu a samaritana para ir anunciar que ele era o Messias: uma mulher descartada pelo povo pois não era exatamente uma santa; e escolheu muitos outros pecadores e constituiu-os apóstolos». E depois, acrescentou, «na vida da Igreja, muitos cristãos, há tantos santos que foram escolhidos do submundo».

Francisco recordou que «esta consciência que nós cristãos deveríamos ter — de onde fui escolhido, de onde fui escolhida para ser cristão — deve permanecer por toda a vida, permanecer ali e ter a memória dos nossos pecados, a memória que o Senhor teve misericórdia dos meus pecados e me escolheu para ser cristão, para ser apóstolo».

Por conseguinte, «o Senhor escolhe». A oração da coleta é clara: «Senhor, que escolheste o publicano Mateus e o constituíste apóstolo»: ou seja, insistiu, «do pior para o lugar mais alto». Em resposta a esta chamada, observou o Papa, «o que fez Mateus?» Vestiu-se de luxo? Começou a dizer “sou porventura o príncipe dos apóstolos, convosco”, com os apóstolos? Aqui mando eu? Não! Trabalhou a vida inteira pelo Evangelho, com muita paciência escreveu o Evangelho em aramaico». Mateus, explicou o Pontífice, «teve sempre presente de onde tinha sido escolhido: do submundo».

Acontece que, insistiu o Papa, «quando o apóstolo esquece as suas origens e começa a fazer carreira, afasta-se do Senhor e torna-se um funcionário; que pratica tanto bem, talvez, mas não é apóstolo». E deste modo «será incapaz de transmitir Jesus; será um organizador de planos pastorais, de muitas coisas; mas no final, um homem de negócios, um empresário do reino de Deus, porque se esqueceu de onde foi escolhido».

Por isso, afirmou Francisco, é importante manter «a memória, sempre, das nossas origens, do lugar no qual o Senhor olhou para mim; aquele fascínio do olhar do Senhor que me chamou para ser cristão, apóstolo. Esta memória deve acompanhar a vida do apóstolo e de cada cristão».

«Com efeito, nós estamos habituados a reparar sempre nos pecados dos outros: olha este, aquele, aqueloutro», prosseguiu o Papa. Ao contrário, «Jesus disse-nos: “por favor, não olhes para o cisco que está no olho do teu irmão; repara no que tens tu no coração”». Mas, insistiu o Pontífice, «é mais divertido falar mal dos outros: é uma coisa lindíssima, parece. A ponto que «falar mal dos outros» quase se parece «com os rebuçados de mel, que são deliciosos: tu comes um, é bom; comes dois, é bom; três... pegas em meio quilo e faz-te mal ao estômago e sentes-te mal».

Ao contrário, sugeriu Francisco, «fala mal de ti mesmo, acusa-te a ti mesmo, recordando os teus pecados, de onde o Senhor te escolheu. Foste escolhido, escolhida. Ele pegou-te pela mão e trouxe-te aqui. Quando o Senhor te escolheu não deixou as coisas pela metade: escolhe-te para algo grande, sempre».

«Ser cristão — afirmou — é algo grande, bonito. Somos nós que nos afastamos e queremos parar no meio do caminho, porque é muito difícil; negociando com o Senhor», dizendo «Senhor, não, só até aqui». Mas «o Senhor é paciente, Ele sabe tolerar tudo: é paciente, espera-nos. Mas a nós falta generosidade: a ele não. Ele sempre te leva do mais baixo para o mais alto. Assim fez com Mateus e também com todos nós e continuará a fazer o mesmo».

Referindo-se ao apóstolo, o Pontífice explicou que ele «sentiu algo de forte, tão vigoroso, a ponto de deixar sobre a mesa o amor da sua vida: o dinheiro». Mateus «deixou a corrupção do seu coração para seguir Jesus. O olhar de Jesus, forte: “Segue-me!”. E ele deixou tudo», não obstante fosse «muito apegado» ao dinheiro. «E certamente — não existia telefone naquele tempo — terá enviado alguém para dizer aos seus amigos, àqueles do “grupinho”, dos publicanos: “vinde almoçar comigo, porque farei festa para o mestre”».

Portanto, como narra o trecho do Evangelho, «todos estavam à mesa: o pior da sociedade da época. E Jesus com eles. Jesus não foi almoçar com os justos, com os que se sentiam justos, com os doutores da lei, naquele momento. Uma vez, duas vezes foi ter também com estes últimos, mas naquele momento foi ter com eles, com aquele sindicato de publicanos».

E eis que, prosseguiu Francisco, «os doutores da lei se escandalizaram. Chamaram os discípulos e disseram: “como é que o teu mestre faz isto, com estas pessoas? Torna-se impuro!”: comer com um impuro contagia-te, já não és puro». Ao ouvir isto, é o próprio Jesus quem pronuncia «esta terceira palavra: “Ide aprender o que significa: “quero misericórdia e não sacrifícios”». Porque «a misericórdia de Deus abrange todos, perdoa todos. Só pede que digas: “sim, ajuda-me”. Somente isto».

«Quando os apóstolos iam ter com os pecadores, pensemos em Paulo, na comunidade de Corinto, alguns se escandalizavam» explicou o Papa. Questionavam-se: «mas por que ele vai ter com aqueles pagãos, são pecadores, porque há de ir?». A resposta de Jesus é clara: «porque não são os sadios que precisam do médico, mas os doentes: “Quero misericórdia e não sacrifícios”».

«Mateus escolhido! Escolhe sempre Jesus» repetiu o Pontífice. O Senhor escolhe «através de pessoas, de situações ou diretamente». Mateus foi «constituído apóstolo: quem constitui na Igreja e atribui a missão é Jesus. O apóstolo Mateus e muitos outros recordavam as suas origens: pecadores, corruptos. E isto porquê? Pela misericórdia. Pelo desígnio de misericórdia».

Francisco reconheceu que «entender a misericórdia do Senhor é um mistério; mas o maior mistério, o mais bonito, é o coração de Deus. Se quiseres chegar precisamente ao coração de Deus, empreende o caminho da misericórdia e deixa-te tratar com misericórdia». É exatamente a história de «Mateus, escolhido do banco dos que trocavam moedas onde se pagavam os impostos. Escolhido do submundo. Constituído no ponto mais elevado. Porquê? Por misericórdia». Nesta perspetiva, concluiu o Papa, «aprendamos o que significa “quero misericórdia e não sacrifícios”».

Companheiros de caminho

Terça-feira, 2 de outubro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 41 de 11 de outubro de 2018

«Hoje, na festa dos Santos Anjos da Guarda, a irmã Pravina celebra o vigésimo quinto aniversário de vida religiosa. Rezemos por ela, ofereço-lhe a Missa, e desejamos-lhe outros vinte e cinco anos, pelo menos! Parabéns, irmã Pravina!». Com estas palavras, dedicadas a uma das religiosas filhas da caridade que prestam serviço na Casa Santa Marta, o Papa Francisco deu início à missa. Uma circunstância — um aniversário tão importante na vida de uma pessoa consagrada — que se ligou bem com a meditação que depois o Pontífice desenvolveu na homilia, na qual refletiu sobre a figura — o anjo da guarda — que o Senhor colocou ao lado do homem para o acompanhar ao longo do caminho «da vida». De facto, cada pessoa tem ao seu lado um «companheiro», um «protetor» que o Senhor concede ao homem como «amparo», para o impelir a erguer-se quando cai, para o orientar quando erra o caminho. Mas o homem compreende a riqueza deste dom? E, sobretudo, ouve a voz deste guardião especial?

A reflexão do Papa inspirou-se na primeira leitura do dia, tirada do livro do Êxodo (23, 20-23), na qual «o Senhor promete uma ajuda muito particular ao seu povo e a todos nós que caminhamos pela senda da vida». Com efeito lê-se: «Vou enviar um anjo adiante de ti para te proteger no caminho e para te conduzir ao lugar que te preparei». E assim a Igreja celebra estes «nossos companheiros de caminho, os nossos protetores no caminho: os anjos, que nos protegem e estão precisamente connosco, a caminho». Porque, acrescentou Francisco, «é verdade: a vida é um caminho, e devemos ser ajudados para caminhar bem, pois no caminho há armadilhas, perigos». Um percurso no qual o homem corre facilmente o risco de perder as coordenadas: «temos necessidade de uma bússola: mas de uma bússola humana, ou de uma bússola que se assemelhe ao humano e que nos ajude a ver para onde devemos ir».

Antes de tudo, o homem deve enfrentar um primeiro perigo: o de «não caminhar». De facto, «quantas pessoas se estabelecem e não caminham, e durante toda a vida ficam paradas, sem se mover, sem nada fazer... É um perigo». Trata-se, explicou o Pontífice, de situações semelhantes àquela descrita nos evangelhos, nos quais se fala do homem «que tinha medo de investir o talento». Depois de o ter enterrado repetia: «Estou em paz, sinto-me tranquilo. Não poderei errar. Assim não corro riscos». Acontece o mesmo com muitas pessoas que «não sabem como caminhar ou têm medo de arriscar e param». Mas, disse o Papa, «nós sabemos que a regra é que quem fica parado nesta vida acaba por se corromper. Como a água: quando a água fica parada, chegam os mosquitos, põem ovos e tudo se corrompe. Tudo». Precisamente em situações semelhantes, acrescentou, «o anjo ampara-nos, impele-nos a caminhar».

Mas este não é o único risco no itinerário da vida. «Há outro perigo», que é «errar a estrada». Também neste ponto Francisco evocou experiências comuns a todas as pessoas: «Também nós — digamos a verdade — quantas vezes erramos o caminho, por não ouvir a inspiração do nosso companheiro de caminho ou os conselhos dos irmãos e irmãs». De novo, o homem é confortado por uma certeza: «o anjo está perto para nos ajudar a não errar o caminho. Está connosco para isto: porque se errares o caminho, no início é fácil corrigir, mas depois de muitos anos — tantos anos — vais longe, do lado oposto em relação a onde deverias ir».

Continuando a reflexão, o Pontífice indicou uma ulterior atitude perigosa. Com efeito, disse, «há algumas pessoas que caminham, mas não pela estrada: caminham na praça. Passeiam pela vida na praça. E vão, vão à praça, sempre assim. Algumas são muito criativas: entram na praça, mas dentro da praça vão de um lado para outro, como se fosse num labirinto». Mais uma vez uma imagem concreta para evocar e fazer compreender melhor uma realidade interior, espiritual: «O labirinto nunca te leva ao fim: permaneces preso nele». Acontece então que o homem se convence: «Não estou parado, caminho», mas não se dá conta de que não está a caminhar «na estrada». Também nesta situação o anjo vem «ajudar-nos a caminhar pela estrada».

Certamente, explicou o Papa, devemos reconhecer a realidade do anjo: «Devemos pedir-lhe: “Ajuda-me”». Também nas Escrituras se lê: «Respeita a sua presença». Porque «o anjo tem poder, tem autoridade para nos guiar», mas é preciso «ouvi-lo», é necessário «ouvir as inspirações que vêm sempre através do Espírito Santo, mas é o anjo que nos inspira».

Neste ponto Francisco dirigiu-se aos presentes: «Mas gostaria de vos fazer uma pergunta: falais com o vosso anjo? Sabeis o nome do vosso anjo? Ouvis o vosso anjo? Deixais que vos guie pela mão na estrada ou que vos estimule para vos mover?». Tratou-se de uma solicitação para levar todos a uma tomada de consciência importante, porque «a presença do anjo na nossa vida não só existe para nos ajudar na estrada» mas também para «nos fazer ver onde devemos chegar».

A tal propósito o Pontífice evocou também o evangelho do dia (Mt 18,1-5.10) no qual Jesus diante dos discípulos que se questionavam: «Mas quem é o maior no reino dos céus?», pega numa criança e diz «algo muito bonito». De facto, afirma: «Esta é a maior» e, prosseguindo, exorta a não desprezar as crianças porque «os seus anjos no céu veem sempre o rosto do meu Pai que está nos céus». Este é um pormenor importante: «O nosso anjo — evidenciou o Papa — não só está connosco, mas vê Deus Pai. Está em relação com ele. É a ponte diária, desde o momento em que despertamos até à hora em que vamos para a cama, que nos acompanha e é um vínculo entre nós e Deus Pai». Portanto «o anjo é a porta quotidiana para a transcendência, para o encontro com o Pai»: isto é, ele «ajuda-me a continuar porque olha para o Pai e conhece a estrada».

Eis então a exortação final de Francisco — «não nos esqueçamos destes companheiros de caminho» — e o conselho: «Cada um pense: rezo ao meu anjo? Ouço as suas inspirações? Reflito quando ouço que há algo que me está a dizer? E sei, tenho certeza de que ele é uma ponte para chegar ao Pai, porque ele está a fitar o Pai?». Foi esta a oração conclusiva do Papa: «O Senhor conceda a todos nós, nesta festa dos anjos da guarda, a graça de compreender este mistério do amparo do anjo, da companhia na estrada, e da contemplação do anjo. A contemplação de Deus Pai».

A fé não é um hábito

Sexta-feira, 5 de outubro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 41 de 11 de outubro de 2018

Não se pode ser cristão «pela metade», deixando Jesus entre as paredes da Igreja e evitando testemunhar a própria fé «na família, na educação dos filhos, na escola, no bairro». Contra esta «hipocrisia dos justos» o Papa Francisco advertiu na missa.

A meditação do Pontífice inspirou-se no trecho evangélico de Lucas (10, 13-16) proposto pela liturgia, no qual Jesus «repreende três cidades — Betsaida, Corazin, Cafarnaum — porque não ouviram a sua palavra. Só escutaram, mas aquela palavra não entrou no seu coração, pois não acreditaram nos sinais, nos milagres que fez». A admoestação do Senhor é explícita: «Mas se em cidades pagãs como Tiro e Sidom, eu tivesse feito estes milagres, certamente teriam acreditado. Mas vós não».

Francisco observou que Jesus «parece estar zangado». E recordou que imediatamente a seguir, no mesmo evangelho, ele «fala da conversão, com a pregação do profeta Jonas: “E vós, não vos converteis?”». Trata-se, frisou, de «uma repreensão severa de Jesus a estas cidades, a estes povos que, tendo-o ali, vendo os seus prodígios, continuam na lógica do “Sim, mas... Nunca se sabe”, e não dão o passo de o reconhecer como Messias».

Por detrás «desta repreensão — constatou o Papa — há um pranto», porque Jesus «está entristecido por ser rejeitado, por não ser recebido». O Senhor «gosta deste povo, mas sente-se consternado». Portanto «por detrás da reprovação está o pranto de Jesus», reafirmou Francisco, recordando quando o Senhor «da montanha viu Jerusalém distante, e chorou». Com efeito, «Jesus queria chegar a todos os corações, com uma mensagem que não era ditatorial, mas de amor. E Jesus chorou, porque esta gente não foi capaz de amar».

A este ponto o Pontífice, atualizando a sua reflexão, propôs que no lugar das «personagens deste acontecimento: em vez de Corazin, Betsaida e Cafarnaum — estas três cidades — nos ponhamos nós, eu que recebi tanto do Senhor. Cada um de nós». Por isso convidou a fazer um exame de consciência: «Cada um pense na própria vida. O que recebi do Senhor. Nasci numa sociedade cristã, conheci Jesus Cristo, conheci a salvação, fui educado, educada na fé. E com quanta facilidade me esqueço, e deixo passar Jesus». Uma atitude que contrasta com aquela de «outras pessoas que ouvem o anúncio de Jesus, imediatamente se convertem e o seguem». Ao contrário, reconheceu o Papa, «nós estamos “habitados”». E «este hábito faz-nos mal, porque reduzimos o Evangelho a um facto social, sociológico, e não a uma relação pessoal com Jesus».

Na realidade, prosseguiu Francisco, «Jesus fala a mim, a ti, a cada um de nós. O apelo de Jesus é para cada um de nós». E então surge a vontade de se questionar: «Porque vão ter com Jesus aqueles pagãos logo que ouvem a sua pregação e eu, que nasci aqui, numa sociedade cristã, para mim o cristianismo é como se fosse um hábito social, uma roupa que visto e depois abandono?». É por isso que «Jesus chora por cada um de nós quando vivemos o cristianismo formal e não realmente».

Deste modo, insistiu o Papa, «somos um pouco hipócritas». É «a hipocrisia dos justos». Com efeito, há «a hipocrisia dos pecadores, mas a hipocrisia dos justos é o receio do amor de Jesus, o medo de se deixar amar». Em síntese, observou o Pontífice, «quando fazemos isto, procuramos gerir nós a relação com Jesus». É como se lhe disséssemos: «Sim. Vou à missa mas tu fica na Igreja que eu depois volto para casa». Por conseguinte, frisou, «Jesus não volta para casa connosco: para a família, a educação dos filhos, a escola, o bairro... Não, Jesus fica lá. Ou permanece no crucifixo ou na pequena imagem, mas aqui».

Ao concluir, o Papa renovou aos fiéis a proposta de «um dia de exame de consciência», recomendando-lhes como “refrão” espiritual as palavras dirigidas pelo Senhor às cidades que não seguiam os seus ensinamentos: «“Ai de ti”, porque te concedi tanto, dei-me a mim mesmo, escolhi-te para seres cristão, cristã, e tu preferes uma vida pela metade, uma vida

superficial: um pouco de cristianismo e água benta mas nada mais». Na realidade, explicou, «quando se vive esta hipocrisia cristã, o que nós fazemos é afastar Jesus do nosso coração. Fazemos de conta que o temos conosco, mas afastamo-lo. Somos cristãos, orgulhosos de ser cristãos, mas vivemos como pagãos».

«Cada um de nós pense: “Sou Corazin? Sou Betsaida? Sou Cafarnaum?”» foi a exortação de Francisco. Convidando a que, «se Jesus chora», a «pedir a graça de chorarmos também nós: “Mas, Senhor, tu desteme tanto. O meu coração está tão duro que não te deixa entrar. Senhor, pequei de ingratidão, sou um ingrato, uma ingrata”». Seja «esta a oração de hoje. E abramos o coração, e peçamos ao Espírito Santo que nos escancare as portas do coração, para que Jesus possa entrar, a fim de que não só ouçamos Jesus, mas ouçamos e recebamos a sua mensagem de salvação e demos graças por tantas coisas boas que fez por cada um de nós».

Todo o Evangelho num trecho

Segunda-feira, 8 de outubro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 41 de 11 de outubro de 2018

Com o convite a não ser «funcionários» — os que passam sempre adiante dizendo «não cabe a mim» — mas «cristãos com seriedade, prontos a sujar as mãos e abertos às surpresas», o Santo Padre repropôs a essência da parábola do bom samaritano. Porque «ali está encerrado todo o Evangelho» explicou o Papa, recordando que «cada um de nós é o homem ferido», ao passo que «o samaritano é Jesus», que «cuidou de nós, pagou por nós e disse à sua Igreja: “Trata dele e, quanto gastares a mais, na volta to pagarei”».

Referindo-se precisamente ao trecho evangélico de Lucas (10, 25-37), Francisco realçou imediatamente que «o doutor da lei queria pôr à prova Jesus e lhe preparou uma armadilha». Mas «Jesus confirmou a lei: «Amarás o Senhor teu Deus e ao teu próximo como a ti mesmo”». Nesse momento, o doutor da lei, «um pouco para se justificar, para sair da dificuldade, replicou: “E quem é o meu próximo?”». E assim «Jesus narra esta parábola» onde «há seis personagens: os ladrões, o ferido, o sacerdote, o levita, o samaritano e o hospedeiro». São «seis e todos entram em jogo ali, todos estão envolvidos. Na realidade, afirmou o Papa, «os ladrões continuam a sua vida pelas estradas, esperando outra vítima. Depois, o pobre ferido permanece ali, no chão, porque «os ladrões o maltrataram com muitos ferimentos, deixando-o meio morto”». A vítima «não estava consciente. Permanecia deitada ali».

«“Por acaso”, diz Jesus, um sacerdote descia pelo mesmo caminho» contou Francisco. «Ah, «“passou adiante”, não lhe veio à mente de dizer: “mas eu sou um sacerdote, devo rezar por este homem, pelo menos devo dar-lhe a unção, parar um pouco”». Ao contrário, pensou que «era a hora da missa: “tenho que ir embora”». E, portanto, «“passou adiante”: esta palavra deve entrar hoje no nosso coração: “passou adiante”».

Na parábola, como refere Lucas no seu Evangelho, passou «igualmente um levita, escolhido para a função sacra, um homem de cultura da lei» que, «chegando àquele lugar, viu e passou adiante». Portanto, «estes dois eram funcionários — afirmou o Pontífice — e tinham desempenhado o papel do funcionário: “Não cabe a mim. Pelo caminho rezarei por ele, mas não cabe a mim. Aliás, se eu estivesse ali e tocasse aquele sangue, iria ficar impuro e não poderia celebrar. Não, não, não cabe a mim, não cabe a mim. Sou funcionário». Em síntese, «eles são coerentes com o facto de ser funcionários».

Ao contrário, reafirmou o Papa, quem não passou adiante daquele homem ferido foi «um samaritano, que estava em viagem: «chegando àquele lugar, viu-o e moveu-se de compaixão”». Oxalá, sugeriu Francisco, «tenha pensado: “Pobre desgraçado, talvez vai morrer de hemorragia”». Mas um samaritano, observou o Pontífice, «era um pecador, um excomungado do povo de Israel». No entanto, precisamente «o mais pecador “teve compaixão”».

Quiçá, prosseguiu, «talvez fosse um comerciante que viajava para negócios, e não olhou para o relógio, não pensou no sangue». Mas, como se lê no Evangelho, «aproximou-se dele — desceu do seu jumento — atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho». Em síntese, «sujou as mãos, sujou as suas vestes» e, continua o trecho evangélico, «depois carregou-o na sua montada e levou-o a uma hospedaria». Estava «sujo de sangue», mas precisamente naquelas condições o samaritano tratou do ferido: «Não disse “mas vou deixá-lo aqui, chamai os médicos que venham. Eu vou-me embora, já cumpri o meu dever”. Não, “cuidou dele”, como se dissesse: “agora tu és meu, não por posse, mas para te servir”».

O samaritano, afirmou o Pontífice, «não era um funcionário, era um homem com coração, um homem com o coração aberto». E «certamente, o hospedeiro pensou: “Mas, talvez seja um familiar” — “Ele é o teu primo?” — “Não, não, não” — “Mas sabes quem é?” — “Não, não, não, encontrei-o pelo caminho, pobrezinho, e trouxe-o aqui”».

Não há dúvida, prosseguiu Francisco, «que aquele hospedeiro ficou atônito: nada compreendia sobre este estrangeiro, este pagão — assim dizemos — porque não era do povo de Israel». Certamente, ficou surpreso não só por ele «ter parado», mas também «por ter feito isto, por o ter carregado». Terá até pensado: “Ele é louco!” quando o samaritano «alugou um quarto» para o assistir. Com efeito, lê-se no Evangelho de Lucas: «No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo-lhe: “Trata dele e, quanto gastares a mais, na volta to pagarei”».

Provavelmente, também nesta ocasião «o hospedeiro ficou com a dúvida: “Quando terminarem aqueles dois denários, o que vou fazer? Geralmente, não confio em ninguém. Ou pagas ou nada”». Mas o samaritano «pagou dois denários» e o hospedeiro terá pensado que, acabado o dinheiro, teria pago do seu próprio bolso esperando que voltasse. É «a dúvida de alguém — explicou o Papa — que vive um testemunho, de alguém aberto às surpresas de Deus, como aquele samaritano que nunca imaginara que pelo caminho teria encontrado uma pessoa deste tipo. Mas estava aberto às surpresas».

«Nenhum deles era funcionário» insistiu o Papa, acrescentando: «“Tu és cristão? És cristã?” — “Sim, sim, sim, aos domingos vou à missa e procuro fazer o que é correto, menos bisbilhotar porque eu gosto sempre de bisbilhotar, mas o resto cumpro-o bem”». A pergunta verdadeira, sugeriu, é: «“Mas és aberto, és aberta às surpresas de Deus ou és um cristão funcionário, fechado?”», “Eu faço isto, vou à missa aos domingos, recebo a comunhão, confesso-me uma vez por ano, isto mais aquilo: cumpro as regras”».

Precisamente quantos raciocinam deste modo, reafirmou Francisco, «são os cristãos funcionários, aqueles que não estão abertos às surpresas de Deus, que sabem muito sobre Deus, mas não encontram Deus. Aqueles que nunca se surpreendem perante um testemunho. Aliás, são incapazes de dar testemunho».

A este propósito, o Pontífice convidou a questionar-se se «eu sou um cristão aberto àquilo que o Senhor me concede todos os dias, às surpresas

de Deus que muitas vezes, como este samaritano, nos põem em dificuldade». Ou «sou um cristão funcionário: faço o que devo e depois estou regularizado».

Portanto, frisou o Papa, «esta é a pergunta: sou aberto ou sou um funcionário fechado nas minhas regras?». E é «uma bonita pergunta que nos devemos fazer hoje, todos nós. Todos nós, leigos e pastores. Todos».

«Mas há algo mais — prosseguiu o Pontífice — que talvez se possa explicar sucessivamente, noutras ocasiões: alguns teólogos antigos diziam que neste trecho está encerrado todo o Evangelho. Cada um de nós é o homem ferido e Jesus é o samaritano. Ele curou as nossas feridas. Aproximou-se. Cuidou de nós. Pagou por nós. E disse à sua Igreja: “Mas se for necessário algo mais. Paga tu pois na volta to pagarei”». Por conseguinte, é importante pensar bem nisto, repetiu o Papa, porque «neste trecho há todo o Evangelho».

«Queridos irmãos e irmãs, nada de funcionários» concluiu Francisco. É preciso ser «cristãos com seriedade. Cristãos que não têm medo de sujar as mãos, as vestes, quando se aproximam. Cristãos abertos às surpresas. Cristãos que, como Jesus, pagam pelos outros».

Contemplação e serviço

Terça-feira, 9 de outubro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 43 de 25 de outubro de 2018

«Contemplação e serviço: este é o caminho da nossa vida», para não cair na tentação dos «cultores daquela religião que é estar sempre atarefado», que contudo praticam o bem, mas não o bem cristão: um bem humano». Foi o ensinamento que o Papa Francisco tirou do episódio evangélico de Marta e Maria.

Referindo-se ao trecho de Lucas (10, 38-42) o Pontífice observou imediatamente que «Jesus aproveita do modo de agir destas duas irmãs para nos ensinar como deve ser a vida do cristão». De facto, na casa em que fora recebido «estava Maria, que ouvia o Senhor», enquanto a irmã Marta «estava ocupada nos serviços, ia de um lado para o outro, “distraída”, como diz o Evangelho». Ela própria, observou Francisco, «lamentou-se» com Jesus dizendo-lhe: «Senhor, não te importas que a minha irmã me deixe só a servir? Diz-lhe que me ajude», fazendo-o «com coragem». De resto, Marta «era uma daquelas mulheres fortes». E não por acaso, segundo o que refere Lucas, «deu um passo à frente e disse...».

É «uma daquelas mulheres que sabem dar um passo em frente» repetiu o Papa, referindo-se também a outro trecho evangélico e recordando que «ela mesma foi ter com Jesus, quando percebeu que ele estava a chegar, depois da morte de Lázaro, repreendendo-o: “Se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas sei que quanto pedires ao Pai, Ele fará”». Também nessa circunstância «deu um passo em frente», demonstrando ser uma daquelas «mulheres que têm a coragem de ir sempre em frente». E todavia «estava demasiado atarefada: os trabalhos capturavam-na; estava sempre muito ocupada». E «não tinha tempo para fitar Jesus, para contemplar Jesus».

Evidenciando a diferença entre Marta e Maria, o Senhor «quer ensinar-nos como deve ser a vida dos cristãos». Com efeito, observou o Pontífice,

«há muitos cristãos que vão à missa aos domingos mas depois estão tão ocupados, sempre», a ponto que «não têm tempo nem para os filhos, para brincar com eles; é terrível isto: “tenho muito a fazer, estou ocupado”». No fim estas pessoas «tornam-se cultores daquela religião que é “estar sempre atarefado”: pertencem ao grupo dos “atarefadíssimos”, que estão sempre a fazer». A eles poder-se-ia dizer: «Espera um pouco, olha para o Senhor, lê o Evangelho, ouve a palavra do Senhor, abre o teu coração». Mas eles preferem «sempre a linguagem do fazer». E mesmo se «praticam o bem», não se trata de «bem cristão» mas de «bem humano».

Substancialmente, afirmou o Papa, «a eles falta a contemplação». E precisamente a Marta «faltava isto». Era «corajosa, ia sempre em frente, mantinha as situações sob controle», mas «faltava-lhe a paz: perder tempo olhando para o Senhor».

Por sua vez Maria permanecia no «ócio agradável». Ao contrário, ela «olhava para o Senhor porque Ele comovia o coração e, disto, da inspiração do Senhor, vem o trabalho que se deve fazer depois». Confirmando-o, o Pontífice indicou o exemplo das monjas e monges de clausura, que «não passam o dia inteiro olhando para o céu. Rezam e trabalham» segundo «o lema de São Bento: Ora et labora, reza e trabalha. As duas coisas. A contemplação e a ação».

Eis então a pergunta de Francisco «a cada um de nós: “Eu, de que lado estou? Sou demasiado contemplativo... ou atarefado demais?”». Para completar a sua meditação o Papa sugeriu também «o exemplo do cristão Paulo» descrito na primeira leitura, tirada da carta aos Gálatas (1, 13-24). Nela o apóstolo «narra a sua vida, o modo como perseguia ferozmente a Igreja, devastando-a». No entanto, «quando Deus o tocou, quando Deus o escolheu, recebeu o dom da contemplação de Jesus».

A sua atitude é aparentemente «curiosa»: de facto, frisou o Pontífice, ele «não foi pregar» imediatamente, mas — como narra na carta — «logo, sem pedir conselho a ninguém, sem ir a Jerusalém para se encontrar com aqueles que eram Apóstolos antes de mim, fui à Arábia e depois voltei a Damasco». Portanto, «foi pregar, foi contemplar o mistério de Jesus Cristo que lhe

tinha sido revelado». Porque «tudo o que Paulo fazia, tinha este espírito de contemplação, de olhar para o Senhor. Era o Senhor que falava através do seu coração, pois Paulo era apaixonado pelo Senhor».

Na opinião de Francisco, esta «é a palavra-chave para não errar: apaixonar-te». Assim «nós, para sabermos de que lado estamos, se exageramos porque fazemos uma contemplação demasiado abstrata, até gnóstica, ou se estamos ocupados demais, devemos formular-nos a pergunta: “Estou apaixonado pelo Senhor? Tenho certeza de que me escolheu? Ou vivo o meu cristianismo assim... fazendo algumas coisas... sim, faço isto, faço aquilo... Mas, observou, contempla o coração? Contempla!».

Para tornar mais concreta a reflexão o Papa convidou a pensar «numa mulher casada; o marido volta do trabalho, cansado... amam-se». E «ela diz: “Como foi hoje?” — “Bem, bem” — “Senta-te, acomoda-te: eu continuo”». Este contudo, afirmou Francisco, «não é amor», porque «uma mulher apaixonada, quando o marido volta do trabalho, abraça-o, beija-o, tem tempo para estar com ele; também o marido com a esposa». Significa que é preciso «permanecer um tempo diante do Senhor em contemplação, e fazer de tudo pelo Senhor ao serviço dos outros. Contemplação e serviço: este é o caminho da nossa vida».

Na conclusão o Pontífice propôs um exame de consciência: «Cada um de nós — disse — pense: quanto tempo por dia dedico a contemplar o mistério de Jesus? E como trabalho? Trabalho tanto que até parece uma alienação, ou trabalho em coerência com a minha fé, como um serviço que vem do Evangelho? Far-nos-á bem pensar nisto».

Rezar sem nunca se cansar

Quinta-feira, 11 de outubro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 43 de 25 de outubro de 2018

Rezar com coragem, com constância, até com importunação, sem nunca se cansar; porque a oração não é uma varinha mágica, mas uma busca, um trabalho, uma luta que requer vontade, constância e determinação, frisou o Papa na missa, indicando também duas modalidades concretas de oração: a de Santa Mónica, para implorar a conversão de Agostinho e a de um pai de Buenos Aires — um seu conhecido — que ficou uma noite inteira agarrado ao portão do santuário de Luján para invocar a cura da sua filha moribunda.

Para a sua homilia, o Pontífice inspirou-se no trecho litúrgico do Evangelho de Lucas (11, 5-13), onde «há três realidades: um homem necessitado, um amigo e um pouco de pão». O primeiro dos três, ou seja o necessitado, não «esperava que àquela hora chegasse outro amigo à sua casa, e nada tinha para lhe oferecer, porque já tinham jantado». Então pensou consigo mesmo: «Irei ter com o meu amigo, que me dará algo e amanhã arranjar-me-ei com ele». E vai ter com «o amigo porque tem confiança nele, é seu amigo»; mas ele responde-lhe: «Espera um pouco. Olha que horas são... eu e os meus filhos estamos na cama. Não posso levantar-me» para ir «procurar algo» na despensa. Contudo — observou Francisco — o protagonista da narração «insiste para ter o pão».

Então, eis os elementos identificados pelo Papa para atualizar a reflexão: «A necessidade; o amigo; e outro amigo que tem pão. Assim o Senhor quer ensinar-nos a rezar. Diz o Senhor: “Digo-vos: embora não se levante para lhe dar o pão, porque se trata do seu amigo, levantar-se-á pelo menos por causa da sua insistência, para lhe dar os pães dos quais precisa”. Tudo. “Vem, toma o pão, os chouriços, toma tudo e leva-o para casa”». Em síntese: «insistência. É assim que o Senhor nos quer ensinar a rezar».

Eis as modalidades concretas de oração sugeridas pelo Papa. «Devemos rezar com coragem, pois quando oramos precisamos de algo». E Deus é um

amigo, aliás, «um amigo rico que tem pão, dispõe daquilo de que precisamos». É, acrescentou Francisco, «como se Jesus dissesse: “Na oração sede importunos. Não vos canseis”. Mas não vos canseis do quê? De pedir. “Pedi e ser-vos-á dado”». Portanto, uma oração que se faz busca. A tal propósito, o Papa recomendou: «Procurai. E se uma porta estiver fechada, ide bater à outra. Procurai e encontrareis. Batei e servos-á aberto. Sede importunos na oração, pois quem pede recebe, quem procura encontra, quem bate ser-lhe-á aberto». E «isto é bonito», comentou esclarecendo que «a oração não é como uma varinha mágica: nós recitamos a oração e... pum! E cumpre-se a graça».

Ao contrário, segundo o Papa, «a oração é um trabalho: uma labuta que requer vontade, constância e determinação, sem vergonha. Porquê? Porque eu bato à porta do meu amigo. Deus é amigo, e com um amigo posso fazer isto. Uma prece constante, importuna». Como a de Santa Mónica, por exemplo: «Quantos anos rezou assim, até com lágrimas, pela conversão do seu filho» Agostinho. «No final o Senhor abriu a porta. Mas se pedires, recitares dois “Pais-Nossos” e fores embora», quer dizer que «não desejas realmente o que pedes». Ao contrário, é preciso «pedir com insistência».

E para explicar o seu pensamento, o Papa inspirou-se mais uma vez nas experiências pessoais vividas na Argentina, evocando um acontecimento muito emocionante. «Acho que certa vez vos disse, mas não tenho a certeza: eu estava em Buenos Aires, num hospital havia uma menina de nove anos com uma doença infecciosa, contagiosa, e numa semana teria morrido». Quando «os médicos chamaram os seus pais, disseram-lhes: “ Fizemos o possível, mas não há nada a fazer. Morrerá em duas ou três horas”». Então «o pai, que era um operário — um homem simples, trabalhador — e conhecia a realidade da vida como Jesus, saiu da clínica, deixou ali a sua esposa, apanhou um autocarro» e percorreu 70 km até ao santuário de Nossa Senhora de Luján. Saiu por volta das 18h00 e chegou às 20/21h00, quando o santuário já estava fechado. Mas «esse homem permaneceu ali a noite inteira, diante do santuário. Agarrou-se ao portão de entrada do santuário, e a noite inteira implorou a Nossa Senhora: “Quero a minha filha. Quero a minha filha. Tu podes dar-ma”. Depois, por volta das 5/6h da manhã, voltou a apanhar o autocarro e regressou». Chegou «mais

ou menos às 9h30 e encontrou a esposa um pouco desorientada, sozinha. A menina não estava ali. Pensou no pior. E a mãe, a esposa, disse-lhe: “Sabes, os médicos levaram-na para fazer outro exame, não conseguem explicar porque ela despertou e pediu para comer, e não tem nada, está bem, fora de perigo”. Isto aconteceu. Estou certo». E o ensinamento tirado deste acontecimento é que «aquele homem talvez não fosse à missa todos os domingos, mas sabia rezar, sabia que quando» temos «uma necessidade, há um amigo que tem a possibilidade, tem o pão, tem a possibilidade de resolver um nosso problema». Por isso, «bateu à porta a noite inteira».

Certamente, trata-se de «um exemplo». Mas «há muitos», afirmou o Papa, salientando que a maior parte de «nós não sabe rezar. Oraí um pouco: “Quero isto...”. Pensai nas crianças mimadas que, quando querem algo, gritam, se agitam, “Eu quero, eu quero!”. Choram e no final a mãe e o pai dizem: “Toma lá isto e vai, pelo menos assim não chateias”». Acontece o mesmo «com Deus. “Mas padre, Deus não se zangará se eu agir assim?”. Jesus prevê esta pergunta, dizendo: “Mas qual pai entre vós, se o filho lhe pedir um peixe, lhe dará uma serpente? Ou se lhe pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Se vós, que sois maus — que sois pais maus, todos somos maus — sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, muito mais o vosso Pai celeste dará o Espírito Santo aos que lho pedirem!». De resto, Deus «é um amigo: dá sempre o bem. E mais: peço-lhe para resolver este problema, e Ele resolve-se, concedendo-te até o Espírito Santo. E mais!».

Disto sobressai uma consideração final, um convite da parte do Papa: «Pensemos um pouco: como rezo? Como um papagaio? Rezo precisamente com a necessidade no coração? Luto com Deus na oração, para que Ele me conceda aquilo de que tenho necessidade, se for justo? Aprendamos a rezar a partir deste trecho do Evangelho».

Quando o diabo se finge educado

Segunda-feira, 12 de outubro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 43 de 25 de outubro de 2018

Durante a missa, o Papa advertiu contra a estratégia do diabo que se finge «educado» e até toca a campainha apresentando-se como amigo, a ponto que o tens em casa sem te aperceberes do mal. Oração, exame de consciência, além de «vigilância e calma», como ensinava Isaías, são as respostas justas para desmascarar as astúcias do diabo e não acabar «no caminho da mediocridade e da mundanidade».

«O demónio, quando se apodera do coração de uma pessoa, fica nele, como se fosse casa própria e não quer sair dela» afirmou o Pontífice. «Por isso, muitas vezes quando Jesus expulsa os demónios, eles procuram arruinar a pessoa, agredir, até fisicamente». E sugeriu que pensemos «naquele menino, que o pai apresenta a Jesus a fim de que o cure, ou seja, que o demónio seja expulso. E quando sai, o demónio deixa-o como se estivesse morto no chão. Quando está dentro de nós não quer sair. Não quer sair».

«Jesus muitas vezes, nos Evangelhos, expulsou os demónios, que eram os verdadeiros inimigos dele e nossos», fez presente Francisco. «A luta entre o bem e o mal por vezes parece demasiado abstrata: a verdadeira luta é a primeira entre Deus e a serpente antiga, entre Jesus e o diabo». E «trava-se esta luta dentro de nós: todos estamos em luta, talvez sem o sabermos, mas estamos em luta». Sim, repetiu, «estamos em luta».

Referindo-se ao trecho evangélico proposto hoje pela liturgia (Lc 11, 15-26), o Papa observou precisamente que «Jesus expulsa este demónio» mas «há sempre as más línguas que começam a dizer “mas este é um curandeiro, também ele estabeleceu um pacto secreto com o demónio; esta é uma farsa: ele expulsa-os com a autorização do chefe deles, ou seja, Belzebu”».

Precisamente «assim começa este excerto do Evangelho — recordou o Papa — com um debate entre Jesus e esta gente». Mas «deixemos de lado este debate — prosseguiu o Pontífice — e vamos ao final do trecho evangélico. O que acontece? Por fim, o demónio é expulso e vai-se embora. E aquele homem, aquela mulher, aquele jovem, aquela moça, torna-se livre, libertado, curado, mas curado precisamente na ferida mais profunda da alma».

E a este ponto «como se comporta o demónio? Alguns fazem massacres; pensemos nos que se chamavam “legião”, porque eram tantos, e quando Jesus os expulsa pedem-lhe para entrar nos porcos e ali fazem um massacre de porcos, pois a tarefa do demónio é destruir. Esta é a sua vocação: destruir a obra de Deus».

Na realidade, insistiu Francisco, «ninguém pode dizer “não, eu conheço um diabo que não se comporta assim”» porque «a essência do demónio é destruir». Contudo, «nós somos como as crianças, muitas vezes chupamos o dedo e acreditamos “não, não é assim, são invenções dos padres, não, não é verdade”».

«No Evangelho o diabo destrói — explicou o Pontífice — e quando não pode destruir diretamente, porque de frente há uma força de Deus que defende a pessoa, o demónio é mais astuto que uma raposa, é astuto, e procura a maneira de se apoderar daquela casa, daquela alma, daquela pessoa». O trecho evangélico de Lucas repropõe-nos as palavras de Jesus: «Quando o espírito impuro sai daquele homem, vagueia por lugares desertos procurando alívio — ou seja, não sabe o que fazer, não sabe o que destruir — e, não o encontrando, diz: “Voltarei para a minha casa — de onde fora expulso por Jesus — da qual saí”».

O diabo, observou o Papa, «até quando fala se apresenta educadamente», a ponto que diz «eu saí». Não, «foste expulso». O trecho evangélico prossegue fazendo presente que o diabo, quando regressou à casa da qual tinha sido expulso, «a encontra limpa e adornada — oh, ele gosta! — e então vai, toma consigo outros sete espíritos piores do que ele,

entram nela e habitam-na e a condição daquele homem torna-se pior do que antes».

Sim, insistiu Francisco, aquele homem «antes era, por assim dizer, um endemoninhado, pois o demónio estava dentro dele e não o deixava; agora continua a ser um endemoninhado, mas sem saber».

«Quando o diabo não consegue impor-se pela força — afirmou o Pontífice — não pode destruir uma pessoa através dos vícios evidentes, não pode destruir um povo com as guerras, as perseguições, pensa noutra estratégia e, queridos irmãos e irmãs, é a estratégia que usa com todos nós». Com efeito, «nós somos cristãos, católicos, vamos à missa, rezamos: tudo parece estar em ordem, sim, temos os nossos defeitos, os nossos pecados, mas tudo parece estar em ordem».

Assim o diabo «finge-se “educado”»: vai, observa, procura um bando, bate à porta — “por favor? posso entrar?” — toca a campainha e estes demónios educados são piores que os primeiros, pois tu não te dás conta que os tens em casa». E «este é o espírito mundano, o espírito do mundo».

«O demónio ou destrói diretamente com os vícios, com as guerras, com as injustiças — explicou ainda o Papa — ou destrói educada e diplomaticamente, desta maneira traçada por Jesus». Em suma, acrescentou, «não fazem barulho, fingem-se amigos, persuadem-te — “não, vai, não é muito, não, mas até aqui está bem” — e levam-te pelo caminho das mediocridades, fazem de ti um “tíbio” pelo caminho da mundanidade». Não é fácil aperceber-se: «“Padre, eu em casa não tenho um inimigo” — “Mas repara, quando vais dormir, entre os lençóis há um escorpião” — “Mas é um escorpião amigo, não faz mal”». E fazendo assim «caímos nesta mediocridade espiritual, neste espírito do mundo: “Mas não são tão más estas coisas”». E «o espírito do mundo arruína-nos, corrompe-nos a partir de dentro».

«Eu vos digo: tenho mais medo destes demónios que dos primeiros» afirmou Francisco. E assim «quando me dizem “precisamos de um exorcista porque uma pessoa está possuída pelo diabo” não me preocupo

tanto como quando vejo esta gente que abriu a porta aos demónios educados, àqueles que, de dentro, persuadem que não são inimigos: “Somos amigos”». Porque, como diz o Evangelho de hoje, «a última condição daquele homem torna-se pior do que a primeira».

E insisti: «Muitas vezes eu pergunto-me o que é pior na vida de uma pessoa: um pecado claro ou viver no espírito do mundo, na mundanidade? Que o demónio te leve para um pecado — não só um, mas vinte, trinta pecados, mas claros, que tu te envergonhes — ou que o demónio esteja à mesa contigo e viva, habite contigo e tudo é normal, mas ali, fornece-te as insinuações e possui-te com o espírito da mundanidade?».

«Vem-me à mente — confidenciou o Papa — a prece de Jesus na última Ceia: “Pai, rogo-te por eles, defende-os do espírito do mundo”». E «o espírito da mundanidade é isto: aqueles que têm em si os demónios educados».

«Rezemos, sem medo» foi o convite do Pontífice que quis recordar a admoestação de Isaías a Acaz. «Quando certa vez, o povo de Israel, viu avançar contra si um exército enorme, capaz de destruir tudo, assustou-se e o profeta, em nome de Deus disse: “Vigilância e calma”». E assim, afirmou Francisco, «diante destes demónios educados que querem entrar pela porta de casa como convidados para as núpcias, digamos “vigilância e calma”».

Portanto, «vigilância é a mensagem de Jesus, a vigilância cristã». E, ao concluir, o Papa sugeriu também algumas perguntas para um exame de consciência sobre este ponto: «O que acontece no meu coração? Por que sou tão medíocre? Por que sou tão tíbio? Quantos “educados” temos em casa que não pagam a renda?».

Doutores das aparências

Terça-feira, 16 de outubro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 43 de 25 de outubro de 2018

O convite a estar atentos aos cristãos «rígidos» e «hipócritas», preocupados unicamente «em aparecer» e «maquilhar a própria alma», esteve no centro da homilia. Inspirando-se no excerto litúrgico do Evangelho de Lucas (11, 37-41), Francisco começou pela premissa de que «muitas pessoas seguiam Jesus para o ouvir, porque — diz o Evangelho — elas comentavam: “Ele fala com autoridade. Gostamos de o ouvir. Não se pronuncia como os doutores da lei”». Além disso, «seguiram-no porque Jesus era atraente, comovia os corações, conquistava». E «também por um pouco de interesse, para serem curadas: levavam os doentes até ele para que fossem curados». O próprio Jesus certa vez observou: «Mas vindes ter comigo pelo pão, porque vos dei de comer».

Na realidade, «o povo seguia Jesus porque ele dizia a verdade, porque chegava aos corações». Ao contrário do que faziam «aqueles doutores da lei, os escribas, saduceus, fariseus, que seguiam Jesus não como discípulos: como juizes, de longe». De facto, perscrutavam-no com a lupa para ver se o podiam apanhar em flagrante, nalgum deslize, em algo que não fosse a verdadeira doutrina: a deles». Por conseguinte, «seguiram-no com más intenções».

Enquanto «o povo amava Jesus», reiterou o Pontífice, «estas pessoas não o amavam, aliás, odiavam Jesus». E no entanto «eles eram os “puros”, a ponto que conservavam todas as formalidades: da lei, da religião, da liturgia». Eram considerados «deveras um modelo de formalidade», mas «faltava-lhes vida. Eram — por assim dizer — “engomados”. Eram rígidos». E Jesus «conhecia a sua alma».

«Eles — prosseguiu Francisco — escandalizavam-se pelo que Jesus fazia quando perdoava os pecados, quando curava no sábado. Rasgavam as próprias vestes: “Oh! Que escândalo! Isto não é de Deus, porque o faz”».

Para eles «as pessoas não tinham importância: importavam-se com a lei, as prescrições, as rubricas».

Por conseguinte, o Evangelho narra que o Senhor «foi a casa de um deles que o convidou para almoçar». Na realidade, frisou o Papa, «não o convidavam porque gostavam dele» mas «para verificar se bebendo um pouco mais fazia algo ou dizia alguma palavra inconveniente, e deste modo, apanhá-lo em flagrante. Estavam sempre atrás dele para o testar». De qualquer maneira «Jesus aceita»: com efeito, ele «é livre», por conseguinte «aceita e vai; entra, senta-se». E qual foi a reação do fariseu? «Ele “admirou-se” — um modo para dizer “escandalizou-se” — que Jesus não tivesse feito as abluções antes do almoço». Porque, explicou o Pontífice, «essas pessoas eram educadas, lavavam as mãos, os pés, e faziam algumas abluções antes do almoço. E quem convidou Jesus “admirou-se”».

Perante a surpresa o Senhor responde: «Vós fariseus limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de avidez e maldade». É evidente que «não são palavras agradáveis». De resto, frisou o Papa, «Jesus era direto, não era hipócrita. Falava abertamente». E assim «disse-lhe: “Porque olhais para o exterior? Olhai para dentro”». Noutra ocasião já tinha dito: «Sois sepulcros caiados»: um «bom elogio», comentou ironicamente Francisco. De facto, são «bonitos fora, todos perfeitos... perfeitinhos... mas dentro cheios de podridão, isto é, de avidez e maldade». E Jesus, sabendo distinguir bem «as aparências da realidade interior», desmascara «estes senhores» que «são os “doutores das aparências”: sempre perfeitos, sempre. Mas o que têm dentro?».

O Pontífice evidenciou a atitude hipócrita destes fariseus referindo-se também a outros episódios evangélicos, começando pelo do samaritano. «Quando um deles — recordou — passou diante daquele pobre homem espancado, abandonado meio-morto pelos salteadores, olhou para o outro lado, e continuou o caminho. Não lhe interessam as pessoas. Só a aparência». E «quando ofereciam a esmola, tocavam a trombeta para que fossem vistos. Do mesmo modo, «quando jejuavam, até se fingiam piores para que se visse que estavam tristes, deprimidos».

Portanto, Jesus «qualifica essas pessoas com uma palavra: “hipócrita”. “És um hipócrita”, porque externamente pareces limpo, perfeito, mas a tua alma está ressequida, enrugada, suja, cheia de podridão; aqui diz “de avidez”». Uma alma assim é até «capaz de matar, como eles fizeram com Jesus. E capaz de pagar para matar ou caluniar». Também hoje, observou o Papa, «fazem isto: paga-se para dar más notícias, que sujam os outros». Assim «eram aquelas pessoas». E a advertência de Jesus — «olhai para dentro» — não é dirigida só a eles mas ressoa atual inclusive para os cristãos do nosso tempo.

Sintetizando com um «adjetivo» este modo de fazer, o Pontífice sugeriu o termo «rígido». E explicou que «o que é rígido não muda, não se abre. É rígido e não muda, é assim. Não se abre. Fica bloqueado». Também os fariseus «tinham a vida rígida». Mas, observou Francisco, «há sempre algum problema por debaixo ou dentro de uma rigidez». Problemas graves. Sempre atrás das aparências camufladas de perfeição, de pessoa boa, existem problemas». E também há problemas «atrás das aparências de bom cristão — aparências, que fique claro — que procura sempre aparecer, maquilhar a alma». Porque «nisto não está Jesus» mas «o espírito do mundo».

Então, perguntou-se o Papa, «qual é o conselho que Jesus dá? “Insensatos — diz — dai esmola do que tiverdes, e eis que tudo vos será puro”». A exortação do Senhor é clara: «Abre o teu coração com a esmola. Oferece. Abre. Deixa que o ar entre, que a graça entre». De facto, eles «são rígidos porque não acreditaram que a graça, que a salvação é gratuita, é um dom gratuito de Deus». Na realidade, «ninguém se salva a si mesmo. Ninguém se salva a si mesmo nem sequer com as práticas destas pessoas. Não. A salvação é um dom do Senhor». Estes homens, reiterou o Pontífice, «eram rígidos porque não sabiam que eram livres», enquanto «a gratuidade da salvação em Jesus é aquilo que nos torna livres», como recorda inclusive São Paulo na carta aos Gálatas (5, 1-6) proposta na primeira leitura.

É instrutivo ver como se comporta Jesus. Por um lado, evidenciou Francisco, está «o povo que o segue, porque o ama, porque gosta de o

ouvir». Certamente, reconheceu, há «também um pouco de interesse, para que cure as pessoas e lhes dê de comer... Sim, é verdade». O Evangelho «mostra que é o povo que segue Jesus. E Jesus ama-o». Por outro lado, ao contrário, encontram-se «aquelas pessoas que se mantêm sempre à distância, que julgam tudo, e se apresentam perfeitas». E «Jesus condena-as pela rigidez, pela falta de amor, pela falta de liberdade. Deus não pode entrar naquela rigidez». Eis a advertência do Pontífice: «Prestai atenção diante dos rígidos. Estai atentos diante dos cristãos — quer sejam leigos, sacerdotes, bispos — que se apresentam tão “perfeitos”, rígidos. Estai atentos». Nessas pessoas, advertiu, «o Espírito de Deus não existe. Falta o espírito da liberdade». É preciso também estarmos «atentos a nós mesmos, porque isto nos deve levar a pensar na nossa vida: procuro só ver as aparências e não mudo o meu coração? Não abro o meu coração à oração, à liberdade da oração, à liberdade da esmola, à liberdade das obras de misericórdia?».

Concluindo, o Papa recomendou aos fiéis que rezem a fim de que «o Senhor nos faça compreender esta pregação de Jesus sobre a gratuidade da salvação, sobre a liberdade interior e acerca da hipocrisia de quantos se apresentam sempre com formas externas perfeitas, mas dentro têm tanta maldade».

No caminho da pobreza

Quinta-feira, 18 de outubro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 44 de 30 de outubro de 2018

Foi com uma oração pelo cardeal Ernest Simoni, no dia do seu 90º aniversário, que o Papa começou a celebração da missa. O purpurado albanês — preso na noite de Natal de 1963 e libertado só em 1990, após uma vida de trabalhos forçados — estava acompanhado pelo cardeal arcebispo de Florença, Giuseppe Betori. E durante a homilia o Pontífice dirigiu-se ao cardeal Simoni, recordando a perseguição da qual foi vítima precisamente por ser cristão. Mas as perseguições, afirmou com força o Papa, ocorrem ainda hoje e também no sínodo dos bispos foram apresentados testemunhos heroicos de jovens fiéis ao Evangelho até ao martírio.

No início da homilia, Francisco observou que «na oração da coleta vimos que o Senhor, por meio de São Lucas», cuja festa se celebra hoje, «quis revelar a sua predileção pelos pobres». E «sabemos isto graças aos escritos de São Lucas: o seu Evangelho e os Atos dos Apóstolos».

Exatamente o trecho do Evangelho de Lucas (10, 1-9), proposto pela liturgia de hoje, realça que «quando o Senhor envia os seus 72 discípulos, envia-os “em pobreza”, dando-lhes conselhos de pobreza». É «a pobreza do discípulo: o Senhor quer que o caminho do discípulo seja pobre».

Se o discípulo estiver apegado ao dinheiro, às riquezas, «não será verdadeiro discípulo», insistiu o Pontífice, sugerindo que «existem três maneiras de viver a pobreza na vida dos discípulos, várias pobreza, três etapas — podemos dizer — de diversas pobreza».

«A primeira é: desapegado do dinheiro, das riquezas». Enviando os discípulos, Jesus recomenda-lhes que não levem «bolsa, nem mochila, nem sandálias» e diz: «Ide pregar com o mínimo». E, «se na labuta apostólica forem necessárias estruturas ou organizações que parecem ser um sinal de

riqueza, usai-as bem». Mas sempre «desapegados». Em síntese, é preciso um «coração pobre». Com efeito, «a condição para começar o caminho do discipulado é a pobreza».

A este propósito, Francisco convidou a pensar «naquele jovem, tão bom a ponto de comover o Coração de Jesus». Aquele jovem «não foi capaz de o seguir porque possuía muitos bens e o seu coração estava apegado às riquezas». Ao contrário, afirmou o Pontífice, «se quiseres seguir o Senhor, escolhe o caminho da pobreza» e se tiveres riquezas, é porque «o Senhor as deu a ti para servir o próximo». Mas «o teu coração» deve ser «desapegado» delas. Além disso, insistiu o Papa, «o discípulo não deve ter medo da pobreza, aliás, deve ser pobre: esta é uma das várias formas de pobreza que o Senhor pede aos seus discípulos».

Depois, disse Francisco prosseguindo a sua meditação, «há outra forma de pobreza» que podemos reconhecer nas palavras de Jesus: «Ide, eis que vos envio como cordeiros entre os lobos». É «a pobreza das perseguições, os discípulos do Senhor, perseguidos por causa do Evangelho: também hoje há muitos, caluniados».

A este propósito, revelou o Papa, «ontem, na sala do Sínodo, um bispo de um país onde existe a perseguição, falou de um rapaz católico, vítima de um grupo de jovens fundamentalistas que odiavam a Igreja; foi espancado e depois atirado para uma cisterna, onde lançavam lama e quando esta chegou ao pescoço», intimaram-no: «pela última vez, renuncias a Jesus Cristo?». E ele: «Não!». Assim, «atiraram uma pedra e mataram-no». E «como todos ouvimos, isto não aconteceu nos primeiros séculos, mas há dois meses!». E «é um exemplo», afirmou Francisco: «Mas quantos cristãos sofrem hoje perseguições físicas: “Este blasfemou! À forca!”. É assim. Perseguições que persistem há tanto tempo, e o nosso irmão nonagenário poderá dizer-nos muitas coisas», acrescentou o Papa, referindo-se precisamente ao cardeal Simoni.

«Mas há outras perseguições», prosseguiu o Pontífice. A começar pela «perseguição da calúnia, das maledicências, e o cristão fica em silêncio, tolera esta “pobreza”». Sim, acrescentou, «às vezes é preciso defender-se

para não dar escândalo». Há «pequenas perseguições no bairro, na paróquia: pequenas, mas são a prova de uma pobreza». E «é a segunda forma de pobreza que o Senhor nos pede: a primeira é deixar as riquezas, não viver com o coração apegado aos bens; a segunda, aceitar humildemente as perseguições, tolerá-las. Esta é uma pobreza».

Depois, Francisco explicou que há também «uma terceira forma», sugerida pela primeira leitura da liturgia de hoje, tirada da segunda carta do Apóstolo São Paulo a Timóteo (4, 10-17). Trata-se da «pobreza da solidão, do abandono: quando o discípulo, que saiu com muita vitalidade para anunciar o Senhor, também tolerou as perseguições, no fim da vida sente-se abandonado por todos». E «este trecho de Paulo, do grande Paulo que nada temia, é um exemplo desta pobreza». A tal ponto que Paulo «escreve ao seu filho — filho espiritual — Timóteo, bispo: “Meu filho, Demas abandonou-me, Crescente partiu para a Galácia; Tito, para a Dalmácia. Só Lucas permaneceu comigo. Alexandre, o ferreiro, tratou-me muito mal: fez oposição cerrada à nossa pregação. Na minha primeira defesa no tribunal não houve quem me assistisse — o grande Paulo ficou sozinho diante dos juízes pagãos — todos me desampararam. Contudo, o Senhor assistiu-me e deu-me forças».

«O abandono do discípulo: aquele jovem de 17, 18, 20 anos — afirmou o Papa — que com tanto entusiasmo deixa as riquezas para seguir Jesus; aquela jovem que faz o mesmo e depois, com força e fidelidade, tolera calúnias, perseguições diárias, ciúmes, também pequenas ou grandes perseguições, no final o Senhor pode pedir-lhe isto: a solidão do fim».

«Penso no maior homem da humanidade, e esta qualificação sai dos lábios de Jesus: João Batista: o maior homem nascido de mulher», disse o Papa. João era um «grande pregador: as pessoas iam ter com ele para ser batizadas. Como acabou? Sozinho, na prisão. Pensai no que é uma cela, no que eram as celas daquela época, pois se as de hoje são assim, imaginai as de outrora». E João acabou «sozinho, esquecido, degolado por causa da debilidade de um rei, do ódio de uma adúltera e do capricho de uma jovem: acabou assim o maior homem da história».

Mas «sem ir tão longe — prosseguiu — muitas vezes nas casas de repouso, onde vivem sacerdotes ou religiosas que dedicaram a vida à pregação, sentem-se sozinhos, apenas com o Senhor: ninguém se recorda deles». E «Jesus prometeu ao próprio Pedro esta terceira forma de pobreza: quando eras jovem, ias onde querias; quando fores velho, levar-te-ão para onde não queres».

«A pobreza como caminho do discípulo», afirmou o Papa. Sim, «o discípulo pobre, porque a sua riqueza é Jesus. Pobre, porque não vive apegado aos bens: primeiro passo. Pobre, porque é paciente diante das perseguições, pequenas ou grandes: segundo passo. Pobre, porque entra neste estado de espírito no final da vida, que nos recorda o de São Paulo: abandonado». E «o caminho do próprio Jesus acaba com esta oração ao Pai: “Pai, Pai, por que me abandonaste?”».

«Que esta revelação sobre a predileção do Senhor pela pobreza — concluiu Francisco — nos ajude a ir em frente e a rezar pelos discípulos, por todos os discípulos, quer sejam sacerdotes, religiosas, bispos, papas, leigos: todos. Para que saibam percorrer o caminho da pobreza como o Senhor quiser».

Com o fermento do Espírito

Sexta-feira, 19 de outubro

Prontos a corrigir-nos quando erramos, a levantar-nos quando caímos, a arrepender-nos quando pecamos, mas sempre em frente com «o fermento do Espírito Santo», sempre jubilosos porque «foi prometida uma felicidade muito maior»: eis o perfil do cristão — muito distante da triste hipocrisia de quem pensa apenas em parecer bem — traçado pelo Papa Francisco.

«A liturgia de hoje apresenta-nos duas pessoas diferentes, que crescem de maneira diversa: de modo oposto uma da outra», observou o Pontífice. Francisco explicou que «no Evangelho Jesus fala do fermento “que faz crescer”: usou esta palavra noutra excerto do Evangelho, quando explicou o reino de Deus». Com efeito, recordou o Papa referindo-se também ao trecho litúrgico de Lucas (12, 1-7), «o fermento faz crescer a massa, a farinha, para fazer o pão, mas aqui, fala-se de um fermento mau, um fermento que em vez de fazer crescer, estraga. Faz crescer, mas para dentro».

«É o fermento dos fariseus, dos doutores da lei daquela época, dos saduceus», esclareceu o Pontífice. Com efeito, Jesus «diz ao povo»: “estai atentos, guardai-vos bem do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia”. Pois «estas pessoas fizeram uma ação de crescimento mas não para fora: não, para dentro, fechadas em si mesmos, preservadas pelas aparências». São pessoas, insistiu Francisco, que «se preocupam com as aparências: como se mostram: têm que me ver bem e assim finjo que sofro quando jejuo — o que diz Jesus — e deste modo, quando dou esmola, mando tocar a trombeta».

Em síntese, afirmou Francisco, «a preocupação deles é preservar aquilo que têm dentro: o egoísmo; que ninguém os incomode; a segurança». E «quando há algo que os põe em dificuldade, eles olham para o outro lado».

A este propósito, o Papa sugeriu que se pense, referindo-se sempre ao Evangelho, «naquele homem que foi espancado e deixado meio morto pelos salteadores, na berma da estrada», e aquelas pessoas «olham para o outro

lado». A mesma atitude que têm «quando veem um leproso: afastam-se o mais depressa que podem para não se tornarem impuros». E deste modo «preservam o que têm dentro, e crescem para dentro, porque fazem leis internas — tudo — e fora sempre a aparência».

«Este fermento — diz Jesus — é perigoso. Precavei-vos. É a hipocrisia», prosseguiu Francisco. Com efeito, o Senhor «não tolera a hipocrisia: este aparecer bem, até com boas maneiras, mas com maus hábitos dentro». E «Jesus diz: “fora sois lindos, como os sepulcros, mas dentro há putrefação ou destruição, há destroços”». Por conseguinte, frisou o Papa, «este fermento que faz crescer para dentro é um fermento que faz crescer sem futuro, porque no egoísmo, no dedicar-se a si mesmo, não há futuro, não há futuro».

«Ao contrário, outro tipo de pessoa é a que vemos com um fermento diferente, que é o oposto: faz crescer para fora», explicou o Pontífice. «Aliás, que faz crescer como herdeiros, para ter a sua herança», acrescentou referindo-se ao trecho da carta de São Paulo aos Efésios (1, 11-14), proposto como primeira leitura: «Irmãos em Cristo, fomos feitos herança, predestinados» ou seja, explicou o Papa, «projetados para fora».

Portanto, afirmou Francisco, «as pessoas têm um fermento — ainda não sabemos qual é — que os faz crescer para fora». E se também «por vezes erram, corrigem-se; acontece que caem mas levantam-se; outras vezes pecam mas arrependem-se». Mas «sempre para fora, para aquela herança, porque foi prometida». Contudo, disse ainda o Pontífice, «estas pessoas são alegres, porque lhes foi prometida uma felicidade muito maior: que serão glória, louvor de Deus».

Segundo São Paulo, prosseguiu Francisco, «o fermento destas pessoas é o Espírito Santo, que nos estimula a ser louvor da sua glória, da glória de Deus: “fostes selados com o Espírito Santo da Promessa, que é a garantia da nossa herança”». Isto significa, explicou, que «temos a garantia, agora vamos rumo à totalidade e aguardamos a redenção completa».

Jesus, insistiu o Papa, «quer-nos assim: sempre a caminho com o fermento do Espírito Santo que nunca faz crescer para dentro, como os doutores da lei, como os hipócritas». Pois «o Espírito Santo impele-te para fora, para o horizonte». E é precisamente assim que o Senhor «deseja que os cristãos sejam: gente que vai sempre em frente, com dificuldades, sofrimentos, problemas, quedas, mas sempre em frente na esperança de encontrar a herança, porque tem o fermento da garantia, que é o Espírito Santo».

Portanto «duas pessoas», sintetizou o Pontífice. A primeira é «uma que, guiada pelo próprio egoísmo, cresce para dentro: tem um fermento — o egoísmo — que a faz crescer para dentro e preocupa-se apenas em mostrar-se bem, equilibrada, bem». Em síntese, «que não se vejam os seus maus hábitos: são os hipócritas, e Jesus diz: “precavei-vos”» deles.

Ao contrário, a outra pessoa é formada pelos cristãos. Ou melhor, reconheceu o Papa, «deveríamos ser cristãos, mas também há cristãos hipócritas, que não aceitam o fermento do Espírito Santo». Precisamente «por isto Jesus nos admoesta: “precavei-vos do fermento dos fariseus”». Com efeito, não devemos esquecer que «o fermento dos cristãos é o Espírito Santo, que nos impulsiona para fora, nos faz crescer, com todas as dificuldades do caminho, mesmo com todos os pecados, mas sempre com a esperança». E «o Espírito Santo é precisamente a garantia daquela esperança, daquele louvor, daquela alegria». Por isso, «este povo, que tem no coração o Espírito Santo como fermento, é jubiloso, até nos problemas e dificuldades». Ao contrário, «os hipócritas esqueceram o que significa ser jubiloso».

«Que o Senhor nos conceda a graça — concluiu Francisco — de ir sempre em frente com o fermento do Espírito Santo, que nos impulsiona rumo àquela herança que o Senhor preparou para todos».

Identidade e herança

Terça-feira, 23 de outubro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 44 de 30 de outubro de 2018

A identidade e a herança do cristão são constituídas pela esperança, talvez «a virtude teologal mais esquecida» e «mais difícil de entender», sublinhou o Papa na missa. O Pontífice, na homilia, inspirando-se como de costume nas leituras (tiradas da carta de São Paulo aos Efésios 2, 12-22 e do Evangelho de Lucas 12, 35-38), identificou imediatamente «duas palavras com as quais podemos descrever a mensagem litúrgica deste dia: cidadania e herança».

Refletindo sobre a primeira, explicou que o apóstolo na leitura «fala-nos acerca disto». Trata-se, esclareceu de «um dom que Deus nos concedeu, a todos nós: tornou-nos cidadãos, ou seja, deu-nos identidade. Ofereceu-nos o bilhete de identidade». Aliás, o Senhor «em Jesus revogou a Lei para recriar em si mesmo tudo, para reconciliar todos, também nós, todos... eliminando a inimizade que tínhamos com Ele. Veio para anunciar “paz a vós”, a todos. E agora, “podemos apresentar-nos ao Pai num só Espírito”; fez-nos “um”». Em síntese «esta é a nossa cidadania: “Assim sendo, vós já não sois estrangeiros nem hóspedes, mas concidadãos dos santos” em Jesus e n'Ele, também vós “edificados juntos” para vos tornardes habitação do Espírito Santo». Portanto, «a nossa identidade consiste precisamente em ser curados pelo Senhor, construídos como comunidade e ter o Espírito Santo dentro. Um cristão é isto. E a força é o Espírito que ele tem dentro». Consequentemente, «caminhamos, com esta força, com esta segurança, com esta firmeza: somos concidadãos e Deus está connosco. Na verdade, Ele leva-nos em frente, faz-nos caminhar».

Para onde? Rumo a «outra palavra» que o Pontífice quis propor: ou seja, «a herança. Identidade e herança. E a herança é o que Jesus nos explica no Evangelho: a herança é o que nós procuramos no nosso caminho, o que receberemos no final; mas devemos procurá-la todos os dias, ir rumo a esta

herança». E tudo isto está resumido, afirmou ainda o Papa, na «grande virtude da esperança, talvez a virtude teologal mais esquecida, a mais difícil de entender», mas «é aquela que nos faz avançar no caminho da nossa identidade, em direção à herança». Com efeito, os cristãos sabem «o que significa a fé: é fácil compreendê-la e praticá-la. As três — fé, caridade e esperança — são um dom. A fé, compreendemo-la bem. A caridade é mais difícil de perceber: consiste em fazer o bem, em relação a Deus e aos outros. Mas, que significa a esperança?», questionou-se Francisco. E a resposta foi que «a nossa herança é um pouco difícil de entender». Portanto, imaginando uma espécie de diálogo esclareceu: «“Sim, sim, significa esperar: mas que significa esperar, aguardar...? O que esperas, tu?” — “Eu, sim, espero o Céu!” — “Mas que é o Céu, para ti?” — “Sim, é a luz, sim, é encontrar todos os Santos, é uma felicidade eterna...” mas não é fácil compreender o que significa a esperança. Viver na esperança significa caminhar, sim, rumo a um prêmio, rumo à felicidade que não temos aqui, mas que teremos lá... é uma virtude difícil de perceber».

Mas além das dificuldades, a esperança tem inclusive outras características, que o Papa enumerou: por exemplo, «é uma virtude humilde, muito humilde»; e, sobretudo, «é uma virtude que nunca desilude: se esperares, nunca serás desiludido. Nunca, nunca». Além disso, «é também uma virtude concreta». Mas, poderia ser a objeção, «como pode ser concreta, se eu não conheço o Céu nem o que me espera?». E mais uma vez a resposta não deixa espaço a dúvidas: a esperança é a herança do cristão, portanto esperança «rumo a algo», não rumo «a uma ideia» nem a «um lugar bonito». É mais: ela «é um encontro». A ponto que «Jesus — observou o Papa — sublinha sempre este aspeto da esperança, este estar à espera». Como no Evangelho hodierno, em que ela é representada no encontro «do patrão, quando ele regressa de uma festa». Ou como quando Jesus «fala, na parábola, das jovens estultas e das jovens prudentes»: com efeito, também naquele caso foi «um encontro com o Senhor que regressa das bodas, com o esposo». Porque «é sempre um encontro, um encontro com o Senhor. É concreto».

Mas, infelizmente, observou Francisco, «muitas vezes, não conhecemos isto... ou temos uma ideia estranha sobre a esperança... “sim, estaremos no

Céu, ali... ali há música, há cantos, uma bela festa...” — “Mas será tediosa?! — “Não, não, mas será bonita...”: não. Encontraremos o Senhor. É um encontro». E fazendo uma confidência pessoal, o Papa explicou que quando ele pensa na esperança lhe vem à mente sobretudo uma imagem: «a mulher grávida, a mulher que espera um filho. Vai ao médico, mostra-lhe a ecografia — “ah, sim, o menino... está bem”... Não!». Pelo contrário, «ela está feliz! E todos os dias toca a sua barriga para acariciar aquele menino, está à espera do bebé, vive na expectativa daquele filho». E «esta imagem pode fazer-nos entender o que significa a esperança: viver para esse encontro. Aquela mulher imagina como serão os olhos do filho, como será o seu sorriso, se será loiro ou moreno.. pensa no encontro com o filho». Por conseguinte, reafirmou o Pontífice, «esta imagem, esta figura pode ajudar-nos muito a compreender o que é a esperança» e a «questionar-nos: “Eu espero assim, concretamente, ou espero um pouco de forma generalizada, um pouco de maneira gnóstica?”. A esperança é concreta, é de todos os dias, pois é um encontro. E todas as vezes que encontrarmos Jesus na Eucaristia, na oração, no Evangelho, nos pobres, na vida comunitária, damos mais um passo em direção a este encontro definitivo». Por isso, auspiciou que os cristãos tenham «a sabedoria de saber rejubilar com os pequenos encontros da vida com Jesus, preparando o encontro definitivo».

Um auspício reproposto nas considerações conclusivas nas quais Francisco, resumindo, explicou que a identidade é «o grande dom de Deus que nos tornou uma comunidade, nos tornou herdeiros disto»: e que a herança «é aquela força com a qual o Espírito Santo nos leva em frente com a esperança». Com a exortação final a pensar «hoje nestas duas palavras: qual é o meu bilhete de identidade? De que modo sou cristão? E também: como é a minha esperança? O que espero como herança?».

Os passos para conhecer Jesus

Quinta-feira, 25 de outubro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 45 de 6 de novembro de 2018

«Seria um bom hábito, se todos os dias, nalgum momento, pudéssemos dizer: “Senhor, que eu te conheça e me conheça” e assim ir em frente», eis a sugestão proposta pelo Papa. Não servem «cristãos com palavras», que recitam o Credo «como papagaios», afirmou o Pontífice, convidando a viver a experiência de se sentirem seriamente pecadores.

«Se alguém — começou Francisco — nos perguntar “quem é Jesus Cristo”, certamente diremos o que aprendemos na catequese, como Ele veio salvar o mundo, diremos a verdadeira doutrina sobre Jesus: é o Salvador do mundo, o Filho do Pai, Deus, homem, o que recitamos no Credo». Mas, realçou, «será um pouco mais difícil responder à pergunta: “É verdade, mas quem é Jesus Cristo para ti?”». Trata-se de uma «pergunta» que «nos deixa um pouco envergonhados, porque para dar a resposta devo pensar e entrar no meu coração».

Portanto, insistiu o Papa, «quem é Jesus Cristo para mim? Qual é o conhecimento que tenho de Jesus Cristo? Quando digo que para mim Jesus Cristo é o Salvador, é assim — afirmou o Pontífice — mas cada um de nós deve responder também no coração, aquilo que sabe e sente de Jesus Cristo, pois todos sabemos que é o Salvador do mundo, que é o Filho de Deus, que veio à terra para nos salvar, e podemos também narrar muitos trechos do Evangelho».

Mas permanece a pergunta direta: quem é Jesus Cristo «para mim»? Precisamente «este é o trabalho de Paulo», explicou Francisco com referência ao trecho litúrgico tirado da carta aos Efésios (3, 14-21), observando que o apóstolo «tem esta inquietação de transmitir a sua experiência de Jesus Cristo». Com efeito, insistiu Francisco, Paulo «não conheceu Jesus Cristo a partir dos estudos teológicos e depois foi ver como a Escritura anunciava Jesus Cristo». Pelo contrário, «ele conheceu Jesus

Cristo pela própria experiência, quando caiu do cavalo, quando o Senhor falou diretamente ao seu coração». E «o que Paulo sentiu, quer que também nós cristãos o sintamos».

Se fosse possível perguntar a Paulo «quem é Cristo para ti?», afirmou o Papa, eis que ele narraria «a sua simples experiência: “Amou-me e entregou-se por mim”». Paulo «está comprometido com Cristo, que pagou por ele», e «quer que os cristãos — neste caso, os cristãos de Éfeso — tenham esta experiência, entrem nela a ponto que cada um possa dizer: “Amou-me e entregou-se por mim”». Mas é importante «dizê-lo com a própria experiência», sugeriu o Papa.

Francisco quis reler um trecho da carta aos Efésios, proposta como primeira leitura: «Que pela fé Cristo habite em vossos corações, arraigados e consolidados na caridade, a fim de que possais, com todos os cristãos, compreender — Paulo insiste — qual é a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, isto é, conhecer a caridade de Cristo, que desafia todo o conhecimento, e sejais cheios de toda a plenitude de Deus».

«Paulo quer conduzir todos nós a esta experiência», explicou o Pontífice, porque é «a experiência que ele teve de Jesus Cristo: o encontro com Jesus Cristo levou-o a entender esta grande realidade».

Mas «como se pode chegar a isto, qual é o caminho?», foi a pergunta proposta pelo Papa. Talvez, acrescentou, «eu tenha que recitar o Credo muitas vezes? Sim, mas não é exatamente o melhor caminho para chegar a esta experiência: ajudará, mas não é o certo». Com efeito, afirmou Francisco, «quando diz que Jesus se entregou por ele, que morreu por ele, Paulo quer dizer “pagou por mim” e nas suas cartas narra muitas vezes a própria experiência: “Eu era um pecador”, “eu perseguia os cristãos”».

Para o fazer, prosseguiu o Papa, ele «parte do próprio pecado, da sua existência pecadora, e a primeira definição que Paulo faz de si mesmo é “pecador”: escolhido por amor, mas pecador». Assim, observou o Pontífice, «o primeiro passo para o conhecimento de Cristo, para entrar neste mistério, é o conhecimento do próprio pecado, dos seus pecados».

«Todos nos aproximamos do sacramento da reconciliação e confessamos os nossos pecados», prosseguiu Francisco. «Mas — especificou — uma coisa é dizer os pecados, reconhecê-los, e outra é reconhecer-se “pecador”, “pecador” por natureza, capaz de fazer qualquer coisa». Em síntese, «reconhecer-se uma imundície». E «Paulo tem esta experiência».

Por isso, é preciso estar ciente de que «o primeiro passo para o conhecimento de Jesus Cristo é o conhecimento de nós mesmos, da própria miséria, que tem necessidade de ser redimida, que precisa de alguém que pague: pague o direito a chamar-se “filhos de Deus”». Na realidade, explicou o Papa, «todos o somos, mas» para o «afirmar e sentir era necessário o sacrifício de Cristo e, a partir disto, Paulo vai em frente com as experiências religiosas que tem, uma atrás da outra, mediante a oração e a caridade».

Eis então, reafirmou o Pontífice, que «o primeiro passo» é «reconhecer-se pecador, não na teoria mas na prática». Dizer «comecei a fazer isto, parei, mas se eu tivesse continuado por este caminho, teria acabado mal, muito mal» é «a raiz do pecado que te leva em frente». Portanto, «o primeiro passo é este: reconhecer-se pecador e dizer a si mesmo as próprias misérias, envergonhar-se de si mesmo: este é o primeiro passo».

«O segundo passo para conhecer Jesus é a contemplação, a oração», afirmou o Papa, propondo esta simples invocação: «“Senhor, que eu te conheça”». E acrescentando que «existe uma bonita oração, de um santo: “Senhor, que eu te conheça e me conheça”». Trata-se, explicou Francisco, «de nos conhecermos a nós mesmos e de conhecermos Jesus». E «aqui se realiza esta relação de salvação: a oração» insistiu o Pontífice, convidando a «não nos contentarmos com dizer três ou quatro palavras corretas sobre Jesus», porque «conhecer Jesus é uma aventura, mas uma aventura a sério, não uma aventura infantil».

Conhecer Jesus, prosseguiu o Papa, «é uma aventura que leva a vida inteira, porque o amor de Jesus é ilimitado». Recorda-o Paulo, ainda na carta aos Efésios: «Qual é a largura, o comprimento, a altura e a

profundidade» é uma expressão para indicar precisamente que «não tem limites». Mas «só podemos encontrar isto com a ajuda do Espírito Santo: é a experiência de um cristão». E «é o próprio Paulo quem o diz: Ele tem todo o poder de fazer muito mais do que podemos pedir ou pensar. Tem o poder de o fazer». Mas «devemos pedir-lhe: “Senhor, que eu te conheça; que quando eu falar contigo, não diga palavras de papagaio, mas palavras tiradas da minha experiência, e que como Paulo eu possa dizer: “Amou-me e entregou-se por mim” e dizê-lo com convicção». Precisamente esta é a nossa força, este é o nosso testemunho».

«Há muitos cristãos com palavras; muitas vezes, também nós somos assim», alertou Francisco. Mas «isto não é santidade: santidade é ser cristãos que praticam na vida o que Jesus ensinou e semeou no coração». Para fazer isto é necessário «conhecer Jesus» com «o discernimento ilimitado: a altura, o comprimento, a plenitude, tudo».

O «primeiro passo», repetiu o Papa, é sempre «reconhecer-nos pecadores: sem este conhecimento, e sem esta confissão interior, que sou um pecador, não podemos ir em frente». Depois, recordou, o «segundo passo» é «a oração ao Senhor para que, com o seu poder, nos faça conhecer este mistério de Jesus, o qual é o fogo que Ele mesmo trouxe à terra».

Três pequenas coisas para fazer a paz

Sexta-feira, 26 de outubro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 45 de 6 de novembro de 2018

Magnanimidade, doçura, humildade: são as atitudes simples, as «pequenas coisas» — indicadas por São Paulo a uma comunidade cristã das origens, a de Éfeso — ainda hoje eficazes para «fazer» e «consolidar a unidade» no mundo, nas sociedades humanas e nas famílias que «precisam de paz». O Papa repropô-las durante a missa, partindo da primeira leitura tirada da carta do apóstolo aos Efésios (4, 1-6).

«Paulo está na prisão» e «dirige-se aos cristãos com este — podemos dizer — “hino” à unidade antecipou o Pontífice descrevendo a cena antes de falar acerca de outro aspeto em particular: a solidão do protagonista. «Ele — constatou — está sozinho. Um pouco antes deste trecho, lamenta-me: “Deixaram-se sozinho”. Depois diz a Tito: “Na minha primeira audiência diante do juiz ninguém me assistiu”. Sozinho. E aquela solidão de prisioneiro condenado à morte certamente o acompanhará até às Três Fontes», onde «morrerá sozinho, porque os cristãos estão muito ocupados “na frente interna”, nas lutas internas».

Eis por que, observou o Pontífice, «Saulo dá o melhor de si neste excerto» haurindo de todas as energias que lhe restam «para convocar para a unidade, para recordar a dignidade da vocação: “Comportai-vos de maneira digna da chamada que recebestes”. Rumo à unidade». De resto, «o próprio Jesus, antes de morrer, na última Ceia, pediu ao Pai a graça da unidade para todos nós: “Que sejam um, como Tu e eu, Pai”». E isto contém uma lição também para a humanidade de hoje. Uma lição que Francisco repropôs atualizando a reflexão: «Nós estamos habituados a respirar o ar dos conflitos. Todos os dias, no telejornal, nos jornais, se fala dos conflitos, um atrás do outro, de guerras, sem paz, sem unidade, um contra o outro». A ponto que, foi a sua denúncia, «mesmo se estabelecem pactos para pôr fim a qualquer conflito, como dizia um sábio: “Os pactos

fazem-se para serem desfeitos em seguida”. E assim sobre o que foi assinado há dez anos, depois diz-se: “Não, não continuamos com este pacto”».

Deste modo, o que vai em frente são «a corrida aos armamentos, a preparação para as guerras, a destruição». Com o resultado, observou o Papa, que «também as instituições mundiais — vemos hoje — criadas com a melhor das vontades de ajudar a unidade da humanidade, para a paz, sentem-se incapazes de encontrar um acordo: que há um veto aqui, um interesse lá... E têm dificuldade de encontrar acordos de paz». Mas, em tudo isto, admoestou Francisco, «entretanto as crianças não têm o que comer, não vão à escola» e não são «educadas; não há hospitais porque as guerras destroem tudo». Em definitiva, «nós tendemos à destruição, à guerra, à desunião». E «é a tendência que semeia no nosso coração o inimigo, o destruidor da humanidade: o diabo».

Eis então a validade perene do ensinamento paulino, que «aqui, neste excerto — comentou o Papa — nos ensina o caminho rumo à unidade». Com efeito, afirma que «a unidade está coberta, está “blindada” — podemos dizer — com o vínculo da paz». Ou seja, esclareceu Francisco, «a paz leva à unidade». Para a alcançarmos, o apóstolo «ensina-nos o caminho simples: “Comportai-vos de maneira digna da chamada que recebestes, com toda a humildade, doçura e magnanimidade”».

Eis portanto as «três coisas» indicadas por Paulo «para construir a paz, a unidade entre nós: “humildade, doçura — nós que estamos habituados a insultar-nos, a gritar uns contra os outros... doçura — e magnanimidade”». Como se disséssemos: «Deixa estar, abre o coração».

Mas, questionou-se o Pontífice, «podemos construir a paz no mundo com estas três pequenas coisas»? A resposta não podia deixar de ser afirmativa: «Sim, é o caminho. Podemos chegar à unidade? Sim, aquele caminho: “humildade, doçura e magnanimidade”». E dado que «Paulo é prático», no trecho bíblico «continua com um conselho muito concreto: “suportando-vos reciprocamente no amor”. Suportar-nos uns aos outros». Um conselho que «não é fácil» de concretizar no dia a dia. O Papa disse

estar ciente disto, fazendo notar «que há sempre o julgamento, a condenação, que leva à separação, à distância. Quantas vezes — observou — se pergunta a uma pessoa: “Como está a tua família? Como estão os teus primos?”. Não, não, não nos frequentamos...” E o diabo fica feliz com isto. É o início da guerra, pois não sois capazes de vos suportar».

Insistindo acerca da origem “doméstica” dos conflitos, o Papa frisou que esta dimensão é «um aspeto que começa de manhã, quando nos levantamos, e acaba à noite quando vamos dormir». Por isso é necessário «que nos suportemos, pois todos nós causamos incómodo, impaciência, porque todos nós somos pecadores, todos temos os nossos defeitos. Mas suportar: é um lindo caminho, simples, preocupando-se: “Porque fiz isto?” diz Paulo, “tendo a solicitude de preservar a unidade do espírito por meio do vínculo da paz”. Se eu quiser conservar a unidade, tenho que fazer estas coisas simples, não há grandes receitas».

Prosseguindo o comentário ao trecho paulino, o Papa explicou a seguir que o autor da carta aos Efésios «vai mais além, certamente sob a inspiração das palavras de Jesus na última Ceia: “Um só corpo e um só espírito, assim como uma só é a esperança à qual sois chamados, a da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo. Um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, age por meio de todos e está presente em todos”». Por conseguinte, Paulo «entusiasma-se e vai em frente: e da doçura, da humildade, da magnanimidade, depois vai em frente e mostramos o horizonte da paz com Deus; como Jesus nos mostrou o horizonte da paz na oração: “Pai, que sejam um, como tu e eu”. A unidade. E assim vai-se em frente passo após passo».

Em seguida, referindo-se ao excerto do Evangelho do dia, tirado de Lucas (12, 54-59), o Papa constatou como Jesus é «prático com este conselho que ouvimos: “Quando fores com o teu adversário diante do magistrado — discutir — ao longo do caminho procura encontrar um acordo com ele”». E definiu o de Jesus um «bom conselho», porque «não é difícil encontrar um acordo no início do conflito. Não é difícil». É suficiente pensar a este propósito «nos esposos, quando discutem, até quando os pratos voam, e há ar de tempestade em casa»: com efeito,

naquelas situações «o conselho melhor a dar-lhes é: “Sim, sim, atirai os pratos todos, mas não termineis o dia sem fazer as pazes”. Porquê? Porque a guerra fria no dia seguinte é muito perigosa. O conselho de Jesus: põe-te de acordo no início, fazer a paz no início: isto é humildade, doçura, magnanimidade. Pode-se construir a paz no mundo inteiro com estas pequenas coisas, pois estas atitudes são a atitude de Jesus: humilde, manso, perdoa tudo».

Eis, portanto, o pedido final de Francisco: «hoje o mundo — concluiu — precisa de paz, nós temos necessidade de paz, as nossas famílias precisam de paz, a nossa sociedade tem necessidade de paz. Começemos em casa a praticar estas coisas simples: magnanimidade, doçura, humildade. Vamos em frente por este caminho: fazer sempre a unidade, consolidar a unidade». Com os votos de «que o Senhor nos ajude neste caminho».

As crianças famintas do Iémen

Segunda-feira, 5 de novembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 46 de 13 de novembro de 2018

A violenta tragédia no Iémen, onde um povo inteiro está à beira do precipício, e as muitas pequenas «guerras em família, na paróquia ou no lugar de trabalho têm as mesmas raízes e eclodem se o egoísmo e a vantagem seletiva da «rivalidade» e da «vanglória» prevalecerem sobre «a unanimidade e a concórdia». Eis o forte apelo feito pelo Papa a favor da paz nas pequenas e grandes questões da vida.

«Jesus aconselha-nos a não sermos seletivos na vida, a não criarmos um círculo de amigos, esquecendo-nos de todos os outros», observou o Papa referindo-se ao trecho litúrgico de Lucas (14, 12-14) e frisando que «o sentido deste excerto do Evangelho é claro: não agir por interesse».

«Há pessoas — afirmou o Pontífice — que são seletivas e só têm relações sociais com quantos podem ser úteis, retribuir-lhes os favores: comportam-se, pensando na própria vantagem e excluindo os outros». Mas esta, admoestou, «é uma forma de egoísmo, segregação e interesse». Ao contrário, «a mensagem de Jesus é oposta: é a da gratuidade». Com efeito, «Jesus veio a nós não para acumular coisas ou constituir um exército: não! Veio para nos servir, para nos dar tudo gratuitamente».

Eis, insistiu o Papa, «a mensagem de Jesus: “Age gratuitamente com os outros, sem pensar na retribuição, na vantagem, no teu interesse”». E este estilo «alarga a vida, o caminho da vida, amplia o horizonte porque é universal». Portanto, «a gratuidade que Jesus traz é para todos: não é seletiva».

O Pontífice prosseguiu, observando que «sobre isto, aos doutores da lei que se julgavam os justos do tempo e eram seletivos nas amizades», Jesus diz «algo muito forte: “Vós que pensais sempre no vosso interesse, que vos julgais perfeitos, esperai: os publicanos — ou seja, os traidores da pátria —

e as prostitutas preceder-vos-ão no reino dos céus”». E «contra este egoísmo do interesse, Jesus é incisivo e propõe este modo de agir da gratuidade, que é propriamente seu».

«Com o mesmo espírito e inspiração — afirmou o Papa — Paulo fala aos Filipenses na primeira Leitura, dando-lhes um conselho: tende os mesmos sentimentos, “sede unânimes e concordes” (2, 1-4). Pois, disse Francisco, «a pessoa seletiva, quem escolhe segundo o próprio interesse as amizades ou as pessoas com as quais se relacionar na vida, não é “unânime”, causa sempre divisão: “Estes são meus, os outros não”». «As pessoas seletivas são sempre fatores de divisão». Por isso «Paulo aconselha-nos a ser “unânimes”, aliás, “concordes”, ou seja, ter todos um só coração: o mesmo coração».

«Duas coisas vão contra a unidade, contra este ser “unânimes” e “concordes”: a rivalidade e a vanglória», afirmou o Pontífice. E assim, «se eu quiser examinar-me e ver se sou seletivo, devo interrogar-me sobre a minha rivalidade e vanglória».

Para enfrentar a questão da «rivalidade», Francisco quis referir-se, como «exemplo», às experiências na paróquia. A propósito, recordou que na missa estava presente a comunidade da paróquia romana de Nossa Senhora de Bonária, representada sobretudo por jovens. A rivalidade, explicou, pode surgir quando «o pároco deve fazer algo, mudar pessoas: “Escolheu este e não aquele”, “fez isto e não aquilo”». Eis como nascem «as lutas de rivalidade».

Muitas vezes é inútil recordar a estas pessoas que estão ali todas «para servir o Senhor», porque a resposta é: «Sim, sim, mas eu sou o primeiro!». Precisamente nisto consiste a «rivalidade, e também a bisbilhotice nasce da rivalidade, porque muita gente sente que não pode crescer, mas para se sentir superior ao outro diminui-o com o mexerico». Assim, a rivalidade torna-se também «um modo de destruir as pessoas».

A tal propósito, Paulo diz: «Que na comunidade não haja rivalidades», pois «a rivalidade é uma luta para esmagar o outro. A rivalidade é negativa:

pode-se fazê-la de modo aberto, direto, ou com luvas brancas, mas sempre para destruir o outro e para se elevar a si mesmo». O raciocínio é este: «Dado que não posso ser tão virtuoso, tão bom, diminuo o outro, assim permaneço sempre superior». Portanto, «a rivalidade é um modo deste agir por interesse».

Além disso, acrescentou Francisco, há «a vanglória: gabo-me de» algo. Como se dissesse: «Eu fui eleito, não o outro, eu sou mais importante, julgo-me melhor que os outros». Mas «isto destrói uma comunidade, até uma família: pensai na rivalidade entre irmãos pela herança do pai, por exemplo, algo que acontece todos os dias». E ainda: «Pensai na vanglória, naqueles que se julgam melhores que os outros: como Jesus os repreendia, porque destroem a unanimidade e a concórdia, e agem por interesse, pensando na própria vantagem e utilidade».

«A vida cristã nasce da gratuidade de Jesus e deve ir em frente sempre com esta regra de gratuidade», insistiu o Papa, especificando: «Pratico o bem e não me preocupo se os outros fazem o mesmo ou não; não sou melhor que os outros: faço o que devo e não me preocupo em subir mais por rivalidade ou vanglória». Eis «a unanimidade e a concórdia que Paulo recomenda».

Nesta altura, Francisco quis referir-se à atualidade, recordando uma grave crise humanitária em ato: «Quando lemos as notícias das guerras, pensemos nas notícias relativas à fome das crianças no Iémen, fruto da guerra: estão longe, pobres crianças, mas por que não têm o que comer?». Mas, disse o Papa, «com esta rivalidade travamos a mesma guerra também em casa, nas nossas instituições: ali começa a guerra». E também «a paz se deve fazer ali: em família, na paróquia, nas instituições, no lugar de trabalho, procurando sempre a unanimidade e a concórdia, e não o próprio interesse».

«Peçamos esta graça para a nossa comunidade paroquial, para a nossa família — sugeriu o Pontífice — e quando penso em destruir de algum modo ou ferir esta unanimidade e concórdia, parar a tempo e dizer: não, isto não!». E, concluiu, «isto é bonito, é grandioso, esta é a paz, e com a nossa

pequena contribuição ajudaremos a construir a paz do mundo, a paz de todos».

Quem não aceita o convite para a festa

Terça-feira, 6 de novembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 46 de 13 de novembro de 2018

«Estou com dor de cabeça, hoje não posso, tenho muito que fazer» é o modo, aparentemente educado, com o qual rejeitamos Jesus que, para nós, pagou com a sua vida a festa eterna no reino dos Céus. Foi com expressões incisivas que o Papa Francisco exortou quem diz “não” a superar a dureza de coração e a não encontrar desculpas para fechar a porta na cara a Jesus.

«O excerto do Evangelho que acabámos de ouvir é do capítulo 14 de Lucas», explicou o Papa, observando que «quase todo o capítulo, exceto um trecho no final, se refere a um almoço, à mesa, e tudo o que acontece lá, acontece à mesa». Por isso, acrescentou, «a ideia do banquete no fim do capítulo», na parábola narrada por Jesus em particular nos versículos 15-24 propostos hoje pela liturgia.

Referindo-se ao início do capítulo 14, o Pontífice observou que «Jesus foi almoçar na casa de um chefe dos fariseus que o convidou: Jesus aceitava sempre». Mas «quando entrou, viu um doente de hidropisia e curou-o imediatamente: Jesus quer curar-nos sempre, a todos nós». Contudo, recordou o Papa, «era sábado, estavam presentes todos os doutores da lei e ele pediu a permissão: “Pode-se curar ao sábado?”». E «eles que nunca diziam o que pensavam — eram hipócritas — calaram-se».

Jesus curou aquele doente, prosseguiu Francisco, «e depois, no momento de começar o almoço, viu como as pessoas, os convidados, procuravam ocupar os primeiros lugares para se mostrarem, a fim de se sentirem mais importantes». Na realidade, afirmou o Pontífice, «também na igreja acontece isto muitas vezes: soube até que em certos lugares existe o costume de “alugar” os primeiros bancos para as pessoas importantes e para as suas famílias. Não sei se é verdade, assim me disseram. Se é verdade, é vergonhoso».

Retomando a meditação sobre o Evangelho de Lucas, o Papa observou que «Jesus aproveita a oportunidade para dizer àquelas pessoas “não façais assim pois sereis ridículos: se chegar alguém mais importante, mandar-vos-ão para trás”». E precisamente ao fariseu dono da casa, quem o tinha convidado, Jesus recomenda que convidem pessoas que não procuram mostrar-se, que não buscam vantagens, caso contrário parece que se procura apenas retribuição. Aliás, este trecho, recordou Francisco, «foi lido ontem: “convida pobres, coxos, cegos”».

«Neste ponto começa o excerto de hoje que é o da rejeição dupla» disse o Pontífice. De facto «um dos convidados, que ouviu Jesus pronunciar o ensinamento de não ocupar os primeiros lugares, diz: “Feliz daquele que tiver alimento no reino de Deus!”. Sim, feliz será quem chegar àquele banquete que é o reino de Deus».

Então eis que «o reino de Deus é imaginado como um banquete, uma grande festa», explicou o Papa. Àquelas palavras Jesus «respondeu com a parábola do homem que ofereceu uma grande ceia, convidando muitas pessoas. Então envia os seus servos a dizer aos convidados: “Vinde, está pronto! Vinde imediatamente! Tudo está pronto”. Mas todos começam a desculpar-se, recusam-se a participar: “Não, sabes, comprei um campo, tenho que ir lá; comprei cinco parselhas de bois, tenho que cuidar deles; casei-me, tenho que fazer a festa em casa”».

Resumindo, acrescentou Francisco, «sempre desculpas: desculpam-se». Mas «desculpar-se é a palavra educada para não dizer “recuso-me”». Portanto, «não aceitamos, mas educadamente, e o patrão — dado que a festa já estava pronta — diz: “Vai à encruzilhada das estradas e traz todos os pobres, doentes, coxos, cegos, todos”». E dado que «ainda havia lugar, manda os seus servos: “Fazei com que venham, obrigai-os a entrar, convencei-os a entrar!”». E «deste modo celebrou a festa».

«O trecho do Evangelho termina com a segunda recusa — explicou o Papa — mas esta proferida por Jesus: “Porque vos digo: nenhum daqueles convidados participará da minha ceia”». Sim, insistiu Francisco: «Jesus

espera» quem o rejeita, «oferece uma segunda oportunidade, talvez uma terceira, uma quarta, uma quinta, mas no final Ele rejeita».

E «esta recusa — acrescentou — deve fazer com que pensemos nas vezes que Jesus nos chama a festejar com Ele, a estarmos próximos d'Ele, a mudar de vida: pensai que procura os seus amigos mais íntimos e eles recusam!». Assim «em seguida procura os doentes e» eles «vão: talvez algum não aceite». Mas «quantas vezes ouvimos a chamada de Jesus para ir ter com Ele, para fazer uma obra de caridade, para rezar, para nos encontrarmos com Ele e dizemos “desculpa Senhor, mas estou atarefado, não tenho tempo, amanhã sim, hoje não posso”. E Jesus permanece ali. “Desculpa Senhor, agora não posso”».

«Usamos muitas vezes a palavra “desculpa” com Jesus — reconheceu o Pontífice — quando sentimos no coração que o Senhor nos chama para se encontrar connosco, para falar, a fim de estabelecer uma bonita conversação com Ele: “não, não tenho tempo”». E acrescentou, «talvez tenhas tempo para ir ter com um amigo, com uma amiga para conversar e falar mal dos outros: para isto tens tempo, mas para ir ter com Jesus, não».

«Também a nós acontece recusar o convite de Jesus», disse Francisco.

Sugerindo um verdadeiro exame de consciência, «cada um de nós pense: na minha vida quantas vezes ouvi a inspiração do Espírito Santo para fazer uma obra de caridade, encontrar Jesus naquela obra de caridade, ir rezar, mudar o que não está bem na minha vida? E encontrei sempre um motivo para me desculpar, para não aceitar».

«Feliz quem obtiver alimento no reino de Deus» diz o convidado de Jesus, como narra Lucas. «Mas entra no reino de Deus — afirmou o Papa — só aquele que nunca recusou Jesus ou habitualmente não o rejeita; quem não for rejeitado por Jesus». Certamente, prosseguiu, «Jesus é bom, no final perdoa tudo: sim, é bom, é misericordioso mas também justo». E «se tu fechares a porta do teu coração por dentro, Ele não a pode abrir porque é muito respeitador do nosso coração: recusar Jesus é fechar a porta por dentro e não permitir que entre». Mas «nenhum de nós, no momento que

recusa Jesus, pensa nisto: “Fecho a porta a Jesus por dentro”». Aliás «pensamos sempre: “Mas não, acontece, hoje não posso, estou com dor de cabeça”. Muitas coisas, não é? Mas ao contrário a verdade é esta: não aceito Jesus. E a desculpa é a dor de cabeça, estou atarefado».

Na conclusão, o Pontífice retomou a imagem evangélica do «banquete», sugerindo esta reflexão: «Quem paga a festa? Jesus!». E já «na primeira leitura — explicou o Papa referindo-se ao trecho da carta aos filipenses (2, 5-11) — Paulo mostra-nos a conta desta festa: “Jesus humilhou-se a si mesmo assumindo uma condição de servo, tornando-se semelhante aos homens. Do aspeto reconhecido como homem humilhou-se a si mesmo fazendo-se obediente até à morte e morte de cruz”».

Portanto «Jesus pagou a festa precisamente com a sua vida» e no entanto «digo “não posso”». Sim, digo “não posso” a isto, ao Senhor que pagou esta festa para mim». Nesta perspetiva, Francisco formulou votos de que «o Senhor nos conceda a graça de compreender este mistério da dureza de coração, obstinação, recusa e a graça de chorar: “Pagaste esta festa e eu não quero participar nela?”».

Lógicas em confronto

Quinta-feira, 8 de novembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 46 de 13 de novembro de 2018

Fazendo bem as contas, é melhor deixar que aquela ovelha tresmalhada da célebre parábola evangélica se perca e agarrar-se firmemente às outras noventa e nove, também porque corre-se um grande risco indo à sua procura durante a noite. Aos cálculos sem misericórdia do mundo, muito difundidos inclusive nas paróquias e nas dioceses com murmurações que silenciam os verdadeiros testemunhos, Jesus opõe a sua lógica que, ao contrário, prevê precisamente que se corram riscos para encontrar a ovelha tresmalhada. E celebrando a missa na quinta-feira, 8 de novembro, em Santa Marta, o Papa Francisco voltou a propor «a lógica do Evangelho contrária à lógica do mundo».

«Este encontro de Jesus ou este confronto com os chefes, os doutores da lei, faz-nos refletir muito: acerca deles e de Jesus» realçou o Pontífice, referindo-se ao trecho do Evangelho de Lucas (15, 1-10) proposto hoje pela liturgia. «Mas podemos analisar três palavras: o testemunho, a murmuração e a pergunta» sugeriu para introduzir a sua meditação.

«O trecho evangélico — explicou o Papa — começa com um testemunho: “Naquele tempo, aproximavam-se de Jesus os publicanos e os pecadores para ouvi-lo”». Portanto, «Jesus falava com eles, almoçava com eles», mas eis que — lê-se no mesmo trecho evangélico — «os fariseus e os escribas murmuravam: “Este homem recebe e come com pessoas de má vida!”».

A questão, afirmou Francisco, é que «Jesus dá testemunho: algo novo para aquele tempo, porque ir ter com os pecadores tornava-te impuro, como quando se toca um leproso». Contudo, diante deste testemunho «os doutores da lei afastavam-se: “Este é um pecador, não o devo tocar, porque me torno impuro”». Ao contrário «Jesus dá o testemunho indo ter com eles».

«O testemunho na história nunca foi fácil, quer para as testemunhas — que muitas vezes pagam com o martírio — quer para os poderosos» disse o Papa. «Testemunhar significa quebrar um hábito, um modo de ser: para melhorar, para mudar» aquele hábito. «Por esta razão a Igreja vai em frente através dos testemunhos» insistiu Francisco. «O que atrai é o testemunho, não só as palavras que é verdade, ajudam, mas é o testemunho que atrai e faz crescer a Igreja».

«Jesus dá testemunho» reiterou o Pontífice, e isto «é algo novo, mas não tanto, porque a misericórdia de Deus existia também no Antigo Testamento». Porém, observou Francisco, «estes doutores da lei nunca compreenderam o que significava» a expressão «misericórdia quero, e não sacrifícios». Com efeito, prosseguiu o Papa, «liam, mas não entendiam o significado de misericórdia». Ao contrário, «Jesus, com o seu modo de agir, proclama esta misericórdia com o testemunho». E é por isso que «o testemunho quebra sempre um hábito, faz crescer, vai em frente e, além disso, faz-te arriscar. Vai em frente».

«Mas, o que provoca este testemunho de Jesus?». A resposta encontra-se na segunda palavra proposta pelo Papa: provoca «a murmuração». Lê-se no Evangelho: «Os fariseus e os escribas murmuravam: “Este homem recebe e come com pessoas de má vida!”». Portanto, perante as obras de Jesus, aquelas pessoas «não diziam “mas olha este homem parece bom porque tenta converter os pecadores”. Não, não, murmuravam». Com aquele estilo de «fazer sempre o comentário negativo para destruir o testemunho».

«Esta murmuração, este pecado de murmuração — frisou de novo Francisco — é quotidiano, tanto nas coisa pequenas quanto nas grandes». Sim, «também na própria vida, quantas vezes murmuramos porque não gostamos deste ou daquele». E deste modo «em vez de dialogar ou de procurar resolver uma situação conflituosa, murmuramos às escondidas sempre em voz baixa, porque não temos coragem de falar abertamente».

Uma forma de murmurar, «também nós o fazemos» reafirmou o Pontífice, que «se faz nas pequenas sociedades, na paróquia: quanto se

murmura nas paróquias sobre muitas questões!». É suficiente «um testemunho que não seja do meu agrado ou uma pessoa da qual não gosto para desencadear imediatamente a murmuração». E «nas dioceses? As lutas “intradocesanas”, as lutas internas das dioceses: conheceis isto».

A murmuração, acrescentou o Papa, acontece «também na política e isto é desagradável: quando um governo não é honesto procura manchar os adversários com a murmuração. Seja difamação ou calúnia, procura sempre» usar estes meios. Portanto, o Pontífice prosseguiu da seguinte forma: «E vós que conheceis bem os governos ditatoriais, porque vivestes isto, o que faz um governo ditatorial? Primeiro, apodera-se» dos meios «de comunicação com uma lei e através delas começa a murmurar, a denegrir todos os que constituem um perigo para ele».

«A murmuração é o pão nosso de cada dia a nível pessoal, familiar, paroquial, diocesano, social», reconheceu o Papa. Deveras «é precisamente um subterfúgio para não encarar a realidade, para não permitir que as pessoas pensem: enconde-se tudo com a murmuração». E disto, explicou Francisco, voltando ao trecho evangélico, «Jesus está ciente, mas Ele é bom, Jesus é misericordioso e em vez de os condenar por murmuração dá um passo». E «é a terceira palavra» que Francisco propôs na sua meditação: «a pergunta».

Em síntese, explicou, Jesus «usa o mesmo método que utilizam» os seus interlocutores. Com efeito, o Evangelho diz-nos que «eles vão ter com Jesus fazendo perguntas “para o pôr à prova”, com má intenção». E assim, por exemplo, perguntam-lhe: «Mestre, é porventura lícito pagar a taxa ao império que nos escraviza e que nos tirou a pátria?». Esta pergunta foi feita a Jesus precisamente para «o pôr à prova» disse o Pontífice. Como também esta: «Mestre, fiz um voto no altar, mas soube que os meus pais passam fome. É lícito que eu tire algo dali para o dar aos meus pais ou não?». Ou ainda: «Mestre, é lícito repudiar a própria esposa?». Em síntese, são pessoas que «procuram testá-lo para lhe fazer uma armadilha».

Porém, «Jesus utiliza o mesmo método», apesar de «vermos depois a diferença», e assim «narra-lhes esta parábola, dirigida diretamente a eles:

“Quem de vós que, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que se perdeu, até a encontrar?”». Ouvindo a parábola de Jesus, «seria óbvio, normal, que eles entendessem», remarcou o Pontífice. Ao contrário «que pensa realmente essa gente? “Tenho noventa e nove, perdi uma, mas o que importa! Façamos um cálculo: começa o pôr-do-sol, está escuro. Arriscar na escuridão, ir? Deixemos que esta se perca e no orçamento figurará ganhos e perdas e salvamos o maior número».

Mas «esta é a lógica farisaica — afirmou o Papa — esta é a lógica dos doutores da lei: “Quem de vós?”» pergunta Jesus «e eles escolhem o contrário daquilo que disse Jesus, por isso não querem falar com os pecadores, não vão ter com os publicanos, porque “é melhor não se sujar com esta gente, é um risco, conservemos os nossos”».

«Jesus é inteligente na formulação da pergunta» observou Francisco, porque «entra na sua casuística, mas os deixa numa posição diferente em relação àquela justa: “Quem de vós?”. E ninguém diz: “Sim, é verdade”. Mas todos: “Não, eu não faria isto”». É por esta razão que «são incapazes de perdoar, de ser misericordiosos, de receber».

«Depois há outra palavra — prosseguiu o Pontífice fazendo sempre referência ao trecho do Evangelho de Lucas — mas para não me prolongar vou fazer apenas uma menção: a alegria». Porque «há alegria, há festa, mas esta gente não conhece a alegria: todos aqueles que seguem o caminho dos doutores da lei não conhecem a alegria do Evangelho».

Por conseguinte, «três palavras», resumiu Francisco: «O testemunho que é provocador, que faz crescer a Igreja; segunda palavra: a murmuração que é como um vigia, um guarda do meu interior a fim de que o testemunho não me fira; terceiro, a pergunta de Jesus». Aquela pergunta surgida da parábola e que nós esperávamos que eles dissessem: “Sim, é verdade, vou”» procurar a ovelha tresmalhada, «ao contrário» a resposta é «não, não, deixemo-la ali, salvemos estas». É «o pensamento oposto» em comparação com o de Jesus, concluiu o Papa, auspiciando «que o Senhor nos faça compreender esta lógica do Evangelho contrária à lógica do mundo».

Os sacramentos não se pagam

Sexta-feira, 9 de novembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 46 de 13 de novembro de 2018

As nossas igrejas e a nossa pastoral servem «ao Senhor ou ao dinheiro»? E no coração dos cristãos está o Senhor ou o ídolo da corrupção? Advertindo contra o «perigo de que as nossas igrejas se tornem um mercado» e as «celebrações se tornem mundanas», o Papa Francisco recordou que os fiéis devem apoiar as necessidades também económicas das suas comunidades, não obrigados por «uma lista de preços» para os sacramentos mas livremente e no escondimento.

Partindo do excerto evangélico de João (2, 13-22), o Papa Francisco realçou a cena na qual «Jesus entra no templo e vê esta “gente que vendia bois, ovelhas e pombas e, lá sentados, os cambistas. Então fez um chicote de cordas e expulsou todos do templo, com as ovelhas e os bois; atirou para o chão o dinheiro e os bancos, e aos vendilhões de pombas disse: levai embora daqui estas coisas e não façais da casa de meu Pai um mercado!”».

«É um cenário de violência» afirmou o Pontífice, acrescentando: «É verdade, Jesus algumas vezes foi violento: pensemos em quando falou duramente aos fariseus, aos saduceus, aos doutores da lei no capítulo 23 de Mateus. Foi duro, vigoroso, apenas com as palavras». Mas «é a primeira vez — observou — que Jesus usa esta violência dos gestos: gestos incisivos. Uma intolerância, pois todos eles estavam ao serviço do sacrifício: vendiam bois, ovelhas e pombas para o sacrifício. E os cambistas trocavam moedas estrangeiras».

«Porque entra Jesus nesta fase violenta?», perguntou o Papa. E continuou: «Alguém poderia dizer: “mas, um momento de cólera...”». Por seu lado, «os discípulos compreenderam bem o que estava a acontecer». Lucas di-lo claramente no seu Evangelho: «Recordaram-se que está escrito: “O zelo pela tua casa me devorará”».

Por conseguinte, explicou Francisco, «Jesus age assim estimulado pelo zelo, o zelo pela casa de Deus, o zelo pela casa de seu Pai convertida num mercado, como ele mesmo diz: “Não façais da casa de meu Pai um mercado!”». E «isto leva-o a ter estes comportamentos nunca imaginados. É o amor ao Pai, o único Deus». «Mas — afirmou o Pontífice — a explicação do porquê, a explicação mais radical, encontramos-la numa frase, numa explicação que Jesus deu ao povo, quando disse: “Não se pode servir a dois senhores: ou Deus ou o dinheiro”. Refleti: foi Jesus quem atribuiu o status de “senhor” ao dinheiro. Quase como Deus: “ou Deus ou o dinheiro”. São dois senhores. Ou serves Deus ou serves o dinheiro».

E no templo, fez presente Francisco, «Jesus viu que se servia o dinheiro: havia a idolatria. Por detrás do dinheiro está o ídolo. Os ídolos são sempre de ouro. E os ídolos escravizam». O seu «é o zelo contra a idolatria: faz-nos pensar naquele episódio, até violento, do profeta Elias com os profetas Baal no Monte Carmelo». Aquela «violência de Elias que não perdoa a ninguém».

«Isto chama a nossa atenção — prosseguiu Francisco — e faz-nos pensar como tratamos os nossos templos, as nossas igrejas; se são deveras casa de Deus, casa de oração, de encontro com o Senhor; se os sacerdotes favorecem tais atitudes». Ou «se se parecem com os mercados».

A este propósito o Papa afirmou: «Eu sei, algumas vezes vi — não aqui em Roma, mas noutra parte — uma lista de preços. “Mas os sacramentos pagam-se?” — “Não, mas é uma oferta”. Mas se querem dar uma oferta, que a deem, que a ponham na caixa das ofertas, em privado, que ninguém veja quanto dão». E, acrescentou, «também hoje há este perigo: “Mas temos que manter a igreja. Sim, a sério”. Que a mantenham os fiéis, mas na caixa das ofertas, não com a lista dos preços».

«E isto acontece também hoje» disse o Pontífice, advertindo contra o «perigo de que as nossas igrejas se tornem um mercado». E «não só: pensemos em certas celebrações, talvez de algum sacramento, ou comemorativas, onde se vai e se vê: não se sabe se a casa de Deus é um lugar de culto ou um salão social». Há «algumas celebrações que

escorregam para a mundanidade. É verdade que as celebrações devem ser bonitas — bonitas — mas não mundanas, pois a mundanidade depende do deus dinheiro. É também uma idolatria». Uma constatação, esclareceu, que «nos faz pensar também: como é o nosso zelo pelas nossas igrejas, o respeito que temos quando entramos nelas».

«Mas há outra coisa que nos deve fazer refletir», sugeriu o Papa, referindo-se ao trecho da primeira carta aos Coríntios proposto pela liturgia (3, 9-11.16-17): «Não sabeis que sois templos de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus destitui-lo-á. Pois é santo o templo de Deus, que sois vós». Paulo, explicou Francisco, afirma que «também nós somos um templo, o templo de Deus, e isto estimula-nos a olhar para dentro: como é o meu coração? “Padre, é pecador”. Todos o somos. Mas isto não é idolatria. Isto leva-te também à humildade e à santidade». Por isso a verdadeira questão é: «o teu coração é mundano e idólatra? No teu coração prestas culto ao dinheiro, ao poder, aos ídolos?».

Por conseguinte, insistiu o Pontífice, «eu não pergunto qual é o teu pecado, o meu pecado. Pergunto se tens dentro de ti um ídolo, o senhor dinheiro». Porque «quando há o pecado, o Senhor Deus misericordioso perdoa-te se o procurares». Mas «se há outro senhor — o deus dinheiro — és um idólatra, ou seja, um corrupto: não um pecador mas um corrupto». Com efeito, explicou, «o nó da corrupção é precisamente uma idolatria: é vender a alma ao deus dinheiro, ao deus poder». E quem o faz «é um idólatra».

O trecho evangélico «da chamada “purificação do templo” — sugeriu o Papa — nos faça pensar, nos faça refletir sobre os nossos templos, sobre as nossas igrejas, sobre a pastoral das nossas igrejas: se estão ao serviço de Deus, do Senhor Deus, ou ao serviço do deus dinheiro, isto é, se são um mercado». E «nos faça pensar também no templo do coração: se eu quiser ter o Espírito Santo, que também me mostra que sou pecador mas filho de Deus, ou se expulsei o Espírito Santo do meu templo e instalei no meu coração o ídolo». Em síntese, se sou «pecador ou corrupto». E nesta

perspetiva, concluiu Francisco, «o Senhor nos ajude a refletir sobre este cenário “violento” de Jesus».

Como deve ser o bispo

Segunda-feira, 12 de novembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 47 de 20 de novembro de 2018

«Quando se fazem averiguações para a eleição dos bispos», é necessário seguir o critério sugerido por Paulo na sua carta a Tito: «Que sejam administradores de Deus, irrepreensíveis, servos humildes», e pouco importa se «são habilidosos com os planos pastorais ou simpáticos». Realçando que as indicações remontam precisamente a São Paulo — portanto, muito antes do Concílio Vaticano II — o Papa Francisco pediu para rezar a fim de que todos os bispos se reconheçam no perfil traçado pelo apóstolo «para pôr ordem na Igreja».

«No livro dos Atos dos Apóstolos lemos como nasceu a Igreja», sugeriu o Papa. «A Igreja —explicou — nasceu na confusão e na desordem; com fervor, mas na desordem, a ponto que as pessoas que ouviam os apóstolos falar, diziam: “Estão bêbados”».

«A Igreja nasceu na confusão», frisou Francisco. «E esta confusão vê-se também, por exemplo, quando Pedro vai ter com Cornélio: há imediatamente confusão e Pedro entende que o Espírito está ali e batiza, mas sem confusão, aliás, com gestos admiráveis». E ainda, acrescentou, «pensemos por exemplo no ministro da economia da rainha Candace, algo é estranho: também este homem leva a Igreja ao seu país». Mas «há sempre confusão, a força do Espírito, desordem, mas não devemos assustar-nos». A Igreja «nasce assim: este é um bom sinal».

«A Igreja nunca nasceu totalmente estruturada, em ordem, sem problemas, sem confusão», frisou o Pontífice. «Nasceu sempre assim, e esta confusão, esta desordem deve ser arrumada: é verdade, porque é preciso pôr tudo em ordem; pensemos, por exemplo, no primeiro concílio de Jerusalém: havia a luta entre os judaizantes e os não-judaizantes; pensemos bem: realizam o concílio e resolvem os problemas».

«Isto acontece todas as vezes que a Igreja é anunciada pela primeira vez», frisou o Papa, referindo-se ao trecho da carta a Tito (1, 1-9) proposto pela liturgia como primeira leitura. «É isto que Paulo põe nas mãos de Tito: “Foi por isto que te deixei em Creta: para acabares de organizar tudo”». Em síntese, para que Tito «ponha ordem na Igreja». Mas Paulo «recorda-lhe» que o «aspecto mais importante é a fé, dá-lhe o tesouro, a transmissão da fé firme: “Paulo, servo de Deus, apóstolo de Jesus Cristo, para levar à fé aqueles que Deus escolheu e para revelar a verdade, em conformidade com a religiosidade autêntica, na esperança da vida eterna — prometida desde a eternidade por Deus que não mente e, no tempo estabelecido, e manifestada na sua palavra mediante a pregação que me foi confiada por ordem de Deus, nosso Salvador — a Tito, meu verdadeiro filho na nossa fé comum: graça e paz da parte de Deus Pai”».

Paulo «transmite todo esta “bagagem de experiências de fé”» a Tito, afirmou o Pontífice. E «depois diz: “organiza” essa Igreja, e que tu “estabeleças alguns anciãos em cada cidade, de acordo com as normas que te tracei”». Na verdade, pede-lhe que «estabeleça os bispos e escolha leigos; e fala — leremos isto amanhã — dos jovens, dos idosos, das viúvas, das mulheres: como todos devem ser escolhidos». Em síntese, Paulo «oferece critérios para a organização».

«Hoje — realçou Francisco — falarei sobre o perfil do bispo, do modo como Tito deve escolher os bispos e, com todos os sacerdotes que estão aqui, este parece um colégio presbiteral!». «Falemos, pois, do bispo como administrador de Deus: a definição que dá do bispo é “administrador de Deus”, não dos bens, do poder, dos grupinhos, não: de Deus». Por este motivo, afirmou o Papa, o bispo «deve corrigir-se sempre a si mesmo e interrogar-se: “Sou administrador de Deus ou um especulador?”». Dado que «o bispo é administrador de Deus, deve ser irrepreensível: este foi o mesmo pedido que Deus fez a Abraão: “Caminha na minha presença e sê irrepreensível”. Esta é a palavra fundamental, de um chefe».

Ainda na carta a Tito, São Paulo «diz o que o bispo não deve ser, e depois o que deve ser», afirmou o Pontífice. Portanto, o bispo «não deve ser arrogante, soberbo, colérico — que discute sempre — não se deve dar ao

vinho — podemos dizer, aos vícios: o vinho era bastante comum naquela época, porque até às viúvas ele recomenda que não sejam dadas ao vinho. Vê-se que era um dos vícios mais comuns — não-violento — pensemos num bispo colérico, arrogante, dado ao vinho, violento».

«Um bispo deste tipo seria uma calamidade para a Igreja, mesmo se tivesse um só destes defeitos», observou o Papa. Além disso, o bispo não deve ser «ávido de lucros desonestos: não deve ser especulador, apegado ao dinheiro». «O bispo não deve ser assim».

«Como deve ser o bispo?», questionou-se então o Papa. E a sua resposta foi: «Hospitaleiro — dar hospitalidade — amigo do bem, prudente, justo, piedoso, continente, fiel à palavra fidedigna que lhe foi ensinada». E «todas estas virtudes “para ser capaz de exortar com a sua sã doutrina e de rejeitar os seus opositores”», como escreve São Paulo a Tito.

«Assim é o bispo, este é o perfil do bispo», insistiu o Pontífice. «E quando se fazem averiguações para a eleição dos bispos seria bom formular estas perguntas no início, para saber se se pode continuar». Mas «vê-se sobretudo que o bispo deve ser humilde, manso, servo, não príncipe». E «esta é a palavra de Deus: “Ah, sim, padre, é verdade, depois do Vaticano ii é preciso fazer assim” — “Não, depois de Paulo!”». Porque «esta não é uma novidade pós-conciliar, mas desde o início, quando a Igreja se deu conta de que se devia organizar com bispos deste tipo».

«Aqui somos só dois — prosseguiu o Papa — mas isto é para todos, para rezar pelos nossos bispos a fim de que sejam assim: não importa se são simpáticos, ou se têm habilidades nos métodos pastorais — sim, tudo isto é bom! — mas que sejam humildes, mansos, servos, com todas estas qualidades, e não com os vícios mencionados por Paulo». E «não se põe ordem na Igreja sem esta atitude dos bispos: e também com a dos sacerdotes e dos leigos, mas pensemos nos bispos». E «Paulo deixa Tito para pôr ordem em Creta, escolhendo bispos deste género».

«O bispo conta perante Deus, não se for simpático, se pregar bem, mas se for humilde, manso, servo, com todas estas virtudes», concluiu o

Pontífice, confidenciando que propôs esta meditação também porque «na liturgia de hoje festejamos um bispo»: São Josafat Kuncewicz. E pediu para reler «este trecho e rezar pelos bispos: que sejam assim, como Paulo pede».

Não ter medo de ser consolado

Terça-feira, 11 de dezembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 03 de 15 de janeiro de 2019

No Natal Deus «bate à porta de cada um com carícias» e cabe a nós «não opor resistência ao seu amor porque temos medo da sua consolação, da sua ternura, uma palavra que hoje desapareceu do dicionário da nossa vida». Foi a nova proposta espiritual do Papa Francisco, para o tempo de Advento.

A primeira leitura, observou o Pontífice referindo-se ao trecho do livro de Isaías (40, 1-11), «é um convite à consolação: “Consolai, consolai o meu povo” — diz o vosso Deus”». E explica também «como o consolar: “Animai Jerusalém, dizei-lhe bem alto que as suas lidas estão terminadas, que a sua falta está expiada, que recebeu, da mão do Senhor, pena dupla por todos os seus pecados.”». «É a consolação da salvação — afirmou o Pontífice — a consolação que nos traz a boa nova que fomos salvos». E «este é o ofício que o Nosso Senhor ressuscitado exerce, desempenha juntamente com os seus discípulos: consolar». Com efeito «naqueles quarenta dias o Senhor consola o seu povo: vai ter com um, com outro, com outro ainda, fala, mostra-se, deixa-se tocar e consola o seu povo». E «é precisamente o ofício de Cristo ressuscitado: consolar».

«Mas nós, é curioso, opomos resistência à consolação» observou Francisco. «É algo que vem de dentro, como se nos sentíssemos mais seguros nas águas turbulentas dos problemas, da ansiedade, das tribulações» e «não queremos arriscar». Sim, insistiu o Pontífice, «apostamos na desolação, nos problemas, na derrota». E assim «o Senhor age com tanta força mas encontra resistência: não temos confiança na consolação». De resto, acrescentou, «vemos isto inclusive com os discípulos, na manhã da Páscoa: “Sim, mas quero tocar e ter a certeza”». Há o «medo de arriscar, o medo de outra derrota». Também «os discípulos de Emaús não queriam ser

consolados, afastavam-se: “Não, uma derrota é suficiente! Não queremos outra”».

«Estamos apegados a este pessimismo espiritual, fazemos resistência» afirmou o Papa. «Penso nisto — confidenciou — quando nas audiências públicas alguns pais aproximam os filhos de mim para que eu os abençoe, lhes pegue ao colo ou os abrace». Contudo «algumas crianças olham para mim e gritam, começam a chorar, têm medo: mas o que acontece? Pobrezinho, o pequeno vê-me vestido de branco e imagina o médico e o enfermeiro que lhe aplica injeções para o vacinar e pensa: “Não, outra não!”». Mas, recordou Francisco, «também nós estamos feridos dentro e temos medo das carícias do Senhor, somos um pouco assim».

«Consolai, consolai o meu povo» é o clamor de Isaías. «E o Senhor consola com a ternura» explicou o Pontífice. Mas a ternura «é uma linguagem que os profetas de desventura não conhecem, é uma palavra cancelada por todos os vícios que nos afastam do Senhor: vícios clericais, vícios dos cristãos que não querem mudar, tíbios». Porque «a ternura assusta».

«“Eis com ele o preço da sua vitória; faz-se preceder pelos frutos da sua conquista”: assim termina o excerto de Isaías» disse o Papa: «Como um pastor, vai apascentar o seu rebanho, reunir os animais dispersos, carregar os cordeiros nas dobras do seu manto, conduzir lentamente as ovelhas que amamentam». É exatamente «este o modo de consolar do Senhor: com ternura», repetiu Francisco, porque «a ternura consola: as mães, quando a criança chora, acaricia-a tranquilizando-a com a ternura». Mas «de facto, a ternura é uma palavra que o mundo de hoje cancelou do dicionário».

«O Senhor convida-nos a deixar-nos acariciar por Ele, consolar por Ele» prosseguiu o Pontífice. «Este ofício do Senhor de consolar ajuda-nos também nesta preparação para o Natal, desperta-nos um pouco» observou o Papa. A ponto que hoje «na oração da coleta, pedimos a graça de uma “exultação sincera”, isto é, esta alegria simples mas sincera». E, «aliás, diria que o estado habitual do cristão deve ser a consolação». Não devemos esquecer que «também nos momentos difíceis os mártires entravam no

Coliseu cantando». E assim fazem os mártires de hoje: «penso nos corajosos trabalhadores coptas no litoral da Líbia, degolados», que «morreram pronunciando “Jesus, Jesus”!». Nisto «há uma consolação, dentro, uma alegria até no momento do martírio».

Portanto, «o estado habitual do cristão deve ser a consolação — explicou Francisco — que não é o mesmo que o otimismo, não: o otimismo é outra coisa».

Mas «a consolação, aquela base positiva: fala-se de pessoas luminosas, positivas». E «a positividade, a luminosidade do cristão é a consolação». Mas «nos momentos em que se sofre não se sente a consolação».

«Contudo a consolação doa a paz» reiterou o Pontífice. «Um cristão não pode perder a paz, porque é um dom do Senhor: o Senhor oferece-a a todos, até nos momentos mais difíceis». Sim «a paz». E nesta perspectiva, sugeriu o Papa, «peçamos isto ao Senhor: “Senhor, que nesta semana de preparação para o Natal eu me deixe consolar por Ti, que não tenha medo de me deixar consolar, que eu não sinta medo. Que também eu me prepare para o Natal pelo menos com paz: a paz do coração, a paz da tua presença, a paz que as tuas carícias proporcionam”».

Certamente, reconhecemo-nos tão pecadores. Mas temos a garantia — sugeriu Francisco referindo-se ao trecho litúrgico hodierno de Mateus (18, 12-14) — do que nos diz o Evangelho de hoje: «O Senhor que consola como pastor, se perder um dos seus vai procurá-lo, como o homem que tem cem ovelhas e uma delas perde-se». Assim «faz o Senhor com cada um de nós». Talvez «eu não queira a paz, resista à paz, à consolação, mas Ele está à porta, Ele bate para que abramos o coração para nos deixar consolar e obter a paz». E «fá-lo com suavidade: bate à porta com carícias».

O homem do silêncio

Terça-feira, 18 de dezembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 03 de 15 de janeiro de 2019

Aos pés do altar da capela da Casa Santa Marta, colocadas ao lado das velas do Advento, estão quatro grandes bolas de Natal decoradas: foram oferecidas ao Papa pelas crianças pobres e deficientes da Eslováquia. «Nota-se que não são luxuosas», disse Francisco no início da missa, acrescentando: «Foram feitas por elas, com as próprias mãos. Pensei que o Senhor Jesus gostaria de as ter aqui». Um sinal útil, acrescentou, também para recordar o «esforço educativo» de quantos se dedicam «às crianças com deficiência ou limites».

O Pontífice convidou a rezar por elas, inspirado também pela liturgia do dia que convidava a meditar precisamente sobre a figura de um grande educador, um educador «no silêncio»: São José.

No Evangelho de Mateus (1, 18-24) José «é apresentado tal como é, com a sua personalidade», e o Papa quis refletir sobre duas «caraterísticas»: de facto, ele é «o homem que sabe acompanhar em silêncio» e «o homem dos sonhos».

Antes de tudo, frisou o Pontífice citando a Escritura, José «era um homem “justo”, um observante da lei, um trabalhador, humilde, apaixonado por Maria». Com efeito, «um homem normal» que se encontra de modo imprevisto a ter que enfrentar «algo que não compreende». No momento em que ele, por amor de Maria, decide «retirar-se, escondido», eis que «Deus lhe revela a sua missão: “A tua missão será esta: amparar, acompanhar, fazer crescer”. E ele responde sim, em silêncio».

Eis a primeira caraterística fundamental deste homem. Francisco recordou até que no evangelho «José não pronunciou nem sequer uma palavra». Nem são mencionadas as suas palavras de assentimento: «Sim,

farei». Mateus escreve diretamente: «“Quando despertou do sono, José fez como lhe tinha ordenado o anjo”. Sem falar».

E assim José abraçou «no silêncio», o papel de pai que ajuda a crescer: «Procurou um lugar para que o filho nascesse; cuidou dele; ajudou-o a crescer; ensinou-lhe o trabalho: muitas coisas... em silêncio». E o «deixar crescer», explicou o Papa, «seria a palavra que nos ajudaria muito, a nós que por natureza sempre queremos meter o bedelho em tudo, principalmente na vida alheia. “Por que faz isto? Por que o outro...?”. E começam os mexericos, a comentar». Ao contrário, José «deixa crescer, ampara, ajuda, mas em silêncio».

Um verbo sintetiza esta atitude: “acompanhar”. A tal propósito o Pontífice referiu-se a muitas situações que se verificam na vida diária: «Muitas vezes os pais veem os próprios filhos que não se comportam bem, e algumas vezes falam com eles, mas outras vezes sentem que não devem dizer nada, e olhar para o outro lado. Esta é a sabedoria dos bons pais, que sabem educar. Se veem o filho que passa por um momento difícil, que empreende um caminho errado, esperam o momento de falar. Não repreendem imediatamente; não, esperam, e procuram a oportunidade para dizer a palavra que faça crescer».

É um estilo que recorda o de Deus, a sua «paciência» em relação ao homem — «Mas de que modo o nosso Deus nos tolera?» questionou-se Francisco — e foi uma sugestão para todos os pais: «Deixa, deixa que os processos vão por si, e fala menos».

Do Evangelho do dia emerge a segunda característica de José, «o homem dos sonhos». O Papa aprofundou este aspeto explicando a sua importância: «Nos sonhos somos um pouco mais livres, libertamo-nos... E nos sonhos sobressaem muitas coisas do nosso inconsciente, revelam-se aspetos que não compreendemos bem da nossa vida ou recordações. O sonho é um lugar privilegiado para procurar a verdade, porque lá não nos defendemos da verdade». Pode acontecer, acrescentou, que Deus fale nos sonhos: «Nem sempre, porque habitualmente é o nosso inconsciente que fala, mas Deus

muitas vezes escolheu falar nos sonhos». Na Bíblia isto é narrado muitas vezes.

Portanto, José era «o homem dos sonhos mas não um sonhador. Não era um imaginativo». A diferença é substancial: «Um sonhador é outra coisa: é quem acredita... vai... está no ar, e não tem os pés no chão». Ao contrário, José «tinha os pés no chão. Mas estava aberto e deixou que a palavra de Deus se revelasse, em sonho, na sua liberdade, no seu coração aberto. Compreendeu, e levou em frente aquele sonho. Sem fantasia: o sonho “real”, porque ele não era sonhador: era um homem concreto».

O que pode ensinar ao homem esta característica? «Nós — disse o Pontífice — podemos pensar se temos a capacidade de sonhar ou se a perdemos. Pensemos num casal de namorados: sonham o futuro juntos, os muitos filhos que terão, muitas coisas... É bonito. E vão em frente, casam-se... Depois aparecem as dificuldades, e desanimam um pouco, alguns amarguram-se, tornam-se amargos, discutem entre eles e aquele amor pode fracassar, porque olham só para as dificuldades e não se recordam dos sonhos que tiveram».

Não se deve, acrescentou, «perder a capacidade de sonhar o futuro». Isto é válido para todos: «sonhar sobre a nossa família, os nossos filhos, os nossos pais. Imaginar como eu gostaria que a vida deles se realizasse». E vale também para os sacerdotes: «sonhar com os nossos fiéis, o que gostaríamos para eles». Cada um deve «sonhar como sonham os jovens, que são “descarados” no sonhar, e nisto encontram um caminho. Não percamos a capacidade de sonhar, porque significa abrir as portas para o futuro. Sermos fecundos no futuro».

Precisamente São José, concluiu o Papa, pode ser uma referência para cada cristão: «Levemos connosco hoje esta figura de São José: o homem que acompanha no silêncio e o homem que sabe sonhar de modo correto». A ele «peçamos a graça de saber sonhar, buscando sempre a vontade de Deus nos sonhos, e também a graça de acompanhar em silêncio, sem mexericos».

O dia da raiz

Quinta-feira, 20 de dezembro de 2018

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 03 de 15 de janeiro de 2019

A irrupção surpreendente, decisiva e revolucionária de Deus na história «inverte» tudo, a ponto que «é difícil» encontrar as palavras certas para uma pregação. E assim o Papa sugeriu que se releia «palavra por palavra» o trecho evangélico de Lucas que narra a Anunciação. Uma proposta espiritual forte e concreta para viver seriamente o Natal.

«O trecho do Evangelho de Lucas que ouvimos — observou imediatamente Francisco na homilia, referindo-se ao excerto proposto pela liturgia (1, 26-38) — narra-nos o momento decisivo da história, aquele por assim dizer mais revolucionário». Com efeito, «é uma situação conturbada, tudo muda, a história inverte-se».

Por esta razão, confidenciou o Papa, «é difícil pregar com base neste trecho e quando, no Natal ou no dia da Anunciação, professamos a fé para dizer este mistério ajoelhamo-nos». Este, insistiu o Pontífice, «é o momento que muda tudo, tudo, a partir da raiz: liturgicamente, hoje é o dia da raiz». A ponto que, explicou Francisco, «a antífona que hoje marca o sentido é a raiz de Jessé, da qual brotará “um rebento”». É Deus que «se abaixa, Deus entra na história e fá-lo com o seu estilo original: uma surpresa». E deste modo «o Deus das surpresas surpreende-nos mais uma vez».

«Penso que nos fará bem a todos, pensando neste momento, ouvir outra vez este trecho», sugeriu o Papa, acrescentando: «Pensemos, palavra por palavra, no que aconteceu naquele dia a uma jovem de dezasseis anos, talvez, numa aldeia longínqua, que ninguém conhecia».

Era o «sexto mês de gravidez de Isabel» recordou o Pontífice, o qual em seguida releu integralmente o trecho do Evangelho de Lucas: «O anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem, esposa prometida de um homem da casa de David, de nome

José. A virgem chamava-se Maria. Entrando, disse: «Ave, ó cheia de graça, o Senhor está convosco». Ela ficou perturbada com estas palavras e pôs-se a pensar no que significaria semelhante saudação. O anjo respondeu-lhe: “Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David; e reinará eternamente na casa de Jacob, e o seu reino não terá fim”. Maria perguntou ao anjo: “Como será isto, se eu não conheço homem?”. O anjo respondeu-lhe: “O Espírito Santo descerá sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso, o santo que vai nascer há-de chamar-se Filho de Deus. Também Isabel, tua parente, até ela concebeu um filho na sua velhice; e já está no sexto mês aquela que é tida por estéril, porque nada é impossível a Deus”. Então Maria disse: “Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra”. E o anjo afastou-se dela».